

FALANDO DE AMOR:

*discursos sobre o amor e práticas
amorosas na contemporaneidade*



Jelma Amaral - Gonçalves

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS
DOUTORADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

FALANDO DE AMOR:

**DISCURSOS SOBRE O AMOR E PRÁTICAS
AMOROSAS NA CONTEMPORANEIDADE**

Telma Amaral-Gonçalves

**Belém/Pará
2011**

**FALANDO DE AMOR:
DISCURSOS SOBRE O AMOR E PRÁTICAS
AMOROSAS NA CONTEMPORANEIDADE**

TELMA AMARAL-GONÇALVES

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais (PPGCS), na área de concentração em Antropologia, da Universidade Federal do Para (UFPA), sob a orientação da Profa. Dra. Maria Angelica Motta-Maués.

Belém-Pará

2011

FALANDO DE AMOR: DISCURSOS SOBRE O AMOR E PRÁTICAS AMOROSAS NA CONTEMPORANEIDADE

Telma Amaral-Gonçalves

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais (PPGCS), na área de concentração em Antropologia, da Universidade Federal do Pará (UFPA), sob a orientação da Profa. Dra. Maria Angelica Motta-Maués.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Maria Angelica Motta-Maués (Orientadora)

Profa. Dra. Maria Angela D’Incao (Examinadora Externa)

Profa. Dra. Ana Lídia Nauar Pantoja (Examinadora Externa)

Profa. Dra. Denise Machado Cardoso (Examinadora Interna)

Prof. Dr. Flávio Leonel Abreu da Silveira (Examinador Interno)

Profa. Dra. Marilu Campelo (Suplente)

Prof. Raymundo Heraldo Maués (Suplente)

Belém/Pará

2011

**Falando de amor:
discursos sobre o amor e práticas amorosas na
contemporaneidade**

Telma Amaral-Gonçalves

Resumo: Este estudo tem como foco central os discursos sobre o amor e as práticas amorosas vivenciadas por díades que se configuram como parcerias em dois universos específicos – o heterossexual e o homossexual, ambos pertencentes às camadas médias urbanas. Ele se insere no campo de estudos mais recentes sobre a abordagem de gênero que enfocam as novas configurações que os relacionamentos afetivo-sexuais têm assumido na contemporaneidade. Neste sentido, meu interesse em torno desta temática foi investigar, no discurso das parcerias amorosas, a idéia do amor (deste amor) e a expressão dele na vivência cotidiana, o que me permitiu identificar suas diferentes versões e traduções, bem como as aproximações, diferenciações e ambigüidades presentes no discurso e na prática amorosa.

Palavras-chave: amor, afetividade, conjugalidade, sexualidade, gênero.

**Parlant de l'amour:
discours sur l'amour et les pratiques amoureuses
contemporaines**

Telma Amaral-Gonçalves

Résumé: Cette étude est centrée sur les discours sur l'amour et des pratiques d'amour vécue par les dyades qui constituent deux des partenariats dans des univers spécifiques - les hétérosexuels et homosexuels, tous deux appartenant à la classe moyenne urbaine. Il tombe dans le domaine des études plus récentes sur l'approche genre en se concentrant sur les nouveaux paramètres que les relations affectives et sexuelles ont pris de nos jours. En ce sens, mon intérêt sur ce sujet était d'étudier le discours des affaires de la société, l'idée de l'amour (cet amour) et son expression dans la vie quotidienne qui m'a permis d'identifier ses différentes versions et traductions, ainsi que les approximations, les différences et les ambiguïtés dans le discours et la pratique de l'amour.

Mots-clés: amour, l'affection, l'état matrimonial, la sexualité, le sexe.

Speaking of love: speeches about love and love in contemporary practice

Telma Amaral-Gonçalves

Abstract: This study has as its focus the discourses about love and loving practices experienced by dyads that constitute two partnerships in specific universes - the heterosexual and homosexual, both belonging to the urban middle classes. He falls in the field of more recent studies on the gender approach focusing on the new settings that affective and sexual relationships have assumed nowadays. In this sense, my interest about that subject was to investigate the discourse of partnership affairs, the idea of love (this love) and his expression in daily life which enabled me to identify its different versions and translations, as well as the approximations, differences and ambiguities in the discourse and practice of love.

Keywords: love, affection, marital, sexuality, gender.

SUMÁRIO

Epígrafe	ix
Dedicatória	x
Agradecimentos	xi
Índice de quadros	xv
Índice de fotos	xvi
Falando de amor: à guisa de introdução	17
I. Uma história das histórias de amor: da idéia de amor ao debate intelectual em torno	28
Amores de ontem: meus caminhos rumo ao amor	28
Amores de hoje: minha trajetória atual	38
Percorrendo os caminhos do amor	47
O amor rumo à antropologia clássica	57
Seguindo viagem...na companhia do amor (ainda)	62
Uma “breve” parada: o amor romântico	70
Finalizando (por ora) essa conversa sobre amor	76
II. Em cena: “De amores e de paixões: a trajetória de uma pesquisa”	82
Os atores	99
O cenário	106
O enredo	117
A platéia	120
III. A “cara” do amor ou o amor como ele é (para os que o vivem), parte I	143
“O que é o amor, onde vai dar...?”	142
“Eu tenho tanto pra te falar ...”	161
“Afiml, será que amar é mesmo tudo?”	171

<i>“Vai crescendo sempre mais o meu amor por ti ...”</i>	178
<i>“Meu amor, nosso amor estava escrito nas estrelas...”</i>	183
IV. A “cara” do amor ou o amor como ele é (para os que o vivem), parte II	201
<i>“Que acontecerá aos corações se o tempo não passar?”</i>	201
<i>“Investir é cultivar o amor...”</i>	206
<i>“O meu amor tem um jeito manso que é só seu...”</i>	215
<i>“Amor sem sexo é amizade...”</i>	226
Para (ainda e sempre) falar de amor: à guisa de conclusão	245
Referências	256
Bibliografia referida	256
Romances, contos, crônicas e poemas	266
Biografias, diários e correspondências	267
Apêndice: “Outras” histórias de amor	270

“De almas sinceras a união sincera
Nada há que impeça: amor não é amor
Se quando encontra obstáculos se altera,
Ou se vacila ao mínimo temor.
Amor é um marco eterno, dominante,
Que encara a tempestade com bravura;
É astro que norteia a vela errante,
Cujo valor se ignora, lá na altura.
Amor não teme o tempo, muito embora
Seu alfanje não poupe a mocidade;
Amor não se transforma de hora em hora,
Antes se afirma para a eternidade.
Se isso é falso, e que é falso alguém provou,
Eu não sou poeta, e ninguém nunca amou”.

William Shakespeare

O Amor

É difícil para os indecisos.
É assustador para os medrosos .
Avassalador para os apaixonados!
Mas, os vencedores no amor são os
fortes.
Os que sabem o que querem e querem o que têm!
Sonhar um sonho a dois,
e nunca desistir da busca de ser feliz,
é para poucos!”

Cecília Meireles

Para **Edu**, com quem escrevo diariamente uma história de amor.

Para **Angelica**, por acreditar em mim e no amor.

Agradecimentos

De início, havia pensado em poupar o leitor e fazer um agradecimento geral a todos aqueles que me ajudaram a concretizar este trabalho. Depois, refletindo com mais vagar e maturando as idéias, como costumo fazer sempre, pensei assim: bem, o leitor tem toda liberdade de ler somente aquilo que lhe interessa e convém e pode perfeitamente deixar esta parte de lado se assim achar conveniente, ainda que eu particularmente me delicie lendo esta seção nos inúmeros trabalhos que me caem nas mãos. Assim, e levando também em consideração que a atitude de gratidão tem sido tão pouco explorada atualmente em nossas relações pessoais e na sociedade como um todo, decidi realizar o ritual na sua integralidade, mesmo correndo o risco de esquecer de mencionar alguém e, talvez, ganhar um desafeto para toda a vida.

Maria Angelica Motta-Maués foi (tem sido) muito mais que uma orientadora. Amiga, parceira, colega de trabalho e, também uma espécie de coautora desta tese. Juntas fomos lentamente construindo este trabalho através de conversas sempre muito proveitosas. De sua parte sempre tive indicações precisas, material farto em mãos, uma leitura muitíssimo atenta e refinada, correções e acréscimos muito bem vindos, “puxões de orelha” firmes e afetuosos, tudo isso somado a uma atitude pessoal de grande respeito e valorização por tudo que produzi. Quero deixar aqui registrada a minha gratidão por (mais uma vez) ter tido o privilégio de desfrutar de sua orientação ao longo destes cinco anos.

Com Edu, meu parceiro no amor há vinte e dois anos, vivenciei, mais uma vez, uma etapa importante de minha qualificação profissional. Companheiro digno, amante apaixonado, amigo incondicional, ele foi um importante interlocutor com quem muito falei de amores outros, pensando na nossa própria história. Foi ele quem me ajudou em diversos momentos, baixando os filmes que eu precisava assistir, formatando a tese e resolvendo os problemas de computação, produzindo a bela capa que ilustra o trabalho, além de assumir as tarefas das quais precisava me liberar. Mesmo quando eu estava exasperada ele sempre se mostrava tranquilo (não sei como ele

consegue!) e jamais foi ríspido comigo, ainda que de minha parte eu não possa dizer o mesmo. Sem sua presença acolhedora não sei se teria alcançado a linha de chegada. Obrigada por tudo!

Meu grupo familiar mais próximo deu suporte material, emocional e espiritual para que eu pudesse trabalhar na escrita da tese. Agradeço a vocês por existirem e estarem ao meu lado sempre que preciso. Meu muito obrigada a Edu, meu amor; à Andresa, Deborah e Gabriela, minhas filhas; à Rosiane, minha irmã; a Fernando, meu irmão e a meus pais, já falecidos, Lourdes e Fernando.

Faço um registro especial em relação à minha filha Gabriela tão sábia em seus seis anos de idade. Recentemente, ao me ver trabalhando em casa, ela disse: *podes brincar comigo depois de acabar esse teu trabalho chato?* Eu expliquei a ela que era um trabalho grande por isso demorava muito tempo e disse, também, que eu estava fazendo este trabalho desde que ela era bem pequenininha e tinha apenas um ano. Ela ficou completamente pasma com a notícia e disse: *éeeegua!* expressão tão “paraense” que se torna ainda mais peculiar quando pronunciada por ela. Minha linda, certamente agora vamos ter mais tempo para brincar!

Aos meus interlocutores neste trabalho que com suas histórias de amor me possibilitaram ouvir, ver, sentir, pensar, entender, interpretar, ler amor. Agradeço inicialmente por terem aceitado participar deste trabalho quando tantos recusaram o convite (com “meu” tempo correndo) e por se mostrarem tão disponíveis em falar de suas vidas e de seus amores o que implicou em falar, junto com tanta felicidade e alegria, também, de seus problemas e de suas dores. Agradeço a vocês toda a atenção e mesmo o carinho e gentileza dispensados. Suas histórias de amor são a alma desta tese.

Muitas pessoas foram essenciais para que eu pudesse compor o grupo de dez parcerias entrevistadas para esta tese. Agradeço suas indicações preciosas, ainda que nem todas tenham sido aproveitadas pelos mais variados motivos que esclareço ao longo do trabalho. Agradeço a Rai, meu cabeleireiro

sempre atencioso e preocupado como o andamento da tese e pronto a me indicar novas parcerias homossexuais para serem entrevistadas cada vez que me encontrava. Luzia Álvares e Ednir Costa também me ajudaram com indicações. Luzia, destacada militante feminista, criadora do Grupo de Estudos e Pesquisas “Eneida de Moraes” (GEPEM), estudiosa da questão da mulher e de gênero na UFPa sempre esteve e está disposta a colaborar com nossos trabalhos. Ednir, uma caríssima amiga, chegou ao ponto de abrir mão de uma manhã de domingo para me conduzir à residência de uma parceria feminina amiga sua que, infelizmente, nem pude entrevistar. Wilma Leitão, competente antropóloga e querida colega de trabalho me indicou uma parceria que foi de grande importância para o trabalho. Lílian Pinheiro para quem eu liguei para pedir uma informação e com quem falei sobre a tese foi uma ajuda valiosa e decisiva na composição do grupo homossexual masculino. Ariana, hoje aluna do PPGCS, ouvindo uma exposição do meu trabalho num seminário promovido pelo antigo Departamento de Antropologia, me procurou ao final e disse que conhecia um par cuja relação se encaixava no perfil que eu queria e foi assim que eu cheguei a mais uma parceria. E Lula, um amigo de longa data que eu não via há mais de dez anos, apareceu de repente para mais uma vez me ajudar a finalizar a composição de meu grupo de entrevistados (foi ele quem intermediou meu contato com um grupo de homossexuais nos idos de 1988 quando escrevi meu Trabalho de Conclusão de Curso). Sou muito grata a todos vocês por me auxiliarem nesta etapa tão delicada da pesquisa de campo.

Além destas pessoas, muitas outras me ajudaram dando sugestões, indicando bibliografias, recomendando artigos em revistas, incentivando a escrita, apoiando, enfim, deixando claro que um trabalho deste porte se escreve a várias mãos. Neste grupo agradeço às professoras e colegas Cristina Cancela, Carmem Rodrigues, Denise Cardoso, Mônica Conrado, Diana Antonaz e à Elane Pantoja que sempre esteve próxima e me ajudou a enfrentar a longa solidão que me impus na etapa final de escrita da tese em minha sala no Laboratório de Antropologia.

No trabalho de transcrição das entrevistas que parecia interminável em suas mais de seiscentas páginas, contei com o apoio de Ednir Costa e Rosiane Amaral que me auxiliaram em partes desta árdua tarefa. Obrigada!

Agradeço a todos os professores responsáveis pela minha formação no âmbito da UFPa e do PPGCS por me possibilitarem o acesso ao conhecimento que me conduziu às escolhas que fui fazendo no decorrer de minha vida acadêmica e que me permitiram chegar ao lugar onde hoje estou.

Meu agradecimento especial à Universidade Federal do Pará, instituição que me é muito cara e da qual faço parte desde 1984 quando ingressei como aluna do curso de Ciências Sociais. Naquela época não sabia o que o “destino” me reservava e hoje, olhando para trás, depois de tantos caminhos já percorridos vejo quantas oportunidades me foram dadas de, como docente, investir em minha qualificação profissional.

Só me resta dizer: muito obrigada!

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1: Definições de amor.....	153
Quadro 2: Comparativo entre pesquisa de 1995 e pesquisa de 2007	154
Quadro 3: Termos que definem o amor referidos individualmente e por parceria	158
Quadro 4: Agrupamento dos termos que definem o amor	159
Quadro 5: Agrupamento dos termos que definem o amor (menos referidos)	161
Quadro 6: Termos avulsos que definem o amor	161

ÍNDICE DE FOTOS

Foto 1 - Marguerite Yourcenar e Grace Frick	115
Foto 2 - Alice B. Toklas e Getrude Stein	115
Foto 3 - Alice B. Toklas e Getrude Stein	116
Foto 4 - Oscar Wilde e Alfred Douglas.....	116
Fotos 5 - Anah Pereira	271
Foto 6 - Afonso Arinos	271
Foto 7 - Anah Pereira e Afonso Arinos	271
Fotos 8 e 9 - Tristão e Isolda	275
Fotos 10 - Charles Darwin.....	280
Fotos 11 e 12 - Emma Wedgwood	280
Fotos 13 - Charles Darwin	280
Fotos 14 e 15 - Gertrude Stein e Alice B. Toklas	283
Fotos 16 e 17 - Marguerite Yourcenar	287
Fotos 18 e 19 - Grace Frick	287
Foto 20 - Lota Macedo	291
Foto 21 - Elizabeth Bishop	291
Fotos 22 e 23 - Armand e Albert	295
Fotos 24 e 25 - Jack Twist e Ennis Del Mar.....	299
Fotos 26 e 27 - Oscar Wilde e Alfred Douglas	303
Fotos 28 e 29 - Paul Verlaine e Arthur Rimbaud.....	307

Falando de amor: à guisa de introdução

Início esta tese que se propõe a falar de amor, falando de cinema. Não, não vou falar aqui do filme “Romeu e Julieta”, nem de nenhuma das inúmeras comédias românticas e romances de amor que recheiam as prateleiras das locadoras de vídeo e fazem parte do nosso arsenal de filmes de amor já vistos (quem nunca assistiu algum - e adorou - que atire a primeira pedra!). Quero referir um filme que mesmo não sendo uma história de amor no sentido estrito do termo (nem tendo sido apontado como tal), aborda esta questão, o que passei a perceber – escrevendo este trabalho - a grande maioria dos filmes o fazem. Trata-se do filme de ficção científica Avatar¹, campeão de bilheteria e de público, público no qual eu também me incluo. Estava eu assistindo o filme em dvd quando, numa dada cena, uma nativa - Neytiri - salva a vida de um humano - Jake - e ao observar que várias sementes da árvore da vida estão ao seu redor, resolve levá-lo à Casa da Árvore, local onde mora seu clã. Neste exato momento, fui surpreendida por uma exclamação de minha filha de apenas cinco anos, na época, que também estava por ali e já havia assistido ao filme. Disse ela: *é o polvo do amor!* Sua fala me surpreendeu não por causa de sua referência ao polvo, pois de fato as sementes se assemelhavam a pequenos polvos fluorescentes, mas por conta da expressão na sua totalidade - polvo do amor! Como sempre faço quando quero saber se a idéia partiu dela mesma ou se foi retirada da fala de outros, indaguei: *quem te disse isso?* ao que ela retrucou: *eu mesma*. Evidentemente que como estudiosa do tema do amor eu não podia encerrar a conversa, posto que perguntei a ela o óbvio: *mas por que é o polvo do amor?* E ela, com a simplicidade que só as crianças sabem ter, respondeu: *porque ela não matou ele!* De fato a cena sugeria que isso pudesse acontecer. Mais adiante, no final do filme (que me perdoem aqueles que não o assistiram!) quando os mesmos personagens estão juntos e

¹ Avatar é um filme épico americano de ficção científica escrito e dirigido por James Cameron cujo lançamento ocorreu no final do ano de 2009 e o transformou no filme com a maior bilheteria da história, superando Titanic de James Cameron - outra grande história de amor - que estava no topo desde 1997. Seu enredo localiza-se no ano 2154 e é baseado em um conflito em Pandora, uma das luas de Polifemo e um dos três planetas gasosos fictícios que orbitam o sistema Alpha Centauri. Em Pandora, os colonizadores humanos e os Na'vi, nativos humanóides, entram em guerra pelos recursos do planeta e a continuação da existência da espécie nativa. Os humanos desenvolveram através da engenharia genética um corpo híbrido com o objetivo de interagir com os nativos, o Avatar, que dá título ao filme. Assim, eles poderiam explorar e se apropriar de um precioso minério, expulsando os nativos daquela região.

Jake tem sua alma transferida permanentemente para o seu avatar, ela - que estava por ali de novo - vendo mais uma vez os “polvos”(sementes) e mostrando que não havia esquecido de nossa conversa, reiterou o que havia dito anteriormente, afirmando: *não disse que era o polvo do amor!*

A situação apresentada me fez lembrar imediatamente desta tese e a partir dela pude identificar alguns elementos que considero fundamentais para o entendimento do tema aqui em debate. Primeiramente, me chamou atenção o fato de uma criança de apenas cinco anos já demonstrar um aprendizado sobre o amor (e sobre o amor romântico!) que nós - os responsáveis por sua educação - não tínhamos nos dado conta de estarmos realizando, pelo menos, não intencionalmente. A despeito disso, ela sabia identificar (e tão bem!) os elementos da corte amorosa como a atração inicial, o olhar, a aproximação, o cuidado com o outro, o encontro, o beijo, o ficar junto, o final feliz (ao longo do filme essas situações vão se dando) e associar tudo isso com o amor².

Um outro elemento relevante é que, refletindo sobre essa questão, me dei conta da forma como esse aprendizado vai se dando por iniciativa nossa - dos responsáveis pela criança - ou não, através, por exemplo, dos contos de fada que são exaustivamente vistos, lidos e adaptados em outras histórias dedicadas ao público infantil³. Para confirmar minha tese, passado algum tempo do término do filme, indaguei de minha filha qual dos livros que havíamos lido juntos⁴ ela havia gostado mais e ela prontamente respondeu:

² Paralelo ao conflito que se estabelece entre humanos e nativos, o filme conta uma história de amor, talvez no seu sentido mais clássico. Os personagens sentem uma atração inicial, o que gera uma aproximação entre eles, um deles é apresentado ao clã do outro, no qual passa a ser iniciado, os laços se estreitam, mas depois de algum tempo eles se descobrem pertencentes a culturas opostas e antagônicas e dá-se o rompimento. Segue-se o perdão, a derrota do mal e a incorporação do outro definitivamente na cultura nativa. Qualquer semelhança com Romeu e Julieta não é mera coincidência, apesar de que aqui temos o final feliz enquanto que na clássica história dos amantes de Verona se consolida a idéia de amor irrealizável.

³ Sobre esta questão ver MACHADO (2002) que nos fala sobre a importância de ler os clássicos desde cedo e CORSO e CORSO (2005), que fazem uma análise psicanalítica dos contos de fada e dedicam três capítulos às histórias de amor, muitas das quais povoam o nosso imaginário amoroso sobre este tema.

⁴ Neste período estávamos adquirindo e lendo, meu marido e eu, uma coleção de clássicos infanto-juvenis, dessas que comumente sai nas bancas de revistas, compostas por vinte títulos dentre os quais havia a célebre história de William Shakespeare. A intenção de minha pergunta era avaliar se ela conseguia associar nossa conversa sobre o filme com o conteúdo dos livros que estavam sendo lidos e eu confesso que pensei assim: só faltava ela dizer que gostou mais da história de Romeu e Julieta. E, para minha surpresa (ou não), foi exatamente o que ela disse.

Romeu e Julieta. E eu: *por que?* Ela disse: *porque eles tão apaixonados!* Eu insisti com ela perguntando o que era estar apaixonado e ela disse: *é casar, beijar*. Ou seja, o aprendizado sobre o amor – assim como sobre muitas outras coisas – se realiza quase que a nossa revelia e ao mesmo tempo de forma intencional e, até mesmo, didática⁵.

Me alongo (talvez) nessas considerações porque minha intenção é chamar atenção para o fato de que a idéia de amor e todas as demais construções a ela associadas, fazem parte do nosso sistema de representações e como tal, são caras a todos nós - todos mesmo, ainda que pensemos o contrário - estando presentes, às vezes sem nos darmos conta, em nossas falas cotidianas, daí porque constituem um precioso material de estudo que, muitas vezes é/foi relegado ao esquecimento ou considerado de somenos importância, ainda que - se deitarmos sobre ele um olhar atento - permita ao antropólogo, realizar uma fascinante investigação, uma verdadeira antropologia do mundo diário, para usar os termos da competente leitura de Da Matta (1986).

⁵ Certamente o cinema é uma das linguagens através da qual esse aprendizado se dá. E já que citei *Avatar*, vou referir outro filme, na verdade uma saga vampiresca, que tem sido um sucesso de público desde 2008, quando da estréia do primeiro episódio. Trata-se de “*Crepúsculo*”, “*Lua Nova*” de 2009 e “*Eclipse*” de 2010 (o último volume publicado “*Amanhecer*” tem lançamento previsto para 2011). Os episódios foram adaptados por Melissa Rosenberg, tendo por base os livros da série homônima da escritora americana Stephenie Meyer. O filme é destinado ao público adolescente e o eixo central é a história de amor entre uma mortal, Bella, e um vampiro, Edward, seguida de tramas, separações, mortes, perseguições, lobisomens e um triângulo amoroso envolvendo os personagens principais. Além do fato desta história de amor ter arrancado suspiros apaixonados de tantos jovens mundo afora, destaco um outro aspecto bastante peculiar que envolve o filme: a editora Lua de Papel, colocou à venda no mercado brasileiro uma versão do clássico inglês “*O Morro dos Ventos Uivantes*”, de Emily Brontë, que traz o curioso selo “*O livro preferido de Bella e Edward*”, cujo apelo visual é grande na medida em que a arte da capa segue o mesmo padrão dos livros de Stephenie Meyer ao utilizar uma ilustração em preto e branco com detalhes em vermelho. Nos quatro livros desta autora formada em Literatura, ela menciona e associa obras consagradas de grandes escritores aos livros de sua saga. Na abertura da série, ela cita “*Orgulho e Preconceito*” e outros títulos de Jane Austen, em “*Lua Nova*” fala do romance proibido de “*Romeu e Julieta*”, de William Shakespeare, em “*Eclipse*”, a jovem protagonista já leu várias vezes a clássica, sofrida e densa história de amor de Catherine e Heathcliff e em “*Amanhecer*”, última parte da história, o destaque é para “*O Mercador de Veneza*”, também de Shakespeare. Seja qual for a intenção da autora sua atitude promove a popularização destas obras, todas elas “romances de amor” que nos ensinam uma forma particular de amar, reativando em nosso imaginário as representações acerca desse sentimento que, certamente, é reatualizado e resignificado por esta nova geração.

Além de ser um tema extremamente presente, e também por conta disso, é possível em sua análise identificar o quanto de idealização existe em torno da questão amorosa, o que se torna ainda mais expressivo quando essa idéia é contraposta com a experiência de amor vivida por pessoas “reais”, cotidianamente envolvidas em uma relação expressamente dita de amor - no caso as parcerias que entrevistei - e reconhecida como tal por um conjunto de pessoas (aqueles que os indicaram para participar da pesquisa) que identificam nelas traços ou sinais daquilo que consideram como sendo “amor”, numa parceria amorosa.

Portanto, para apresentar os dados que aqui elenco me concentrei no discurso sobre o amor e naquilo que ele expressa. Não parti de idéias *a priori* e sim da suposição de que através das falas eu poderia produzir uma espécie de história intelectual do amor, um história pautada no exame e interpretação antropológica do discurso sobre o amor, discurso este produzido por um conjunto de parcerias – dez no total – formadas por pessoas que vivenciam uma história de amor específica e por isso se sentem autorizadas (e foram por mim instadas) a falar de amor e de um tipo particular de amor, o amor dos amantes.

Como o leitor cauto pode bem observar, os exemplos de que me vali até aqui estão todos relacionados ao domínio da heterossexualidade, que como sabemos, continua a ser o modelo normativo de referência para todos (homossexuais e heterossexuais), mesmo diante das inúmeras transformações que têm se dado no campo das relações afetivo-sexuais que passou a ser muito mais complexo e escorregadio⁶. Assim, as referências diversas que estão presentes no bojo desta tese não são apresentadas de forma ingênua, pois ainda que eu não tenha privilegiado o estudo da temática da homossexualidade ou dos estudos de gênero e outros que se afinam com meu tema específico - o amor - certamente não poderia deixar de estar atenta para esta ausência/presença e para a compreensão de que a homossexualidade é o

⁶ Neste sentido, quando indagados sobre obras de referência acerca do amor em campos variados como a literatura e o cinema, os entrevistados em seu conjunto, fizeram poucas indicações e destas nenhuma aborda o domínio da homossexualidade o que dá bem a dimensão do que estou dizendo.

“território do exílio” seja ele institucional ou lingüístico como apontou Paiva, a partir das análises de Foucault e Costa (2007: 52).

Na verdade, ao concluir a escrita da tese fui tomada por um incômodo que até então não havia se manifestado ao me dar conta de que as inúmeras referências no campo da música, da literatura, da poesia, do cinema e até mesmo na discussão teórica que fiz e na qual procurei reconstituir a debate intelectual em torno do amor, todas elas (quase que exclusivamente) se referiam ao domínio da heterossexualidade. No entanto, pensei comigo mesma: “minha” tese se propõe a falar do amor vivenciado pelas parcerias que compõem os dois campos, o da homossexualidade e o da heterossexualidade; sempre pensei nela assim e foi desta forma que conduzi a pesquisa de campo e que sempre encarei os dez pares por mim entrevistados. Foi aí que me dei conta também de um paradoxo: enquanto pesquisadora eu jamais perdi de vista que estava lidando com diferentes parcerias e que isso é o que dava estofamento ao meu trabalho e um olhar diferenciado ao amor quase sempre ausente ou muito brevemente tratado nas ciências sociais. No entanto, como então meus exemplos desconsideravam a experiência homossexual que eu tanto primava em incluir e tornar visível? Deu-se assim uma descoberta: o incômodo a que me referi não era um incômodo meu, da antropóloga que sou (pelo menos não exclusivamente), mas era um incômodo de caráter sociológico, pois não era eu que estava desconsiderando a experiência homossexual, mas o fato é que ela sempre foi desconsiderada, assim como seus sujeitos e, como não podia deixar de ser, o estatuto que este tipo de parceria sempre teve e ainda tem entre nós. Daí porque as músicas, os romances, os poemas e os filmes privilegiam o olhar heterossexual e invisibilizam a experiência homossexual, que eu, por minha vez trago à tona no corpo desta tese que coloca ambas as experiências num mesmo patamar, tratando-as, sim, como histórias de amor que são verdadeiramente, porque seus sujeitos assim as entendem e assim as vivem cotidianamente – quer partilhem de uma forma ou outra da experiência amorosa.

Não pude me furtar de pensar que tivesse eu escolhido o caminho mais “fácil” que seria, neste caso, trabalhar com apenas um universo, ou de lidar

com um grupo mais específico, poderia ter dado, ao colocar o ponto final na tese, o suspiro de alívio (que eu suponho, todos dão) ao concluir trabalho de tamanha importância. Mas ao optar pela mistura de dois universos tão aproximados e ao mesmo tempo, marcados por tantas disparidades e pensados de forma tão diferenciada, acredito que dou minha contribuição para este tão rico debate e promovo aproximações, inclusões, como sempre foi meu intento. Enfim, o suspiro de alívio!

Desta forma, propus-me a pensar o amor não apenas no âmbito do universo heterossexual, mas numa proposta de consideração indiferenciada e, mais que isso, num exercício de pensar e enxergar a diversidade tal como ela se apresenta cotidianamente, estou considerando, também, parcerias amorosas cuja experiência se constituiu no campo da homossexualidade, por considerar que não é mais possível ignorar a existência destas. Certamente, como acabei de salientar, cada um destes universos possui especificidades que não se pode deixar de sopesar, até porque em alguns momentos elas se impõem e precisam ser analisadas. Todavia, a despeito daquilo que é peculiar a cada uma das experiências, foi possível pensar o amor englobando as duas categorias e posso mesmo afirmar que a tônica dos discursos apresentou mais similaridades do que diferenciações.

É também neste sentido de “desnaturalização” que utilizo ao longo deste trabalho a terminologia díades, pares ou parcerias amorosas, muito mais que conjugalidade ou casal, termos estes fortemente comprometidos com a idéia e com o domínio da heterossexualidade e envolvidos num invólucro formal/institucional que não encontra ressonância (na maioria dos casos) nos meus dados de campo.

Assim, retomando o que já foi expresso aqui, devo dizer que este estudo tem como foco central os discursos sobre o amor e as práticas amorosas vivenciadas por díades que se configuram como parcerias em dois universos específicos - o heterossexual e o homossexual. Ele se insere no campo de estudos mais recentes sobre a abordagem de gênero que enfocam as novas configurações que os relacionamentos afetivo-sexuais têm assumido na

atualidade. Neste sentido, meu interesse em torno desta temática foi investigar, no discurso das parcerias amorosas, a idéia do amor em suas versões e traduções, que apresentam aproximações, diferenciações e ambiguidades, bem como refletir sobre a vivência cotidiana deste amor.

Para tal, trabalhei com dez parcerias, distribuídas segundo o critério de gênero, da seguinte forma: três heterossexuais, três homossexuais femininas e quatro homossexuais masculinas, todas pertencentes a segmentos das camadas médias urbanas da cidade de Belém. Considero importante ressaltar que trabalhar com este segmento - apresenta algumas especificidades, como nos alertou Gilberto Velho (1987), que há muito anos vem fazendo pesquisas com esse grupo no Brasil, tendo sido um dos primeiros antropólogos brasileiros a alertar para a questão da pluralidade de visões de mundo e de estilos de vida no interior destas camadas e para a dificuldade em encontrar os elementos que unam e diferenciem, mais precisamente, esses segmentos em relação a outros existentes em nossa sociedade.

Este universo tem sido caracterizado por uma grande heterogeneidade e pela relativa falta de parâmetros que dificultam sua definição e sua diferenciação mais precisas de outros segmentos da sociedade. Apesar disso, compus um grupo que possui similaridade entre si no que se refere ao estilo de vida o que constitui um traço importante que se não homogeneiza o grupo, como não podemos esperar que o faça, pelo menos aproxima bastante seus componentes, ainda que o mesmo seja diferenciado com relação a certos marcadores sociais como escolaridade, idade, tempo de relacionamento, atividade profissional e outros que serão explicitados no decorrer do trabalho.

Ao longo da tese procurei dialogar com linguagens outras que não a estritamente acadêmica como é peculiar em uma tese de doutorado e também me vali de uma linguagem menos formal, principalmente no segundo capítulo em que grande parte do texto está sob a forma narrativa. Faço isso de forma deliberada e intencional porque acredito que “nossas teses” podem (devem) se valer de uma locução menos protocolar, seguindo o próprio fluxo do discurso oral, ligeiramente mais elaborado e refinado, sem que isso interfira na

qualidade do trabalho final. Além disso, dialogando com outras linguagens procurei seguir a trilha do amor tal qual me foi apresentada por meus interlocutores, e também aquela que nos é proporcionada cotidianamente, recheada de exemplos e de referências as mais diversas. Assim, utilizei músicas de nosso repertório nacional e internacional, de referências literárias sempre lembradas quando se fala desse sentimento e de algumas composições poéticas, todas elas marcadas pela onipresença do amor, idealizado como romântico ou não, compondo uma espécie de acervo amoroso que pode ser facilmente acessado por nós. Foi através da junção de todos estes elementos que fui construindo esta tese, convergindo todos na sua diversidade, como águas de rios diferentes, correndo para se transformar num mesmo mar - o “amor” - a tal invenção por nós criada e então erigida, buscada, atualizada, vivida enquanto a mais “real” das crenças.

Do ponto de vista estrutural, este trabalho está organizado em quatro capítulos.

O primeiro capítulo que denominei **Uma história das histórias de amor: da idéia de amor ao debate intelectual em torno**, apresenta uma discussão sobre o amor que, enquanto temática, tem sido tratado amplamente na literatura e em vários ramos das ciências humanas, nesse caso quase sempre revestido por um invólucro mais abrangente. Meu interesse foi investigar a idéia de amor em suas diferentes versões e traduções sem desconsiderar que existe certo modelo entre nós – o do amor romântico – que domina o imaginário da sociedade ocidental que o cultiva como orientação e como valor e através do qual, por conta disso, são estabelecidas inúmeras regras que passam a nortear as escolhas afetivas e a vivência do relacionamento a dois. Neste sentido, partindo de minha própria experiência no estudo da conjugalidade e da afetividade, em trabalhos anteriores a este, faço um resgate de meu percurso acadêmico individual em relação ao tema do amor, desde o momento em que, preocupada com as questões de gênero no contexto das relações de conjugalidade, e na medida em que este se fazia presente, pude explorá-lo de maneira ainda incipiente, até o momento atual em que ele se constituiu como um tema de estudo em si mesmo. A partir deste

ponto de partida procuro então seguir outros rumos, situando o amor no campo da biologia, da filosofia até seguir a trilha das Ciências Sociais e da Antropologia, em particular, com a qual procurei dialogar mais estreitamente.

No segundo capítulo, **Em cena: “De amores e de paixões: a trajetória de uma pesquisa”**, minha preocupação central é a questão metodológica. Com este propósito apresento de forma detalhada as diversas etapas do trabalho de campo visando dar ao leitor a real dimensão de todo o esforço empreendido na construção desta tese e, ao mesmo tempo, dialogo com outros trabalhos de mesmo teor a fim de estabelecer comparações, diferenciações e equivalências, não sem antes discutir as relações tão pertinentes ao campo da subjetividade e às questões relativas ao estudo dos segmentos médios urbanos. É neste capítulo que apresento ao leitor o grupo formado pelas dez parcerias entrevistadas fornecendo algumas informações que permitem que se estabeleça um perfil dos mesmos, sem correr o risco de identificá-los, já que o sigilo acerca de suas identidades foi um dos critérios para que os mesmos aquiescessem em participar da pesquisa. Em função disso, conforme esclareço neste capítulo, adotei para nomeá-los, nomes fictícios de parcerias famosas cujas trajetórias amorosas e imagens fazem parte de um apêndice da tese que vale a pena conferir e que servem de contraponto às histórias de amor dos entrevistados. Faço, também, uma espécie de etnografia das residências, espaço em que os encontros antropóloga/entrevistados ocorreram, bem como detalho o roteiro de entrevistas utilizado que norteou nossas longas conversas. Por fim, discuto a relação estabelecida por mim com os pares amorosos, ressaltando o quanto de subjetividade permeia as relações que estabelecemos no campo etnográfico.

No terceiro e o quarto capítulos que nomeei de **A “cara” do amor ou o amor como ele é (para os que o vivem), parte I e parte II**, exploro os dados de campo e analiso os discursos sobre o amor e as práticas amorosas do universo formado pelo grupo entrevistado. Com esse propósito, na primeira parte, procurei dimensionar a importância e o significado do amor, tal como definido pelo grupo, tanto na constituição quanto na manutenção da parceria amorosa, bem como dei ênfase à importância do diálogo, e à idéia de amor à

primeira vista constraposta à percepção de que o amor é construído diariamente pelo par. Na parte II, o foco foi a vivência amorosa e sua influência no cotidiano da relação expressa através da linguagem, do gestual, dos termos ou expressões usados para designar os parceiros, das trocas cotidianas e dos rituais que configuram o desenho e o universo identificatório da díade amorosa, assim como discuto o significado e importância da prática sexual e o lugar em que ela se encontra no contexto amoroso.

Por fim, resta-me dizer que durante as idas e vindas de campo, nas longas horas que passei “cara-a-cara” com meus interlocutores, em conversas que quase sempre pareciam agradavelmente infindáveis, feitas de loquacidades, reflexões, silêncios, queixas, reticências, risadas e rubores, o tema era um só: o amor. E falar de amor se mostrou algo quase que inesgotável. O ofício de meus interlocutores? - Falar; o ofício da antropóloga? - Ouvir, ouvir, ouvir e de tanto ouvir, falar também. A cada encontro as questões iam sendo postas à mesa – às vezes literalmente, pois estávamos sentados ao redor de uma – e rendiam muitas reflexões que giravam em torno do amor de forma mais específica, e também de outros temas relacionados ao cotidiano daquela parceria amorosa. E assim, falando de amor, aos poucos foi sendo tecida diante de mim (através da voz de cada uma, de cada um, dos dois ou das duas, quase em uníssono) as teias de relações de amor em que estas parcerias se veem envolvidas e que deram corpo (e alma) ao trabalho que aqui apresento.

O Que É o Amor

O que é o amor, onde vai dar,
Parece não ter fim
Uma canção cheirando a mar,
Que bate forte em mim
O que me dá meu coração
Que eu canto prá não chorar
O que é o amor, onde vai dar
Porque me deixa assim
O que é o amor, onde vai dar,
Luar perdido em mim ...

Composição Danilo Caymmi
Álbum "Brilhas" - 2001

I. Uma história das histórias de amor: da idéia de amor ao debate intelectual em torno

Amores de ontem: meus caminhos rumo ao amor

A decisão de investigar o tema ou a questão do amor no contexto de uma parceria amorosa tem uma estreita relação com a trajetória acadêmica que tenho desenvolvido até aqui, pois venho estudando ao longo dos anos – como explicitarei mais adiante – as relações afetivas e, dentro delas, a conjugalidade, o casamento, o namoro e o “ficar” sob a perspectiva do gênero; e, neste percurso, frequentemente me deparei e, até mesmo, explorei o amor dentro do contexto das relações conjugais. Esse contato me permitiu, particularmente, ter a dimensão de sua real importância como um tema em si mesmo que carece, por sua vez, de uma análise mais específica (e privilegiada), na medida em que é crucial para a compreensão das relações de conjugalidade e de todos os demais temas a elas associados (como afetividade, sexualidade, família, dentre outros), bem como da sociedade como um todo, pois como bem diz Gay (1986:45): “ (...) os escritos do século XIX (e não só dele, digo eu) sobre o amor trazem pistas acerca da cultura daquele século de um modo ainda mais amplo”.

Falando de minha trajetória, no final dos anos oitenta e início dos noventa, realizei uma incursão pelo campo da temática de gênero no período mesmo em que esta questão começava a ser colocada na ordem do dia da discussão sociológica (leia-se, também, antropológica) no Brasil (HEILBORN, 1992, MACHADO, 1992). Nessa ocasião, produzi uma monografia em que realizei um levantamento e análise crítica da literatura antropológica brasileira

existente e disponível sobre a questão de gênero e desde essa época venho trabalhando com o tema⁷.

Mais adiante, em minha dissertação de Mestrado⁸, o tema do amor foi parcialmente explorado no âmbito mais específico da conjugalidade heterossexual entre representantes das camadas médias urbanas da cidade de Belém, tomadas, no trabalho, numa variedade bastante representativa deste grupo⁹. Nas falas de meus interlocutores de outrora, homens e mulheres, o amor foi referido como um sentimento que “*engloba tudo*”, que tudo envolve e tudo abarca, constituindo, desta forma, o ponto de sustentação, “*a base*” da relação entre a díade. Neste sentido, ao falar de amor, o grupo entrevistado fez inúmeras correlações com outros sentimentos e certas atitudes ou disposições que traduziram como: *amar é respeitar, ser companheiro, dialogar, compreender (o outro), confiar, aceitar (o outro como ele é), tolerar, renunciar, ser amigo, perdoar, se doar, ter afinidade, ser carinhoso, enfim, gostar mesmo do outro.*

Na fala de meus entrevistados de hoje, tenho observado que existe uma estreita correspondência com o que me foi dito há mais de doze anos atrás¹⁰. Todavia, há, também, um elemento “*novo*” expresso na idéia aparentemente inconciliável de que o amor pré-existe, pois é o que motiva a formação das parcerias, mas, ao mesmo tempo, se constrói, se consolida, na vivência do

⁷ Refiro-me aqui à minha Monografia de conclusão do curso de Especialização em Teoria Antropológica, do Departamento de Antropologia, da UFPa. Ver AMARAL-GONÇALVES, T. *Antropologia, mulher e gênero. Alguns olhares, um olhar*. Belém: UFPa, 1992.

⁸ AMARAL-GONÇALVES, T. *E o casamento, como vai? Um estudo sobre a conjugalidade em camadas médias urbanas*. (Dissertação). Mestrado em Antropologia. Belém: UFPa, 1999.

⁹ Trabalhei com homens e mulheres que se declararam heterossexuais, unidos através do casamento por laços formais (civil e/ou religioso) ou informais e com pessoas denominadas de “*não casados*”, incluindo as seguintes subcategorias: solteiros, ou seja, pessoas que nunca foram casadas; separados, pessoas que desfizeram uma relação anterior de casamento; viúvos e divorciados, aqueles que possuíam entre si vínculos formais que foram rompidos juridicamente ou através da morte de um dos cônjuges. Todos heterossexuais e pertencentes às camadas médias urbanas da cidade de Belém, totalizando vinte e oito informantes.

¹⁰ Meus antigos dados de campo datam do ano de 1995.

relacionamento a dois, atualizada cotidianamente, o que remete, num certo sentido, à formulação de Torres (2000), que ela denomina “amor-construção”. Refiro, a seguir, alguns trechos das entrevistas que dão um pouco a idéia do que estou tratando aqui e que será explorado ao longo do trabalho. Disse um entrevistado homossexual¹¹:

*“O amor pra mim é o seguinte: **dedicação, companheirismo**. É...você ser assim. Não se anular, mas **ceder** em muitas coisas pra dar certo. É você sempre **pensar no bem estar** da pessoa que está junto e **querer sempre o bem dela**”.*

Seu parceiro, continua:

*“Bem...eu vejo assim a questão do amor: o amor pra mim tem várias facetas. Então algumas coisas que ele colocou é uma das facetas (...) Pra você amar uma pessoa, que você convive com ela dentro de casa, você tem que saber ter **respeito** com ela, o espaço dela, com suas dificuldades, suas limitações, (...) **conviver e crescer junto com ela**. É uma **troca** (...) de sentimentos, de valores, é uma **construção constante**”.*

A fala de uma entrevistada homossexual caminha no mesmo sentido:

*“Quando a gente fala em amor hoje, o que a gente tem **construído**, vem a questão da **amizade, companheirismo, consideração, fidelidade**. Realmente, o amor ele se resume num conjunto de várias virtudes, vários sentimentos”.*

Um par heterossexual, diz o seguinte. Ele primeiro:

¹¹ Irei adotar nomes fictícios para me referir aos entrevistados somente a partir do capítulo III, o que explico com mais clareza no segundo capítulo. Além disso, estou considerando neste particular terreno da orientação sexual a declaração (ou a consideração particular) das próprias pessoas.

*“Eu acho que o amor a princípio é você ter esse **cuidado**, essa **atenção** com o outro, é você sentir prazer em fazer isso e não fazer isso por obrigação...é você **sentir realmente falta da outra pessoa (...)**”.*

Sua parceira continua:

*“Então, essa primeira visão do que é amor pra mim: eu não consigo viver muito de acordo com o que eu idealizo, de acordo com o que eu penso, mas se traduz nisso, no **carinho**, no **respeito**, na **atenção**, nas **cobranças**, às vezes, que se faz, nessa **vontade de querer que o outro cresça junto**, profissionalmente, emocionalmente, espiritualmente. Então, eu tenho essa visão de amor”.*

Mas voltando à minha dissertação de mestrado, destaco que no âmbito deste estudo, pude analisar, ainda que de forma preliminar, a “*história*” do amor e as inúmeras transformações pelas quais ele passou no contexto das relações de conjugalidade, configurando o que se convencionou denominar na sociedade ocidental de amor cristão, amor cavalheiresco, amor cortês, amor paixão e o nosso tão conhecido (seja como construção social, intelectual, elaboração e/ou prática) amor romântico.

Numa trajetória que pode ser vista como meio “às avessas”, após ter investigado as relações de conjugalidade e, pode-se dizer, levada por meus “*achados*” de campo nesse contexto, me dediquei ao estudo do namoro e do “*ficar*”¹², fenômeno que àquela altura, também começava a ser registrado e interpretado sociologicamente, e pude, assim, analisar sob outro prisma, o relacionamento amoroso. Neste trabalho, verifiquei que no “*ficar*” - pensado como um novo código de relacionamento entre os jovens (CHAVES, 1986) - o

¹² Este estudo foi realizado no âmbito do Projeto de Pesquisa por mim coordenado e desenvolvido que teve como título “*O negócio é ficar (?) – Formas, regras e significados do namoro neste final de milênio*”. Belém, UFPA. 1999 -2001. Como um dos resultados do projeto, produzi um artigo de título “*Ficar sim, mas namorar também*”, onde discuto a correlação namoro x “*ficar*”. Ver AMARAL-GONÇALVES, T. Belém. UFPA, 2002.

amor não é o elemento central da relação, ainda que, por vezes, possa estar presente como algo num horizonte futuro, pois esta tem como principal motivação a atração física e se caracteriza, entre outras coisas, pela efemeridade; por outro lado, constatei que no namoro, a escolha do parceiro se baseia na afinidade e os critérios que demarcam a durabilidade do relacionamento são os mesmos referidos no contexto das relações de conjugalidade que eu já havia investigado, quais sejam a fidelidade, o respeito, o diálogo, a compreensão, traduzidos por meus interlocutores como amor¹³.

Estas considerações me parecem importantes para deixar claro que, diretamente ou não, a temática de minha tese tem sido objeto de meu interesse acadêmico e dos estudos que realizei, seja no contexto do namoro ou das relações de conjugalidade onde, obviamente, o amor sempre é referido e ganha destaque na fala dos grupos que foram meus interlocutores no âmbito das pesquisas desenvolvidas (AMARAL-GONÇALVES, 1992, 1999, 2002).

No caminho percorrido até aqui, identifiquei – assim como li e analisei – a existência de uma bibliografia relativamente vasta sobre o tema do amor¹⁴, ainda que nela ele apareça associado a um número infindável de outros temas ou envolvido por aqueles considerados “*maiores*”. Todavia, ainda que se possa pensar o contrário, o amor é um tema cujo alcance ultrapassa os limites das relações amorosas em si ou propriamente ditas e permite pensar/interpretar/compreender/discutir a própria sociedade, nossa sociedade, sob diversos prismas¹⁵.

¹³ Sobre a questão do ficar e namorar ver AZEVEDO (1986), HEILBORN (1984), RIETH (1998), LAGO (2002) e PANTOJA (2007).

¹⁴ Neste capítulo, em especial, e ao longo de todo o trabalho, esta bibliografia será explorada.

¹⁵ NEVES (2007) analisando os discursos *genderizados* sobre o amor, ainda que focada prioritariamente na psicologia social, traz interessantes reflexões acerca da importância do papel do amor na “*dinâmica da intimidade*”, especialmente nas sociedades ocidentais onde ele tem sido entendido como “*basilar na interação social*”. Esta autora chama atenção para o fato de que ainda que o “*amor tenha servido de mote a inúmeros escritos de diferentes precedências (como a literatura e a filosofia) até meados dos anos 70 houve uma ausência de cientificidade em seu estudo, considerando-se que ele seria demasiado misterioso e*

Alberoni (1979) que considera o enamoramento, termo que ele utiliza, como um *“estado nascente de um movimento colectivo a dois”* (p.15), chama atenção para o fato de que

“até agora os sociólogos, os psicólogos e os filósofos tiveram uma espécie de repugnância ou de vergonha em admitir que haja alguma coisa de comum, ou antes, de idêntico, nos grandes processos históricos, como o Islão, a Revolução Francesa e a Revolução Russa, e fenômenos banais, privados, como o enamoramento¹⁶. Aí está o orgulho da grandeza. Queriam ocupar-se de coisas importantes, significativas, das coisas centrais da vida social, e o enamoramento (...), a paixão (...), pareciam-lhes tão míseros, tão mesquinhos, tão sem importância, que não lhes faziam vir à mente que as forças em questão fossem as mesmas” (p. 18).

Thales de Azevedo (1986), em seu ensaio que é um clássico quase solitário, ao estudar o namoro, já chamava atenção para o fato de que este era tido como *“menor”* e, portanto, menos importante que o casamento e que outras modalidades de uniões conjugais. Da Matta, prefaciando esse estudo de Thales, tece importantes considerações acerca de como o estudo do familiar, ou como ele mesmo diz, do

“(...) (aparentemente banal e sobejamente conhecido) pode revelar-se pela jornada antropológica do estranhamento, transformando-se num objeto excitante no sentido de ser revelador não só dele mesmo, mas de toda a sociedade a que serve como um instrumento aparentemente modesto e sem importância” (p. IX).

E continua ele sua reflexão, afirmando que, enquanto no exterior, o projeto de uma *“autêntica antropologia do mundo diário”* se forjou através da

intangível”, daí porque sua “introdução com objecto científico nas ciências sociais e humanas foi, por isso mesmo, relativamente tardia” (p.3)

¹⁶ O próprio autor ao fazer sua crítica considera o enamoramento como um tema banal e privado, enquanto Da Matta, a seguir, é mais cuidadoso ao afirmar que o namoro é um tema *“aparentemente banal”*.

obra de autores consagrados como Durkheim, Mauss, VanGennep, Boas, Kroeber, Mead, Malinowski, Radcliffe-Brown e Hertz, no Brasil, à exceção de Freyre, Holanda e Cândido, “(...) esses assuntos que enchem de dignidade e sentido o quotidiano ainda não servem plenamente como assuntos ou temas para teses sociológicas” (p.IX). Evidentemente, este quadro mudou de 1983 (ano em que ele escreve o prefácio) para os dias de hoje (ano de 2010), pois não são poucos os trabalhos que estudam o universo diário ou temas do cotidiano – pelo menos no âmbito da antropologia - todavia situações como as que irei mencionar a seguir ainda ocorrem e são reveladoras do vício acadêmico de estabelecer limites, e ainda por cima rígidos - será que eles existem? - entre aquilo que se estuda e aquilo que se vive.

Em função dos comentários acima (e, também, por causa deles), faço aqui o registro – não com o intuito de lamento, ou, para ser sincera, não apenas por isso, mas também como uma reflexão acadêmico-científica - de que ao ser indagada sobre o tema de estudo de meu doutorado e revelar meu intuito de investigar o amor e suas práticas, a expressão mais recorrente que ouvi, no meio acadêmico, no que se refere a meus próprios pares foi “*lindo!*” adjetivo que se pensarmos no que diz Del Priore (2005)¹⁷ pode até ser cabível, mas não é evidentemente suficiente para dar conta da importância e densidade da temática, ao mesmo tempo que remete (ou pode remeter) a todo um corpo de representações acerca do sentimento amoroso e do lugar que ele ocupa numa hierarquia (indevida) dos temas de estudo, segundo seu grau de importância e legitimidade. Isso, para não falar de certos olhares irônicos lançados a alguém que se dedicava a estudar “*essas coisas*”. Devo acrescentar que não pretendo aqui apenas justificar minha escolha, mas

¹⁷ Esta autora num outro contexto, considera que o amor idealizado, baseado na sublimação é capaz de alimentar um imaginário particular sobre o sentimento amoroso que encontramos, sobretudo, na literatura. Assim, diz ela, “*Nele, a beleza sustenta o amor em sua dimensão imaginária, ficcional. E não é esse imaginário que habita todo o amor? Ele não é ‘sempre lindo’?*” (p. 15).

pensar (sociologicamente) com quem me lê, de como (ainda) falamos em nossos próprios arraias, sobre um tema candente como o que é abordado nesta tese.

Em seu estudo sobre o discurso amoroso, Barthes (2003), se refere à forma como este é visto, o que remete, de certa maneira, ao que está sendo discutido aqui sobre o tratamento que se dá ao amor enquanto tema de estudo. Segundo ele, apesar de ser falado por milhares de sujeitos, este discurso não é sustentado por ninguém, sendo *“relegado pelas linguagens existentes, ou ignorado, ou depreciado ou zombado por elas, cortado não apenas do poder; mas também de seus mecanismos (ciência, saberes, arte)”* (p. XVI). Vejo assim que, ainda que este autor se refira ao discurso amoroso que ele resgata na obra de diversos autores, é possível ampliar sua análise no sentido de pensar, também, acerca do processo de discussão e tematização sobre o amor e da dificuldade em lidar com temas do cotidiano aparentemente banais e sobre os quais parece que não há mais (para muitos, nem nunca houve) nada a dizer.

Há que se considerar igualmente que, dada a sua dimensão de sentimento, o amor – como veremos no capítulo terceiro – seja entendido como algo que deve ser sentido e não pensado, explicado e, portanto, racionalizado, idéia esta expressa na afirmação de um dos membros de uma parceria homossexual masculina por mim entrevistada que, ao ser indagado acerca do que era o amor no contexto de uma relação amorosa, depois de um silêncio de aproximadamente dezessete segundos, respondeu o seguinte: *“Eu sinto o amor. Posso dizer que é inexplicável, é sentimento, é me sentir bem dando amor (...)Eu não conseguiria assim, conceituá-lo (...)”*. O mesmo se deu com uma entrevistada do grupo heterossexual que teve uma fala aproximada: *“Eu entendo que o amor seja um sentimento é (...) que ele não se traduz muito fácil assim, principalmente em palavras (...) o amor é...algo...que não é tangível, que não é palpável”*.

Um outro lado desta questão, ou seja, o ponto de vista e a reação daqueles que participam de uma pesquisa cujo foco incide sobre a questão da subjetividade, é tratado por Almeida (1995) que, no início da década de 1990, estudou a relação entre as ciências sociais e o plano da subjetividade, a partir de uma pesquisa empírica realizada junto a vinte e cinco homens da classe média carioca, visando construir o que ela denominou de *“uma espécie de inventário de categorias sobre as formas de funcionamento e organização da subjetividade deste grupo”* (p.20). Esta autora, ao referir o conjunto de situações e fenômenos que foram marcantes em sua interação com os entrevistados, destaca que estes, em sua maioria, *“(...) pareciam não estar plenamente persuadidos dos propósitos exclusivamente acadêmicos do trabalho”*, como se tivessem *“(...) dificuldade em atribuir um significado de seriedade e profissionalismo àquele empreendimento”*. Aliado a isso, havia também *“manifestações sistemáticas de grande surpresa”* diante do tema, que eles estranhavam inicialmente e com o qual lidavam geralmente *“de modo irônico e carregado de uma atmosfera mais ou menos sarcástica”*, como se tivessem dificuldade em entender onde afinal pretendia ela chegar com aquela pesquisa e aquele tema. Isso tudo, diz Almeida, não se processava de forma explícita no discurso dos entrevistados; pelo contrário, *“a impressão foi se constituindo em função de um conjunto de indícios muito sutis, fragmentados e, fundamentalmente, extraídos da própria dimensão relacional daquele contato”* (p. 85-86).

De minha parte, apesar de ter tido essa impressão em alguns momentos entre os meus pares, com o grupo entrevistado minhas percepções seguiram no sentido contrário, ou seja, do reconhecimento da importância de estudar um tema deste teor, algumas vezes, expresso claramente no discurso através de frases como: *“tu tá fazendo um trabalho muito legal”*, ou *“eu tô gostando muito da entrevista”*; e, da mesma forma, na atitude de agradecimento pela

oportunidade de falar de si, do outro e da relação que por eles foi sendo construída. Neste sentido, alguns chegaram a dizer que, durante as entrevistas, falaram de algo que nunca haviam dito diretamente para o outro e, também, que as conversas permitiram a eles reavaliar o relacionamento, na medida em que conversavam sobre o que estava em pauta nas entrevistas em outros momentos do dia-a-dia. Isso para ficar apenas nas percepções dos entrevistados e não nas minhas próprias em relação ao trabalho de campo, o que será discutido com mais detalhe e ênfase no próximo capítulo.

Dispus-me, desta forma, a empreender uma análise das idéias sobre o amor – tais como elas se revelam nas construções verbalizadas, que estou vendo como discursos construídos sobre o amor no sentido de interpretações ao modo de Geertz (1989) – para pensar, sim, mais especificamente, sobre as relações amorosas nos contextos homo e heterossexual, de díades formadas por parceiros de um mesmo sexo e de sexo diferente, ou seja, homens-homens, mulheres-mulheres¹⁸, e homens-mulheres, formado por representantes dos segmentos médios da sociedade belemense; mas, também, procurando construir pontes com questões mais amplas, pois segundo acredito (e defendo) este tema permite uma vasta compreensão da vida social, exatamente porque o amor não é um fenômeno isolado, mas constituinte dela, o que me instigou a estudá-lo, enredando-me (sociologicamente) em suas teias.

¹⁸ Trabalhar com as relações homossexuais me permite revisitar, ainda que sob uma nova perspectiva, a temática da homossexualidade com a qual trabalhei, em 1989, em meu trabalho de conclusão de curso de graduação em Ciências Sociais. Ver AMARAL-GONÇALVES, T. *Homossexualidade: representações, preconceito e discriminação em Belém*. Belém: UFPA, 1989.

Amores de hoje: minha trajetória atual

Traduzindo-a mais uma vez, a pesquisa que aqui se delineia tem como foco central o amor e as práticas amorosas - o discurso elaborado e expresso sobre ele, bem como a sua prática atualizada através do estabelecimento de díades amorosas que se configuram como parcerias no universo homo e heterossexual. Meu interesse em torno desta temática foi investigar, no discurso das parcerias amorosas, a idéia do amor em suas versões e traduções, bem como refletir sobre a vivência cotidiana deste amor. Para tal, como já disse antes, (e estou reforçando aqui) trabalhei com dez parcerias, incluindo pares homossexuais e pares heterossexuais, universo este pertencente aos segmentos médios das camadas urbanas da cidade de Belém.

Certamente, como tem sido discutido em outros trabalhos (LINS DE BARROS (1987), HEILBORN (2004a) e MATOS (2000), dentre outros), há que se considerar que a simples menção à situação de classe social é insuficiente para dar conta da complexidade do universo das camadas médias, dada a heterogeneidade que caracteriza este segmento¹⁹. Sobre esta questão, Lins de Barros chama a atenção para o fato de que a tradição antropológica resgata uma possibilidade de recorte do meio social através do simbólico, a partir dos conceitos de Durkheim e Mauss de representação coletiva (p.21). Assim, a abordagem antropológica, considera

“as representações sociais e as auto-representações como critérios definidores da posição e da situação do indivíduo na hierarquia social. Essa auto-representação não é apenas auto-referida, ocorrendo também em função de sua posição relativa, diacrônica e sincronicamente, na sociedade em seu conjunto” (p.22).

¹⁹ Um outro autor que trata do problema da definição das camadas médias e das burguesias do ponto de vista histórico é Peter Gay que em “*A educação dos sentidos*” (1999) e “*O século de Schnitzler*” (2002) analisa de forma mais meticulosa essa questão.

Neste sentido, Weber (1982[1946]) vem em nosso auxílio, ao propor que se observe a existência de outras referências além daquelas de ordem econômica objetiva - com as quais ele concorda - para que se entenda a dinâmica das posições sociais. É preciso considerar, também, as “convenções”, os “estilos de vida” e os “grupos de *status*”. Através do conceito weberiano de grupo de *status*, apreendido por Bourdieu (1994), a leitura feita pelos indivíduos de sua situação social se dá por meio de um código de valores comuns ao meio do qual eles fazem parte. São assim estabelecidos critérios básicos de distinção, formando grupos de *status* a partir de algumas dessas marcas distintivas que possuem uma ordem simbólica diversa daquela exclusivamente econômica, ainda que, muitas vezes, reproduza as diferenças inerentes a ela²⁰.

Como já referi anteriormente, no campo de estudos da Antropologia e da Sociologia, o tema do amor aparece frequentemente revestido por outros invólucros como casamento, família, parentesco, sexualidade, afetividade, entre outros. Todavia, alguns trabalhos mais recentes (ainda que não se dediquem especificamente ao amor) podem ser considerados referenciais pela possibilidade de diálogo e debate que oportunizam nesse campo. O trabalho de Heilborn (2004a)²¹ sobre a experiência da conjugalidade em contextos igualitários se constitui como um bom ponto de partida para iniciar este diálogo, inclusive porque apresenta um capítulo específico sobre o amor nesse contexto, denominado “Em nome do amor”. Esta autora, a partir de uma abordagem antropológica, analisa os mecanismos constitutivos da conjugalidade que, segundo propõe, se caracterizam pela vigência de valores igualitários, quais sejam: a simetria nas atribuições domésticas e a ênfase no

²⁰ SAHLINS (1979) contribui também com esta discussão ao privilegiar a cultura e, desta forma, a produção simbólica, afirmando que na sociedade burguesa a produção material é o lugar dominante da produção simbólica.

²¹ HEILBORN, Maria Luiza. Dois é par. Gênero e identidade sexual em contexto igualitário. Rio de Janeiro: Garamond, 2004a.

cuidado da relação e de seus humores. Apesar de adotarem o paradigma da equidade das funções, devido a ideologia feminista que é um traço distintivo deste grupo, como ela própria destaca, essa igualdade não se dá no sentido pleno da palavra – que sugere tal interpretação – sendo motivo de tensão e conflitos entre o par, pois eles têm “*consciência*” das difíceis condições de implementação desse ideal (p.113).

Trabalhando com duas redes sociais²², pertencentes ao universo das camadas médias urbanas do Rio de Janeiro, em dois períodos distintos - o início e o final do século recém findo - que configuram dois grupos com um estilo de vida bastante similar, reconhecidamente intelectualizados e psicanalisados, esta autora estabelece uma comparação entre as díades formadas por parceiros homo e heterossexuais (segundo a nomenclatura que utiliza em seu estudo) procurando identificar a existência de um padrão de conjugalidade a despeito da identidade sexual do casal (p.11) . Que assim teria mais a ver, na verdade, com um particular perfil de classe, ou de segmento de classe, já que se trata de certas frações de camadas médias, habitantes de grandes centros urbanos, co-participantes de uma certa (e particular) “*cultura*”, gosto, estilo de viver e posição diante do mundo, além do estatuto de que gozam por sua qualificação intelectual e/ou econômica.

Diferentemente do estudo que estou empreendendo que tem como foco o amor, a ênfase de Heilborn é sobre a conjugalidade que ela define como uma “*relação social que condensa um ‘estilo de vida’, fundado em uma dependência mútua e em uma dada modalidade de arranjo cotidiano, mais do que propriamente doméstico*” (p.11). Mais adiante ela complementa: “*por conjugalidade, portanto, entende-se uma relação social que se institui em um par, admitindo o caráter de uma opção por uma determinada gestão de*

²² Heilborn entrevistou vinte e seis pessoas assim distribuídas: “*seis homens heterossexuais, sete gays, sete mulheres heterossexuais e seis homossexuais*” (p.84).

sexualidade (p.14). Assim, seu objetivo é verificar o que caracteriza a dinâmica interna do casal igualitário, examinando “...o roteiro de formação dos casais, a natureza da rotina, a configuração de conflitos, os rituais de confirmação da unidade conjugal, visando estabelecer o que faz um casal, casal” (p. 12).

É interessante destacar que a autora inclui no seu universo de estudo as parcerias homossexuais visando com isso “*desnaturalizar*” a idéia de conjugalidade vinculada ao fato jurídico. E, diria eu, a uma persistente visão de gênero numa parceria amorosa. É também neste sentido de “*desnaturalização*” que tenho utilizado nesta tese, a terminologia díades ou parcerias amorosas, pois já tendo estudado antes a conjugalidade, sei das implicações formais/institucionais que o termo acarreta. Portanto, menos preocupada agora com a conjugalidade em si, meu enfoque incide sobre o amor no contexto da relação amorosa do par, enquanto Heilborn está centrada na conjugalidade, contexto no qual a ideologia do amor conjugal se faz presente, inclusive como instituinte da relação.

No campo da sociologia, destaco o trabalho de Matos (2000)²³ sobre as “*reinvenções do vínculo amoroso*”. A autora afirma que em função do privilégio atribuído ao individualismo moderno, o laço conjugal que caracterizava a família se modifica e em seu lugar surge um novo mecanismo social que dará à mesma uma nova configuração ético-sócio-histórica: a ideologia do “*amor conjugal*” na modernidade tardia (p.17). É importante lembrar aqui com Giddens (2002) que a modernidade, que ele designa de “*alta*” ou “*tardia*”, altera de modo radical a natureza da vida social cotidiana, afetando os aspectos mais pessoais da existência humana; para ele, uma de suas características distintivas, é o fato de que nela há uma “*(...) crescente interconexão entre os*

²³ MATOS, Marlise. *Reinvenções do vínculo amoroso. Cultura e identidade de gênero na modernidade tardia*. Minas Gerais: UFMG, 2000.

dois 'extremos' da extensão e da intencionalidade: influências globalizantes de um lado e disposições pessoais de outro" (p.9)²⁴.

Em seu trabalho, Matos trata das experiências daquilo que essa autora designa como uma *"reinvenção"* do laço conjugal que ela prefere nomear como vínculo amoroso, apoiando-se na seguinte hipótese:

"(...) quando escolhemos nossos(as) parceiros(as) e estabelecemos um vínculo amoroso, definimos, concomitante e publicamente, uma posição de gênero e outra posição moral, que trazem tanto a marca do cultural/social quanto a identificatória/subjetiva. Pela escolha amorosa, pela manutenção e fortalecimento do vínculo amoroso definimos o que julgamos particularmente valioso do ponto de vista da nossa cultura e da ética de gênero, nos posicionamos diante de múltiplas dinâmicas culturais de gênero, já marcadas pela afirmação de um lugar identificatório e subjetivo. (p.18).

Para empreender sua análise, a autora investiga experiências heterogêneas de estabilidade conjugal, quais sejam, as *"alternativas de conjugalidade e transformações nas identidades e culturas de gênero"* (p.19). São parcerias que escapam dos moldes formais, nos universos homo e hetero, pertencentes às camadas médias urbanas do Rio de Janeiro²⁵ e que

²⁴ Sobre esta questão BAUMAN (2003) analisa os relacionamentos de variados níveis que estabelecemos uns com os outros, inclusive os amorosos, para afirmar que num mundo globalizado e líquido como o em que vivemos onde *"a fragilidade dos vínculos humanos, o sentimento de insegurança que ela inspira e os desejos conflitantes(...) de apertar laços e ao mesmo tempo mantê-los soltos"* (p.08) inspira o estabelecimento de relações virtuais, de redes e conexões que se fazem e desfazem facilmente, tornando nossas relações cada vez mais flexíveis, o que gera níveis de insegurança cada vez maiores. O que pode ser exemplificado no trabalho de SAMPAIO (2002) que investiga o sucesso e o fracasso das relações amorosas estabelecidas virtualmente.

²⁵ Matos trabalhou, conforme refere, com cinco parcerias "gays", três "lésbicas", e três heterossexuais. Neste último caso, duas parcerias eram de casais que moravam em apartamentos separados, com filhos; e a terceira que coabitava, mas mantinha o relacionamento *"aberto"* a outras experiências amorosas, sem filhos. É interessante observar que seu universo de pesquisa é semelhante ao de HEILBORN (2004a) – camadas médias urbanas do Rio de Janeiro - sendo mesmo possível afirmar que este tem sido um núcleo bastante privilegiado nas pesquisas que têm sido feitas.

apresentam um perfil muito específico e particular. Ao trabalhar com as alternativas de conjugalidade, ela procura chamar atenção para a vivência pessoal, relacional, sexual, afetiva e emocional entre os parceiros dos dois universos, que não se encaixam no perfil estreito de família tradicional, mas que, apesar disso, têm como referência o ideal amoroso de estabilidade conjugal (p.105).

Por conjugalidade, Matos entende

"(...) uma forma possível de gestão compartilhada da sexualidade e dos afetos, onde ideologias e práticas diversas de amor conjugal e gênero se expressam e realizam positivamente, um lócus ou uma cena onde se situam as trocas afetivas, sexuais, cognitivas entre os gêneros (p. 163).

Com efeito, Heilborn (2004A) e Matos (2000), ao estudarem, mais particularmente a primeira, a conjugalidade igualitária, e a segunda, o vínculo amoroso, descortinam inúmeras possibilidades de diálogo sobre a idéia de amor, sua construção e sua prática nos relacionamentos postos em pauta. Em ambos os trabalhos existem algumas aproximações, como é o caso da definição de conjugalidade vista como um núcleo de trocas afetivo-sexuais, cuja gestão é compartilhada; todavia, elas diferem no que tange à idéia -defendida por Heilborn - de que a conjugalidade é caracterizada pela não-demarcação de papéis conjugais, pois como esclarece Matos, na análise que empreendeu, esta demarcação existia, no entanto não era *"rígida, fixa ou imutável, mas negociável"* (p.163).

Matos também pontua alguns elementos que distinguem a relação homo da hetero e chama atenção para o fato de que nas relações heterossexuais, por já serem *"conhecidos"* os papéis masculino e feminino no relacionamento a dois, as mulheres têm mais dificuldade em negociar posições diferentes

daquelas que lhes são atribuídas culturalmente, o que exigirá um longo processo de convencimento no sentido de uma participação igualitária no âmbito da relação diante da *“pregnância de valores binários hierarquizantes”* (p.169). Em contrapartida, nas parcerias homo, ela observou que ainda que existam papéis que definam posições de gênero, eles são negociáveis e permutados através do diálogo (idem).

O universo com o qual trabalhei (que discuto com mais detalhe no capítulo dois), se assemelha mais ao que foi investigado por Matos do que àquele estudado por Heilborn, este com um perfil muito específico. Com base nas informações de campo, posso dizer que *“minhas”* parcerias têm assumido muito mais uma postura de negociação das diferenças e utilizado o recurso do diálogo, tal como foi indicado por Matos, o que é enunciado recorrentemente em seus discursos, seja no âmbito dos conflitos e de sua resolução (*“conversa”*, *“negociação”*, são dois termos muito utilizados); ou mesmo na administração do dia-a-dia, em que é preciso encontrar um *“meio-termo”*²⁶ que satisfaça ambos os membros da díade. Uma entrevistada heterossexual enfatiza bastante a questão da negociação que para ela se torna até problemática. Disse ela: *“Todo e qualquer trato que tenha que ter com a empregada, sou eu. E a nossa filha, que é compartilhado, que é a parte mais difícil, porque aí vêm as negociações. Às vezes eu acho uma coisa, e ele acha outra, até a gente conseguir o meio termo”*. Num outro trecho ela continua:

“O fato de eu tá casada...eu acho, é uma coisa boa tá compartilhando, não é negociando, eu não gosto das negociações do casamento, eu não suporto isso. Pra mim é o lado ruim. Não sei se a tua próxima pergunta é essa, eu vou logo começar. Eu acho um saco, eu não tenho paciência!”.

²⁶ Em meus dados referentes à pesquisa realizada em 1995 a expressão “meio-termo” não aparecia, mas em seu lugar com muita frequência era citado o termo “ceder”, que poderia ser pensado como um seu equivalente, pois, em geral, encontrar um meio-termo, implica em uma das partes ou as duas cederem quando se estabelece um impasse que precisa de resolução.

Em ambos os trabalhos aqui referidos – Heilborn e Matos – as autoras abordam, ou melhor, precisam abordar, o tema do amor sem que os trabalhos sejam específicos sobre ele. Neles, a intenção é discutir a conjugalidade igualitária ou as novas configurações que o vínculo amoroso assumiu (e continua assumindo, na sua dinâmica, é bom dizer) na modernidade tardia. No entanto, os dois trabalhos não prescindem da idéia do amor porque esta se encontra no cerne mesmo do relacionamento conjugal, tal como ambas as autoras o interpretam – tal como pensamos todos nele. É exatamente nesta espécie de inversão que situo o presente trabalho: estudo o amor para, a partir dele, ter uma compreensão de fenômenos sociais de caráter mais amplo como gênero, conjugalidade, sexualidade e afetividade.

No âmbito local²⁷, o estudo feito por Malcher (2003) se aproxima da proposta que ora desenvolvo, ainda que trate especificamente do universo masculino composto por jovens de dezoito a vinte e cinco anos, pertencentes às camadas médias urbanas da cidade de Belém. Este autor investigou como estes jovens concebem a noção de amor - de “*amor romântico*” - e vivenciam suas práticas amorosas no contexto da construção de sua masculinidade. Vale ressaltar que o universo com o qual ele trabalha possui um traço de homogeneidade, pois seus interlocutores possuem um estilo de vida bastante semelhante com lugares e espaços de sociabilidade comuns, espaços estes em que “*se encontram, discutem, se relacionam, concebem e vivenciam suas práticas amorosas*” (p.68) e ele próprio, à semelhança de Heilborn, possui uma

²⁷ No contexto local já existe uma produção em que o tema do amor é contemplado de forma indireta através de suas associações com questões como gênero/conjugalidade/afetividade/sexualidade, a maior parte relacionada ao universo das camadas populares. Ver MOTTA-MAUÉS, 1993; CANCELA, 1997 e 2006; LAGO, 2002; MALCHER, 2003; ESTUMANO, 2004; ABREU, 2006; PANTOJA, 2007 e SANTOS, 2010.

grande interação com o grupo pesquisado que antecede e vai além do trabalho de campo propriamente dito. O que ocorre no meu caso, particularmente apenas com três parcerias, duas heterossexuais e uma homossexual, já que os demais entrevistados não possuíam nenhum tipo de relacionamento comigo, o que será melhor explicitado no capítulo a seguir.

A ênfase de Malcher é de que pelo fato desses jovens estarem vivenciando o processo de construção de sua masculinidade, o amor e as demais questões relacionadas a ele estão por se construir, em um processo que se apresenta bastante dinâmico e que incorpora diversas noções e práticas - uma espécie de pedagogia do amor que implica num aprendizado dele e na idéia de incompletude nos moldes de Platão, por exemplo - algumas delas até mesmo contraditórias por serem, segundo ele, *“fruto de algo que ainda está por ser concretizado e bem definido”* (p.78).

Neste sentido, enquanto esse autor enfatiza a idéia de *“cara-metade”* como bastante presente no universo pesquisado, o que pude observar em meus dados é que as falas de meus entrevistados caminham mais no sentido de pensar o amor como um processo que vai sendo construído cotidianamente. Há que se considerar aqui que estou entrevistando um grupo, em sua maioria, mais adulto (a pessoa mais jovem tem vinte anos, mas a média de idade é de quarenta e três anos) e, portanto, mais maduro em todos os aspectos (ou pelo menos, na maior parte), o que, certamente, implica em algumas especificidades que serão trabalhadas ao longo desta tese.

Percorrendo os caminhos do amor...

A palavra amor (assim como algumas outras) é de abrangência - talvez - quase sem igual. Pode-se falar, por exemplo, em amor fraterno, filial, universal, à natureza, amor-caridade, amor-divino, amor-doação, amor-amizade, amor-renúncia, amor-paixão ou amor-apaixonado, amor romântico, amor cortês, amor à vida, amor a si mesmo, amor ao próximo e todas estas variações se acomodam perfeitamente dentro do termo e, de alguma forma, do conceito de amor. Talvez, por isso, não seja exagero dizer que o amor é, ou pode ser, o mais fecundo dos temas²⁸.

A discussão intelectual acerca do amor também é inesgotável. Ele tem sido tema de investigação em várias áreas do conhecimento e em todas, a preocupação é a mesma: “*explicar*” o que é o amor. Se, por um lado, a literatura desde sempre ilustrou o amor e todos os outros sentimentos a ele associados, parece que não basta apenas senti-lo, sofrer, viver ou morrer por amor - como tão bem os romances propõem; a reflexão em torno de seu significado também se impõe. O que é o amor? Por que amamos? Por que sofremos por amor? O que nos faz gostar de uma pessoa e não de outra? Enfim, estas e outras indagações têm sido objeto de preocupação não só daqueles que vivem histórias de amor, mas daqueles cujo pensamento se debruça sobre esta questão e que podem também vivê-las.

A biologia que durante muito tempo tratou o amor como uma questão puramente emocional, agora vai dar a ele um novo olhar e se propõe a explicar sobre a “*química*” do amor (FISCHER, 2006). De certo modo, o que se situava, numa referência mais recente, no âmbito do senso comum ou da

²⁸ BÁRBARA HELIODORA (1998), estudiosa da obra de Shakespeare, chama atenção para o fato de que se este autor não chegou a “inventar” o amor (ainda que ao se falar de amor imediatamente nos remetamos a ele, diria eu) ele “*ocupou-se muito dele, em suas mais variadas formas: amor que enobrece, amor que escraviza ou que é escravizado, amor de si mesmo, amor da humanidade, e mais outros tantos*” (p.35).

interpretação popular, como as afirmações de que a atração amorosa teria sido motivada por uma “*questão de pele*” ou por ter “*rolado uma química*” entre o par, ganha foros de explicação científica e o amor romântico, em especial, passa a ser encarado como uma experiência universal e também como algo que se encontra “*profundamente incrustado na arquitetura e na química do cérebro humano. (idem, p.12).*”

O debate em torno desta questão – que pretendo apenas pontuar aqui - é no mínimo instigante, se considerarmos que a tradição antropológica - e, significativamente, das ciências humanas – desconsidera, em grande medida, o dado biológico e dá mais ênfase às questões sócio-culturais no contexto das quais a atração amorosa é pensada como construída (romanticamente) e constantemente elaborada e reelaborada. Todavia, se levarmos em conta que, “*por trás*” da, ou junto com a construção social, existe um corpo biológico que se apresenta à cultura e se impõe por si mesmo, temos que considerar, também, que nossas construções se dão a partir de algo como que já “*dado*” com o qual elas caminham juntas, pois ambos – corpo e construção – encontram-se imbricados.

A discussão bastante atual desenvolvida por Csordas (2008) - ainda que localizada em outro contexto - traz uma contribuição importante para este debate e situa este autor como uma referência incontestada no âmbito da antropologia. Sua tradição de pesquisa localiza-se no âmbito da antropologia psicológica e sua abordagem fenomenológica traz como proposta a noção de *embodiment*, ou corporeidade²⁹, pensada como um paradigma complementar à antropologia simbólica e interpretativa. Para Csordas, “*a noção de corporeidade é a base para compreender a natureza da experiência humana na cultura*” (p.16) na medida em que o corpo constitui o solo existencial do

²⁹ Utilizo a terminologia usada por Steil e Murilo, que na apresentação da obra “*Corpo/significado/cura*” de Thomas Csordas justificam sua escolha.

sujeito e da cultura. Sua ênfase, portanto, recai não sobre o corpo individual sobre o qual a cultura atua e sim em um corpo fenomênico, onde se situam as diferentes formas de ser/estar no mundo, o que constitui uma condição para diferentes formulações culturais de enfermidade/doença e de procedimentos de cura, que são o foco principal de sua análise.

Segundo ele,

“(...) reconhecer que o nosso ser corpóreo não é menos um produto da cultura que da biologia tem o potencial de transformar nossa compreensão tanto do corpo quanto da cultura. Por um lado, se o corpo pode ser mostrado como base existencial da cultura e do sujeito em vez de simples substrato biológico de ambos, o caminho estaria livre para a compreensão do corpo como não apenas essencialmente biológico, mas igualmente religioso, lingüístico, histórico, cognitivo, emocional e artístico. Por outro lado, se até a linguagem pode ser apresentada como o surgimento da corporeidade e não apenas da função representativa do cogito cartesiano, o caminho estaria aberto para definir cultura não só em termos de símbolos, traços, regras, costumes, textos ou comunicação, mas, igualmente, em termos de sentido, movimento, intersubjetividade, espacialidade, paixão, desejo, hábito, evocação e intuição” (p.19).

Como enfatizei antes, apesar do paradigma da corporeidade ter sido proposto para o contexto da discussão sobre a cura e a enfermidade, a abordagem de Csordas pode lançar uma nova luz sobre o debate em torno do corpo/biologia, cultura e construção social. Ao dirigir seu foco para a experiência corpórea, este autor pensa o corpo não mais como um simples instrumento, nem como lugar de inscrição da cultura. Ele é pensado como um corpo fenomênico, que constitui o *locus* da cultura, a base existencial tanto do sujeito, quanto da cultura. Encontra-se, portanto, em sua obra uma espécie de meio termo, ou talvez, um termo de equilíbrio, em que é possível criar uma

interseção entre áreas que tradicionalmente têm trabalhado de forma isolada, o que torna a discussão muito mais sofisticada, interessante e densa.

No campo da filosofia, o interesse pelo tema está presente na obra de quase todos os grandes filósofos³⁰. Contudo, segundo Schoepflin (2004),

“Platão se apresenta como o primeiro pensador ocidental capaz de elaborar uma reflexão específica, ampla e profunda sobre o assunto: uma reflexão que se tornaria ao longo dos séculos um ponto firme e um inevitável termo de referência” (p.12).

Em função disso, a maioria dos estudiosos do tema concorda em ver a obra *“O Banquete”* de Platão – considerado como um livro sobre o amor (BORGES, 2004) - como a grande fonte do mito amoroso no ocidente, devido a enorme influência que este autor exerceu (e ainda exerce) na cultura ocidental. É desta obra (ou das muitas interpretações que se fazem dela, algumas, aliás, equivocadas como enfatiza PESSANHA, 1987), que deriva a expressão que, provavelmente, já utilizamos ou vamos fazê-lo, em referência a um amor não concretizado, que se diz um *“amor platônico”* e, também, a idéia de que o amor – o amor romântico, em particular - é busca, é incompletude, e de que só através dele, do encontro da *“cara-metade”*, da *“alma-gêmea”*, de uma metade (de nós) perdida, é que a pessoa pode de fato se sentir completa, como se aquele que se ama fosse mesmo uma parte nossa que estava faltando (MALCHER, 2002).

Mas o que nos diz, afinal, Platão sobre o amor?

³⁰ Talvez em função disso, as obras que se propõem a apresentar no Brasil o tema do amor de forma mais abrangente, também são escritas por filósofos, à exemplo de BLONDEL (1998), CHALITA (2003), BORGES (2004), KONDER (2007) e FURTADO (2008). Foge a esta regra a psicanalista Betty Milan que escreveu a obra *“O que é amor”* (1983), para a coleção Primeiros Passos, reeditada e ampliada pela editora Record com o título *“E o que é o amor?”* (1999).

Em “O Banquete”, como ressalta Pessanha (1987), os discursos sobre o amor retratam as diversas faces de Eros, que possuem uma estreita vinculação entre si. Ademais, diz ele, para Platão o tema do amor se perde em tempos remotos, não sendo possível localizar sua origem e o que se tem dele é uma série descontínua de falas, fragmentos múltiplos e heterogêneos de discursos, onde a memória surge entremeada de esquecimentos. Assim como lhe falta um começo, lhe falta uma continuidade (p. 77).

Outro aspecto interessante enfatizado por Pessanha e que pode ser observado em “Fedro”, outra obra em que Platão tematiza o amor

“(...) é que o amor é um tema que não se encerra, nem se exaure: apesar de permanentemente retomado, permanece inconcluso, aberto sempre à possibilidade de novas variações. Eis por que – sem a apreensão de seu início, sem a visualização de seu final – do tema do amor temos somente o meio, seu dilacerado meio onde estamos e somos: os inúmeros e às vezes antagônicos discursos amorosos, onde fatalmente tentamos inserir nossa fala particular e provisória. (p.78).

Em “O Banquete”, estes aspectos são claramente perceptíveis. De forma resumida, a obra trata de um relato feito por Apolodoro a um amigo que lhe pede que ele reproduza os discursos sobre o amor pronunciados num banquete na casa de Agatão. Ocorre que Apolodoro não estava presente à reunião e o registro que ele faz se baseia na memória que ele tem da narrativa de Aristodemo, este sim presente no banquete. Após o jantar surge a proposta feita pelo dono da casa, de que ao invés de beberem, eles façam um elogio a Eros, deus do amor. Seguem-se então os discursos, sendo que três deles se destacam por darem ênfase aos elementos que melhor definem o amor/Eros. O de Pausânias, que introduz a idéia fundamental de que não há um único tipo de amor, e sim o bom e o mau Eros, vulgar um, celeste o outro; o de Aristófanes, onde ele narra o mito do andrógino, de onde se origina a idéia de

incompletude; e o de Sócrates em que ele utiliza o recurso do diálogo e recorre a um discurso que ouvira de Diotima cuja ênfase é que a essência do amor é fazer a ponte entre o humano e o divino.

Observa-se aqui, como destaca Pessanha, que em “*O Banquete*” o amor surge de uma longa cadeia de memórias e esquecimentos, e em meio a inúmeros discursos heterogêneos, de épocas diferenciadas e permeado de lacunas; discursos estes, que se referem a outros discursos, que remetem a outros discursos e são mediadores, por sua vez - e ainda - de outros discursos.

Esta questão me remete ao que eu própria estou fazendo: recuperar, a partir das memórias (do passado e do presente) de meus entrevistados, as suas histórias de amor, fazendo, assim, uma espécie de história de vida, só que voltada especificamente para o tema que me interessa neste estudo. A história que narro posteriormente a meus leitores não me foi contada tal qual apresento, mas foi recuperada por eles através de suas memórias (e de seus esquecimentos) e ordenada por mim, tendo por base os registros que fiz de fragmentos de um discurso de duas vozes que não fluiu de forma ordenada, mas foi provocado pelas questões que levantei – evidentemente não só por elas. Deste modo, as histórias que conto, me foram contadas por outros, os verdadeiros convidados do banquete, do qual não fiz parte, mas sobre o qual fui autorizada a falar.

Estes aspectos da obra de Platão me parecem cruciais à medida que, por paradoxal que pareça, dão atualidade ao debate em torno do tema do amor, ao apontar que não existe um discurso único sobre ele e sim um visão multifacetada, portanto contextual, daí não ser possível localizar seu começo, nem identificar nele uma continuidade; importam sim, os discursos amorosos – ponto focal do presente estudo – e neles, as variações, descontinuidades,

lacunas, fragmentos, disparidades, memórias, esquecimentos, silêncios e linguagens é que dão a tônica do sentimento amoroso.

Além de Platão, inúmeros outros filósofos se dedicaram à análise do amor³¹. Schopenhauer (2001) também se dedicou a ele e afirma que “*não é possível duvidar da realidade do amor, nem de sua importância*” (p. 22). Apesar disso, ele considera que toda inclinação amorosa, por mais ideal que pareça, tem como finalidade última “*a composição da próxima geração*”. Desta forma, para este autor, na base do amor, há sempre o instinto sexual que, na verdade, segundo ele, é uma estratégia que a natureza adota para perpetuar a si própria através do nascimento de outros indivíduos.

De certo modo, seu debate sobre este tema encontra correspondência na biologia, traduzida como natureza, instinto e espécie e é aí que ele situa a origem de toda relação amorosa e nela que apóia toda a sua argumentação. Para Schopenhauer,

“(...) quando, conscientemente, o instinto amoroso se fixa em determinado indivíduo, é que esta mesma vontade deseja ardentemente viver em um novo ser distinto. O instinto do amor é meramente subjetivo, mas sabe iludi-los, ocultando-se sob a máscara de uma admiração objetiva. Para conseguir seus fins a natureza emprega sua astúcia. Por mais que haja o amor perfeito e desinteressado em alguém, o supremo fim é a geração de um novo ser” (p.24).

³¹ A Filosofia desde sempre privilegiou esse tema em seus vários sentidos e expressões. BLONDEL (1998) ao analisar tal tema, organiza sua obra a partir de quatro aspectos que são: o impulso para a unidade, a escolha, o dom, o ardor e sofrimento e a ilusão e refere os autores que se enquadram em cada um destes aspectos. Dos vinte e nove autores citados, dezesseis são filósofos (Aristóteles, Sófocles, Platão, Lucrecio, Santo Agostinho, Eckhart, Descartes, Spinoza, Malebranche, Leibniz, Rousseau, Kierkegaard, Kant, Schopenhauer, Lévinas e Nietzsche) e os demais são de outras áreas como a dramaturgia, a literatura, a psicologia, a matemática e a religião. SCHOEPFLIN (2004), também tratando da mesma questão, refere além de alguns já citados, outros como: Plotino, Boaventura, Tomás de Aquino, Ficino, Schleiermacher, Rosmini, Feuerbach, Scheler, Buber, Maritain, Stein e Sarte, o que dá bem a dimensão do quanto este tema - o amor - tem sido objeto de reflexão desta área do conhecimento.

Assim, segundo ele, a finalidade do amor, a escolha amorosa, o desejo individual, o sofrimento por amor, suas gradações e nuances no mundo real e sua expressão na literatura – que é inesgotável³² – tudo isso se converte em vontade da espécie, porque mais importante que o indivíduo é a espécie; na verdade, segundo ele, “*o ser existe mais na espécie que no indivíduo*” (p.47). E vai mais além, procurando provar e convencer que por trás do desejo há um instinto oculto. Para isso, examina com mais vagar o que move o desejo em busca de um parceiro, ou seja, as preferências físicas e psíquicas e as que ele chama de considerações relativas ou individuais. Neste sentido, segundo o autor, as preferências físicas do homem são: uma mulher jovem que tenha beleza, saúde, uma conformação física adequada e que seja plasticamente atraente. As preferências físicas da mulher são homens maduros, que tenham força e coragem, bondade e caráter íntegro. Com relação às considerações individuais, dou destaque à idéia de incompletude, já referida aqui no âmbito da filosofia de Platão. Para Schopenhauer, todos amam o que lhes falta, assim cada indivíduo procura no outro aquilo que constitui em si próprio uma fraqueza ou imperfeição, com a finalidade de aperfeiçoar a geração futura.

A filosofia de Schopenhauer me parece, deste ponto de vista, bastante atual, pois encontra eco não só na biologia, como também nas interpretações de senso comum que – verdadeiras ou não – referem os critérios por ele mencionados como importantes na escolha de um parceiro ou parceira no amor. Nas entrevistas realizadas para esta tese, frequentemente fez-se menção à aparência física como um forte elemento de aproximação que possibilitou o início do relacionamento, até porque, como disse um entrevistado heterossexual “*amor é atração*”, no sentido de que o que chama atenção

³² Realmente há que se concordar com Schopenhauer sobre este aspecto. Obras como “*Romance de Tristão e Isolda*” (BÉDIER, 2006[Séc.XII]), “*Abelardo e Heloísa*” (ZUMTHOR, 2002[Séc. XIII]), “*Romeu e Julieta*” (2002[1595]), de Shakespeare, “*Os sofrimentos do jovem Werther*” (2004[1774]), de Goethe, “*A Nova Heloísa*”, de Rousseau (2006[1761] que são referência obrigatória quando se trata deste tema, são também exemplares em mostrar o sofrimento por amor.

inicialmente são as qualidades físicas e psíquicas do outro. Um “*cabelo bonito*”, um “*sorriso lindo*”, uma “*boca atraente*”, ser “*magro e esbelto*”, ser “*bonito*”, ter um “*bom papo*”, ser um “*morenão gostoso*” foram termos utilizados pelo grupo entrevistado, mais de um século depois da interpretação de Schopenhauer, que ilustram bem, ao modo de nosso autor, o que está sendo tratado aqui.

Por outro lado, a investigação científica parece comprovar, de certo modo, o que Schopenhauer enunciou. Goldenberg (2004), em pesquisa que teve como objetivo analisar as representações de gênero presentes nos discursos de homens e mulheres das camadas médias urbanas cariocas, apresenta dados interessantes sobre o que atrai sexualmente homens e mulheres em um membro do outro sexo. Segundo ela, o que mais atrai as mulheres em um homem é a inteligência, o corpo e o olhar; e o que mais atrai os homens em uma mulher é a beleza, a inteligência e o corpo. Esses dados isolados podem levar à suposição de que a aparência do parceiro é mais valorizada pelos homens do que pelas mulheres que mencionam traços menos aparentes e mais subjetivos. Todavia, diz ela, analisando o conjunto das respostas, 77% masculinas e 74% das femininas destacam características físicas como sendo aquelas que mais os atraem no sexo oposto. Em contrapartida, os dados revelam que as mulheres citam na mesma proporção características “*físicas diretas*” (37%) e “*indiretas*” (27%), enquanto os homens dão maior peso às primeiras (50%) do que às segundas (27%). No que se refere às características não físicas (inteligência, simpatia, bom papo, sensibilidade) estas aparecem mais nas respostas das mulheres (58%) do que nas respostas dos homens (31%).

Outro autor, que em meio ao leque variado de suas discussões, não deixou de incluir o tema de que me ocupo foi Simmel (1993) que, em seus escritos sobre o amor, interpreta filosoficamente o sentimento amoroso da

antiguidade até a modernidade e se contrapõe a Schopenhauer, ao afirmar que este não se interrogou verdadeiramente sobre a essência do amor e sim sobre a sexualidade, pois o que o amor certamente recusa é o interesse pela reprodução da espécie. Para Simmel, o amor é uma “*categoria primordial*” que possui como premissas a “*originalidade*” e a “*interioridade*” subjetivas absolutas. Em função disso, o amor é autônomo em relação ao prazer sexual, à reprodução da espécie ou a compromissos familiares e sociais. Diz Simmel:

“Já que para o amor moderno o verdadeiro objetivo é o amor correspondido, sendo tudo o que se segue secundário e acidental ele compreendeu – é a consequência desse conhecimento – que há, no outro, algo impossível de se conquistar, que o absoluto do eu individual ergue uma muralha entre um ser e o outro, muralha que mesmo a mais apaixonada vontade dos dois conjugados não seria capaz de demolir, e que faz de todo ‘ter’ real que queira ser mais que a realidade e a consciência de ser-amado-de-volta uma ilusão” (p. 155).

Jurandir Freire Costa (1999), sobre esta passagem, sintetiza o pensamento de Simmel da seguinte forma:

“Amar e ser correspondido é algo impossível, pois pressupõe uma idéia de sujeito que impede essa possibilidade. O individualismo implícito na metafísica do sujeito amoroso leva ao beco sem saída da ‘muralha entre dois absolutos’ que querem amar, mas só poderiam amar plenamente se deixassem de ser os ‘sujeitos do amor’ que são e que os leva a desejar o amor impossível de concretizar-se” (p. 72).

Assim, na condição de sujeitos, de indivíduos, como seres completos e autônomos, não podem eles atualizar (estruturalmente, falando, mesmo) a composição de um casal, na qual, como encontrei (e encontro agora) nos depoimentos dos “casais” de meus estudos, um “*completa*” o outro, “*cada um tem que ceder pra dar certo*”, tem de “*abrir mão de alguma coisa por aquela*

peessoa”, tem que “*compartilhar*”, tem que “*cuidar do outro*”, tem que ter “*cumplicidade*”. A idéia de autonomia, de liberdade entra em conflito com esse desejo de ser um par, como bem refere uma entrevistada heterossexual: *Não, eu gosto assim de ter...liberdade sabe, de definir algumas coisas. Ah! eu vou fazer! Não vou perguntar pra ele*”.

Heilborn (2004a), em seu estudo referencial, deixa ver que o ponto focal de seus casais igualitários é justamente essa indistinção entre os parceiros, sobre a qual a idéia de casal se apóia e as relações que se travam no interior dessa totalidade que opõem valores de singularidade e igualdade, daí a necessidade de o casal moderno admitir “*uma tensão básica entre a preservação das individualidades no seu interior e a presença de um totalidade, ainda que efêmera e instável*” (p.167).

O amor rumo à antropologia clássica

No campo da antropologia em particular – minha orientação principal neste estudo - o trabalho clássico de Bronislaw Malinowski³³, “*A vida sexual dos selvagens*”, publicado em 1929, traz para o âmbito da Antropologia uma discussão até então ignorada e talvez considerada irrelevante para a

³³ Polonês de nascimento e de formação, embora ligado à antropologia britânica, da qual foi umas das figuras mais expressivas, Malinowski ao publicar, em 1922, “*Os argonautas do pacífico ocidental*”, realizou uma verdadeira revolução na literatura antropológica. A popularidade desta obra e seu significado inovador têm por base a apresentação de uma nova visão do homem e a indicação de uma nova maneira de compreender o comportamento humano. Assim, com os Argonautas, as sociedades tribais deixam de ser vistas como fósseis vivos do passado do homem, equivalentes humanos das peças de museu, aglomerados de crenças e costumes desconexos. Os costumes e as crenças de um povo exótico ganham com ele um significado pleno e o comportamento nativo passa a ser visto como ação coerente e integrada. A etnografia, desta forma, adquire a capacidade de reconstruir e transmitir uma experiência de vida diferente da nossa, mas nem por isso menos rica, ou menos humana. Sua grande inovação se deu no método adotado no trabalho de campo. A observação participante consistia na observação direta, através da convivência diária, da capacidade de entender a língua nativa e da participação em conversas e acontecimentos da vida na aldeia, o que antes de Malinowski era considerado impensável. Além dos Argonautas, ele publicou um conjunto de obras sobre os ilhéus trobriandeses, tais como: “*Crime e costume na sociedade selvagem*” (1926), “*Sexo e repressão na sociedade selvagem*” (1927), “*A vida sexual dos selvagens*” (1929) e “*Os jardins de coral*” (1935). (Coleção Os Pensadores, 1978).

compreensão dos povos ditos primitivos: ou seja, este autor põe em foco a vida afetivo-sexual dos nativos da sociedade trobriandesa, dando ênfase à questão da sexualidade e ao ritual amoroso. De forma pioneira, Malinowski afirma que a sexualidade vai além da relação puramente carnal, na medida em que constitui uma “*força sociológica e cultural*”. Como ele salienta na introdução de sua obra,

“(...) o sexo não é para o habitante primitivo das ilhas do Pacífico, como para nós tampouco, uma simples questão fisiológica; ele implica o amor e o namoro; torna-se núcleo de instituições tão veneráveis como o casamento e a família; inspira a arte e constitui a fonte de suas magias e sortilégios. Domina, na verdade quase todos os aspectos da cultura”(p.21).

Em outro trecho, ele diz:

“As instituições dos trobriandeses são feitas para permitir que a paixão brutal se purifique e se torne um amor que dure para toda a vida; são feitas para permitir que nela vicejem e se interpenetrem as afinidades pessoais, que ela se fortaleça graças aos múltiplos laços e vínculos criados pela presença dos filhos, pelas angústias e esperanças comuns, pelos objetivos e interesses de que se compõe a vida da família” (p. 22).

E vai mais além:

“Para o Melanésio, da mesma forma que para o europeu³⁴, o amor é uma paixão e, como tal, fonte de tormentos mais ou menos graves para o espírito e para o corpo; conduz a muitos impasses, escândalos ou tragédias; mais raramente, ilumina a vida e inunda o coração de uma alegria transbordante” (p.292).

³⁴ Talvez escrevendo hoje, pudesse Malinowski ter acrescentado, “para eu mesmo”, já que sabemos de sua referencial história de amor.

Malinowski focaliza o amor - ainda que no contexto da vida sexual - e se empenha em mostrar que a vida erótico-sexual dos “selvagens” (termo que, como sabemos é empregado pelo autor) não é desprovida de sofisticação, sutileza e intensidade afetiva enfatizando, assim, o requinte das experiências amorosas dos nativos. Todavia suas idéias diferem, em grande medida, das formulações de outros antropólogos que também se propõem a tratar esta questão.

A discussão desses antropólogos se encontra presente no trabalho de Josefina Lobato (1997)³⁵ que defende a tese de que o amor, a idéia de amor - no caso o amor romântico, que é o objeto de sua análise - é muito mais antigo do que se possa supor não sendo, portanto, uma invenção apenas do mundo ocidental, como sempre se tem pensado. Assim, retomando o trabalho clássico de Malinowski citado acima, esta autora o contrapõe ao de outros renomados antropólogos como Morgan, Mead, Evans-Pritchard e Linton que, segundo ela, desde os primórdios da Antropologia acatam

³⁵ LOBATO, Josefina Pimenta. *Amor desejo e escolha*. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1997. Esta obra, originalmente a tese de doutorado em Antropologia da autora, trata das variadas formas da relação entre o sentimento amoroso e o vínculo conjugal em diferentes civilizações, tendo por base a representação literária do amor e do casamento. Ela situa sua abordagem em relação a duas correntes opostas de reflexão antropológica: uma que afirma o particularismo da experiência do amor romântico, vivenciada no mundo ocidental, e outra que procura demonstrar o universalismo desse tipo de amor. Lobato aceita como válida a idéia, adotada pela posição particularista, de que a noção de amor romântico tem um caráter excepcional e único, porém sinaliza a necessidade dessa excepcionalidade ser teoricamente construída e não tomada como pressuposto. Para ela, é necessário dar conta de noções de amor vigentes em sociedades que, segundo os particularistas, desconheciam o amor, por desconhecerem a experiência que consideramos como amorosa (p. 13). Além disso, considera falha a idéia, defendida pelos universalistas, de que o amor romântico é uma experiência universal, “seja por apreender essa noção de modo tão amplo, tão desvinculado da trama da cultura, da ideologia amorosa que a sustenta e do momento histórico que a modelou, tornando de antemão demonstrável sua extrema generalidade, seja por não nos dar acesso à percepção de outras formas de amar, que não as familiares ao pesquisador” (idem). Visando desenvolver um instrumental teórico que dê conta dessas especificidades, ela propõe os conceitos: de “amor domesticado” e “amor disciplinado”, o primeiro vinculado à visão individualista e o segundo relacionado à visão de mundo holista.

“a pressuposição tácita de que a atração erótica que reputamos como amorosa, dominada por emoções mais refinadas, intensas e persistentes do que o mero desejo sexual, seria um fenômeno peculiar ao mundo ocidental (p.33).

Para estes autores, portanto, o amor romântico seria um sentimento desconhecido dos povos primitivos. Lobato, que analisa os trabalhos destes antropólogos, mostra que, segundo Morgan afirmou em 1877, *“os povos bárbaros não conheciam o amor. Não poderiam experimentar sentimentos que são fruto da civilização e da sutileza que a acompanha” (apud Lobato, p.33).* Em 1928, Margaret Mead, em sua etnografia sobre as jovens adolescentes samoanas, *“Growing up in New Guinea”*, afirma claramente que o amor romântico, nos moldes de nossa civilização (ligado às idéias de monogamia, exclusividade, ciúme e fidelidade), inexistente em Samoa, o que ela atribui ao fato de não haver nessa sociedade fortes laços afetivos entre pais e filhos, tal como observamos na nossa. Já em 1936, em *“Sexo e Temperamento”*, estudo sobre os Melanésios da Nova Guiné, esta autora dissocia a paixão sexual da afeição, não afirmando, nem negando a existência do amor romântico. Ela exemplifica, citando que tanto no caso dos Arapesh, quanto no dos Mundugumor, grupos investigados por ela, essa dissociação existe. Por sua vez, Evans-Pritchard, em 1955, adota a mesma visão de Mead e considera *“(...) que ainda que o amor sexual se manifeste em profusão, é raro existir algo que corresponda ao amor romântico, tal como este é entendido e vivido no mundo ocidental” (apud Lobato, p.35).*

Malinowski, por sua vez, enfatiza justamente o contrário. Ele descreve e analisa longamente as práticas afetivo-sexuais - como falamos hoje - dos ilhéus trobriandeses, mais referidos como seus *“argonautas”*. Sobre os enamorados, ele diz: *“... desfrutam do aroma e da cor das flores, vêem o voar dos pássaros e os insetos, e descem até o mar para banhar-se....Divertem-se apanhando*

conchas, arrancando flores e ervas aromáticas com as quais se enfeitam..” (p. 295)³⁶. E, todos esses prazeres, destaca Lobato, não são fortuitos, mas parte essencial das efusões eróticas dos nativos e indicariam, na visão de Malinowski, a presença de um aprimoramento típico do romantismo nas experiências sensuais, afetivas, e estéticas que acompanham a paixão sexual.

Esta autora levanta, ainda, interessantes reflexões acerca da acanhada repercussão que esta obra de Malinowski teve no meio antropológico. Assim, diz ela:

“analisando essa neutralização do material trobriandês, parece-me lícito perguntar se haveria alguma diferença entre a visão anglo-saxônica do amor romântico e a adotada por Malinowski. No caso de uma resposta positiva, estaria essa diferença relacionada a sua formação cultural polonesa? Todos os que lêem o diário de campo de Malinowski podem perceber que as referências apaixonadas à sua noiva são uma constante. Nessas referências, a expressão de ‘momentos de desejos violentos: apenas para ver seu luminoso, gracioso corpo novamente’ dá-se concomitantemente com a censura desse sentimento: ‘Eu a amo com um forte e apaixonado amor enquanto deveria imaginá-la como minha esposa’ (1967:218). Seria devido a essa apreensão do amor apaixonado como um sentimento não necessariamente ligado ao casamento, que ele se torna capaz de vê-lo onde Morgan, Margaret Mead e Evans-Pritchard nada tem a dizer a respeito?” (p. 37)³⁷.

O que me parece crucial neste debate é o fato destes antropólogos estarem preocupados e colocarem em discussão as questões do amor .

³⁶ Roque de Barros Laraia (1999), antropólogo brasileiro de destaque, faz uma resenha da obra de Lobato no Anuário Antropológico/97, intitulada: *Amor romântico, uma análise antropológica*, trabalho que ele considera um contribuição importante para a discussão do tema em pauta. Ao referir o trecho de Malinowski sobre os enamorados, transcrito acima, ele comenta: *“Não falta a esse texto a poesia de nossos autores românticos”* (p.295), afirmativa com a qual não podemos deixar de concordar.

³⁷ MALINOWSKI, Bronislaw. *Um diário no sentido estrito do termo*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1997.

Parece-me importante considerar que ao fazerem isso eles dão ênfase a um fenômeno que desempenha um papel de relevo não somente na vida afetivo-sexual dos nativos, mas, extrapolando este âmbito, na vida de todos os indivíduos e de todas as culturas.

Seguindo viagem...na companhia do amor (ainda)

Saindo da discussão antropológica mais clássica e visando compor um quadro mais amplo da discussão acerca do tema do amor, quanto possa fazê-lo agora, passo a referir alguns trabalhos que podem ser considerados mais expressivos no campo da sociologia e da antropologia, sem ter evidentemente a pretensão de abarcar a todos³⁸. Faço isso direcionada pelo olhar que estou dando ao tema - que está focado no discurso amoroso e na vivência amorosa das parcerias - e por meus “achados” de campo (velhos e novos) que irei inserindo no debate - quando for possível fazê-lo - a fim de dar ao leitor, desde já, uma idéia do amor de que estou falando com base na escuta e na interlocução que estabeleci com meus entrevistados, o que será depois tratado mais detidamente nos capítulos posteriores.

Reúno neste bloco três trabalhos que têm em comum o fato de lançarem mão de uma vasta documentação histórica, através da qual fornecem ricas possibilidades de analisar a experiência amorosa. Destaco, inicialmente, os trabalhos de Macfarlane (1986) e Gay (1986), que fazem análises mais globais, para, em seguida, me deter em Del Priore e em sua história do amor no Brasil (2005).

³⁸ O trabalho de GOODE, “*The theoretical importance of love*”, datado de 1959, ao situar o amor como um elemento da ação e da estrutura social, sem dúvida, constitui um marco nos estudos sociológicos sobre este tema que até então, era estranho à sociologia. TORRES (2000) em sua alentada análise sobre o casamento e o amor, refere um conjunto de trabalhos pioneiros que se dedicaram à análise sociológica das relações afetivas encaradas como uma das dimensões das relações sociais e do amor como uma expressão dessa dimensão. à exemplo de LUHMANN(1986), BECK e BECK-GERNSHEIM (1995) e BOURDIEU (1998) . Ademais, segundo esta autora, “*nos finais da década de 80 e no decurso dos anos 1990 assiste-se à proliferação de textos sociológicos sobre o amor, as emoções e sua relação com o gênero*” (p. 145).

Macfarlane (2006)³⁹ faz uma análise do amor e do casamento na Inglaterra no período de 1300 a 1840, e reconstrói as atitudes dos ingleses frente ao casamento e aos filhos, fundamentado em ampla documentação histórica e pessoal (testamentos, textos jurídicos, registros de contabilidade material, autobiografias, cartas de amor⁴⁰, diários⁴¹ e outros documentos)⁴² que, aliada a um diálogo constante com a literatura inglesa – tanto a poesia quanto a prosa - permite a ele reconstituir todo um período histórico.

O autor investiga as práticas matrimoniais inglesas correlacionando-as com o individualismo e o capitalismo e traçando paralelos com outras sociedades que ajudam a identificar a peculiaridade desta realidade que se distingue das demais por desvincular o casamento dos interesses específicos dos grupos familiares, de casta ou de classe, para levar em consideração o interesse dos cônjuges, numa análise dos custos/benefícios do casamento⁴³.

³⁹ MACFARLANE, Allan. História do casamento e do amor. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. Este historiador antropológico, como ele se definiu (p.62), é inglês e desenvolveu vinte anos de estudo para concretizar esta obra em que analisa as peculiaridades das práticas matrimoniais inglesas do período de 1300 a 1840, tais como a natureza do namoro, as razões para casar mais cedo ou mais tarde, o aparecimento do amor romântico, as atitudes face à procriação, e entre os sexos e as gerações. Para tal, ele estabelece correlações entre a especificidade inglesa e outras sociedades não-européias, rurais ou tribais, o que faz com que o livro verse primeiramente sobre a Inglaterra, mas tenha implicações, por contraste, tanto dentro da Europa ocidental como entre ela e outras civilizações não-européias.

⁴⁰ Ver ORSINI (1999), ABRAMO & PELLEGRINI (1994), GIROUX (1995), MELLO FRANCO (1979), MARTINS (2003), dentre outros.

⁴¹ Ver HENRIQUE (2008).

⁴² Nos relatos de meus entrevistados, identifiquei a presença de um rico manancial de cartas, cartões, fotos, bilhetes e de uma variedade de objetos como “*pelúcias*” (objetos em forma de coração ou de bichos variados), bibelôs (pequeno objeto de adorno que se coloca sobre os móveis), papéis de invólucro de bombom, ingressos de eventos que a parceria assistiu junto, guardanapos de papel com uma declaração de amor escrita nele, lembranças de estadias em hotéis, roupas, o primeiro presente oferecido ao parceiro ou parceira, assim como material digitalizado como fotos, vídeos e textos que constituem um verdadeiro “*arsenal*” do amor através do qual a memória amorosa da parceria é preservada, ativada e pretensamente perpetuada, o que remete à atualidade dos diários e antologias que numa análise apressada, parecem, ou podem parecer, coisa do passado.

⁴³ O sistema de casamento malthusiano, segundo Macfarlane, operou e opera como um mecanismo de regulação automática adequando as taxas de crescimento demográfico às flutuações da economia. Foi provavelmente com base neste modelo teórico que, em 1838, Charles Darwin, então com vinte e nove anos, fez uma análise das vantagens e desvantagens

Segundo ele, diferentemente da grande maioria das sociedades nas quais o casamento era determinado por interesses do grupo familiar, da casta ou de classe, na Inglaterra e, também, na região do Noroeste da Europa, o casamento era uma decisão dos cônjuges que casavam apenas quando possuíam renda suficiente para estabelecer uma nova casa e criar os filhos, o que fazia com que os casamentos ocorressem numa idade mais elevada da que era padrão em outras partes do mundo; ou, devido a falta de condições para estabelecer uma nova família, em alguns casos, nem sequer ocorresse. Como, aliás, lembram várias personagens femininas dos festejados romances de Jane Austen⁴⁴.

Diz ele:

“Temos assim uma situação em que os casamentos não precisavam de consentimento ou testemunhas para serem válidos. Pais, patrões, senhores, amigos, todos enfim, podiam dar conselhos, podiam exercer pressões físicas, morais e econômicas sobre os noivos, mas eram as palavras destes que, em última análise – tendo o homem mais de catorze anos e a mulher mais de doze – constituíam um casamento indissolúvel entre os séculos XII e XX na Inglaterra (...)”.

Além disso,

“o casamento como qualquer outro contrato, não era válido sem o livre consentimento dos próprios parceiros. Tudo o que era necessário era ‘um consentimento, mútuo, livre, pleno’, sem o qual não haveria casamento (...)” (p. 140).

em casar com sua prima Emma Wedgwood, anotando em um papel a relação custo-benefício. Após o que optou, enfim, por casar-se com Emma, o que ocorreu em 29 de janeiro de 1839, com a qual teve dez filhos, sendo seis mulheres e quatro homens. E com quem viveu até o fim da vida.

⁴⁴ AUSTEN (1775-1817) foi uma reconhecida romancista inglesa que se dedicou à ficção romântica. Em obras como *“Razão e Sensibilidade”* (1811), temos as irmãs Elinor, Margaret e Marianne; em *“Orgulho e preconceito”* (1813) são cinco as filhas em busca de um bom partido para o casamento, Jane, Margaret, Mary, Lydia e Lizzie e em *“Emma”* (1816), a personagem-título tenta encaminhar para o casamento sua amiga Harriet ao mesmo tempo em que “descobre” o amor e casa-se também.

Coisa que, como sabemos, reza também o rito de casamento da Igreja Católica.

Trabalhando num período posterior à análise de Macfarlane – 1837 a 1914 - o que faz com que os dois trabalhos, de certa forma, se completem – o historiador americano Peter Gay⁴⁵, em “*A paixão terna*” (1986), (segundo volume de uma série de cinco) aprofunda o exame das maneiras de amar e de exprimir e dissimular o erotismo adotadas pelas classes médias do século XIX, na Europa e nos Estados Unidos⁴⁶. Gay analisa as teorias sobre o amor vigentes no período, as fantasias culturais presentes na vasta literatura da época, as transformações por que passavam os desejos eróticos das elites culturais, as práticas amorosas consideradas pecaminosas e pervertidas, bem como a prostituição, e a função das restrições impostas pela própria burguesia

⁴⁵ Gay escreveu a coleção “*A experiência burguesa. Da rainha Vitória a Freud*”, que cobre o período de 1820 até a primeira guerra mundial. Composta de cinco alentados volumes nos quais investiga a vida erótico-amorosa da burguesia do século XIX, ou seja, das classes médias no período de ascensão ao trono da rainha Vitória, em 1837, até o início da primeira guerra mundial, este autor nos fornece um panorama amplo acerca da intimidade da vida a dois e do amor conjugal. No primeiro volume, datado de 1984, “*A educação dos sentidos*”, ele contesta as concepções tradicionais da sexualidade na era vitoriana que apresentavam o período como “*desonesto, insincero, povoado de maridos que tinham amantes e de esposas sexualmente anestesiadas*”. Baseado em cartas, autobiografias, textos médicos e relatórios sobre sexualidade, ele discute e analisa o caso de Mabel Loomis Todd, mulher casada que mantinha um relacionamento extraconjugal. O segundo volume “*A paixão terna*”, de 1986, é o que trata mais especificamente do amor, no que tange à sua teorização e às práticas amorosas. O terceiro volume “*O cultivo do ódio*”, de 1993, investiga os múltiplos significados da agressão na cultura do século XIX. O quarto volume, “*O coração desvelado*”, de 1995, enfoca o fascínio que a sociedade européia tinha em explorar sua “*vida interior*”, tendo como referência as obras de escritores e pintores variados, através das quais Gay mostra de que modo as concepções românticas acerca do eu e da interioridade se fizeram sentir nos domínios da música, da pintura, da política, da economia, da religião e da sexualidade, difundindo-se muito além dos círculos de filósofos e literatos e conquistando enormes audiências que as adotaram sem fazer grandes reservas. E, no último volume, “*Guerras do Prazer*”, de 1998, ele investiga as movimentadas disputas que envolveram a aquisição da chamada “*alta cultura*” pela burguesia do século XIX, fazendo assim, uma crônica da vida cultural nos vários estratos da classe burguesa, que longe de constituir um bloco homogêneo, trazia dentro de si um forte senso de hierarquias e distinções.

⁴⁶ Sobre este período ver ROSE, Phyllis. *Vidas Paralelas. Cinco casamentos vitorianos*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1997. Nesta obra a autora investiga o casamento de cinco escritores famosos da Era Vitoriana, formando os seguintes casais: Jane Welsh e Thomas Carlyle (1821-1866), Effie Gray e John Ruskin (1848-1854), Harriet Taylor e John Stuart Mill (1830-1858), Catherine Hogart e Charles Dickens (1835-1858) e George Eliot e George Henry Lewes (1854-1878).

à sua sexualidade. No parágrafo a seguir, que abre a obra, temos um exemplo de como este autor ilustra as características principais desse período que difere bastante do anterior - exceção feita à Inglaterra - no que se refere a supremacia das famílias nas escolhas para o casamento em detrimento do interesse dos parceiros. Segundo Gay,

“A experiência burguesa do amor no século XIX era, ao mesmo tempo, estilizada e espontânea. Eficientes instituições da classe média, desde o jantar meticulosamente orquestrado até o frio tratado entre clãs mercantis, davam ensejo a uniões apropriadas⁴⁷. Não podiam evitar que os impressionáveis se apaixonassem, mas podiam garantir que os rapazes e as moças encontrassem poucos parceiros que não fossem adequados. Era comum que aquele que se recusasse ao casamento por dinheiro e por razões de família, fosse convencido a ir onde era previsível a presença do dinheiro ou de gente de boa família. Os caminhos aceitáveis para o amor estavam claramente demarcados e eram fortemente vigiados; as penalidades acarretadas pelas alianças erradas que se ameaçavam ou se consumavam – o ostracismo, a transferência para postos distantes, a suspensão de heranças - eram extremamente duras. Mas essa própria severidade indicava a urgência das tentações. As colisões de estilos sociais, as pressões de temperamento, as inibições ou inclinações neuróticas, o encanto anárquico das paixões súbitas, explicam a variedade nos padrões do amor respeitável, e algumas surpresas. Deixavam um amplo espaço para motivações amorosas menos calculistas que a

⁴⁷ O filme “A época da inocência”, baseado no livro homônimo da romancista americana Edith Wharton e dirigido por Martin Scorsese, e no qual pontifica um jantar emblemático, retrata de forma magistral a sociedade burguesa nova-iorquina do final do século XIX, que ostentava a sua riqueza adotando o estilo de vida da antiga aristocracia dos nobres europeus, o que era identificado pela grandiosidade da mobília que decorava as casas e pelos suntuosos jantares nos quais como refere Gay, os casamentos eram arranjados e decididos pelas famílias. O filme se passa na Nova York de 1870 e conta a história de um advogado que está de casamento marcado com uma jovem da aristocracia local, quando uma condessa, prima de sua noiva, volta da Europa após separar-se de seu marido. As idéias dela chocam a tradicional sociedade americana e, ao tentar defendê-la, o advogado se apaixonou por ela, iniciando um tórrido romance que não pode ser levado adiante por conta do compromisso de casamento já assumido por ele. O elenco principal é formado por Daniel Day-Lewis, Michelle Pfeiffer e Winona Ryder.

vantagem material ou ascensão social. O impulso passou a prevalecer cada vez mais sobre a defesa (p. 9)”.

Em sua análise, Gay ilustra o quanto o século XIX foi fértil em teorizar e, portanto, em falar sobre o amor. Assim, diz ele, aqueles que pensaram o amor no século XIX *“não eram simplesmente adversários, mas também ingredientes da cultura burguesa. Projetavam e organizavam as aspirações burguesas, bem como os medos burgueses, davam voz a fantasias mudas ou toscamente formuladas do desejo”* (p.46). O princípio essencial que aglutinava todos era de que *“o verdadeiro amor é a conjunção da concupiscência com o afeto”*. Esses dois elementos - afeto e sensualidade – formavam um ideal que se fazia presente desde a antiguidade; apesar disso, a natureza do amor continuava a fazer parte do debate dos teóricos sobre ele que, segundo Gay, formavam três grupos: aqueles que *“...situavam as origens do amor na aspiração do homem por esferas mais altas, outros em sua capacidade de auto-iludir-se, outros ainda em seus instintos animais”* (p.47). Assim, nos extremos, encontravam-se as noções de benção celestial e de veneno e no centro, uma vasta corrente que constituía a maioria, *“...uniu-se em torno da proposição de que a atração libidinosa mútua entre dois seres adultos precisa incluir grandes doses de estima, admiração e ternura para poder ser qualificada de amor”* (idem).

Vale ressaltar com Gay, que essas visões não foram construídas nesse período, mas vinham sendo gestadas desde a antiguidade e faziam parte dos valores cristãos que continuavam a dominar as vidas dos burgueses do século XIX, como ainda influenciam, em maior ou menor medida, as vidas dos homens e mulheres de hoje. Desta forma, seja no cristianismo com sua casuística em torno do sexo, do casamento e do amor (BROWN, 1990; ÀRIES, 1987, VAINFAS, 1992), seja no protestantismo ou no puritanismo, o fato é que a influência das definições religiosas deixou como herança *“depósitos de culpa*

e de depressão” em muitas das mentes que viviam nesse período. As conseqüências disso eram evidentes como enfatiza Gay:

“(...) elas (as doutrinas religiosas) subordinavam a concupiscência ao afeto no casamento legal, para toda a vida, e estabeleciam mais uma vez o princípio de que o desejo erótico só é permissível quando voltado para a procriação de filhos. Essa perspectiva funcionava, para a maioria dos burgueses, como um ideal regulador, embora nem sempre atingível” (p. 50)

Em contrapartida, estas visões tinham seus críticos. Assim, as definições religiosas dominantes do amor eram atacadas de duas direções: pelas tradições do iluminismo e pelo movimento romântico. Os filósofos iluministas, cujas subversões das prescrições amorosas cristãs eram levadas às últimas conseqüências, se colocavam claramente contra o cristianismo, por considerar que este era dado à superstição e à produção de mitos, rejeitando as explicações científicas e fazendo, por seu turno, o elogio da paixão erótica.

Por sua vez, os românticos não contagiavam a todos com suas idéias, apesar disso, essas idéias suscitavam fantasias nostálgicas e sugeriam ações encaradas por alguns como realistas. A celebração romântica do amor que o valorizava mais do que o próprio objeto amado deu ao romantismo sua popularidade duradoura. Desta forma, afirma Gay,

“a percepção popular do ‘amor romântico’ que conjura heróis ardentes, heroínas pálidas, cenários exóticos, natureza tempestuosa, obstáculos cruéis e mortes profundamente satisfatórias é, embora degradada, uma condensação fiel, de uma forma tosca e apressada das preocupações românticas e das concepções do Romantismo. A associação íntima e opressiva entre o amor e a morte, acima de tudo, foi um sedutor tema romântico que conquistou popularidade enorme e duradoura, apelando a uma necessidade latente

dos leitores do século XIX de regredir para as alegrias indiferenciadas do início da vida”. (p. 53-54).

Atravessando o Atlântico e saindo do contexto europeu em direção ao da realidade brasileira – que, como sabemos, sofria seus reflexos – temos a obra de Del Priore (2005)⁴⁸ cuja ênfase está no fato de que o amor e suas práticas se transformam ao longo do tempo e de que cada cultura reserva a ele um espaço privilegiado em seu sistema representando-o a seu modo. Utilizando uma cronologia que vai desde o descobrimento do Brasil até os dias atuais, esta autora apresenta um amplo painel das características peculiares a cada período histórico – nos diversos segmentos sociais - e das numerosas transformações ocorridas no campo dos costumes e da vida privada da qual o amor faz parte.

Neste sentido, ela faz uma síntese:

“É como se tivéssemos passado de um período em que o amor fosse uma representação ideal e inatingível, a Idade Média, para outra em que se vai tentar, timidamente, associar espírito e matéria, o Renascimento. Depois, para outro, em que a Igreja e a Medicina tudo fazem para separar paixão e amizade, alocando uma fora, outra dentro do casamento – a Idade Moderna. Desse período, passamos ao romantismo, do século XIX, que associa amor e morte, terminando com as revoluções contemporâneas, momentos nos quais o sexo se tornou uma questão de higiene e o amor parece ter voltado à condição de ideal nunca encontrado” (p. 14).

⁴⁸ DEL PRIORE, Mary. *História do amor no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2005. Esta historiadora brasileira com o intuito de contar a história do amor no Brasil constrói, a partir de bases históricas, um panorama das questões mais importantes referentes às práticas, aos modos, às idéias e ao imaginário amoroso, cobrindo o período de quatrocentos e cinquenta anos desde o descobrimento até o final do século XX. Utilizando fontes documentais as mais variadas (obras literárias, iconografia, poesia e poemas, epístolas, cartas, correspondência pessoal, diários íntimos, jornais, músicas, canções da literatura popular, etc.), realizando um esforço semelhante àquele feito por Macfarlane e Gay, ela reconstrói, diacronicamente, a história do amor na sociedade brasileira, embora, especialmente no caso do segundo, com extensão muito mais reduzida em termos das diferentes referências e da própria escrita.

Trabalhando com fontes documentais, a autora chama atenção para uma dicotomia que atravessa a maior parte delas e que opõe o amor nas práticas – enraizado nas realidades de uma sociedade biológica e culturalmente mestiça - e o amor idealizado, baseado na idéia de sublimação fortemente presente no imaginário do sentimento amoroso, o que remete para um reflexão em torno do amor romântico, tão conhecido de todos nós, seja como ideário e/ou como prática, como já disse antes.

Uma “breve” parada: o amor romântico

Existe muita teorização em torno do amor romântico. Costa (1988), sobre este aspecto, chega a afirmar que “(...) de Platão a Octavio Paz, já se comentou tanto sobre o assunto quanto sobre o bem e o mal, a vida e a morte” (p. 131-132), no que de fato ele tem razão. Não pretendo neste item fazer uma análise exaustiva dessa questão, mas apenas pontuar alguns aspectos de maior relevância e para isso recorro a um conjunto de autores que oferecem importantes elementos de reflexão em torno deste tema, que ganha espaço privilegiado em suas análises.

Tomo com ponto de partida, a obra “*L’amour et l’occident*” no original francês, de Denis de Rougemont (2003), publicada pela primeira vez em 1939. Esta obra tornou-se um clássico sobre as origens do amor romântico na cultura ocidental⁴⁹ e um marco para os estudos sobre o amor, ainda que sua tese, que associa amor e ocidente, seja contestada como já foi abordado anteriormente.

⁴⁹ Enquanto a publicação do original no francês data de 1939, e se intitula “*L’amour et l’occident*”, em inglês esta obra foi editada no ano de 1956 e recebeu o título de “*Love in the western world*”; já a edição brasileira que é muito recente, do ano de 2002, traz como título “História do amor no ocidente”. Rougemont, filósofo e ensaísta suíço, se tornou consagrado com essa obra em que analisa temas como o amor na sociedade ocidental, cuja origem ele associa intimamente ao mito de “*Tristão e Isolda*”, explorado de forma privilegiada no livro em relação a outras obras literárias consagradas ao tema do amor que ele refere em menor medida; além desta questão, ele enfoca a poesia trovadoresca, o conflito entre paixão e casamento, a relação amor-morte, dentre outros temas.

Seu argumento é de que o imaginário da paixão nasce com a poesia provençal do século XII e que coincide com um movimento herético radical, realizado pelos cátaros, ascetas que condenavam o casamento mas que haviam fundado uma igreja do amor que se opunha à igreja de Roma e que rapidamente difundiu-se para a França, Itália, Espanha e de lá para toda a Europa. Rougemont defende a idéia de que foi na idade média que se constituiu toda a retórica do amor-sofrimento, exclusivo, apaixonado que se encontra na base da concepção de amor que, ainda hoje, cultivamos como ideário e/ou como prática – ou pelo menos como projeto ideologicamente buscado (LUHMANN 1982; LOBATO, 1997; LASCH 1999; COSTA, 1999; HEILBORN, 2004a; GIDDENS, 2002; DEL PRIORE, 2005).

Rougemont analisa o tema do amor cortês e o considera predecessor do amor-paixão- romântico em seu aspecto de culto ao sofrimento. Segundo ele,

“o amor feliz não tem história. Só existem romances do amor mortal, ou seja, do amor ameaçado e condenado pela própria vida. O que o lirismo ocidental exalta não é o prazer dos sentidos nem a paz fecunda do par amoroso. É menos o amor realizado do que a paixão de amor. E paixão significa sofrimento⁵⁰. Eis o fato fundamental”

Entre nós, Costa (1999)⁵¹, quando trata em seu ensaio, da relação do sofrimento com o amor-paixão, destaca um outro elemento importante do amor cortês: a laicização do objeto de amor, segundo a qual *“a imagem da Dama, da*

⁵⁰ Segundo o Novo Dicionário Aurélio eletrônico, a palavra paixão vem do latim *passione* e possui vários significados dentre os quais destaco: 1. sentimento ou emoção levados a um alto grau de intensidade, sobrepondo-se à lucidez e à razão; 2. Amor ardente; inclinação afetiva e sensual intensa; 3. Desgosto, mágoa, sofrimento;

⁵¹ COSTA, Jurandir Freire. *Sem fraude, nem favor. Estudos sobre o amor romântico*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999. Médico, psicanalista e pesquisador, nesta obra toda dedicada à análise ao amor romântico, o autor apresenta vários ensaios que foram fruto de uma pesquisa sobre sexualidade e amor, realizada no Instituto de Medicina da UERJ. Segundo ele, o amor é uma crença emocional e com tal pode ser mantida, alterada, dispensada, trocada, melhorada, piorada ou abolida. Mas, para que isso ocorra, diz ele, é preciso romper com a culpabilização dos indivíduos pelos fracassos de amor e com a idéia de que a paixão amorosa é um desvario institucionalizado.

Senhora, passa a substituir o lugar de Deus como objeto de desejo” (p.40).
Além disso, continua ele,

“ao dissociar a idéia de amor, não só do Supremo Bem mas também do vínculo conjugal, o amor cortês preparou as condições culturais para a explosão do amor-paixão romântico séculos mais tarde. Junto com a mística cristã, a revolução amorosa das sociedades de cortesia pode ser tida como o verdadeiro precursor e o tesouro de imagens que fornecerão muitos dos clichês do romantismo amoroso do fim do século XVII e início do século XIX” (p. 41).

Um outro autor que tem privilegiado a temática do amor romântico é Giddens (1992)⁵² cuja obra enfoca a questão da sexualidade, do amor e do erotismo na sociedade ocidental e discute amplamente o ideal do amor romântico – que, segundo ele, começa a marcar sua presença a partir do final do século XVIII - e sua influência nos relacionamentos de homens e mulheres. Este autor contrapõe ao amor romântico uma categoria de amor denominada *amor apaixonado*, através do qual se estabelece uma conexão entre amor e ligação sexual. Segundo ele,

" O amor apaixonado é marcado por uma urgência que o coloca à parte das rotinas da vida cotidiana (...) O envolvimento emocional com o outro é invasivo - tão forte que pode levar o indivíduo ou ambos os indivíduos, a ignorar suas obrigações habituais. (...) Tem uma qualidade de encantamento que pode ser religiosa em seu fervor. Todo

⁵² GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade. Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Editora UNESP, 1993. Considerado um dos sociólogos mais profícuos da atualidade, quer seja pela qualidade e temática de sua obra, quer seja por suas convicções políticas, este autor inglês tem contribuído largamente para a interpretação da teoria sociológica clássica. Crítico da chamada pós-modernidade, Giddens prefere falar na reflexividade da modernidade e na modernidade tardia, marcada pela radicalização e globalização de traços básicos da modernidade. Neste livro, o autor questiona muitas das interpretações correntes a respeito do papel da sexualidade na cultura moderna. Seu objetivo é definir os contornos da nova configuração da subjetividade que acompanha essa mudança radical na esfera da sexualidade, cuja plasticidade é fundamental para a construção de uma noção ampliada de democracia.

... mundo parece de repente viçoso, embora talvez ao mesmo tempo não consiga captar o interesse do indivíduo que está tão fortemente ligado ao objeto de amor. (...) É perturbador das relações pessoais, (...) arranca o indivíduo das atividades mundanas e gera uma propensão às opções radicais e aos sacrifícios. Por essa razão (...) é perigoso", (p.48)

O amor romântico embora tenha incorporado alguns elementos do amor apaixonado difere deste que, se por um lado sempre foi libertador, na medida em que quebrava a rotina e o dever, por outro e, em função disso, sempre se manteve à parte das instituições existentes. Além disso, embora o amor romântico implique em atração instantânea, esta tem que ser completamente separada das compulsões sexuais/eróticas que caracterizam o amor apaixonado. Giddens enfatiza que o amor romântico estabelece um vínculo do amor com a liberdade, ambos sendo considerados estados normativamente desejáveis (ver DEL PRIORE, 2005). Nele, o amor sublime predomina sobre o ardor sexual; ele rompe com a sexualidade, embora a abarque; a "virtude" assume um novo sentido, não mais implicando apenas em inocência, mas em qualidades de caráter que tornam a outra pessoa distinguível das demais (p. 50-51).

Ademais, o amor romântico é essencialmente um amor feminilizado, estando sua gênese ligada a um conjunto de influências que afetaram as mulheres a partir do final do século XVIII. Giddens destaca três grupos de influências: a criação do lar, a modificação nas relações entre pais e filhos e a maternidade. Os dois primeiros grupos de influências estão relacionados ao fato de que – como é de conhecimento geral em nossa sociedade - até pelo menos o final do século XIX, o domínio do homem sobre a mulher era quase que ilimitado e plenamente justificado pelas ideologias e leis vigentes. Todavia, o domínio direto do homem sobre a família começa a declinar quando ele deixa de ser o centro do sistema de produção devido a separação entre o lar e o local

de trabalho, o que ocasiona um maior controle das mulheres sobre a criação dos filhos. Com isso reforçou-se a imagem da “*esposa e mãe*” e a separação dos domínios de um e de outro sexo assim como a associação da maternidade com a feminilidade se tornou quase que um traço da personalidade feminina.

Nesse mesmo curso a separação de esferas de ação entre homens e mulheres colocou o amor dentro do universo feminino. Os ideais românticos estavam relacionados à subordinação da mulher ao lar e ao seu relativo isolamento do mundo exterior, mas ao mesmo tempo propiciaram a esta o desenvolvimento de novos domínios de intimidade, pois aqueles ideais tornaram-nas “*especialistas do coração*” permitindo partilhar (diferentemente dos homens) um íntimo contato entre elas mesmas em condição de igualdade pessoal e social. As mulheres se tornaram confidentes e a amigas entre elas teria ajudado a superar problemas e desapontamentos no casamento.

Este é o período – do início do século XIX até o final dele - do consumo ávido de novelas e histórias românticas por parte das mulheres, o que reforçava os ideais *do amor romântico*, ao mesmo tempo em que introduzia elementos não vivenciados no cotidiano e que até mesmo constituíam uma espécie de recusa da realidade vivida. Gay, de quem já falei antes (p. 49-52), destaca que na visão romântica do amor há um exacerbamento não tanto do objeto que se ama, mas do próprio amor (ver Del Priore, 2005, D’Incao, 1989) – e se considerarmos que é esse o momento, também, da construção da reflexividade, da “*descoberta*” (construção) do eu e de um coração para amar, sofrer e morrer por amor, o até hoje tão presente “*broken heart*” das canções americanas – essa postura ganha uma dimensão mais ampla. A idéia de “*amor eterno*” e sua associação com o tema da morte deu mote para muito do que foi produzido na ficção romântica, pois como ressalta Gay “...*mesmo quando aparentemente o enredo versava sobre alguma outra coisa, era o amor que puxava os cordões nos bastidores*” (p. 121). Este tipo de literatura era marcado,

com já foi dito antes, pela presença constante de heróis ardentes, heroínas pálidas, cenários exóticos, natureza tempestuosa, obstáculos cruéis e mortes. E o curioso é que “a história de amor tinha um interesse absorvente para todos, uma vez que era a história de todos, fosse ela estimulante ou enfadonha, real ou imaginária, um convite à experimentação ou um remédio para a ansiedade” (p. 123). Algo tão diferente das relações amorosas exploradas nos romances atuais de que são exemplo, entre tantos outros, “Divórcio em Buda”, de Sándor Marai (1993), “Memória inventada”, de Érica Jong (1999), “Casa de Família”, de Bonnie Burnard (2001) e “O que eu amava”, de Siri Hustvedt (2004).⁵³

Em seu ensaio sobre o amor romântico e a família burguesa, D’Incao (1989)⁵⁴ analisando o contexto da realidade brasileira – sem esquecer do movimento geral que envolveu a sociedade de forma mais global - afirma que no decorrer do século XIX houve uma mudança de sensibilidade em relação ao que se chama ora de amor, ora de sexualidade, que ocasionou um afastamento dos corpos que se amam, os quais passaram a ser mediados por um conjunto de regras prescritas pelo amor romântico. Esta autora, investigando a literatura ficcional brasileira dos séculos XVIII e XIX, encontra referências claras a uma aproximação física entre namorados, ainda que, por outro lado, a vigilância com que eram tratadas as mulheres e a valorização

⁵³ Todos estes romances tratam, entre outras coisas, das relações amorosas modernas e mostram as novas configurações que os relacionamentos têm assumido na atualidade, bem como os conflitos e tensões resultantes delas.

⁵⁴ Esta autora tem trabalhado com o tema do amor no Brasil em várias de suas publicações que se tornaram uma referência importante nesta área. Em “Amor e família no Brasil” (1989), realizou um trabalho pioneiro de organização de um livro que visava compreender e explorar as relações existentes entre um certo tipo de amor, no caso em questão, o amor romântico e a família burguesa. Os diversos artigos que compõem a obra versam sobre essa relação e o debate envolve vários campos do conhecimento como a antropologia, a história, a sociologia a psicanálise e a área de letras, tornando-se, assim, uma referência importante nessa área. Num artigo publicado em 1995, “Sobre o amor na fronteira”, D’Incao analisa as relações de gênero na Amazônia focando a questão da intimidade, da sexualidade e da moralidade peculiar a esta região do país. E num outro trabalho, “Sentimentos Modernos” (1996) ela procura compreender as mudanças que ocorreram na família a partir análise da literatura brasileira urbana desde 1840 até o começo do século XX.

extremada da virgindade, principalmente nas classes altas, funcionasse como uma garantia do status da noiva, encarada como um objeto de valor econômico e político sobre o qual se assentava um sistema de herança de propriedade.

O fato é que, ainda que o amor romântico possa ser localizado, em suas origens, enquanto ideário, ele se propagou amplamente e serviu e continua servindo como modelo de referência quando pensamos, falamos e procuramos viver uma história de amor⁵⁵.

Finalizando (por ora) essa conversa sobre amor

Quando me propus a estudar o tema do amor, parti das considerações feitas por um grupo de pessoas - nos idos do ano de 1995 – nas quais identifiquei uma permanente associação da idéia de amor no casamento com outros sentimentos, o que dava a ele um caráter englobador. Ouvindo meus entrevistados de hoje falando especificamente de amor, percebo que estas associações aparecem novamente (parece ser difícil falar de amor sem referências), porém pude observar, também, a existência de um nível de elaboração em torno do tema que permite, por exemplo, que se identifique a presença de um modelo pelo qual se anseia (em certa medida), expresso pelo desejo de um parceiro que possui características ideais ou por uma relação pautada em determinados princípios. Tal como foi visto em ALMEIDA (1996), GOLDENBERG (1991, 2004), HEILBORN (2004a), MATOS (2000), SALEM (2007), TORRES (2000), VAITSMAN (1994) e em todos os autores ou autoras (estas em sua maioria), que têm discutido a temática com base em dados de

⁵⁵ No momento mesmo em que estava escrevendo este parágrafo, um conhecido chegou em casa para nos entregar (a mim e a meu marido) o seu convite de casamento civil que dizia o seguinte: “Escolhemos 2008 para o nosso ano, setembro para o nosso mês, 12 para o nosso dia, 20:30 horas para o nosso encontro, onde vocês nos verão solteiros pela última vez, casados pela primeira vez, e ... **Felizes para sempre!**” (grifo meu). O referido casal iria completar nove anos de namoro na véspera do casamento e se situava na faixa de 24 a 30 anos, ou seja, foi um casal que foi socializado na segunda metade do século XX e início do XXI e, tal como estamos falando, adota para se referir a nova fase de amor que irá viver, um trecho do refrão mais repetido da literatura amorosa de todos os tempos.

campo; princípios estes que não se atualizam no cotidiano do relacionamento, o que pode provocar tensões e conflitos – que é bom lembrar são parte constituintes deste - e/ou novas configurações no relacionamento que satisfaçam o par.

A fala de uma entrevistada heterossexual acerca do que é o amor, pode ser bem representativa do que está sendo tratado. Disse ela o seguinte:

“(...) o amor é...algo...que não é tangível, que não é palpável e ao mesmo tempo eu acho assim que eu enfeito muito o que seja esse amor, sinos tocando quando eu vejo ele, violinos e não sei o quê. E sinto dificuldade com isso, porque não é sempre assim, não é todo dia assim. Então, acho que parte da minha visão é romântica, mas...que eu sei que eu não consigo no dia-a-dia, mas é a busca disso. E eu defino a minha relação de amor com ele nesses aspectos, na impossibilidade de ter todo dia o romantismo, em função mesmo da vida que a gente tem, de filho, de pensar em questões da casa, de pensar em questões práticas. O que eu tenho em relação a ele é essa sensação, esse sentimento da ... do carinho, de compartilhar as minhas coisas, as coisas dele e fazer disso as nossas coisas. (...)Então, essa primeira visão do que é amor pra mim eu não consigo viver muito de acordo com o que eu idealizo”.

Mais adiante, quando eu retomo essa visão idealizada que ela expressou do amor, ela reforça o que havia dito antes:

“Quando eu penso em amor, eu penso em cena de cinema (risos), eu penso assim, não ter um contexto meio caótico no entorno e assim...a gente poder ter condições de viver a relação sem se preocupar com outras coisas, com a questão prática: olha... quem vai pagar, quem vai pegar o filho na escola, quem vai isso, quem vai aquilo e o horário, tu tens que dar aula nesse dia à noite eu vou dar aula nos dias que tu tiver em casa, negociações...e na minha cabeça quando eu penso em amor não vem nada disso, vem assim: um homem, uma mulher (como no célebre filme de Claude

Lelouch, que se chama exatamente assim, “*Un homme et une femme*”, ganhador da Palma de Ouro do Festival de Cannes de 1966), *uma coisa bem assim padrão, um homem e uma mulher, é...juntos, não necessariamente se beijando, mas assim...pôr de sol, tranqüilo, olhando juntos pra mesma direção. Essa é a visão que eu tenho de amor, é o que eu imagino que seja...É extremamente idealizada*”.

A fala desta entrevistada - exemplar, mas não exclusiva - expressa com muita clareza um traço bastante característico das parcerias amorosas que investiguei e que, para mim, constituiu um ponto chave da análise que empreendi: o fato de que estas parcerias elaboram e dão sentido, assim como vivem a experiência amorosa de forma diferenciada, sem necessariamente se vincular a um modelo específico, ainda que este esteja presente – ou pelo menos parte dele, de forma consciente ou não em suas cabeças, como se vê na fala acima – e seja, de certa forma, partilhado pelo grupo.

A partir dos meus dados de campo que discutirei amplamente nos capítulos que completam esta tese, gosto de pensar no que diz Costa (1999) ao se referir ao amor, pois, de certo modo, encontro uma correspondência entre o que ele enuncia e aquilo que vi, ouvi, senti e vivi junto às parcerias amorosas que “*elegi*” para este estudo. Segundo ele:

“(...) O amor é uma crença emocional e, como toda crença, pode ser mantida, alterada, dispensada, trocada, melhorada, piorada ou abolida. O amor foi inventado como o fogo, a roda, o casamento, a medicina, o fabrico do pão, a arte erótica chinesa, o computador, o cuidado com o próximo, as heresias, a democracia, o nazismo, os deuses e as diversas imagens do universo. Nenhum de seus constituintes afetivos, cognitivos ou conotativos é fixo por natureza. Tudo pode ser recriado, se acharmos que assim deve ser, em função do que julgarmos melhor para todos e cada um de nós” (p.12).

O fato é que desde que o amor foi “*inventado*” (tal como o conhecemos) as pessoas o estão vivendo e aqueles que o estudam teorizando sobre ele. Em ambos os casos - o viver e o teorizar - não estão apartados um do outro e, sim, imbricados. Podemos pensar com Duarte (1999) que seja de fato razoável, como ele próprio diz, levantar a hipótese de que:

“ participamos de um sistema de significação específico a que se pode chamar, tentativamente, de ‘cultura ocidental moderna’, que implica uma certa maneira de perceber e compreender os fenômenos de nossa vida e, sobretudo, de imaginar que podemos perceber e compreender os fenômenos das outras culturas. Somos partícipes, elementos desse ente, dessa instituição específica que nos dá autoridade. Nós a cada geração, internalizamos, portamos, praticamos e transmitimos tais valores a nossos descendentes” (p. 22).⁵⁶

Sobre este aspecto, Torres (2000) destaca que na teorização em torno do amor existem dois temas que atravessam e aproximam as propostas da maioria dos autores. Um deles diz respeito à ideia de que a crescente individualização, representando maior margem de liberdade e de escolha no plano das relações conjugais e familiares cria, por sua vez, dificuldades novas que passam a ser visíveis através das interinfluências que se estabelecem entre vida pessoal, intimidade e estruturas ou sistemas sociais, o que torna difícil pensar a vida cotidiana fora de seus contextos de ocorrência. E o segundo tema, que se refere aos efeitos da tendência para igualdade entre homens e mulheres na forma como se vive as relações, sejam elas familiares, conjugais ou amorosas (p. 153).

Esses elementos “*novos*” que surgem, e seguindo o curso desta interpretação, tornam ainda mais complexa a vivência cotidiana do amor, exigindo que os pares encontrem, dentro mesmo do espaço da intimidade,

⁵⁶ Como pude mostrar vividamente no relato sobre a menina que inicia esta tese.

formas as mais diversas de mantê-lo, o que parece ser um aprendizado constante, como disse um entrevistado homossexual com cuja fala encerro este capítulo. Disse ele:

“Então eu digo assim, que nesse processo que a gente tá há vinte e dois anos, até hoje a gente tá aprendendo um com o outro. ‘Eu não sabia isso de ti’, ele diz, e eu digo: ué, tá sabendo agora...! (risos). Então, são coisas assim que a gente vai descobrindo, acha que já sabe tudo, mas que não sabe e são coisas que a gente vai aprendendo um com o outro, o outro vai te ensinando uma coisa e o outro vai aprendendo. Eu não sabia dessa tua história...É assim! É saber conviver. Essa relação de amor é essa relação de troca, de troca constante e nem todo mundo sabe lidar com essa troca e de saber conviver nessa transformação desse amor. É como ele colocou: ah! tu vai ficar comigo até nós ficarmos velhinhos juntos...É! Se nós ficarmos velhinhos, até com uns noventa e cinco anos e olha que eu malho pra não ficar um velho todo entrevado, né? (risos gerais). Mas, se a gente ficar bem velhinhos juntos, até lá vai ser uma relação diferente, a gente vai ter uma relação...o amor vai ser diferente do início...”

O capítulo a seguir visa apresentar as questões relativas à pesquisa de campo que considero fundamentais na medida em que irão dar ao leitor a visão de contexto tão necessária ao entendimento da ideia de amor e da vivência amorosa, aspectos que constituem o eixo central deste estudo.



II. EM CENA: “De amores e de paixões: a trajetória de uma pesquisa”

No capítulo anterior, já referi em parte o percurso que fiz até chegar à definição do meu tema de Tese. Pretendo agora tratar de minha trajetória de campo, pontuando os caminhos que trilhei, os encontros e desencontros com meus interlocutores, as inúmeras escolhas que fiz e que tive que fazer, ou seja, enfocando as principais etapas do percurso metodológico adotado a fim de dar ao leitor uma visão, ainda que limitada, do que é uma pesquisa de campo (melhor dizendo, do que foi esta pesquisa de campo) e do esforço etnográfico que empreendi na construção deste trabalho. Organizei este capítulo utilizando como metáfora a narrativa de uma peça teatral onde irei apresentar e descrever os atores, o cenário, o enredo e a platéia. Antes, porém de contar essa história teço algumas considerações sobre questões que avalio como de relevo para qualquer pesquisa etnográfica.

Começo por dizer que uma das marcas da Antropologia tem sido, justamente, como faço aqui, a reflexão em torno do trabalho de campo e, mais recentemente, a incorporação da discussão acerca dos envolvimento subjetivos do antropólogo nesta experiência (SCHWADE E LAGO, 2006). Falar da experiência vivenciada em campo implica, portanto, em fazer contato com os medos (BONETTI, 2006), receios, ansiedades, surpresas, decepções, descobertas, alegrias, ou seja, com toda a carga subjetiva que uma experiência deste teor mobiliza e que Da Matta (1978), há mais de três décadas, tão bem denominou de *“hóspedes não convidados da experiência etnográfica”*.

Bonetti (2006), considera importante salientar que, embora a subjetividade sempre tenha estado presente no desenvolvimento da pesquisa etnográfica, nem sempre ela gozou de um estatuto positivo e frequentemente

esteve intimamente associada à noção de deslocamento físico-geográfico considerado crucial na constituição da disciplina antropológica, principalmente a partir da sistematização do método etnográfico feita por Malinowski (1922) e que, ainda hoje, serve de modelo de referência nas pesquisas de campo. Neste contexto, o processo de imersão em um outro universo completamente diferenciado da cultura original do antropólogo acarretaria, sem dúvida, impactos subjetivos e um descentramento de si que propiciaria o desencadeamento de emoções e sensibilidades no etnógrafo, como enfatizou Lévi-Strauss (1996[1955]), as quais ainda que presentes nem sempre eram expostas e tratadas como dados etnográficos, como nos acenou Da Matta (1978) com seu tão conhecido “*anthropological blues*”.

Se considerarmos, como Velho (1987), que este descentramento de si não é um privilégio do deslocamento geográfico, esta discussão torna-se vivamente pertinente também para aqueles que transitam em universos “*familiares*” - meu caso particular - e que, portanto, precisam lidar com a distância social e a distância psicológica a que este autor se refere, que produzem, por sua vez, descontinuidades entre os mundos do pesquisador e de seus interlocutores.

Um outro lado desta discussão é apresentado por Moutinho (2004), segundo a qual os textos antropológicos são até certo ponto “*místicos*” em relação à questão da empatia entre pesquisador e interlocutores, quando na verdade nem sempre isso se dá, como aconteceu com ela que diz: “*(...) sempre respeitei meus entrevistados - suas percepções, dramas, perdas e ganhos - porém nem sempre conseguimos estabelecer uma relação de empatia ou mesmo de admiração*” (p. 273). E, se pensarmos no diário póstumo de Malinowski (1997), esta questão ganha ainda maior pertinência. Isso para não chegar no exemplo talvez mais radical de Napoleon Chagnon, o antropólogo americano que estudou na década de 1960 o grupo lanomâmi e

defendeu a polêmica tese que este é um “*povo feroz*”, cujos membros mais bem-sucedidos são justamente aqueles mais violentos.

Estas questões me parecem importantes de serem postas em pauta aqui, na medida em que trazem à tona a complexidade da pesquisa etnográfica, seja ela realizada em contextos “*exóticos*” ou em universos familiares. O fato é que esta experiência implica num investimento que mobiliza uma carga objetiva e subjetiva decisiva na obtenção dos resultados esperados. Assim, este capítulo, em especial, visa dar conta das questões objetivas relativas ao trabalho de campo, nas quais a subjetividade está imbricada de tal maneira que se torna impossível dissociá-las o que, segundo penso, constitui mesmo a riqueza da experiência antropológica.

Para estudar o tema em foco – o amor no contexto de uma parceria amorosa, o discurso dos parceiros sobre ele e sua prática cotidiana – optei por trabalhar com o universo hetero e homossexual⁵⁷, como já referi no capítulo I. A

⁵⁷ Ao longo da tese utilizo os termos homossexualidade/homossexual/heterossexualidade/heterossexual apesar de estar ciente de toda a discussão que existe em torno destes termos e da idéia de homoerotismo, em especial, discutida por COSTA (1992) e que aqui situo brevemente. Este autor em suas obras utiliza o termo homoerotismo e se justifica dizendo: “*quando empregamos a palavra ‘homossexualidade’, inevitavelmente pensamos em duas coisas: ou que o ‘homossexualismo’ é uma condição natural, um tipo específico de sexualidade comum a certos indivíduos, em qualquer período histórico ou circunstância cultural, ou então que se trata de uma ‘condição psicológica’ igualmente universal e típica de certos sujeitos. Assim, usei o termo homoerótico para aludir ao que designamos como ‘homossexualidade’, e procurar evitar que o leitor moderno, preso aos nossos hábitos, desse o sentido de ‘homossexualidade’ a quaisquer práticas eróticas entre indivíduos do mesmo sexo biológico*”. Certamente, não se pode deixar de concordar com Costa neste sentido e, também, em sua afirmação de que “*Seria intolerante, injusto, violento e falso dizer que todas as pessoas que usam a palavra homossexual são preconceituosas. O que digo é que, independente da intenção de quem fala, o termo toma um sentido que desqualifica moralmente o homoerotismo, como sendo um desvio, uma anormalidade, uma doença, um vício, uma perversão. E tem este sentido porque foi criado e inventado (no século XIX, através de uma concepção médico-sexológica) para ser usado com este sentido*”. Todavia, tal como considera PAIVA (2007), o discurso articulado é mais importante que as palavras e entre o grupo por mim entrevistado foi corrente o uso dos termos homossexualidade/heterossexualidade que utilizo ao longo desta tese que procura, entre outras coisas, desconstruir as idéias preconcebidas e preconceituosas em torno das práticas amorosas das ou entre as categorias homem-homem, mulher-mulher e homem-mulher.

opção de trabalhar com o universo homossexual deu-se, entre outras razões, pela emergência, no final da década de noventa, do que se pode designar de “*novas conjugalidades*”, ainda que se saiba que, na verdade, o que estamos fazendo é olhar sob outra perspectiva essas “*novas*” identidades que apesar de sempre (ou de alguma forma) existirem não eram levadas em consideração e nem sequer estas relações eram vistas e nomeadas como conjugalidade, à medida em que não as enxergávamos dessa forma; além disso (e por conta disso), elas não tinham a visibilidade que, neste particular campo, passaram a ter, inclusive no sentido de serem contempladas na bibliografia antropológica de referência sobre família e parentesco, como bem destaca Grossi (2003).

Por outro lado não se pode deixar de considerar, como o faz Matos (2000) que é inegável que esteja em curso em nossa sociedade, um processo “*de superação ou ultrapassamento de valores que ‘tradicionalmente’ orientavam o comportamento pessoal e social*” (p.18-19), em especial, naquilo que ela passou a denominar de “*alternativas de conjugalidade e transformação das identidades e culturas de gênero*”, configurando, desta forma, a coexistência sempre conflituosa entre tradição e modernidade e dando margem à emergência de novos desafios ao relacionamento amoroso homo e heterossexual.

Penso, desta maneira que, assim como a introdução da categoria gênero nos estudos realizados a partir das décadas de setenta/oitenta do século XX possibilitou, entre outras coisas, o alargamento de nossa compreensão acerca dos complexos processos que dão sentido e significado a vida a dois, a articulação dos universos homo e heterossexual possibilitou uma maior compreensão do fenômeno a ser estudado. Além disso, trabalhar com estes três universos me permitiu estabelecer uma equivalência entre tais

modalidades (homo – “gay” e “lésbica”⁵⁸ – e heterossexual), pois como destaca Heilborn (2004a[1992]) *“a fórmula conjugal não aufere da mesma representatividade nas três possibilidades de conjugação de casal”* (p.13).

Um outro aspecto a ser ressaltado é que meu interesse em investigar o universo das camadas médias urbanas da cidade de Belém constituiu um desdobramento em relação aos estudos que tenho realizado, como salientei anteriormente. Certamente, este segmento social, como já foi assinalado, entre outros, por Velho (1987), Lins de Barros (1987), Salem (1989), Vaitsman (1994), Heilborn (2004a), Motta-Maués (2004) e Goldenberg (2004) possui algumas especificidades dada a pluralidade de visões de mundo e de estilos diferenciados de vida, caracterizando-se, essa camada, portanto, pela heterogeneidade.

Meu universo de pesquisa abrangeu dez parcerias estáveis - três heterossexuais, três homossexuais femininas e quatro masculinas⁵⁹ - definição esta feita pelo tempo mínimo de um ano de relação ou pela própria consideração dos entrevistados acerca da estabilidade do seu relacionamento.

Um outro aspecto que considero importante registrar aqui é que as escolhas metodológicas que fiz tiveram como referência alguns trabalhos que também investigam os segmentos médios urbanos e enfocam temas que se afinam, de alguma forma, com o que estou estudando. Todavia, estes trabalhos possuem algumas especificidades que dão a eles uma feição muito particular

⁵⁸ “Gay” e lésbica” são os termos mais comuns utilizados na literatura que trata de questões em que estes universos são mencionados e também são termos de auto-referência adotados por grupos homossexuais, inclusive, por aqueles com os quais estou trabalhando. Apesar disso, utilizarei mais frequentemente a nomenclatura homossexual – feminino ou masculino – e heterossexual.

⁵⁹ No caso masculino o número é maior porque uma das parcerias desistiu ao longo do processo e tive que substituí-la por outro par. Apesar disso, diante do rico material que já havia sido coletado antes da interrupção das entrevistas, optei por utilizá-lo ainda que, vamos dizer assim, estivesse incompleto, se comparado com os demais.

num outro tipo de curso de estudo e, neste sentido, os distanciam do que estou fazendo; o que não impede que se estabeleça, com eles e a partir deles, um diálogo e uma reflexão acerca da experiência de pesquisa. Por isso, passo a citá-los a seguir.

Heilborn (2004a), em “*Dois é par*”, investiga os mecanismos constitutivos da conjugalidade no universo social das camadas médias urbanas psicanalisadas e intelectualizadas do Rio de Janeiro, caracterizado pela vigência de valores igualitários entre díades formadas por parceiros do mesmo sexo e de unidades conjugais heterossexuais. Para tal, ela entrevistou vinte e seis pessoas em 1989, das quais cinco já haviam sido entrevistadas em 1980, compondo, assim, três redes de sociabilidade e fez mais seis entrevistas complementares, envolvendo em todos os casos pessoas pertencentes à faixa etária de trinta e seis a quarenta e seis anos. O grupo com o qual trabalhou, do qual ela própria era integrante, superpunha colegas de trabalho, cônjuges, militantes feministas, sendo que alguns possuíam uma trajetória comum tendo cursado a mesma universidade, frequentado os mesmos lugares, sendo oriundos das camadas médias com acesso à educação superior e à pós-graduação e compartilhavam um *ethos* visto como de vanguarda.

Vaitsman (1994), que escreveu “*Flexíveis e Plurais*”, por sua vez, analisa as transformações no casamento e na família das últimas décadas do século XX e observa não uma modernização, mas antes um enfraquecimento do modelo típico de família moderna, em que a pluralidade, a flexibilidade, a instabilidade e a incerteza tornaram-se regra. Ela entrevistou vinte e duas pessoas no ano de 1985 e reentrevistou nove delas em 1991, compondo assim um grupo situado entre quarenta e cinquenta anos na primeira etapa e cinquenta e sessenta anos na segunda. O grupo estudado constitui um segmento das classes médias urbanas do Rio de Janeiro com uma identidade muito específica, pois segundo ela, seus contornos sócio-culturais seguem

critérios como educação, profissão e critérios simbólicos que se referem a comportamentos, discursos, estilos de vida e visão de mundo que os diferenciam de outros segmentos das mesmas classes médias urbanas que apresentam outros contornos. Além disso, enfatiza que se trata de um mundo conhecido pela própria pesquisadora, do qual Vaitsman faz parte e dentro do qual consegue localizar as pessoas em categorias mais amplas (p. 82).

Matos (2000), em *“Reinvenções do vínculo amoroso”*, ao tratar das experiências de reinvenção do que ela chama de *“vínculo amoroso”* na *“modernidade tardia”*, entrevistou onze parcerias alternativas ao modelo tradicional de conjugalidade, pertencentes às classes médias urbanas do Rio de Janeiro, compondo assim um grupo cujas características definem uma *“comunidade valorativa específica”*, mais que uma classe social. As qualidades compartilhadas pelo grupo demarcam um *“estilo de vida”* pautado pela *“abertura para o relacionamento conjugal baseado em padrões de igualdade de gênero entre os parceiros e mútua aceitação e negociação das referências que definam tal conjugalidades”* (p.166). O grupo estava situado na faixa etária de vinte e dois a cinquenta e quatro anos⁶⁰.

Como é possível identificar, Heilborn e Vaitsman trabalham com universos de pesquisa bastante semelhantes, com uma característica singular, expressa de forma bastante clara por Vaitsman, que é a de serem representativos de um segmento muito específico das camadas médias urbanas. Estas camadas, como já foi sinalizado antes, são marcadas pela heterogeneidade e por um estilo de vida, gosto e *ethos* bem particular (BOURDIEU, 1994; VELHO, 1987). Vale destacar também o fato de ambas trabalharem com universos próximos nos quais elas próprias estão inseridas, o que dá ainda um caráter mais particular à pesquisa feita.

⁶⁰ Gostaria de destacar que nos caso das três autoras mencionadas, cujas obras se tornaram referência na temática, os trabalhos são originalmente teses de doutorado assim como esta que estou produzindo, o que me permite fazer as comparações que faço.

De minha parte, optei por ampliar um pouco mais o leque de pessoas entrevistadas e compus um grupo que, em parte, se assemelha aquele com que Matos trabalhou, ou seja, parcerias amorosas que não se enquadram no modelo típico de conjugalidade, que são as parcerias homossexuais femininas e masculinas, que coabitam, não têm filhos e cujo tempo de relacionamento varia de um a vinte e dois anos; e parcerias heterossexuais – neste caso de forma diversa dela – que adotam o modelo “tradicional” de conjugalidade no que se refere à forma, pois todos são casados legalmente no civil e/ou no religioso, coabitam, têm filhos e vivem um relacionamento estável cuja duração varia de três a cinquenta e dois anos. O grupo, em sua maioria, tem formação superior: são economistas, cientistas sociais, administradores, pedagogos, advogados, psicólogos, médicos e jornalistas, com somente um entrevistado de nível médio; a maior parte exercendo atividades em instituições públicas e privadas, ou trabalhando de forma autônoma, além de um estudante universitário e uma pessoa com formação profissional de nível superior, mas que se encontrava desempregada no momento da pesquisa.

Não se trata de um grupo nos moldes daquele entrevistado por Vaitsman e Heilborn; nem tampouco representantes de um segmento muito específico das camadas médias urbanas, no sentido de adotar alguma ideologia particular ou um estilo de vida muito diferenciado da maioria. São pessoas “comuns” que, de certa forma, representam determinados segmentos destas camadas, como por exemplo algumas categorias profissionais: professores universitários, professores de nível médio, pequenos empresários, comerciantes, dentre outras. Além disso, não são pessoas que façam parte do meu círculo mais estreito de convivência, com exceção de apenas três parcerias com as quais já havia estabelecido um certo nível de relação de amizade anterior à pesquisa; as demais, me eram completamente desconhecidas. Apesar disso, posso dizer que há entre nós uma identificação

de classe social e, de certo modo, de estilo de vida, já que também me localizo entre os segmentos médios urbanos.

Em uma experiência de pesquisa anterior, no âmbito do Mestrado, já referida no capítulo I, trabalhei com vinte e oito pessoas pertencentes a segmentos variados das camadas médias urbanas da cidade de Belém, agrupadas em duas categorias básicas: casados (formalmente ou não) e não casados, com tempo de casamento diversificado, todas do universo heterossexual, de gerações diferentes, e portanto, com faixa etária variada e com diversos graus de escolaridade. Neste trabalho, adotei o procedimento de selecionar inicialmente pessoas de minha própria convivência, com as quais eu tinha um certo grau de intimidade que, posteriormente, poderiam me indicar outras pessoas, como de fato aconteceu. Optei pelo critério da intimidade⁶¹ por ser, de certo modo, comum e produtivo, em trabalhos desta natureza, sua utilização na seleção de entrevistados⁶² à medida em que a intimidade, em tese, possibilita às pessoas maior naturalidade para falar do tema - o que não aconteceu necessariamente. No caso deste trabalho atual, agi da mesma forma somente ao iniciar o campo, todavia me mantive aberta às indicações valiosas que fui recebendo e que me conduziram a pessoas completamente estranhas com as quais fui, ao longo das entrevistas, construindo uma relação de proximidade/intimidade.

⁶¹ A questão da intimidade é aqui colocada no sentido da liberdade de aproximação e de abordagem com as categorias entrevistadas. Ver discussão mais ampla em GIDDENS (1992) e REZENDE (1995).

⁶² Sobre este aspecto, GOLDENBERG, em seu estudo sobre a construção social da identidade masculina (1991) e em seu trabalho sobre a identidade da “outra” (a amante do homem casado) (1990), age dessa forma; VAITSMAN (1994) em sua análise do casamento e da família conjugal recorre a conhecidos para que estes indiquem pessoas do seu conhecimento para serem entrevistados e estes, por sua vez, indicam outros, o que também foi feito por MATOS (2000), HEILBORN(2004a) e MOUTINHO (2004). A intimidade cria expectativa por parte do investigador de que o entrevistado, sentindo-se à vontade em sua presença, forneça os dados desejados com mais facilidade, o que pode acontecer ou não.

Utilizei como recurso uma ficha de identificação na qual solicitava informações básicas como nome, data do nascimento, nacionalidade, naturalidade, cor/raça, escolaridade, tempo de relacionamento e renda mensal da parceria, dados estes que me ajudaram a compor o perfil que apresento aqui. Usei também, como é usual na pesquisa antropológica, um roteiro de questões que servia para nortear nossas conversas e que dada a sua extensão foi sendo vencido ao longo do processo de pesquisa, nas entrevistas em conjunto com o par e nas entrevistas individuais que realizei com cada um dos membros da parceria. Ele continha questões como: a idéia de amor, o que é bom e o que é ruim no amor, o que alimenta e o que destrói o amor, a trajetória amorosa do par, pessoas que são referências amorosas para o par, a expressão do amor no dia-a-dia, variações no amor, rituais e rotinas do amor, objetos que marcam a história de amor, hábitos comuns, a linguagem amorosa, motivos de brigas e desentendimentos, administração da vida doméstica, lazer, rede de amigos, relação amor, paixão e amizade, e diferenciações de gênero; nas entrevistas individuais indagava sobre a trajetória amorosa, projetos pessoais e em comum, expectativas em relação ao relacionamento atual e em relação ao parceiro.

A questão do sigilo merece um parágrafo a parte. Ao fazer o primeiro contato e o convite para que o par participasse da pesquisa, explicitiei que não iria revelar as identidades e disse que ainda não havia definido se iria usar nomes fictícios ou algum outro tipo de artifício, tipo letras ou números para referir os entrevistados. Apesar disso, no grupo homossexual houve essa preocupação expressa de forma clara por três parcerias, especificamente, ao longo das entrevistas, o que me fez ficar mais atenta em relação a esta questão. Em função disso e pautada na metodologia de outras experiências de

pesquisa⁶³, optei por utilizar nomes fictícios⁶⁴, procurando ter um cuidado redobrado na menção de outras características que associadas entre si viessem a permitir a identificação dos entrevistados. Por considerar importante que o leitor possa acompanhar o encadeamento das falas de um mesmo personagem e tenha, assim, um perfil do grupo com o qual estou trabalhando, no capítulo três, onde trabalho mais detidamente os dados coletados em campo, faço algumas associações dos nomes fictícios que passo a adotar com o tempo de relacionamento ou com algum outro dado que considero pertinente para o contexto da discussão que está sendo feita.

A adoção de nomes fictícios também merece alguns esclarecimentos e, como este capítulo tem um caráter metodológico, acho pertinente tecer algumas considerações sobre esta questão, principalmente se levar em conta o tempo que tive que despendar (roubado, evidentemente, mas para mim necessariamente, da escrita da tese) para chegar até a definição aqui apresentada. Tinha pensado inicialmente em adotar denominações de pares amorosos, inclusive da atualidade, mas para evitar possíveis problemas como o uso indevido dos nomes de pessoas vivas, decidi ficar apenas com aqueles que haviam eternizado sua relação mesmo depois de sua morte, excetuando-se, deste contexto, os dois casos em que me “apropriei” dos nomes de duas parcerias amorosas cujas histórias foram perpetuadas no cinema. Para isso

⁶³ Sobre esta questão HEILBORN (2004a) optou por utilizar apenas a identificação de sexo e, mais raramente, a relativa à orientação sexual pois, segundo ela, o nome fictício acompanhado da ficha existencial do sujeito o torna a presa fácil de identificação por parte dos leitores; VAITSMAN (1994), da mesma forma, se restringe as categorias “*homem*” ou “*mulher*” a fim de impedir que alguém que fala sobre um tópico fosse identificado como o mesmo que fala sobre outro tópico, no mesmo ou em outro capítulo; MATOS (2000) não trata desta questão, mas ao referir seus entrevistados, menciona dados como nome, idade, profissão e o tipo de vínculo amoroso; MOUTINHO (2004) optou pela adoção de nomes fictícios, e assim como Matos, também refere outras características dos entrevistados.

⁶⁴ Os nomes fictícios serão adotados a partir do capítulo III. No capítulo atual, em que faço referência a muitos detalhes da vida dos entrevistados, para não correr riscos, optei pela seguinte nomenclatura: parceria/par homossexual feminina ou masculina, parceria heterossexual masculina ou feminina ou entrevistado homossexual/heterossexual masculino/feminino.

recorri a algumas obras como Rose (1983), Abramo e Pellegrini (1994), Chadwick e Courvion (1995), Orsini (1999), bem como à literatura e ao cinema e, em função disso, despendi longas horas pesquisando em livros e navegando na internet, vasculhando sites os mais variados em busca de pares que pudessem servir aos propósitos deste estudo⁶⁵.

Entre os pares heterossexuais me deparei com uma variedade enorme de possibilidades; já entre o grupo homossexual o problema foi outro, pois encontrei muita suposição e pouca certeza. Além do mais, uma diferenciação de gênero surgiu: os pares femininos com os quais me deparei viveram relações mais duradouras e bem definidas dentro de um padrão de conjugalidade, no sentido de coabitarem e partilharem uma vida em comum. Já com os pares masculinos havia visivelmente uma diferenciação, pois as relações eram menos duradouras, não implicavam em coabitação e numa vivência em comum mais partilhada. Diante do que encontrei, optei pelos pares amorosos com os quais pudesse estabelecer algum tipo de associação com aqueles que entrevistei. Não se trata aqui de ter um perfil semelhante, na verdade somente eu e, talvez, meus entrevistados, se conhecerem o casal que os nomeia, poderemos entender o motivo da escolha. Este é, enfim, um dos segredos (dentre outros) que não poderei revelar. Assim cheguei aos pares que apresento a seguir: Ennis Del Mar e Jack Twist, Alfred Douglas e Oscar Wilde, Armand e Albert, Paul Verlaine e Arthur Rimbaud, Elizabeth Bishop e Lota Macedo, Gertrude Stein e Alice B. Toklas, Marguerite Yourcenar e Grace

⁶⁵ Faço menção a este fato, porque me parece que este é um trabalho paralelo à tese, muitas vezes não contabilizado e nem sequer previsto metodologicamente falando, mas que constitui um esforço significativo que o pesquisador tem que realizar. No caso específico deste trabalho, esta tarefa demandou meses de pesquisa, leitura e organização de arquivos, inclusive com fotos, de cada uma das dez parcerias selecionadas. O que me fez refletir, em alguns momentos, que, em vez de estar trabalhando com as dez parcerias entrevistadas, eu estava, na verdade, lidando com vinte histórias de amor e que estas outras dez histórias dariam uma tese à parte, se fosse esse o caso.

Frick, Charles Darwin e Emma Wedgwood, Tristão e Isolda⁶⁶ e Anah Pereira de Melo Franco e Afonso Arinos de Melo Franco⁶⁷.

Definidos os nomes das parcerias, me senti na obrigação de conhecer um pouco mais acerca da vida daqueles personagens que iriam me acompanhar ao longo da tese, principalmente depois de me dar conta de que, com exceção de Darwin e Emma e de Ana e Afonso Arinos, eu desconhecía a vida e obra dos demais. Assim, tive que dedicar um tempo a mais para passar a conhecê-los, no caso dos filmes, assistindo-os e em relação aos personagens reais me debruçando sobre uma bibliografia produzida por eles próprios, em especial, a literatura epistolar, bem como textos que tratassem mais especificamente da percepção deles acerca do amor e/ou da afetividade ou da obras de terceiros, através das biografias que são sempre de grande valia em casos como este⁶⁸.

⁶⁶ Até quase o final da tese, denominei um dos pares heterossexuais pelo nome de Romeu e Julieta, todavia decidi trocar o nome para Tristão e Isolda pelo fato de que não se pode deixar de considerar que o par shakespeariano é tido, pelo menos na cultura ocidental, como o protótipo do par amoroso perfeito. Assim, para evitar que o leitor pudesse associar os entrevistados assim nomeados a este modelo ideal tão entronizado em nossa sociedade, achei por bem realizar esta alteração. A alguém poderia ocorrer a idéia de que esta troca seria inconsistente já que Tristão e Isolda também representam esse ideal, todavia levei em consideração o fato de eles serem bem menos conhecidos, da mesma forma que Laila e Majnun, no mundo islâmico, e Abelardo e Heloísa, na antiguidade, se comparados aos “amantes de Verona”.

⁶⁷ Menciono agora apenas o nome, porque num apêndice do trabalho apresentarei um resumo da história de amor destas parcerias que, como disse antes, vale a pena conferir.

⁶⁸ Os personagens de filme são dois: Ennis del Mar e Jack Twist, do filme “*O segredo de Brokeback Mountain*” (2005) e Armand e Albert de “*A gaiola das Loucas*” (1996). Da literatura, retirei Tristão e Isolda, e me apoiei em duas obras; História do Amor no Ocidente (ROUGEMONT, 2003) e O Romance de Tristão e Isolda (BÉDIER: 2006), além do filme homônimo (2006). Alguns personagens reais tiveram suas vidas tematizadas no cinema, como é o caso de de Paul Verlaine e Arthur Rimbaud, com o filme “*O Eclipse de uma Paixão*”, (1995), de Charles Darwin e Emma, através do filme “*Criação*” (2009) e de Oscar Wilde e Alfred Douglas, no filme “*Wilde*” (1997) e “*Oscar Wilde*” (1960); deste último utilizei, também, a obra “*Sempre seu, Oscar. Uma Biografia Epistolar*” (ROLLEMBERG: 2001), “*O retrato de Oscar Wilde. Fragmentos*” (LEGRAND, 2006) e “*Oscar Wilde*” (HOLLAND:1991). Sobre Verlaine/Rimbaud me vali das seguintes obras: “*Confissões e Arthur Rimbaud*” (VERLAINE:1985), “*Correspondência de Rimbaud*” (RIMBAUD: 1991) e “*Arthur Rimbaud. Correspondência*” (CARDOSO: 2009a e b). Sobre Darwin e Emma me foram valiosas as cartas de Darwin publicadas no livro “*Origens. Cartas Seletas de Charles Darwin. 1822-1859*” e “*A Evolução. Cartas Seletas de Charles Darwin. 1860-1870*” (BURKHARDT: 2009). Elizabeth Bishop e Lota Macedo, foram tematizadas de diversas formas, há inclusive um filme sobre as

À medida que fui conhecendo a vida amorosa do par, em alguns casos, me senti tentada a mudar o nome da parceria por considerar que aquela história não fazia jus a trajetória de amor que os entrevistados que foram batizados com aqueles nomes me narraram. Eram histórias de amor sim, mas todas marcadas por dramas e conflitos passionais, separações, algumas vezes, escândalos, à exemplo de Verlaine/Rimbaud e de Wilde/Douglas, todos figuras públicas na época em que viveram e que, como tal, pagavam um preço pela sua celebridade. Entretanto, como disse alguns parágrafos atrás, meu objetivo ao nomear os entrevistados não era que houvesse uma equivalência entre as suas histórias e sim algum traço de similaridade que me remetesse a eles, pensamento este que fez com que eu decidisse manter os nomes já escolhidos.

Por outro lado, este fato fez com que eu levantasse algumas questões. Não estaria eu envolvida nas armadilhas do modelo do amor romântico? Daquele amor em que o par se funde de tal modo um no outro, que certamente a duração desse amor só pode ser a eternidade, pois que ambos já estavam destinados (não se sabe por quem) a ficar juntos? Um amor “perfeito” e “para toda a vida”? Lugar-comum. E as histórias que me foram contadas também não eram marcadas por conflitos, desencontros, insatisfações, frustrações,

duas do cineasta brasileiro Bruno Barreto, previsto para estrear em 2011 com o título “A arte de perder”, originalmente o nome de um poema de Bishop. Todavia acessei especificamente as obras “*Um Porto para Elizabeth Bishop*”, originalmente uma peça de teatro transformada em livro (GÓES: 2001), o livro “*Flores Raras e Banalíssimas, a história de Lota de Macedo Soares e Elizabeth Bishop*” (OLIVEIRA:1995), uma tese de doutorado “*Lota Macedo Soares e Elizabeth Bishop: amores e desencontros no Rio dos anos 1950-1960*” (NOGUEIRA: 2005), o livro “*Uma Arte. As cartas de Elizabeth Bishop*” (GIROUX:1994) e a obra de Bishop “*Esforços do Afeto*” (BISHOP:1996); sobre Gertrude Stein e Alice Toklas é também possível encontrar uma variedade de obras, dentre as quais acessei “*Duas Vidas*” (MALCOLM: 2008) e “*A Autobiografia de Alice B. Toklas*” (STEIN: 2006); sobre o par Marguerite Yourcenar e Grace Frick, me foi útil a trilogia de Yourcenar composta de três obras “*Recordações de Família*”(1974), “*Arquivos do Norte*” (1977) “*A eternidade, o que é?*” (1988),bem como a biografia “*Marguerite Yourcenar: a invenção de uma vida*” (SAVIGNEAU: 1990). Por fim, utilizei a obra “*Diário de Bolso seguido de Retrato de Noiva*” (MELLO E FRANCO: 1979), que apresenta parte da correspondência trocada pelo par Afonso Arinos e Anah, durante o período de namoro e noivado.

ressentimentos, separações, quase que na mesma medida que as alegrias, satisfações, acertos, trocas e desejos? Certamente que sim, respondi eu mesma. E, assim, segui adiante, desta feita, mais atenta às armadilhas que o amor arma para todos nós.

Realizei de três a cinco entrevistas conjuntas e uma individual com cada um dos parceiros, todas gravadas, com duração média de duas horas e meia, contabilizados aqui o tempo total que incluía o espaço antes e depois da entrevista gravada propriamente dita, esta com duração de uma hora e meia a duas horas⁶⁹. As sessões individuais eram mais curtas, e duravam em torno de uma hora; mas, em alguns casos, este tempo ultrapassou duas horas. Como realizei a maioria das entrevistas durante a noite⁷⁰, pois a maior parte das parcerias trabalhava em dois turnos, observei que este tempo era o mais produtivo e que ir além dele tornava cansativa a conversa, pois responder às perguntas feitas ou, mais corretamente, encaminhar a conversa para seguir o roteiro que havia previamente traçado, exigia do par, como bem disse Almeida (1996), “*uma boa dose de reflexão*” (p.86) e de disponibilidade pessoal, acrescento eu⁷¹.

⁶⁹ A questão metodológica varia muito de autor para autor e nem sempre é claramente explicitada no corpo do trabalho. Refiro aqui alguns estudos que fazem contraponto com o meu no que se refere às entrevistas. HEILBORN (2004a) realizou entrevistas com trinta e duas pessoas pertencentes aos universos homo e heterossexual, todas gravadas com duração de uma a quatro horas, mas não menciona quantas entrevistas fez com cada pessoa; VAITSMAN (1994) entrevistou onze casais em 1985 e reentrevistou nove pessoas do mesmo grupo em 1999, porém não refere quantas entrevistas fez com cada casal ou pessoa, nem a duração delas; ALMEIDA (1996) fez uma entrevista gravada (em alguns casos duas) com três horas de duração, com vinte e cinco homens; MATOS (2000) entrevistou onze parcerias envolvendo homo e heterossexuais, primeiramente, numa entrevista em conjunto, com uma hora e meia a duas horas de duração e depois, individualmente, uma entrevista com cada parceiro, com uma hora de duração cada, todas gravadas; MOUTINHO (2004), realizou trinta entrevistas, contabilizando neste conjunto de trinta, as gravadas e as conversas informais, com homens e mulheres, mas não refere quantas entrevistas fez com cada pessoa, nem a duração delas;

⁷⁰ Somente um par homossexual masculino e dois pares heterossexuais tinham disponibilidade durante a tarde e, assim, pudemos nos encontrar neste horário. Fiz, também, duas entrevistas individuais pela manhã; mas as demais ocorreram durante a noite.

⁷¹ Há que se considerar também o meu tempo de deslocamento para o local da entrevista e a questão de minha segurança pessoal, pois o grupo de meus interlocutores morava em bairros diferentes e distantes do meu próprio bairro - havia apenas uma exceção - o que implicava que

Além das entrevistas formais, da mesma forma que refere Moutinho (2004), sempre que possível, procurei “*falar de amor*”, mantendo conversas informais com pessoas as mais variadas, a fim de explorar o tema em outros universos que não aquele específico com o qual trabalhei. E, também, utilizei como fontes matérias de revistas e jornais, programas televisivos jornalísticos e de variedades, letras de músicas, filmes, romances e novelas, grande parte destes indicados por conhecidos - muitas vezes, por minha atenta orientadora - que sabendo do meu tema de pesquisa, de forma atenciosa, me deram preciosas indicações, algumas das quais utilizei na abertura do primeiro capítulo. Um de meus entrevistados homossexuais fez muito de perto este papel entregando-me um recorte de jornal com uma matéria sobre uma parceria homossexual feminina que pretende ter um filho, através do processo de inseminação artificial, sugerindo que eu as entrevistasse, o que fiz; e uma parceria, também homossexual, me indicou (e me emprestou os Dvds da primeira temporada) uma série americana, denominada TLWorld⁷², que aborda a questão da homossexualidade feminina.

Quero ainda, neste parte inicial, tecer algumas considerações acerca do trabalho de transcrição de todo o material gravado. Como mencionei anteriormente alguns entrevistados manifestaram uma legítima preocupação em terem suas identidades reveladas no trabalho final, o que me deixou apreensiva em relação à manipulação do material que eu havia gravado, pois considerando o volume de gravação que tinha em mãos - aproximadamente cinquenta e seis horas - e, também, o fato de que os entrevistados me revelaram detalhes de suas vidas, seus medos, anseios, alegrias, conflitos e até alguns segredos, fiquei realmente receosa de que outras pessoas tivessem

eu me mantivesse atenta ao horário de retorno, principalmente quando a entrevista era à noite, o que ocorreu na maioria dos casos.

⁷² Série americana exclusiva sobre a homossexualidade feminina, que já se encontra na quinta temporada. No Brasil, é veiculada na TV por assinatura.

acesso a este material. Assim, apesar de ter feito contato com profissionais experientes no trabalho de transcrição, acabei por decidir que eu mesma faria esta tarefa. Apenas quatro entrevistas foram transcritas por duas pessoas de minha inteira confiança, as demais foram feitas por mim num esforço hercúleo, pois não sou uma digitadora de excelência, o que me consumiu um tempo enorme que se transformou em horas, dias, semanas e meses de trabalho que, em alguns momentos, me parecia infundável. Para realizar as gravações usei aparelhos digitais diferenciados como, i-pod e mp3 e me vali por três vezes do “velho” gravador com fita cassete. As gravações, muitas vezes, saíam com muita interferência externa e dependendo do ritmo e volume da voz dos entrevistados, certos trechos eram extremamente difíceis de serem compreendidos, o que resultava num dispêndio maior de tempo. O lado positivo deste processo é que fazendo eu mesma a transcrição, pude “enxugar” o texto deixando de lado aquilo que considerava desnecessário e destacar as reticências, as repetições, os risos, enfim todas as peculiaridades do discurso. Ademais, ao ouvir inúmeras vezes as falas de meus entrevistados pude, de certo modo, retomar o momento vivido com eles o que me permitiu aguçar a memória para aquilo que eles me narraram. Ao final do trabalho produzi seiscentas e setenta e nove páginas de material transcrito no computador o que me facilitou bastante quando precisei citar no corpo do trabalho as falas de meus entrevistados; material este que também está impresso, o que me dificultou bastante a vida quando tive de transportá-lo para os locais onde redigi a tese.

Um último aspecto que gostaria de destacar antes de iniciar a narrativa que anunciei na abertura deste capítulo, diz respeito ao toque mais pessoal que imprimi nesta parte do trabalho em que apresento e discuto a pesquisa de campo⁷³. Utilizo como recurso metodológico a narrativa em primeira pessoa,

⁷³ Uma discussão interessante sobre esta questão pode ser encontrada no trabalho de Almeida (1996), no capítulo terceiro em que ela discute seus dados de campo.

escrita em itálico, entremeada por um diálogo com outros trabalhos de mesmo teor; as citações dos entrevistados e dos autores aparecem em negrito e itálico. Me utilizo da narrativa com a intenção deliberada de dar à tese um tom menos formal que aquele característico dos trabalhos acadêmicos e, também, de partilhar com o leitor toda a carga de subjetividade inerente a um trabalho desta natureza e fazê-lo, assim, mergulhar junto comigo num universo que vai, aos poucos, se revelando e nos enredando em suas teias⁷⁴.

Os atores

Corria celeremente o mês de agosto de 2007 (como sempre se dá quando temos um prazo a cumprir) e eu me encontrava objetivamente preparada para iniciar o trabalho de campo. Tinha a minha disposição um roteiro de questões, um aparelho digital de gravação e a experiência de pesquisas anteriores. No entanto, faltava-me o principal: as pessoas. Para isso era necessário que eu desse um primeiro passo o que - confesso, nestes casos - sempre foi difícil para mim. Diante da necessidade imperiosa de dar início a pesquisa, me muni de uma boa dose de coragem e da experiência - própria e alheia - e “fui à caça” de pessoas que vivessem uma parceria amorosa estável, coabitassem, pertencessem aos segmentos médios de nossa sociedade e que, acima de tudo, se colocassem a disposição – e por que elas fariam isso? pensava eu! – para me falar de suas vidas, do amor que as unia, de seus projetos a dois e de tudo o mais que eu perguntasse ou que elas sentissem necessidade de me dizer. Cada casal que eu observava nos meus locais de circulação era uma “vítima” em potencial, mas dada a minha relutância em abordá-los (timidez?, reserva?, insegurança?) grande parte deles saiu ileso.

⁷⁴ A parte narrativa está escrita com os caracteres em itálico; as falas dos entrevistados estão em negrito e em itálico. Já o debate com os autores encontra-se em caracteres normais e as citações dos mesmos encontram-se em negrito.

Acabei por adotar a metodologia mais usual nesses casos - basta olhar a seção da “escolha de informantes” (hoje, interlocutores, aliás) de muitos de nossos colegas antropólogos - que é contactar com pessoas de meu círculo de amizade e ver se podem elas próprias se dispor a participar da pesquisa e/ou me indicar outras parcerias. Assim, ao receber uma resposta positiva, de um casal heterossexual amigo, realizei a primeira entrevista ainda em agosto de 2007, dando efetivamente início ao trabalho de campo. A partir daí as coisas ficaram mais fáceis ..., mas não tão fáceis assim. Como havia delimitado que trabalharia com os universos hetero e homossexual, precisaria compor os dois grupos e foi neste momento que me dei conta de que não possuía no âmbito de minha convivência mais estreita, pessoas de orientação declaradamente homossexual (como se fosse preciso declarar isto!). Isso significava que, por mais que eu pudesse inferir de alguma forma essa orientação no caso de alguns, era necessário, para entrevistar parceiras amorosas, que as pessoas se apresentassem como tal e assim fossem incluídas no conjunto de meus interlocutores. Certamente, nos espaços sociais em que eu circulava cotidianamente, havia(há) homossexuais, mas daí a saber se eles se enquadravam nos critérios por mim estabelecidos para participação na pesquisa (parcerias amorosas estáveis, que coabitassem e pertencessem aos segmentos médios de nossa sociedade) havia um caminho a ser percorrido.

*Ademais, nas conversas que entabulava com meus pares no cotidiano do trabalho na tentativa de receber alguma indicação, ou quando efetivamente pedia que me indicassem alguém, era muito comum ouvir um comentário mais ou menos nesses termos **“ah! eu conheço um casal que está junto há dezesseis anos e que seria ideal para o teu trabalho, mas que jamais aceitaria participar de uma pesquisa assim”**. Neste rol se incluía até minha própria orientadora que, não se sentindo à vontade (pela falta de “intimidade” com as pessoas) para abordar diretamente duas mulheres de camadas*

médias, ambas profissionais liberais, bem sucedidas e cuja parceria amorosa já havia completado “bodas de prata”, tentou fazê-lo através de um parente de uma delas, o qual afastou qualquer possibilidade de interferência no caso alegando que elas eram muito discretas com sua relação, nunca assumindo-a publicamente e, assim, também não se disporiam a “expô-la”, como se fosse, num estudo como esse. Neste caso específico, indagou-se se as identidades não seriam reveladas. Em função disso, durante algum tempo convivi com esse “trauma” de que nenhum casal homossexual se disporia a contribuir com meu trabalho e para mim ficou claro que neste universo (pelo menos entre o grupo por mim selecionado) havia um nível de complexidade maior expresso pela necessidade que o par tinha - na maior parte dos casos - de manter sua identidade sexual em segredo⁷⁵.

Matos (2000), chama a atenção para o fato de que nas parcerias homo,

“os espaços sociais são sistematicamente negados, a cidade parece reservar ‘zonas’ possíveis de interação, designando-lhes de saída rótulos pejorativos e espaços urbanos segregados, confinados a limites muito claros onde a experiência do contato amoroso gay pode ser ‘tolerada (...)’” (p.167)⁷⁶.

Das sete parcerias homossexuais que entrevistei, três delas - duas masculinas e uma feminina - demonstraram grande preocupação com a questão da revelação de suas identidades, principalmente para os familiares

⁷⁵ Esta preocupação de fato foi expressa no grupo homossexual. Pelo menos três parcerias disseram claramente que não queriam ser identificadas, mesmo eu tendo dito que elas não o seriam. Um entrevistado ressaltou, inclusive, o cuidado que eu deveria ter ao colocar no trabalho dados que pudessem levar à identificação de membros de sua família e, conseqüentemente, dele mesmo. Registraria aqui, o que ocorre em nosso próprio “arraial”, se prestarmos atenção, por exemplo, em nossas reuniões científicas, para a diferença na “apresentação” pública, no sentido goffmaniano do termo, entre as parcerias hetero ou homoafetivas.

⁷⁶ Sobre esta questão o texto de Sedgwick é uma referência fundamental. Ver A epistemologia do armário, 2007.

mais próximos ou para os pais especificamente. É interessante observar que, neste grupo, era “regra” que somente um dos membros da parceria houvesse conversado abertamente com pelo menos um dos pais, acerca de sua orientação sexual e o outro nunca tivesse abordado este assunto e se enquadrasse no seguinte refrão: **“todo mundo sabe, mas ninguém toca no assunto”**, o que evitava conflitos e constrangimentos, por um lado, mas impedia a livre expressão de seu afeto, de outro. Sobre esta questão, disse uma entrevistada homossexual: **“eu nunca, eu nunca vou conversar (com sua família), enquanto ninguém me chamar, vai ser sempre assim...”**⁷⁷

*Voltando à história que estava contando... Nesse meio tempo, recebi algumas indicações, segui-as, tive respostas negativas, desisti de algumas parcerias vislumbradas por não se enquadrarem no perfil que havia estabelecido, enfim, vivenciei as situações corriqueiras (e conhecidas de todos nós) de uma pesquisa de campo em fase inicial. Como já disse antes, iniciei o trabalho de campo primeiramente com o universo heterossexual e, em seguida, como uma parceria homossexual feminina e depois com o universo homossexual masculino como qual, num primeiro momento, tive maior dificuldade de acesso. Apesar disso, em praticamente duas semanas consegui as parcerias homossexuais masculinas e simultaneamente comecei a trabalhar com elas*⁷⁸, o que deixa ver o quanto este processo é dinâmico e

⁷⁷ Discutindo a relação entre gênero, sexualidade e cidadania entre integrantes de um grupo organizado de homossexuais, Gabriele do ANJOS (2000) apesar de ter trabalhado com treze homossexuais que vivem sua homossexualidade de forma mais aberta, identificou que um deles não se apresentava como homossexual perante a família. A fala deste entrevistado é aproximada à da mulher que cito acima. Disse ele: “se eles não entram no assunto, não acho que eu tenha a obrigação ou que eu deva confrontar com isso”. Isso não significa dizer que a família desconheça o caráter da relação, principalmente nos casos em que elas são mais duradouras, pois em todas as situações que entrevistei havia coabitação e em alguma medida a convivência de ambos os parceiros com suas respectivas famílias; mas, implica na inexistência de uma abertura que permita com que se fale/mostre claramente o amor que une o par, gerando uma situação de tensão diante da necessidade de ocultamento de toda e qualquer manifestação amorosa, o que reproduz num nível micro o que ocorre nos espaços sociais mais amplos.

⁷⁸ Uma destas parcerias desistiu de participar do trabalho com duas sessões já feitas, e nenhum dos dois explicitou os motivos de sua decisão.

*sofre flutuações, sendo marcado por períodos de produção intensa e por outros em que as coisas, pode-se dizer assim, não andam ou, simplesmente, desandam*⁷⁹.

*Os contatos com as pessoas que me eram desconhecidas foram todos feitos por telefone e, sempre intermediados por uma pessoa próxima a mim, que fazia o convite e se obtivesse uma resposta positiva, repassava os telefones para que eu agendasse um primeiro encontro. Com as pessoas conhecidas eu contactei por e-mail ou pessoalmente; fazia o convite e aguardava que ela conversasse com seu parceiro ou parceira e, em todos os casos houve aquiescência do par. Foi assim que cheguei ao grupo aqui apresentado formado por dez parcerias que se amam, que assim se declararam e que são percebidas desta forma por aqueles que os indicaram para participar deste (seleto) grupo de amantes/amados/amorosos*⁸⁰.

⁷⁹ Refiro-me às situações em que o provável entrevistado fica de dar um retorno no dia seguinte e passam-se semanas até que ele realmente ligue – quando liga; em que não se consegue contactar com o provável entrevistado através do número de telefone que com certeza é o dele; em que você liga e nunca ninguém atende ou o telefone só dá ocupado; em que a pessoa viaja e parece que não vai voltar nunca mais; em que o provável entrevistado não consegue arranjar um horário para você na agenda dele, enfim são situações em que o tempo passa sem que o antropólogo consiga ter uma produção efetiva e isso acaba “esfriando” a pesquisa, sem falar no atraso que causa. Em função disso, apesar de ter iniciado a pesquisa de campo em 2007, a maior parte das entrevistas foi feita ao longo do ano de 2008 e a conclusão da mesma se deu no início do ano de 2009.

⁸⁰ Devo dizer que, apesar de todas as dificuldades enfrentadas, consegui mais contatos do o número de parcerias que pretendia entrevistar e pude, assim, fazer uma espécie de seleção, priorizando aqueles que mais se encaixavam nos critérios por mim estabelecidos. Em alguns casos, “desisti” do par por considerar que eles se situavam num segmento social inferior àquele que estava estudando, em outros devido às dificuldades de acesso à moradia e de conciliação de horários para realização das entrevistas; num caso específico um par feminino só tinha disponibilidade aos domingos e elas mesmas não se mostravam dispostas a abrir mão do seu lazer para participar do trabalho, o que era perfeitamente compreensível. Uma outra situação interessante foi de uma parceria homossexual masculina da qual tive que abrir mão, porque somente depois de algum tempo é que meu contato entendeu que a entrevista teria que ser com o par e ele disse que estava tendo um relacionamento com alguém muito jovem que jamais concordaria em participar de um trabalho como o meu e que não adiantava nem ele consultá-lo sobre o assunto. Como se pode ver, e é o que quero destacar aqui, é que até chegar a estas definições, todo o investimento que estava sendo feito não rendia o resultado esperado.

Segundo o Novo Dicionário Aurélio digital, a palavra parceria significa “reunião de pessoas para um fim de interesse comum; sociedade, companhia”. E parceiro, quer dizer, entre outras coisas, par, companheiro, consorte. Quando comecei a ir em busca de parcerias amorosas para dar início a este trabalho, além dos critérios já mencionados, havia outro que consistia numa exigência do próprio tema “falando de amor” e que constituía o fim de interesse comum a que alude o dicionário: me refiro aqui ao fato das duas pessoas se amarem ou demonstrarem de alguma forma essa condição, o que implicava que elas se definissem enquanto tal ou que este amor fosse perceptível - pelo menos para aqueles que os indicavam para fazer parte da pesquisa. Era preciso (como se fosse) possuir alguns traços característicos que indicassem esse amor, como gestos, atitudes e discursos que sinalizassem o cuidado com a relação⁸¹ e o cuidado com o outro. Além disso, é importante mencionar, que dada a impossibilidade de expressão pública dos afetos no universo homossexual - devido ao modelo hegemônico afetivo-sexual que ainda vigora em nossa sociedade - estes traços eram mais difíceis de identificar em relação a este grupo.

Eu própria quando “escolhi” algumas parcerias, no caso das que me eram conhecidas, utilizei os critérios que estou referindo. Uma delas, um dos três casos em que eu conhecia os dois membros da díade, tinha pouco tempo de relacionamento (três anos), segundo minha avaliação, e havia passado por uma difícil crise que por pouco não teve como desfecho a separação. Era um casal jovem, com uma filha de dois anos e eu, por conta deste contexto, achei que seria interessante ouvi-los nessa nova fase em que, superada a crise, eles haviam decidido continuar juntos; um outro par, em que eu também conhecia

⁸¹ HEILBORN (2004a) utiliza a expressão nativa “cuidado da relação” que “refere-se à dedicação dirigida à vida a dois, no que se reporta a um ‘investimento emocional’” (p. 175). Juntamente com o trabalho doméstico, o nexu amizade e sexo e a gramática da cópula, o cuidado da relação é uma das quatro áreas em que se assinalam algumas diferenças entre os casais, conforme o trabalho desta autora.

*ambos, tinha um longo relacionamento e são vistos, pela maior parte das pessoas que os conhecem, como um casal que nutre reciprocamente o sentimento do amor, tanto que no dia da primeira entrevista, quando cheguei em seu apartamento, havia com eles um grupo de amigos reunidos e um deles destacou - depois da anfitriã ter explicitado o motivo de minha presença ali - que não havia pessoas melhores do que eles para falar de amor e que **“essa história de amor, precisava ser escrita”**; um par homossexual masculino, foi indicado por viver uma relação conturbada, marcada por separações e retornos e, como me dizia quem os sugeriu, **“é um amor louco, mas aqueles dois se amam.”**; em uma outra situação, um entrevistado homossexual disse que eu deveria entrevistar seu irmão, cujo relacionamento heterossexual era marcado por um cuidado e um carinho com a esposa e a filha ainda pequena, da qual ele cuidava com um desvelo incomum para os padrões masculinos; situação semelhante ocorreu com uma candidata a entrevista, no grupo heterossexual, que me sugeriu entrevistar sua irmã que vivia um relacionamento, segundo ela, marcado por muito carinho, respeito e amor um pelo outro.*

Evidentemente, pude observar no decorrer das entrevistas, que as características mencionadas eram de fato reais, ainda que junto com elas aparecessem outras não reveladas - pelo menos de forma mais pública - e que constituíam os conflitos, tensões, discordâncias, queixas que, como sabemos, também são parte integrante da vida a dois.

Ademais - e para finalizar este item - há que se considerar, também, que está se falando aqui de um conjunto de representações acerca do amor que envolve uma mistura de elementos presentes, por exemplo, no amor romântico – estou pensando aqui na questão da durabilidade do relacionamento de uma das parcerias que referi anteriormente – associado a outros mais “modernos” se estivermos pensando na conjugalidade igualitária

de Heilborn (2004a), nas parcerias alternativas de Matos(2000) ou no casamento pós-moderno de Vaitsman (1994).⁸²

O cenário

Para me contar suas histórias de amor, as parcerias me receberam em suas casas ou apartamentos - até porque este era um critério que havia estabelecido - e o nosso palco principal foi a sala de visitas da casa. Ora, a sala é reconhecidamente o ambiente em que se recebe uma visita, quando esta é “de cerimônia”, como se diz, e eu me enquadrava, pelos menos inicialmente, neste perfil. Era ali que eu me instalava ao chegar, organizava o meu material de gravação e ficava conversando sobre trivialidades ou não raro acerca de ocorrências do dia-a-dia de minha vida ou da vida deles ou de meu tema de pesquisa. Existiam duas possibilidades de acomodação: o sofá, na maioria dos casos, ou ao redor de uma mesa de jantar.

Em algumas situações fui além da sala e meus anfitriões me introduziram em outros espaços como a cozinha, onde, já na primeira entrevista lanchei com uma parceria homossexual feminina; em outra “sessão”, como passei a denominar nossos encontros, este mesmo par me conduziu ao escritório onde elas me mostraram uma espécie de montagem de uma série veiculada nos EUA e muito popular no Brasil – pelo menos no universo que estou investigando – que aborda a homossexualidade feminina, denominada TLWorld. O mesmo ocorreu com um par homossexual masculino que nas sessões em conjunto ainda residia em um apartamento que me foi apresentado e no qual pude admirar a beleza dos inúmeros objetos de arte produzidos por um deles que se dedica às artes plásticas nas horas vagas. Mais adiante este mesmo par adquiriu uma casa e somente depois que eles se instalaram e organizaram o espaço - mais de um mês depois da última

⁸² Estas questões, como foi visto, foram discutidas com mais detalhe no primeiro capítulo.

entrevista feita - é que entraram em contato comigo se disponibilizando para a realização das entrevistas individuais. Chegando lá, como não poderia deixar de ser, fiz um tour pela casa que é bela e aconchegante e cuja arrumação ficou digna das páginas de uma boa revista de decoração. Outro par homossexual, na verdade um de seus membros, ao final da entrevista individual, que foi também a última com esta parceria, me mostrou todo o apartamento decorado com requinte e indiscutível bom gosto, o mesmo acontecendo com um par heterossexual que eu já conhecia antes da pesquisa e em cujo apartamento eu nunca havia estado.

Em relação a este aspecto, uma última situação que gostaria de mencionar foi inusitada e engraçada ao mesmo tempo e ocorreu também com uma parceria homossexual masculina. Com este par as entrevistas eram sempre remarcadas, pois frequentemente eles tinham algum compromisso de última hora que impedia a sua realização. Eu costumava agendar e confirmar no dia marcado a minha ida. Assim o fiz, porém conversei apenas com um deles porque o outro ainda não havia chegado em casa. Na hora aprazada, por volta das 20h30, me dirigi para a residência deles e encontrei um de meus entrevistados na rua, em frente a casa, conversando com algumas pessoas, trajando apenas um toalha que não era grande o suficiente para cobri-lo adequadamente⁸³. Eu o cumprimentei e ele me acolheu com muita simpatia - um traço característico de ambos que têm o dom de rapidamente fazer com que a pessoa se sinta à vontade, mesmo num ambiente desconhecido - disse que eu podia entrar e que havia poucos minutos que seu parceiro havia avisado da minha ida, mas que ele estava com uns hóspedes em casa e iria

⁸³ Mais adiante irei tratar da questão das camadas médias e de suas particularidades. Por ora quero dizer que no caso desta parceria, talvez pela descrição que estou fazendo, possa parecer que não se trata de membros deste segmento social. No entanto, há que se considerar que a família de origem, muitas vezes se situa entre os segmentos populares e os descendentes tendo alcançado uma ascensão social não romperam totalmente com alguns costumes e práticas que lhe eram peculiares. Ademais, neste caso específico, a residência além de ser num bairro periférico, era também numa rua mais afastada e de menor circulação de pessoas, caso em que a atitude do entrevistado, me parece, provoca menos estranhamento.

levá-los para jantar. Mesmo assim, eu entrei e sentei na única parte do sofá que estava desocupada, pois havia algumas sacolas de viagem dispostas sobre ele. Em seguida, ele entrou, chamou seu parceiro que estava no quarto, situado no andar de cima, e confirmou que iria sair, sugerindo que eu fizesse a entrevista individual, ao que eu acquiesci, apesar de ordinariamente realizar esta etapa somente no final das entrevistas com o par. Nesse meio tempo, chegaram mais algumas pessoas e em função da grande movimentação que estava ocorrendo, o membro do par que seria entrevistado sugeriu que fossemos para o quarto, onde teríamos maior tranquilidade e privacidade. Foi assim que mais uma vez fui parar no quarto (e na cama) de um entrevistado⁸⁴, sentada na ponta da cama e um pouco constrangida com a situação, pois me sentia, ao mesmo tempo, incomodada e incomodando. Era um compartimento tamanho padrão de aproximadamente 12m² com uma cama de casal, um guarda-roupa, também de casal, e uma mesa onde havia o computador, a impressora, a televisão, um ventilador que estava ligado, apesar do ar condicionado em funcionamento. O quarto estava meio desarrumado, a cama ainda desfeita com vários objetos em cima e meu entrevistado até se

⁸⁴ Em meu trabalho de conclusão de curso, “Homossexualidade, o preconceito e a discriminação em Belém” (1989), durante a pesquisa de campo vivi uma situação que não aparece no corpo do trabalho, mas que me permitiu *insights* importantes acerca de minha postura diante da homossexualidade naquela época. Ao realizar uma entrevista com uma parcería feminina no apartamento da mesma, devido a constante interferência da filha de uma delas da qual ocultavam o caráter de sua relação, tivemos que nos deslocar para a suíte do casal. Chegando lá uma delas resolveu tomar banho e ao sair do banheiro trocou de roupa na minha frente o que me deixou extremamente constrangida, pois eu não possuía nenhum nível de intimidade com elas. Para completar, eu estava sentada bem na beira da cama, pois não havia nenhum outro tipo de acomodação e elas reclinadas no sentido invertido uma da outra. A partir de um determinado momento, elas começaram a se acariciar passando levemente as mãos pelas pernas uma da outra o que aumentou ainda mais o meu desconforto, pois eu achava que elas estavam propositalmente me provocando e criticava interiormente aquela postura que considerava inadequada. Confesso que cheguei mesmo a pensar que elas fariam alguma investida sobre mim, eu que, ingenuamente, me considerava uma pessoa isenta de preconceitos em relação à homossexualidade. Apesar disso, a entrevista foi concluída sem que nada mais ocorresse. Narrei este fato inúmeras vezes para meus alunos de antropologia, com o intuito de explicar o que Da Matta, denominou de “*anthropological blues*”, dando ênfase exatamente ao fato de que eu não havia registrado esta situação no trabalho. Agora, passados quase vinte anos, tenho a chance de “me redimir” e deixar aqui registrado este fato inusitado, porém crucial para a compreensão do tema que estava investigando e da minha postura como investigadora e como ser humano.

desculpou dizendo que havia chegado de uma viagem a trabalho e não tinha tido tempo, ainda, de desfazer as malas e organizar o quarto, coisa que seu parceiro não tomava a iniciativa de fazer, reclamou ele. Passados uns vinte minutos de entrevista, fomos interrompidos pelo outro parceiro que veio se trocar para sair. Ele ainda estava em trajes sumários, a pequena toalha, e eu que já estava relaxada, fiquei tensa novamente com a possibilidade de ele trocar de roupa sem se preocupar com a minha presença. “Felizmente”, o guarda-roupa estava localizado atrás de mim e ele se trocou, conversando animadamente. E eu ali, na beirada da cama, quase estática, com medo de me mexer e ver além do que pretendia. Depois disso, eles se despediram com um beijo na boca e ele se foi. Ufa! Após a entrevista, fui apresentada à casa como um todo, que estava em obras e, como é natural, com os objetos empilhados e fora do lugar.

Os relatos acima, ilustram a forma como foi se dando a interação antropóloga/entrevistados e deixam ver que este entrosamento dependia em parte das características pessoais daqueles com os quais estava lidando e, também, em grande medida, eram resultado de uma relação mais próxima que ia se estabelecendo no decorrer de nossos encontros. Como minhas “visitas” eram agendadas, as pessoas se “preparavam” para me receber, como fazemos nós, aliás, organizando o ambiente físico no sentido de mantê-lo arrumado, o que foi, inclusive, revelado por alguns entrevistados⁸⁵. Em contrapartida, da parte de outros, não percebi nenhuma preocupação neste sentido e pude, como no caso citado acima, e em outras situações (como chegar um pouco antes do horário) encontrar um espaço menos ordenado.

Com a intenção de fazer o que Lins de Barros (1987) - em sua preciosa descrição ao longo do livro - denominou de etnografia das residências, através da qual é possível identificar marcas distintivas de *status*, estilo de vida e

⁸⁵ Alguns disseram que haviam dado uma “arrumada” na casa o que significava ele ou ela própria varrer e arrumar ou pedir para a empregada deixar o espaço limpo e ordenado.

situação social (p. 23), faço menção a algumas características do universo que, particularmente, estou pesquisando. Assim, das dez parcerias entrevistadas, somente duas residiam em apartamentos alugados; as demais, possuíam imóveis próprios, sendo somente dois apartamentos e seis casas. Não é possível falar em uniformidade das residências que contrastam no que se refere ao estilo, indo do mais simples - a parte superior de uma casa ocupada pela parceria que possuía no momento da pesquisa a situação financeira mais desfavorável - até o mais requintado no que se refere não só ao apartamento mas a todo o mobiliário de características bem modernas. As demais se situam mais próximas do extremo superior, com destaque para a residência já citada anteriormente que destoa das demais pelo estilo mais artístico. No que se refere às dimensões e ao mobiliário, fora as ressalvas feitas, existe uma aproximação entre o grupo. Os bairros em que elas se situam são: Nazaré (1), São Brás (3), Marco (2), Marambaia (2) e Nova Marambaia (1)⁸⁶.

Não observei grandes diferenciações de gênero, nem de orientação sexual, no que se refere à arrumação e à disposição do mobiliário das residências, conforme se tratasse de parceiros hetero ou homossexuais. Por outro lado, a situação social era um marcador importante na medida em que definia a dimensão do imóvel e a organização do ambiente, juntamente com o tempo maior de relacionamento, que servia para demarcar espaços mais, digamos assim, “*carregados*” (com maior quantidade de móveis e de objetos de decoração), em função dos bens que foram sendo acumulados ao longo da

⁸⁶ O bairro de Nazaré é considerado uma área residencial nobre da cidade de Belém; o bairro de São Brás que faz fronteira e, no início, praticamente se confunde, inclusive no estilo de moradia com o de Nazaré, é um bairro central devido a sua localização; do ponto de vista imobiliário, o bairro do Marco, é bastante valorizado, pois sua localização é privilegiada por não ser muito distante do centro da cidade; em compensação, os bairros da Marambaia e da Nova Marambaia são considerados periféricos, devido a sua localização afastada do centro e, também são pensados como bairros que concentram uma população de baixa renda, o que não corresponde à realidade, já que na Nova Marambaia concentra-se um número expressivo de residenciais de luxo, os famosos condomínios fechados. Na verdade, todos estes bairros concentram variados segmentos sociais e é neles que residem meus entrevistados, pois em Belém, como, arriscaria dizer, em qualquer cidade, mesmo os bairros mais “nobres” tem um núcleo mais “considerado” e uma “periferia” própria comum a quase todos.

vida a dois, como no caso das duas parcerias heterossexuais com quarenta e cinquenta e dois anos de vida em comum; o que contrastava com os ambientes dos pares com tempo menor de relacionamento cujo mobiliário era significativamente menor, o que conferia ao espaço, concretamente, maior amplitude.

Com relação à utilização do espaço físico, chamou-me atenção o fato de que a parceria com maior tempo de relacionamento tinha espaços de trabalho separados, enquanto que as demais possuíam um espaço comum, fosse ele na sala, no quarto ou um ambiente específico para tal. No caso da parceria a que estou me referindo, cada um deles possui um escritório onde há uma infinidade de livros, tv e computador, além de outros objetos, lugar este em que eles passam longas horas trabalhando; uma outra parceria, desta feita, um par homossexual masculino há vinte e dois anos junto, faz questão de possuir banheiros em separado, onde pude observar, em cima do balcão da pia, uma infinidade de produtos de higiene e beleza.

Ainda com relação ao cenário, outro elemento visualmente importante são as fotografias que, além de servirem de objeto de decoração, retratam a história amorosa, do par. É curioso que no âmbito das parcerias heterossexuais, quase não observei a presença de fotos, pelo menos no espaço em que as entrevistas foram realizadas - a sala, como já disse antes⁸⁷. Somente um dos três pares entrevistados tinha fotos suas – em conjunto e em separado, todas retratando o passado quando eles eram mais jovens - e dos filhos, na mesma situação; um outro par tinha um pequeno portarretratos sobre um criado mudo com a foto do parceiro na juventude e, no mesmo lugar, havia um álbum com fotos que me foi mostrado e “explicado”, tal como falei, retratando diversas etapas da vida em comum.

⁸⁷ Apesar de ter adentrado outros espaços, confesso que não estive atenta o suficiente para observar se havia fotos nestes ambientes.

Nas parcerias homossexuais, me deparei com quatro situações diversas: 1) ausência de registros fotográficos no ambiente, o que ocorreu em três casos, duas parcerias femininas e uma masculina; 2) uma composição de fotos que reunia em um mesmo portarretratos de tamanho médio, geralmente disposto sobre um móvel, várias fotografias da parceria que foram, originalmente, tiradas em separado (o que é, aliás, bastante significativo), mas que ali compunham uma espécie de registro amoroso do par, fato este que se deu com um par masculino, que, inclusive, me mostrou na tela do computador várias fotos, estas sim, dos dois juntos ou acompanhados de amigos e familiares⁸⁸; 3) uma terceira situação era quando havia fotos, mas nenhuma delas retratava os dois juntos, como foi o caso de um par masculino, que possuía vários portarretratos pequenos e médios com fotos suas individualmente e de familiares⁸⁹; 4) havia, também, uma parceria masculina que exibia fotos do rosto dos dois⁹⁰, recentemente feitas numa viagem que eles haviam realizado da qual pude ver o registro completo no álbum de fotografias que eles me permitiram manusear; 5) e, finalmente, uma parceria feminina, tinha na sala um grande painel de fotos pendurado na parede que retratava diversos momentos da trajetória de vida particular e em comum delas; nesse painel haviam fotos individuais e fotos das duas mulheres juntas abraçadas entre si e/ou com outras pessoas. Em geral, estas fotos estavam dispostas sobre móveis tipo aparadores, mesinhas de centro, de telefone, armários de sala, de tv e de computador ou, ainda, na parede da sala ou do quarto.

⁸⁸ Uma das fotos que me foi mostrada exibia quatro casais numa praia posando alegremente para a câmera. Todos os pares eram heterossexuais com exceção dos meus entrevistados e era justamente este aspecto que um deles destacava, ou seja, a tranquilidade com que parte da família de seu parceiro tratava o relacionamento de ambos. Dizia ele: “*Olha, qual é a leitura que você faz dessa foto?(...) Olha, namorado-namorada, casado-casada, marido-mulher e (ele cita o nome de ambos) compõem o cenário*”.

⁸⁹ Recentemente, tomei conhecimento da existência de um enorme quadro que fica no quarto do casal (o que só reforça o que estou dizendo) retratando os dois abraçados na água. Todavia, na época em que lá estive este quadro ainda não havia sido colocado, talvez porque eles estivessem de mudança recente e ainda arrumando o espaço.

⁹⁰ Neste caso, foi feito um trabalho fotográfico que sobrepunha e associava a imagem dos dois, o que é bem diferente de um foto “tirada junto” como comumente fazemos.

O que estou querendo chamar atenção aqui é que, como sabemos, entre os pares heterossexuais o registro fotográfico e a exposição de fotografias do par um ao lado do outro, se abraçando, se beijando ou demonstrando de alguma forma o seu afeto são muito valorizadas, comumente expostas e fazem parte de nosso acervo e ideário amoroso. Em contrapartida, no universo homossexual, a preocupação com o ocultamento de qualquer registro deste tipo, traduz bem a idéia da ausência de um espaço - no caso em questão, a sala, a qual, ainda que seja no interior da residência, é o espaço mais público dela - onde possa haver a livre expressão impressa, “eternizada” na fotografia, do amor que une o par.

Não podendo aparecer ou se apresentar como uma parceria amorosa, ou podendo aparecer apenas de uma certa forma, especial, particular que na verdade não revela e sim oculta (ou quer ocultar), os pares homossexuais de algum modo “forjam” uma fotografia em que os dois possam aparecer juntos, como no caso que citei anteriormente. No entanto, “aparecer junto” é bem diferente de “posar junto” e se pensarmos a partir de Goffman (1995[1959]), estar um ao lado do outro constitui uma forma de representar uma relação (amorosa) que não pode se apresentar como tal.

No caso dos personagens reais que dão nome aos pares que aqui apresento, foi possível encontrar em pelo menos quatro parcerias homossexuais - Wilde/Douglas, Stein/Toklas, Bishop/Lota e Yourcenar/Frick – registros fotográficos em que o par “aparece junto”, em espaços públicos e também na intimidade do lar, mas da mesma forma que os entrevistados homossexuais a que estou me referindo, as fotos pouco revelam a não ser para aqueles que sabem que se trata de duas mulheres ou dois homens que tem um relacionamento amoroso, pois o que vemos nelas são duas mulheres – dependendo de quem olha, duas velhas - em espreguiçadeiras, duas

mulheres numa grande sala, bastante ataviada, sentadas em sofás que se posicionam em extremidades opostas, duas mulheres passeando na rua com um cão ou dois homens um deles sentado e o outro em pé debruçado sobre o primeiro, de todas a que me parece mais reveladora⁹¹. Ou seja, nada que retrate uma foto de um casal que se ama.

⁹¹ Algumas dessas fotos estão expostas num apêndice onde faço o registro das histórias de amor desses personagens.



Foto 1 – Marguerite Yourcenar e Grace Frick (Google Imagens)



Foto 2 – Alice B. Toklas e Gertrude Stein (Google Imagens)



Foto 3 – Alice B. Toklas e Gertrude Stein (Google Imagens)



Foto 4 – Oscar Wilde e Alfred Douglas (Google Imagens)

Se considerarmos que estes pares viveram suas relações amorosas no século XIX (Wilde/Douglas), na passagem do século XIX para o XX (Stein/Toklas) e em meados do século XX (Lota/Bishop e Yourcenar/Frick), surpreende que os registros ainda sejam - de certo modo - mais reveladores do que aqueles que encontrei (ou não encontrei) entre aqueles que entrevistei⁹². Não estou com isso querendo dizer que estes registros não existam. Quero crer que sim, mas eu não tive acesso (na maioria dos casos) a eles até porque não era minha intenção deliberada tê-lo. Certamente, num círculo mais restrito e íntimo, tal qual o seleto grupo de artistas, literatos, pintores e amigos que freqüentava a casa e/ou convivia com Wilde/Douglas, Verlaine/Rimbaud, Stein/Toklas, Lota/Bishop e Yourcenar/Frick, não se desconhecia que ali se tratava de um tipo particular de relação – uma relação amorosa vivida em toda a sua intensidade.

O enredo

Antes que começássemos a falar de amor - tema central de nossas conversas - era necessário que alguns ajustes fossem feitos. Assim, sempre procurei ser muito clara em relação ao que pretendia fazer. Ao iniciar a primeira entrevista explicava meus objetivos, referindo inclusive o trabalho anterior que havia feito durante o Mestrado, em que trabalhei com a conjugalidade heterossexual e abordei de forma incipiente a questão do amor

⁹² Há que se considerar, também, que em alguns casos a divulgação destes registros fotográficos (ou de outros quaisquer) se deu *post-mortem* através do trabalho de estudiosos e biógrafos. No caso específico de Yourcenar, houve da parte dela toda uma preocupação em deixar para a posteridade aquilo que era considerado pertinente revelar. Assim, ela se preocupou em escrever sua própria biografia dando uma versão pessoal dos fatos que viveu, pois como ela mesma disse: “Estou em melhor situação do que ninguém para saber que os biógrafos, mesmo quando não são voluntariamente malévolos, enganam-se quase sempre, porque só tem sobre as pessoas de quem falam informações superficiais” (*apud* SAVIGNEAU, 1990:15); além disso, ela destruiu no seu último ano de vida, numerosos documentos que foram queimados na lareira de sua casa e se preocupou em fazer um inventário de todos os documentos pessoais aos quais o público poderia ter acesso após sua morte, registros estes que só seriam liberados, por determinação sua, depois de transcorridos cinquenta anos de seu falecimento, ou seja, no ano de 2037.

no casamento; indicava o provável número de sessões conjuntas e a necessidade de realizar uma sessão individual, pedia autorização para gravar as entrevistas bem como abordava a questão do sigilo, informando que as identidades dos entrevistados não seriam reveladas, de forma alguma, no trabalho, item que sempre exigia maior explicação de minha parte com o grupo homossexual, para o qual esclarecia que provavelmente iria usar nomes fictícios (só defini a forma de referir os entrevistados após o término da pesquisa de campo) e ter um cuidado redobrado na manipulação de dados que pudessem vir a identificar qualquer uma das pessoas entrevistadas.

Vale ressaltar que o fato do meu locus de pesquisa ser o espaço da intimidade do par e de trabalhar com dia e hora predeterminados e definidos por meus interlocutores, me deixou completamente à mercê da disponibilidade de tempo e da disposição psicológica e física dos membros da parceria. Era necessário que o par conciliasse os horários para poder estar comigo, o que implicava em negociações sobre o dia mais adequado para todos nós. Na medida do possível, procurávamos agendar um encontro semanal sempre no mesmo dia da semana e quando acontecia algum imprevisto⁹³ em geral nosso encontro era adiado para a semana seguinte, o que para mim não era produtivo porque retardava o processo e interpunha entre nós um período mais longo de afastamento.

⁹³ Em nenhum dos casos aqui apresentados consegui cumprir a agenda feita de forma regular. Os imprevistos mais comuns foram: doenças de algum dos membros do par ou de familiares próximos, viagens a trabalho ou de lazer, feriados, motivos profissionais, festas familiares e em dois casos específicos, conflitos entre o casal. Num deles, passaram-se meses até que eu conseguisse retomar as entrevistas e noutro, após duas semanas de interrupção e de uma entrevista marcada que não ocorreu porque eles não estavam em casa, apesar de terem confirmado comigo por telefone, fiquei aguardando uma explicação que não veio e me vi obrigada a pedir que eles ficassem à vontade, mas me dessem uma posição definitiva. Foi então que um dos membros da parceria admitiu que eles não mais teriam condições de participar do trabalho. E assim terminou a história que havíamos começado. De minha parte ocorreram também alguns contratemplos de teor semelhante aos já citados aproximadamente três vezes, mas eu bem sabia como aqueles encontros eram valiosos e evitava ao máximo desmarcá-los.

Somente após todas estas considerações de caráter prático e explicativo, feitas no primeiro encontro, era que de fato a entrevista iniciava. Lançava a primeira questão “o que é o amor no contexto de uma parceria amorosa?”, que era a mesma para todas as parcerias e, a partir daí, com o roteiro “na cabeça”, ia colocando outras sem obedecer uma sequência específica, mas procurando seguir o fluxo do discurso.

Após a realização das primeiras entrevistas, observei que para conseguir “vencer” o roteiro seriam necessárias em média quatro sessões em conjunto⁹⁴. É interessante destacar que o ritmo das conversas era em grande parte resultado da disponibilidade do par em expor suas percepções sobre o que estava sendo indagado e em expor-se, ou seja, revelar sua intimidade através do relato de suas experiências de vida em comum. De modo geral, todas as parcerias conseguiam desenvolver as respostas e faziam referência à situações exemplares, o que permitia que as questões rendessem mais e encetassem novos assuntos; somente duas parcerias uma masculina e outra feminina, se mostraram mais sucintas nas respostas exigindo que eu me mantivesse ainda mais atenta a fim de sustentar o fluxo da conversa e apresentar novos temas de discussão.

Ao propor uma questão, em geral esperava que ambos os membros do par emitissem sua opinião e, caso um deles não o fizesse, eu solicitava de forma direta que ele se manifestasse. Desta maneira, garantia que ambos falassem, pois em todos os pares um dos parceiros sempre falava mais que o outro⁹⁵ e até mesmo impedia - algumas vezes, sem se dar conta disso, outras

⁹⁴ Apesar disso, em dois casos realizei apenas três sessões com o par. Com o primeiro casal entrevistado isso se deu porque somente depois de entrevistá-los fiz uma modificação no roteiro original e com um casal homossexual porque eles eram mais sucintos nas respostas o que consumiu menos tempo. Por outro lado, com um casal homossexual feminino fiz cinco sessões, além das individuais.

⁹⁵ Nas parcerias homossexuais, não era possível identificar diferenciações de gênero, todavia nas parcerias heterossexuais, em dois dos três casos os homens falaram mais que as mulheres e no terceiro par era a mulher que respondia mais longamente as questões feitas.

*de forma deliberada - que o outro manifestasse sua opinião. Em uma parceria masculina, esta atitude era acentuada, até o dia em que aquele que sempre tinha seus raciocínios interrompidos, disse claramente ao ser novamente “cortado” em uma narrativa que mobilizava muito suas emoções, pois se referia a uma crise que eles haviam vivenciado: **“deixa eu falar, depois tu falas!”**; mesmo assim, ele foi interrompido de novo e repetiu: **“deixa eu falar, depois tu falas!”**. Por outro lado, dependendo do tema ou do estado de espírito, o parceiro que falava menos, surpreendentemente, se punha a falar, numa “torrente discursiva”, nos termos de Almeida (1996) e houve até quem desabafasse dizendo: **“hoje eu tô com vontade de falar!”**.*

Esta autora, que trabalhou com a subjetividade masculina⁹⁶, chama atenção para um aspecto que considerou de fundamental importância nas avaliações mais estruturais das entrevistas que fez, que é o que ela denominou de “ausência de hesitação” ao longo da entrevista, expressa, por exemplo, “...**pela ausência de sentimentos de dúvida, de titubeios na fala, de eventuais gagueiras ou de certas modalidades de silêncio causadas pela inibição**” (p.87). Diante da expectativa em encontrar estes comportamentos, ela ficou surpresa com os “...**depoimentos pródigos, intensos, profusos, e muito raramente submetidos ao crivo do constrangimento ou de qualquer tipo de mal-estar**” (idem)⁹⁷.

⁹⁶ ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de. *Masculino/feminino: tensão insolúvel*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996, cap.3. Nesta obra, originalmente sua Tese de Doutorado, a autora procura refletir sobre as possibilidades de articulação e formas de convivência entre as ciências sociais e o plano da subjetividade. Para tal, ela realiza um estudo empírico, em 1990, junto a vinte e cinco homens da classe média carioca com o objetivo de “*construir uma espécie de inventário de categorias sobre as formas de funcionamento e organização da subjetividade deste grupo*” (p.19).

⁹⁷ Almeida considerou estes aspectos como fundamentais na organização da subjetividade dos homens que ela entrevistou, daí porque concluiu que “a ausência desses elementos, somada a outros aspectos extraídos da dimensão relacional do contato, mostram-se tendentes a conferir a tal organização subjetiva pouca densidade e consistência” (p. 137).

De minha parte, encontrei uma situação bastante diversa⁹⁸, pois os elementos ausentes nas falas dos entrevistados de Almeida estiveram o tempo todo presentes nos discursos de minhas parcerias como, por exemplo, as risadas nervosas, os rubores, os silêncios, as gagueiras e as hesitações. Estes elementos eram, de certa forma, esperados por mim em função da temática que iria ser abordada e que envolvia as questões da intimidade e da afetividade, em geral difíceis de serem trabalhadas, pois lidar com estas questões diante do e junto com o parceiro ou a parceira de relação tornava-se ainda mais difícil e exigia um grau maior de coerência e sensibilidade. A despeito de tudo isso, identifiquei, também, um bom nível de fluência verbal, pois ainda que houvesse titubeios e dúvida, as respostas quase sempre eram dadas com densidade.

*Sobre este aspecto, gostaria de destacar que, ao lançar uma questão o fazia de forma direta (por exemplo: “vocês se definem como duas pessoas que se amam mutuamente?”) ou procurava ser bastante explicativa me valendo de exemplos que a tornassem mais clara (por exemplo: “o que é o amor, mas não no sentido geral do termo que é muito abrangente, mas o amor no contexto de uma parceria amorosa, tal qual a que vocês vivem?”). A reação diante das questões variava de um silêncio longo⁹⁹ (que eu não quebrava), a exclamações como: “**ela faz cada pergunta!**” ou “**cara, eu nunca pensei nisso antes!**”, seguido da resposta que poderia ser dada de forma sucinta ou detalhada. As questões que mais desconcertavam meus entrevistados eram as curtas e diretas do tipo: o que é bom no amor? o que alimenta o amor? o que destrói o amor? A primeira questão – o que é o amor no contexto de uma parceria*

⁹⁸ Há que se considerar também que Almeida trabalhou com um universo diverso daquele com o qual convivi, pois esta autora entrevistou apenas homens, situados nas camadas médias (médias altas, diria eu), composto por dois psicanalistas, um advogado, um jornalista, um engenheiro, um economista, um tradutor, um corretor da Bolsa de valores, um roteirista de televisão, um professor e um publicitário.

⁹⁹ MATOS (2000) tece importantes considerações sobre este tema no capítulo 4 de sua obra já referida, p.184-186.

amorosa - também produzia este efeito, acredito que não só por ser a primeira, mas também pelo nível de abstração e elaboração que a resposta exigia. Assim, se por um lado alguns respondiam prontamente, com outros - a maioria - feita a pergunta eu esperava de sete a vinte segundos (“contados” no relógio no momento da transcrição) para que a resposta viesse; em alguns casos, ouvia expressões engraçadas que traduziam a preocupação em corresponder à expectativa que eles supunham que eu tinha deles, à exemplo de um entrevistado heterossexual que após o silêncio disse: **“depois eu posso voltar atrás se eu falar alguma besteira?”**; outros ganhavam tempo com artifícios como “empurrar” a questão para o parceiro e o instavam dizendo: **“começa tu, amor?”** ou, no caso de um par homossexual masculino: **fala tu primeiro(...)** é, porque senão ele copia de mim” ao que o outro retrucou: **“não tem nada a ver!”**, mas obedeceu e começou a responder. Num outro casal masculino, um disse: **“quer começar?”**, o outro respondeu: **“não, fala!”**, ao que o primeiro retrucou dizendo: **“fala, que eu falo muito”**. Sem saída, o outro responde.

Um recurso que utilizei para, de certa forma, facilitar o fluxo da conversa na primeira entrevista foi solicitar que eles contassem a trajetória amorosa do par desde o momento em que se conheceram até o momento atual. Como este era um tema de domínio comum, possibilitava que ambos falassem contando partes da história, acrescentando detalhes e consertando informações incorretas como datas e lugares, além de me permitir ter uma visão ampliada sobre a história daquele par.

Em alguns casos as discordâncias ocasionaram situações divertidas como a do casal heterossexual que estava lembrando alguns fatos de sua vida de casado e começou a discordar, como se pode ver no trecho que reproduzo a seguir:

“Ela: Sabes que o primeiro natal que ele passou comigo, ele não me deu nada, nada, nada, absolutamente nada! Nem um cartão e ele recebeu um cartão, não foi?

Ele: Mas não foi natal, não!

Ela: Foi no natal!

Ele: O que eu não te dei nada foi no aniversário de casamento.

Ela: Natal, natal com certeza absoluta, até hoje...

Ele: nós compramos tanta coisa pra tanta gente.

Ela rindo: Olha, I remember, I remember, I remember. (E me explicando) É um filme (...)¹⁰⁰.

Matos (2004,) que também resgatou a história amorosa de seus entrevistados, destaca que **“solicitar o falar de algo partilhado como positivo, fazia o gelo inicial se quebrar; quanto mais me contavam os detalhes do ‘encontro’ ficavam para trás a desconfiança e o receio”**(p.181). Esta autora, ao tratar do fluxo do discurso durante as entrevistas, enfatiza aspectos importantes que considero pertinentes também em relação ao meu universo. Segundo ela,

“as falas se revezavam, em gradientes de atenção/desinteresse e confiabilidade/desconfiança, onde percebia desde momentos de profunda densidade

¹⁰⁰ O filme referido é “Gigi”, uma comédia romântica e um musical americano de 1958, muito popular e de grande sucesso com o público, dirigido por Vincente Minnelli que foi ganhador de várias premiações. A história passa-se em Paris, no ano de 1900, e trata de Gigi (Leslie Caron), uma jovem adolescente francesa, sob os cuidados de sua avó e sua tia-avó, amigas de Gaston (Louis Jourdan), um rico cavalheiro da sociedade parisiense que, sempre entediado com a vida fútil que leva, diverte-se sendo amigo da inocente Gigi, até que ambos se apaixonam. A cena a que os entrevistados se referem satiriza a memória amorosa do par Honoré Lachaille (Maurice Chevalier) e Madame Alvarez (Hermione Gingold) que após longos anos de separação se reencontram ocasionalmente e relembram o fim do romance que tiveram na juventude. Reproduzo parte do diálogo através da letra da canção, aqui traduzida, “I remember it well” entoada por ambos em que ela sempre corrige os fatos que ele cita. “*Eu me lembro de tudo como se fosse ontem/ nos encontramos às nove/ nos encontramos às oito/ eu cheguei na hora/não, você se atrasou/ ah! sim, eu me lembro bem./ Jantamos com amigos/ jantamos sozinhos/um tenor cantou/um barítono/ (...)/aquele luar estupendo de abril/não havia luar aquela noite e o mês era junho/(...)/lembro daquela sexta/ segunda/(...) aquele passeio de carruagem/fomos andando pra casa/você perdeu uma luva/perdi um pente/(...)/aquele céu brilhante/choveu um pouco/aquelas músicas russas/da ensolarada Espanha?/(...) você usava um vestido dourado/eu estava toda de azul (...)*”

introspectiva – revelando solidez nos conteúdos interiores e possibilidade de, de fato, se encontrar empaticamente com o outro – até a mais pura indisponibilidade e rigidez para continuar mantendo o diálogo fluindo, revelando, na esmagadora maioria das vezes, ‘territórios proibidos’, zonas de conflito, experiências de dor e sofrimento, ‘não-ditos’ fortemente defendidos” (p.182).

Pude observar, realmente, como enfatizei antes, momentos de intensa disponibilidade que superavam, inclusive, o cansaço físico, às vezes perceptível; assim como, outros, em que encontrava uma certa indisponibilidade – não sei se motivada pelas mesmas questões levantadas por Matos – mas expressa sob a forma de uma espécie de “preguiça mental”, uma falta de vontade de refletir/elaborar a resposta a ser dada. Isso acontecia frequentemente nas questões que trabalhavam os contrastes; quando perguntava, por exemplo, o que era bom no amor, e em seguida indagava o que era ruim, obtive algumas vezes como resposta a seguinte frase: **“é o contrário de tudo isso que a gente falou!”**(E eu que tratasse, então, de elaborar a resposta que havia querido ouvir!).

*Havia também, em alguns casos, um certo controle por parte de um dos membros da parceria em relação ao outro, no sentido de que este respondesse ao que estava sendo indagado e não ficasse “divagando”. Nestes casos, era comum que um dissesse: **“sim, mas responde ao que ela perguntou”** ou **“sim, mas não foi isso que ela perguntou”**, ou, ainda, numa tentativa de resgatar o tema central da conversa um entrevistado dissesse: **“mas, voltando ao que tu havias perguntado...”**, o que de certo modo desqualificava a fala do parceiro. De minha parte, estas digressões e “divagações” não causavam incômodo, muito pelo contrário; se fosse de meu interesse, eu teria oportunidade de retomar aquele tema em uma outra questão ou sessão e as informações a mais que recebia me ajudavam a ter uma visão*

mais abrangente daquela relação, na medida em que o meu locus de pesquisa, na maior parte dos casos, era quase que exclusivamente aquele espaço¹⁰¹.

Um outro aspecto importante de ser mencionado são as entrevistas individuais, através das quais visava resgatar o percurso amoroso de cada um dos pares até chegar à relação atual, falar dos projetos pessoais e em comum, bem como ouvi-los acerca de suas expectativas afetivas. Entrevistá-los em separado permitiria que eu observasse a performance individual, a coerência do discurso, que pudesse explorar a trajetória individual e, também, garantisse sua falas, sem que houvesse a intromissão do outro, o que nem sempre acontecia nas sessões em conjunto, como já mostrei anteriormente. Estava ciente de que eventualmente poderia ocorrer alguma revelação, queixa ou comentário que não tinha sido feito na presença do parceiro(a), mas isso não era o crucial para mim. Contudo, alguns pares - uma parceria homossexual feminina e uma parceria masculina - pareciam estar bastante preocupados com a possível presença do parceiro na casa e queriam agendar a entrevista num horário em que, com toda certeza, o outro estivesse ausente, como se fossem fazer alguma revelação bombástica. Foi nesse momento que percebi que, talvez, eu própria, nas minhas falas ou ao referir algo que outras parcerias haviam dito – e que eu usava como exemplo ou contraponto – tivesse contribuído para que tal situação ocorresse. O fato é que mesmo que alguém me revelasse um segredo – e isso exigiria, penso, uma alto grau de confiança – eu teria que levá-lo comigo “para o túmulo”, como se costuma dizer, pois a

¹⁰¹ No caso de sete parcerias homossexuais, e de um par heterossexual que passei a conhecer a partir da pesquisa de campo, não tive outros espaços de interação senão as entrevistas em si; com um par homossexual feminino, que também não conhecia, passei a ter um maior nível de interação e até posso dizer que passamos a cultivar uma relação de amizade, eventualmente, nos encontrando ou nos comunicando por e-mails; com o outro par homossexual masculino, já mantinha contatos esporádicos anteriores à pesquisa, o que continua ocorrendo e ambos já participaram, inclusive, de uma reunião informal em minha residência; e, finalmente, com os outros dois pares heterossexuais, tenho com um contatos eventuais e cultivo uma relação estreita de amizade com o outro.

postura ética que adoto (que temos todos que adotar), assim o exigiria. Mas eles, provavelmente, não podiam ter disso garantia.

O trabalho de Moutinho (2004)¹⁰² refere uma experiência interessante neste sentido. Segundo esta autora, ao longo de seu processo de entrevistas, ela identificou que havia um enorme desconforto da parte de seus entrevistados, sempre que ela acenava com a possibilidade de entrevistar o cônjuge ou o namorado. Nas situações em que isso ocorreu, era explícita, diz ela, a preocupação com o que o outro havia dito e existia um cuidado enorme com aquilo que ele próprio iria falar, o que fez com que ela optasse por manter a maior parte das entrevistas somente com um dos parceiros e só entrevistasse casais quando eles se mostrassem tranquilos quanto a essa possibilidade (p.274).

Em relação a este aspecto, serve de ilustração o que um casal homossexual masculino me contou, aliás, primeiramente um deles, antes que eu iniciasse a entrevista individual. O entrevistado mencionou que seu parceiro havia dito que ele também poderia participar de sua entrevista individual caso quisesse, ao que ele respondeu:

“- Não, não vou. É tua com ela, é o momento de vocês, assim como é o meu momento com ela, eu não quero que ninguém escute.

O outro retruca:

- Como assim?

Diz ele para mim: Era brincadeira minha, eu tava cutucando ele. (...)

Mas o outro indaga:

- Tu tens alguma revelação que tu vais fazer?”

¹⁰² Cabe aqui uma nota sobre o trabalho desta autora. Sua obra intitulada “Razão, ‘cor’ e desejo. Uma análise comparativa sobre relacionamentos afetivo-sexuais inter-raciais no Brasil e na África do Sul”, publicada em 2004 e escrita originalmente como sua Tese de Doutorado, tem como objetivo analisar as razões sociais, afetivas e sexuais que norteiam os relacionamentos afetivo-sexuais entre “negros” e “brancos” no Brasil estendendo uma comparação com a África do Sul.

*No início da entrevista com o outro lado do par, ele me disse que seu parceiro antes de sair havia dito o seguinte: “**olha, quando tu for falar com a Telma Amaral, não vai fazer as tuas confissões que eu já combinei com ela que ela vai me contar tudinho!**”*

Apesar de tudo isso ter sido dito em tom de brincadeira, reflete bem a expectativa que se criava em torno das entrevistas individuais.

Gostaria também de ressaltar que algumas perguntas do roteiro de questões estavam voltadas para a vivência da sexualidade do par e eu, particularmente, estava preocupada com o tipo de abordagem que faria e com a reação dos pares diante de um tema que, como sabemos, por tratar de questões da intimidade, (de um certo tipo particular, especial da intimidade) exige um nível de proximidade e sensibilidade que permitam que o outro se sinta à vontade para falar. Em função disso, deixei este tema como pauta da última entrevista, por supor que até lá eu já teria estabelecido alguns vínculos com meus entrevistados, o que realmente ocorreu. Um fato que me causou surpresa (algo que parece que os antropólogos não podem ter em campo) foi que esta questão foi tratada com bastante abertura e, muitas vezes, o tema era trazido à baila sem que necessariamente eu fizesse alguma provocação. Entre o grupo homossexual, a discussão se deu mais amiúde e tinha caráter mais amplo na medida em que se referia não só a relação do par em si, mas usualmente recaía sobre a idéia preconceituosa de uma suposta promiscuidade que envolve os relacionamentos homossexuais tanto de homens quanto de mulheres .

Confesso que, de minha parte havia um certo constrangimento ou limite em tratar desta questão, principalmente, no âmbito das parcerias com maior

tempo de relacionamento, onde os parceiros eram, na verdade, senhoras e senhores, de mais de cinquenta e sessenta anos de idade num dos casos e no outro de quase e mais de setenta anos. Esse constrangimento certamente se insere no contexto das representações acerca de casais de “velhos” que vige em nossa sociedade e sua relação com o exercício da sexualidade nessa etapa da vida, pensado como algo que não é “norma”, não é comum ou pelo menos não deve ser e como tal não pode constituir um tema de debate. Assim, na condição de antropóloga e pesquisadora pude facilmente identificar todos estes elementos, o que não me impediu de como pessoa humana, de alguma forma, partilhar deles e me sentir acanhada de adentrar nesse campo. Apesar disso, nas duas situações mencionadas, foram os entrevistados que colocaram o tema em pauta e ainda que houvesse um certo pudor de minha parte e da deles, a discussão não deixou de ser feita e muito bem.

Moutinho (2004), que tratou especificamente das trajetórias afetivo-sexuais inter-raciais, chama atenção para o fato de que tratar de questões tão delicadas, muitas vezes difíceis de serem verbalizadas e revividas, exige um maior cuidado na percepção dos limites impostos pelos entrevistados. Assim, diz ela, como há muito de subjetivo nessa experiência, **“procurei não forçar muito quando sentia que por algum motivo meu entrevistado não desejava seguir o caminho que estava propondo e percebi em alguns momentos, como disse anteriormente, que meus próprios limites se impuseram”** (p. 273). Ela se refere aqui à situação em que “forçou” um pouco mais uma entrevistada a falar de suas expectativas e vivências eróticas, e terminaram ambas “vermelhas-como-um-pimentão” (p.272). O que me faz lembrar da narrativa de uma de minhas entrevistadas que disse já ter feito amor em cima da geladeira, ao que eu retruquei imediatamente misturando um tom de riso e espanto (e provavelmente arregalando os olhos): em cima da geladeira?!!!! Heilborn (2004a) também refere esta questão dizendo: **“não foram poucas as vezes em que me senti constrangida diante de**

declarações e omissões dos informantes ou mesmo de cenas que cheguei a presenciar ou causar involuntariamente”(p.81).

*Um último aspecto que considero importante destacar, nesta parte do trabalho, refere-se ao “clima” que reinou durante as entrevistas, descontraído, a maior parte do tempo, mas também marcado por algumas tensões provocadas por motivos variados que passo a ilustrar aqui. Um dos motivos eram as discordâncias entre o par, fossem elas motivadas por versões diferentes que eram dadas para um mesmo fato, o que ocorreu com as duas parcerias heterossexuais com maior tempo de relacionamento, um dos casos já relatei anteriormente (p.122); havia, também, um par homossexual em que ambos discordavam o tempo inteiro daquilo que o outro dizia; por outro lado, houve também situações em que o par emitia opiniões diferentes sobre uma mesma questão, mas isto não parecia gerar desconforto, apenas suscitava uma reflexão que poderia vir à tona mais adiante. Um outro motivo de tensão foram os esquecimentos, como foi o caso da parceria heterossexual mais jovem; quando indaguei se havia alguma música que marcava o relacionamento do par, o marido prontamente respondeu que não e a mulher, que havia se ausentado para atender a um chamado da filha, disse depois, na entrevista individual, que chamou seu parceiro e falou: **“eras! tu é engraçado, tu não lembras de música, tu não lembras de nada!”**. Isso porque, segundo ela, existe uma música que marcou a retomada do relacionamento deles após a crise que quase culminou em separação e que sempre que esta música toca, ela costuma ligar para ele e dizer que ele sintonize a estação tal, pois está tocando a música deles, o que justificou a sua indignação. Outro motivo foram as queixas que um dos parceiros apresentava ou fazia em relação ao outro ou quando este revelava algo mais que, por alguma razão, o outro achava que não deveria ser dito. Este fato ocorreu com uma parceria feminina em que percebi um certo incômodo quando uma das parceiras insistia em abordar um assunto que incomodava a outra. Numa certa situação, um delas se dirigiu ao*

gravador e disse **“eu quero que fique registrado aí!”** (fato este, aliás, também mencionado por ALMEIDA, 1996) e começou a queixar-se. A que estava se sentindo desconfortável, para encerrar a conversa, disse de um modo um tanto brusco: **“tá, finalizando, o que mudou foi isso”**.

Devo dizer que todas estas situações foram muito ricas para mim, pois me permitiram enxergar o par sob vários ângulos o que será melhor explorado no capítulo posterior em que farei uma análise mais detida e (espero) consistente dos dados de campo.

A platéia

A história que estou aqui a narrar teve a mim como expectadora única na condição de antropóloga que, munida do arsenal metodológico peculiar a sua disciplina, passou horas a fio ouvindo as narrativas amorosas daqueles que se dispuseram a narrá-las para – na maioria dos casos – uma completa desconhecida (a não ser pela referência da pessoa que os contactou para mim), cuja voz eles ouviram pela primeira vez através de uma conversa telefônica na qual ela explicava, em linhas gerais, o objetivo da pesquisa e solicitava a aquiescência deles para a realização da entrevista. Devo dizer que sempre me sentia constrangida ao fazer este primeiro contato, pois me via, de certo modo, invadindo a privacidade de pessoas que eu nem sequer conhecia; além disso, parecia haver da parte dos entrevistados – tive essa impressão com duas parcerias homossexuais masculinas - um certo ar de “desconfiança” que considero legítimo na medida em que eles não tinham maiores referências sobre mim e estavam concordando em me expor suas vidas¹⁰³. Esta

¹⁰³ Pelo menos um entrevistado homossexual me revelou que foi buscar referências minhas na internet antes de concordar com seu parceiro em participar da pesquisa. A desconfiança era maior por parte do grupo homossexual cuja preocupação em manter sua identidade sexual em segredo sempre vinha à tona nas nossas conversas. Apesar disso, em pelo menos dois casos o par disse que não haveria o menor problema em ter sua identidade revelada no trabalho. O que, evidentemente, não foi feito.

sensação de desconforto era ainda mais forte quando nos encontrávamos frente a frente pela primeira vez, pois associávamos uma imagem, eu e eles certamente – um corpo – àquela voz e, não raras vezes, nos surpreendíamos com o que tínhamos pela frente¹⁰⁴. De minha parte, a expectativa maior não dizia respeito à aparência física e, sim, aos aspectos psicológicos (seriam pessoas simpáticas, acolhedoras, tímidas, reservadas?) e ao ambiente físico.

Neste sentido, lembro de uma situação em que, depois de muitas tentativas frustradas de me encontrar pela primeira vez com um par homossexual masculino, finalmente nos encontramos sob circunstâncias pouco usuais. Havíamos agendado para a noite e um pouco antes de ir, por volta das 19h45, liguei para um deles a fim de confirmar nosso encontro. Ele estava no trânsito a caminho de casa e disse que assim que chegasse iria tomar um banho e me ligaria. Confesso que não acreditei, pois ele havia prometido o mesmo uma outra vez e não ligou, mas mesmo assim fiquei esperando. Às 21h45 o telefone toca insistentemente e eu atendo. Era ele perguntando se tinha algum problema nós nos encontrarmos naquele horário. Impulsivamente, respondi que não e que em dez minutos (eles moravam no meu bairro) eu estaria lá. Logo que desliguei o telefone me arrependi. Eram quase dez horas de uma noite fria e chuvosa; todos em casa já estavam recolhidos, eu nem sequer conhecia os dois e tinha apenas uma parca ideia do endereço deles; enfim, tudo pesava contra, mas mesmo assim eu fui¹⁰⁵. Chegando à casa dos

¹⁰⁴ Um entrevistado homossexual, na sessão final, me revelou que após nosso primeiro encontro, ele comentou com seu parceiro: “imaginava (que eu fosse) uma senhora, gorda, totalmente diferente. Eu não pensava que fosse uma pessoa jovem ainda, toda nos trinquês, entendeu?” Talvez o “nos trinquês” que ele referiu tenha a ver com o traje bastante informal com que fui até o apartamento deles: uma calça de cintura baixa, uma camiseta sem mangas, (talvez) um pouco curta (demais), um colar no pescoço e uma sandália rasteirinha, além é claro de um “bolsão” com o meu material dentro. Como faço o tipo “*mignone*”, vestida assim, provavelmente, parecia uma garota, apesar dos meus quarenta e três anos (na época). Para minha surpresa o prédio e o apartamento deles era extremamente requintado e fiquei um pouco desconfortável e me sentindo inadequada com aquela roupa, considerando que aquele era o nosso primeiro encontro.

¹⁰⁵ Digo isso por conta do alto índice de violência urbana em que vivemos o que nos deixa a todos apreensivos com nossa segurança e integridade física, o que se intensifica mais ainda no

dois, encontrei apenas aquele com quem havia falado pelo telefone, que me informou que seu parceiro havia saído para comprar um lanche num restaurante próximo. Em dez minutos ele estava de volta com comida e sobremesa. Ficamos conversando enquanto eles comiam e, somente por volta das 22h50, iniciei a entrevista propriamente dita, que, por sinal, foi muito boa, pois eles são muito acolhedores, simpáticos e divertidos. Brigam muito e discordam o tempo todo. Para completar melhor o quadro que pintei antes, no meio da entrevista, faltou energia elétrica, mas continuamos assim mesmo, no escuro, sob a luz do celular de um deles. Saí de lá às 23h50 e à meia noite estava em casa novamente – sã e salva, como se costuma dizer.

Não poderia deixar de registrar aqui que apesar de todos os contratemplos e expectativas que os encontros geravam a cada vez que iniciava um novo contato, em todos os lares em que estive, fui carinhosamente recebida e devo dizer que me senti acolhida por parte de meus anfitriões que abriam as portas para que eu entrasse não somente em suas casas, mas, muito mais que isto, em suas vidas. A fala de um entrevistado homossexual masculino é bem ilustrativa:

“No início (...) eu resisti um pouco à idéia de falar sobre a minha vida, sobre (...) coisas tão pessoais pra uma pessoa que eu nem conheço, que eu não tenho intimidade nenhuma. Com o tempo, eu posso te dizer que eu vou até sentir falta, entendeu?”

Em estudo de perfil análogo ao meu, tratando sobre esta questão, Almeida (1996) observou, também, boa vontade e simpatia por parte de seus entrevistados. Diz ela: **“chegava a surpreender a grande solicitude de que davam mostras e a não menor disponibilidade para falar, colaborar e refletir”** (p.84).

horário noturno.

A cada sessão, uma maior integração ia se dando entre nós e, com o passar do tempo, fui deixando de ser uma pessoa sem nome, a “moça” ou “a antropóloga” para ser simplesmente Telma ou Telma Amaral. Com eles desenvolvi um exercício intenso de escuta e, aos poucos, e de forma intencional, partilhei minha vida pessoal, narrando fatos do meu cotidiano ou referindo alguma experiência vivida, simplesmente para que eles soubessem um pouco mais de mim, já que eu sabia (ou passei a saber) tanto deles. Sei que algumas vezes impus minha presença, pois precisava dar andamento ao trabalho e, em alguns casos, os percebia cansados depois de um dia cheio de atividades. Mesmo assim, eles me recebiam de forma atenciosa e respondiam minhas indagações que, talvez, lhes parecessem infundáveis.

Vale a pena mencionar, também, que além de responderem aos questionamentos que fazia, alguns deles ainda se disponibilizaram a mostrar, caso eu tivesse interesse, parte do material que compõe uma espécie de acervo amoroso do par, composto de correspondências trocadas durante determinados períodos¹⁰⁶, cartões, bilhetes, objetos que foram dados como presente em datas especiais, fotografias¹⁰⁷ e outra miudezas já referidas no

¹⁰⁶ Um par heterossexual durante um período que antecedeu ao casamento ficou separado durante vários meses, pois o noivo foi trabalhar em outro estado. Durante esta época, eles se corresponderam diariamente, correspondência esta que foi preservada por ambos e que, segundo eles, totaliza 1400 cartas. Recentemente, ela ordenou todo este material juntando-o e compondo, assim, uma espécie de diário. Da mesma forma, outro par heterossexual se correspondeu longamente o que gerou um volume imenso, parte dele perdido em mudanças de residência e outra jogado fora deliberadamente durante um desentendimento entre os dois. Uma parceria feminina, também referiu e colocou a minha disposição, caso eu tivesse interesse, material semelhante, que cobre um período do longo relacionamento que elas têm. Infelizmente, acabei não acessando este material em parte porque não senti necessidade e em parte devido ao tempo de redação da tese que vai se tornando exíguo e apertado impondo limites ao desdobramento da pesquisa de campo.

¹⁰⁷ Em quatro situações os pares entrevistados me exibiram fotos. Uma delas foi com uma parceria homo masculina com pouco tempo de relacionamento que havia feito uma viagem recente e revelou que pela primeira vez eles haviam tirado fotos juntos; e numa outra oportunidade, durante a entrevista, o par exibiu fotos no computador enquanto conversávamos; com outro par, tive chance de receber “explicações” contextuais sobre o painel de fotos que estava exposto na sala e com outro manuseei algumas fotos relativas ao período de juventude dos dois.

capítulo Um¹⁰⁸. Um homossexual masculino sobre esta questão disse: **“Toda vez que ele viajava, eu deixava uma coisa escrita pra ele (...) Eu fazia questão de digitar, colocar as minhas palavras, o que eu tava sentindo (...) E a segunda página, eu fazia questão de colocar ou uma música ou um poema(...)**”. Nesse momento, ele se levanta dizendo que vai buscar um desses escritos para me mostrar. Ao retornar, ele me entrega um papel dobrado que eu peço autorização para ler. De fato, eram duas páginas digitadas; a primeira, com uma longa “declaração” de amor e a segunda com um, não menos longo, poema sobre o amor. Ele disse que todo este material está arquivado no computador e, também, em uma pasta preta onde ele reúne as coisas que eles escrevem um para o outro¹⁰⁹, o que chama atenção para o fato da mudança que se deu na forma de se fazer o registro amoroso, antes quase que exclusivamente através das cartas e hoje, por conta dos avanços tecnológicos, de forma digital ou, como o próprio depoimento deixa ver, reunindo elementos modernos àqueles que tradicionalmente já existiam.

“Se alguém deste povo desconhece a arte de amar, que leia este poema e, uma vez por ele instruído, ame” (p.23). Com esta frase, Ovídio, o poeta romano, abre seu livro *“A Arte de Amar”* (2007)¹¹⁰, obra que constitui um verdadeiro manual de sedução, na qual orienta, entre tantas outras artimanhas do amor, sobre a escrita amorosa. Diz ele: **“escreva de modo natural, com palavras comuns, mas ternas, escreve como se estivesse falando”** (p.42). É importante ressaltar, ao que parece, que a correspondência amorosa é tão antiga quanto a conquista amorosa e funda mesmo um estilo de literatura, o gênero epistolar, que consagrou obras como a *“Correspondência de*

¹⁰⁸ Ver nota 42 do capítulo 1.

¹⁰⁹ É interessante observar que sempre um dos membros da díade é mais zeloso no sentido de preservar a memória amorosa do par. Entre as parcerias heterossexuais, identifiquei que este papel está reservado ou é cumprido pelas mulheres.

¹¹⁰ Não se sabe exatamente em que ano Ovídio, galante poeta que circulava pelos ambientes requintados de Roma, escreveu esta obra que inicialmente deveria constar de dois livros somente, mas aos quais no decorrer da criação, ele resolveu juntar um terceiro, exclusivamente destinado as mulheres.

Abelardo e Heloísa” (ZUMTHOR, 2002), talvez o modelo para todas as outras, “*Os sofrimentos do jovem Werther*”, de Goethe (2004[1774]), “*A nova Heloísa*” de Rousseau (2006[1761]) e, no Brasil, “*Diário de bolso seguido de Retrato de Noiva*” de Mello Franco (1979), para referir apenas algumas obras. Além disso, a publicação de cartas de amor de personagens da história se tornou um filão inesgotável no mundo editorial, que possui leitores fieis até os dias de hoje (ver MARTINS (2003), ROLLEMBERG (2001), ORSINI (1999) e ABRAMO & PELLEGRINI, (1994)¹¹¹.

Diante disso, creio que havia da parte de todos a real disposição de contribuir com o trabalho que eu estava desenvolvendo, ainda que algumas vezes eles se mostrassem menos disponíveis, como enfatizei antes. Apesar disso, era comum se preocuparem em não deixar nenhuma pergunta sem resposta, mesmo quando o que eu indagava os deixava confusos ou sem saber o que responder e eles se desculpavam dizendo “não sei se era isso que querias” e mais adiante - na mesma sessão ou em outra - retomavam a questão no intuito de dar uma resposta que consideravam mais pertinente. Às vezes, parecia com a discussão de um tema nos seminários de nossas disciplinas em que o professor retoma com seus interlocutores (alunos) um tema ainda pendente.

O fato das entrevistas serem gravadas não parecia incomodá-los. Na verdade, inúmeras vezes, foram eles que indicaram que o aparelho havia desligado - o que também aconteceu com Almeida (1996) - ou tentaram me ajudar quando a bateria acabava ou eu me atrapalhava com a tecnologia - o

¹¹¹ Não poderia deixar de referir aqui um livro de ficção que, em minha opinião, utiliza de forma primorosa as cartas de amor para criar uma trama envolvente e apaixonante. Trata-se da obra da escritora inglesa Antonia Susan Byatt intitulada “*Possessão*” (1990), que é também tema do filme de mesmo título, cujo enredo se passa no meio acadêmico e retrata a história de um pesquisador que encontra uma carta de amor endereçada a uma mulher, escrita de próprio punho por um poeta do século XIX, tema de seu doutoramento em uma universidade inglesa. A partir daí, ele se lança numa investigação frenética para descobrir a identidade da mulher, destinatária da correspondência até então desconhecida, “revelando aos poucos uma história surpreendente, repleta de conflitos intelectuais e afetivos, resultado da contaminação do presente pelas relações amorosas e pela poesia do passado” (contracapa do livro).

que aconteceu inúmeras vezes nas primeiras entrevistas, não por negligência minha, pois no ensaio tudo corria bem, mas na estréia.... Nestas situações eles sempre me socorriam, me cedendo outro aparelho, tentando entender o que havia acontecido com o meu, me arranjando um cabo adequado, cheguei até mesmo a levar para casa emprestado um aparelho que não era meu e que havia sido cedido para a gravação. Acho até - na verdade tenho quase certeza disso - que eu fiquei mais tensa com o equipamento do que eles, pois precisava, ao mesmo tempo, estar atenta ao que estava sendo dito e, sem demonstrar isso, verificar se o aparelho estava gravando adequadamente, tarefas que eu tinha dificuldade em conciliar - mesmo não sendo estreante nas lides da pesquisa de campo.

Algumas situações servem de contraponto ao que estou falando. Na conversa com um par homossexual masculino, quando indaguei sobre motivos mais comuns de brigas e desentendimentos entre eles, um deles referiu a ocasião em que uma parenta de seu parceiro foi morar junto com eles e a presença dela causou tanto transtorno que quase eles se separam. Como este tema o mobilizava muito emocionalmente, ele narrou de modo enfático e com detalhe tudo o que aconteceu, o que levou aproximadamente trinta minutos. Após seu desabafo, eu proponho que encerremos a entrevista e, quando pego o gravador para desligar, ele pergunta num tom de quem nem lembrava que o que ele disse estava sendo gravado: “ah! gravou isso?”; em outra situação, com um par heterossexual, depois de encerrada a entrevista, continuamos a conversar e surgiu um tema em que a mulher, que durante a entrevista gravada havia ficado mais calada, falou longamente sobre fatos sofridos de sua infância e juventude e da relação com sua família. Nesses casos, tal como mencionou Heilborn (2004a), não era adequado solicitar que o gravador fosse ligado novamente (p.83) e eu me valia de meu diário de campo, onde posteriormente, fazia o registro do que havia sido dito.

Constantemente indagava a mim mesma que motivo os teria levado a aceitar “abrir o livro” de suas vidas para mim. Cheguei mesmo a indagá-los sobre esta questão. E o que eu já havia observado surge na fala deles como uma confirmação. Sentada à frente dos casais, ouvindo suas histórias em silêncio por força do ofício, em muitos momentos me senti tentada a falar de minha própria trajetória amorosa, uma vez que havia um processo de identificação na medida em que eu vivia cotidianamente situações muito semelhantes, senão idênticas. Ao término da entrevista quando eu os deixava e ia, como se diz, cuidar de minha própria vida, ficava pensando o quanto tinha de “terapêutico” naqueles encontros, já que ao ouvi-los eu desenvolvia um processo de reflexão em torno de minha própria vida amorosa e conseguia claramente identificar as fragilidades e aquilo que estava consolidado no meu relacionamento¹¹².

Cheguei mesmo a dizer isso no contexto de uma entrevista em que este assunto veio à tona. Disse eu:

“eu acho que essa contrapartida é muito interessante (...)Tem um lado terapêutico pra ambas as partes, porque é impossível eu escutar vocês falarem sobre o relacionamento, dando exemplo da vida de vocês, sem que eu remeta isso pra minha própria vida enquanto vivendo uma parceria amorosa também”.

E foi exatamente esse lado que estou chamando aqui de “terapêutico” que alguns deles enfatizaram quando eu os indaguei, o que me faz lembrar o trabalho de Moutinho (2004) segundo a qual, em alguns casos, ela se situou entre a “confidente” e a “psicanalista” (p.273). Neste sentido, os aspectos interessantes destacados foram: a possibilidade de falar durante as entrevistas

¹¹² Devo dizer que me enquadro perfeitamente no universo com o qual estou trabalhando, pois além de pertencer à mesma camada social, vivo uma parceria amorosa heterossexual há mais de vinte anos, com coabitação e três filhas cujas idades são cinco, vinte e cinco e vinte e seis anos.

de algo que nunca haviam dito diretamente para o outro; de, a partir das conversas, reavaliarem o relacionamento; de conversarem sobre o que estava em pauta nas entrevistas em outros momentos do dia-a-dia e de exercitarem a escuta, enfim, como disse um homossexual masculino:

Porque, de uma maneira ou de outra, tu contribuístes até com o crescimento do meu relacionamento (...), porque a gente acabou, de alguma forma, dizendo algumas coisas um pro outro, que a gente não tinha dito (...) Talvez aspectos que ele não conhecesse da minha personalidade, eu disse na entrevista e ele também deve ter dito”.

*Ainda um outro registro interessante partiu de um homossexual masculino que se mostrou um pouco relutante em aceitar participar do trabalho e na terceira sessão me surpreendeu ao dizer: “**eu tô gostando muito da entrevista!**”. Mais adiante, na última entrevista, complementou: **com o tempo eu fui me sentindo à vontade. Eu acho que se as pessoas soubessem o quanto faz bem, elas diriam: ‘ah! Eu quero também!’**, porque é uma coisa bacana.*

*Uma mulher heterossexual, em sua entrevista individual, enfatizou a importância deste trabalho afirmando “**tu tá fazendo um trabalho muito legal!**”. Cabe salientar que esta parceria sempre deu ênfase em suas falas à postura que ambos adotaram ao longo da vida, sempre muito retraída quando o assunto dizia respeito à família e ao casal. Ambos ressaltaram que não tinham o hábito de compartilhar sua vida e problemas com os familiares e muito menos com os amigos e que jamais deixaram que os filhos percebessem as crises que vivenciaram e que agora, na fase da vida em que eles se encontravam - mais de quarenta anos de relacionamento - até se arrependiam disso, pois acabaram criando uma imagem de perfeição que não correspondia à realidade. E, apesar disso, o que eles estavam fazendo ao me falar de*

minúcias de suas vidas em comum, ao narrar fatos que eram conhecidos apenas por eles, senão contrariar a postura que adotaram a vida inteira como norma de conduta? Cientes disso, eles disseram que só estavam agindo desta forma porque era para um trabalho científico, do qual eles espontaneamente aceitaram participar, vale lembrar. Um trabalho científico que assume ares de “terapia” em alguns momentos, e no qual eles - ela especificamente, no caso em questão - se sentem confortáveis para relatar algumas dificuldades familiares que vivenciaram. Sua fala é ilustrativa:

“(...) eu sou uma pessoa muito fechada em questão de ... assim: problema de família, é problema de família (...), mas é uma coisa assim tão pessoal, tão triste que realmente acaba até sendo uma terapia pra gente. A gente não conversa com ninguém, a gente não abre com ninguém, a gente não fala com ninguém dos problemas que a gente tá passando, então a gente se ajuda um ao outro, mas a gente não tem uma terapia que eu acho até que a gente precisava...”

*Um entrevistado homossexual masculino também refere esta questão dizendo: “**Eu acho que foi muito bom, foi válido. Pra algumas pessoas que sabem que a gente tá fazendo esse trabalho contigo, eu digo que eu estou na minha terapia de casal (rindo).**”*

*Depoimentos como este me fazem ver o quanto de disponibilidade pessoal é necessária para se falar de si e revelar fatos da intimidade em um contexto formal - uma entrevista, gravada, ainda por cima - e, ao mesmo tempo, como é possível ao antropólogo construir uma relação com seus interlocutores (mesmo!). A mesma entrevistada referida acima, ao falar de sua trajetória amorosa, começa a narrar espontaneamente situações muito íntimas de sua primeira experiência sexual e ao se dar conta disso exclama: **“olha, eu tô contando isso e é tão particular meu!”**, como quem diz que não tinha necessidade de estar “se expondo” desta forma, e mesmo assim o faz.*

À medida que ia estabelecendo uma relação de intimidade pude me colocar na condição de alguém com quem se dialoga e me permiti participar da conversa, fazendo observações gerais ou referindo minha própria experiência pessoal. Em alguns momentos passei da condição de entrevistadora à de entrevistada e tive que responder às perguntas que me eram feitas. **“E no meio dessas tuas entrevistas tu te vê assim, em algum momento tanto negativo quanto positivo, e te aproveitas disso pra ti?,** queria saber uma mulher de uma parceria heterossexual. Em outra situação, encerrei a entrevista com uma frase de praxe tipo, “bem pessoal é isso” e um homossexual masculino disse que queria me fazer uma pergunta. Disse ele: **“agora eu te faço uma pergunta Telma. Nessa tua experiência de pesquisa (...) principalmente na relação homo, tu percebe diferença ou é tudo a mesma coisa? (...)”**. Assim, reiniciamos a conversa que rendeu mais vinte minutos.

Finalizo este item e este capítulo com uma fala de um de meus entrevistados do grupo homossexual, que junto com seu parceiro, de forma muito atenciosa e gentil, organizou um jantar em nosso último encontro, cujo cardápio foi um delicioso bacalhau à Gomes de Sá, que saboreamos juntos, conversando sobre o que nos vinha à cabeça. Disse ele:

“Eu queria te dizer que eu te desejo muito sucesso. Quero que esse trabalho que tu estás fazendo sirva, tanto quanto for possível, pras pessoas entenderem não só o lado do relacionamento e que o amor é importante e que é uma coisa vital pra saúde (...) pro crescimento espiritual (...)E que, de alguma forma, tu também tenhas aprendido um pouco comigo e com (o seu parceiro)”.

No capítulo a seguir passo a apresentar mais detidamente os dados de campo, adentrando, assim, no universo específico das parcerias entrevistadas e de suas histórias de amor.



III. A “cara” do amor ou o amor como ele é (para os que o vivem) – parte I

Somente após ter definido o título deste capítulo é que me dei conta¹¹³ que ele remete à obra do grande jornalista, dramaturgo e escritor brasileiro Nelson Rodrigues (1912-1980) que entre 1951 e 1961 assinou uma coluna no jornal carioca *Última hora*, cujo título era “*A vida como ela é...*”¹¹⁴. Publicada seis dias por semana, a cada dia Nelson escrevia uma história diferente, basicamente sobre o tema do adultério. Deste tema tão simples e tão eterno e de sua meditação sobre o casamento, o amor e o desejo, ele extraiu quase duas mil histórias ambientadas no Rio de Janeiro dos anos cinquenta do século findo há uma década. No meu caso, “o amor como ele é” representa as seiscentas e setenta e nove páginas que se configuraram, após a transcrição, em grandes e grossos cadernos repletos das histórias de amor que me foram narradas e que apresento ao leitor ao longo desta tese.

Considerando o rico material de pesquisa de campo acumulado, pretendo ao longo deste capítulo trazer à tona as falas de meus entrevistados de modo que o leitor possa usufruir um pouco daquilo que vivi ao ouvir a tradução verbalizada de tão ricas experiências amorosas. Elas estarão aqui exibidas não apenas para ou por isso, obviamente, mas por serem o denso material que elegi como lente através da qual interpreto nesta tese a vida social, seguindo a trilha (infelizmente) por ainda poucos percorrida nos arraiais de nossa disciplina no Brasil (cf. LOBATO, 1997; HEILBORN, 2004a; MATOS, 2000; ALMEIDA, 1996 e MOUTINHO, 2004). Dos quais, aliás, apenas Josefina Lobato trata especificamente do tema do amor, enquanto nos outros autores,

¹¹³ Registro aqui meu agradecimento à minha orientadora que na verdade foi quem me chamou a atenção para o fato.

¹¹⁴ Ver Zechlinski cujo artigo discute as relações de gênero na década de cinquenta através de cinco contos de Nelson Rodrigues, publicados na coluna “A vida como ela é ...” (ZECHLINSKI, 2007).

principalmente nas autoras (mulheres), este entra como coadjuvante necessário do tema principal.

Dada a extensão do material coletado, optei por dividir o capítulo em duas partes, cada uma das quais enfoca um conjunto de temas que foram objeto de discussão durante as longas conversas que tive com os entrevistados¹¹⁵. No decorrer das entrevistas, identifiquei que as parcerias privilegiavam certos temas e davam menos ênfase a outros o que serviu de parâmetro para que eu elegesse os temas que aqui apresento e que justifica, por outro lado, que em determinados momentos uma parceria seja mais referida que outra.

Como já enfatizei no capítulo anterior, a partir de agora os entrevistados ganham nomes fictícios de pessoas reais que existiram verdadeiramente, bem como de personagens da literatura e do cinema, personagens estes cujas vidas são outras histórias de amor repletas de traços distintos e recheadas de similaridades se comparadas com aquelas que aqui apresento daí porque em alguns momentos farei menção a elas. Aproveito para esclarecer, do mesmo modo, que a primeira menção ao entrevistado será através do seu nome fictício completo (ex: Paul Verlaine, Oscar Wilde) e que, posteriormente, a fim de não cansar/confundir o leitor usarei apenas o primeiro nome (ex: Paul, Oscar), reservando o sobrenome acrescido de alguma outra informação (ex: Wilde, o escritor inglês) quando estiver tratando dos célebres personagens que selecionei.

¹¹⁵ Como já mencionei no capítulo dois, o roteiro utilizado continha questões como: a idéia de amor, o que é bom e o que é ruim no amor, o que alimenta e o que destrói o amor, a trajetória amorosa do par, a expressão do amor no dia-a-dia, variações no amor, rituais e rotinas do amor, objetos que marcam a história de amor, hábitos comuns, a linguagem amorosa, motivos de brigas e desentendimentos, administração da vida doméstica, lazer, rede de amigos, relação amor, paixão e amizade, diferenciações de gênero e exemplos de relacionamentos de pessoas reais ou fictícias que fossem (tivessem sido) referências amorosas positivas para o par; nas entrevistas individuais indagava sobre a trajetória amorosa, projetos pessoais e em comum, expectativas em relação ao relacionamento atual e em relação ao parceiro.

Gostaria também de dizer que, da mesma forma que outros autores (HEILBORN, 2004a; KONDER, 2007), não resisti à tentação de referir ao longo dos capítulos finais da tese, algumas canções de nosso repertório popular que tematizam o amor dos amantes. Apesar disso, não tenho a pretensão de fazer uma análise das mesmas, mas apenas estabelecer algumas ligações com o tema em pauta, deixando ao leitor a liberdade de fazer por ele mesmo os cruzamentos que considerar cabíveis. Algumas destas canções foram referidas pelos entrevistados como músicas que, de alguma forma, constituíram marcos na vida do par; são canções que os remetem a algum momento vivido juntos e que, dessa forma, passaram a fazer parte da trajetória amorosa da parceria; outras fazem parte de nosso repertório musical que, como sabemos, além de vasto, é muito rico e diversificado e tematiza o cotidiano do amor em suas mais diferenciadas nuances, daí porque é um excelente material de reflexão e estudo.

Neste sentido, pude identificar - dentre o material que acessei e selecionei - que, em grande parte, as canções falavam/cantavam o amor sofrido, irrealizável, impossível de ser vivido na sua plenitude; ou ainda, tratavam de um amor que não sofreu continuidade devido ao ciúme, às traições, às insatisfações que acabaram por conduzir os amantes a separação; outras canções falavam de amores passados e do desejo de novos amores futuros; enfim, nosso repertório musical, da mesma forma que o fizeram meus entrevistados, trata o amor mais do ponto de vista da vivência cotidiana como será visto a partir de agora.

“O que é o amor, onde vai dar...?”¹¹⁶

Como já adiantei no capítulo I, o primeiro aspecto que procurei abordar com o grupo de entrevistados dizia respeito à idéia de amor, ou seja, nosso encontro iniciava com a seguinte questão: o que é o amor no contexto de uma parceria amorosa? Esta questão que delimitava o lugar e o tipo de amor de que eu estava tratando (o amor dos amantes, não necessariamente o deles, mas também o deles), possibilitou as pessoas entrevistadas pelo menos duas maneiras diferenciadas de tratamento do tema: uma delas foi falar teoricamente a respeito, o que se revelou muitas vezes difícil para, pelo menos, metade do grupo de entrevistados, que se mostrou claramente inseguro, confuso, titubeante, evasivo e sucinto como já sinalizei no capítulo anterior. Pude observar, assim, que definir um sentimento abstrato e, ao mesmo tempo, tão intenso como o amor se tornou uma cilada da qual todos, sem exceção, escaparam usando o artifício de remetê-lo para o campo da vivência cotidiana do próprio par (na maioria dos casos) e/ou dos outros, o que se constitui em uma outra maneira de falar do amor, qual seja, a de dizer de que forma esse amor se expressa na experiência que é vivenciada pelo par¹¹⁷.

Apesar da dificuldade inicial, ou talvez por conta dela, o amor foi invariavelmente definido através da associação com outros sentimentos ou atitudes e, em alguns casos, como sinônimo destes. Isso pareceu se dar pelo fato de que ele é visto pelo grupo entrevistado - ou pelo menos por parte dele com um representante em cada um dos três grupos entrevistados - como algo “que não se define”, devido ao seu alto grau de “*subjetividade*”. Sendo assim,

¹¹⁶ Trecho da canção “O que é o amor?”, de Danilo Caymmi, do álbum “Trilhas” (2001). Esta canção que abre o primeiro capítulo desta tese foi referida por um dos entrevistados como uma música que remete ao relacionamento amoroso do par, na medida em que como disse um deles, “a gente vive isso (o amor) *intensamente, sente isso intensamente*”, mas “*não sabe onde vai dar*”.

¹¹⁷ Não é a toa que os entrevistados tiveram dificuldade em definir o amor. De acordo com o Dicionário de Filosofia (ABBAGNANO, 2000) os significados que este termo apresenta na linguagem comum são múltiplos, díspares e contrastantes da mesma forma que o são no campo filosófico como se pode ver nas análises dos filósofos algumas das quais foram tratadas no capítulo I.

foi dito que o amor não é “*tangível*”, nem “*palpável*”, é “*algo que não se traduz fácil*”, pois o amor simplesmente “*se sente*”, idéia esta que já havia sido enunciada pelo filósofo romano Sêneca segundo o qual “*o amor não se define; sente-se*”¹¹⁸ e que foi encontrada também nos informantes de Dauster (1984) quando esta trabalhou com a relação entre amor, sexualidade e família.

Com efeito, os entrevistados oscilaram o tempo todo entre definir o amor e, ao mesmo tempo, afirmar sua indefinição. Tristão, que vive uma longa parceria com Isolda, por exemplo, afirmou peremptoriamente que “**o amor não se define**”, para em seguida dizer: “*Essa é minha definição de amor: é você não se imaginar sem aquela pessoa*”.

De forma semelhante, Paul Verlaine, parceiro de Arthur Rimbaud há três anos, também fala em imprecisão ainda que seja muito específico em sua definição do amor. Segundo ele,

“(...) não dá pra te dizer precisamente o que é que é o amor; o amor é um sentimento que nos mobiliza estar juntos, a cuidar um do outro, a zelar pelo bem-estar, que nos causa uma sensação boa de não estar só, de saber que existe alguém no mundo que me estende a mão, com quem eu posso chorar, que a gente vai discordar, que o outro vai discordar da gente, mas que isso é um processo e isso nos fortalece. Não sei se respondo a tua pergunta”.

Esta (in)definição do amor é uma fala que se faz presente em todos os tipos de parceria entrevistados, mas os representantes heterossexuais foram aqueles que mais enfatizaram este aspecto, do total de três pares, todos o viam dessa forma; já entre o grupo homossexual, localizei duas parceria, uma

¹¹⁸ Esta frase de Sêneca é muito popular e é utilizada em variados contextos. Este ano, uma escola da cidade exibiu um *out-door* com a mesma em referência ao dia das mães.

de cada gênero, cuja opinião caminhava no mesmo sentido. Os depoimentos a seguir falam por si sós:

“O amor que tem que se definir já não é amor. O amor não se define. Por que eu amo? Sei lá, eu amo¹¹⁹. Se você pensar assim: ah! eu amo essa pessoa, por causa disso, disso, dessa e dessa virtude, dessa e dessa qualidade, você já ta modelando, o que não é amor, é admiração, é ... sei lá! O amor não tem motivo, não tem razão, **não tem definição. Por isso muita gente ama errado, ou ama a pessoa errada, porque **não tem definição**. Você ama, e aí? Fazer o quê, né?”¹²⁰. (parceria heterossexual, Tristão)**

“Eu entendo que o amor seja um sentimento é...mas não... que ele **não se traduz muito fácil assim em...principalmente em palavras¹²¹. Desde quando tu falaste por e-mail da**

¹¹⁹ Este trecho da fala de Tristão lembra outro, este de Drumond, que diz “*Eu te amo porque te amo*”, frase que faz parte do poema “*As sem-razões do amor*”. Fica, assim, evidente o quanto as idéias acerca do amor que cada um de nós toma como suas, são na realidade fruto das construções existentes sobre ele que compõem o nosso imaginário amoroso. Segue o poema na íntegra: “*Eu te amo porque te amo/Não precisas ser amante/e nem sempre sabes sê-lo./Eu te amo porque te amo./Amor é estado de graça/e com amor não se paga./Amor é dado de graça/é semeado no vento/na cachoeira, no eclipse./Amor foge a dicionários/e a regulamentos vários./Eu te amo porque não amo/bastante ou demais a mim./Porque amor não se troca/não se conjuga nem se ama./Porque amor é amor a nada/feliz e forte em si mesmo./Amor é primo da morte/e da morte vencedor/por mais que o matem (e matam)/a cada instante de amor.*”

¹²⁰ Neste outro trecho da fala de Tristão, ele sintetiza a ideia do amor como uma força da qual não se tem, absolutamente, o controle e, nessa perspectiva, contra a qual não se pode lutar. Majnun, personagem que protagoniza a obra de NIZAMI (2003), a lenda de “*Laila e Majnun*”, considerada a história de amor mais popular do mundo árabe, representa bem esse papel. A lenda narra a saga dos dois jovens apaixonados que vivem um amor proibido, impossível de concretizar-se. Diante dessa impossibilidade, o rapaz passa a comportar-se como um louco (majnun) cantando seu amor em versos que passam a ser conhecidos de todos, fugindo do convívio social e isolando-se no deserto em meio a animais selvagens que passam a ser sua companhia. Ao tentar resgatá-lo, reintegrando-o à vida social que ele abandonara, após ouvir os argumentos lúcidos de seu pai ele diz: “*(...) você me pede que faça o impossível. Porque não escolhi o caminho em que ando: fui lançado nele. Estou aprisionado e sou conduzido por correntes de ferro; mas não fui eu que as coloquei. Se sou um escravo do amor, é porque isso foi decretado pelo Destino para que seja assim! (...)*” (p.42).

¹²¹ BOZON/HEILBORN (2001), fazendo uma análise comparativa sobre as trajetórias afetivo-sexuais de homens e mulheres no Rio de Janeiro e em Paris, chamam atenção para o fato de que no Brasil a iniciação amorosa é muito mais mediada pela aproximação dos corpos, pelo olhar, pelo toque do que pela linguagem, enquanto que na França a situação é inversa, pois a troca verbal é bastante praticada e valorizada. Nessa perspectiva, as “*carícias e as palavras*”, se fazem presentes de forma inversa nestes dois universos. A fala de Emma em relação ao amor parece indicar um movimento semelhante, que não é só dela, pois se faz presente em

*temática eu me...foi a primeira pergunta que eu fiz, mas o que é que eu acho que seja o amor? (...) O amor é...algo... que **não é tangível, que não é palpável** (...)*. (parceria heterossexual, Emma Wedgwood)

*“Ah! meu Deus! O que é o amor? (...) **Eu não tenho uma definição** de...amor, não!”*. (parceria heterossexual, Isolda)

*“Eu...eu...**sinto o amor**...Posso dizer que é **inexplicável, é sentir mesmo**. (...) **Eu não conseguiria assim conceituá-lo** mas sei que é muito bom...é prazeroso (...)”*. (parceria homossexual, Arthur)

*“Realmente, o amor ele se resume num conjunto de várias virtudes, vários sentimentos. É assim, dessa maneira, **como eu sinto**, como eu vejo. Hoje o amor pra mim tá muito mais maduro do que antes no relacionamento, mas com relação a exatamente definir o que é o amor, eu posso te definir dentro destas palavras e **definir o que sinto aqui dentro**, porque eu sinto saudade todos os dias, eu quero sempre o melhor pra ela, eu deixo de comer alguma coisa pra que ela coma, e vice-versa, ela também faz o mesmo por mim. Então, eu acho que isso é amor. Eu conto a verdade pra ela, por mais que seja alguma coisa chata, também chamo a atenção (...) não vejo só as virtudes dela (...) Então, eu acho isso. O amor é essa união de vários sentimentos, de várias virtudes”*. (parceria homossexual, Elizabeth Bishop)

Mas não são somente os entrevistados que falam do amor dessa forma. Camões, por exemplo, o grande poeta português que muito cantou o amor em sua obra, afirma que o amor é *“um não sei quê, que nasce não sei onde,/vem não sei como e dói não sei por quê”*(1982).

diversas falas, de que a definição do amor prescinde das palavras, já que o amor não pode ser “traduzido” através da linguagem, assim ele passa a se situar no campo da vivência, da prática amorosa, do “fazer amor”, num sentido mais ampliado de compreensão e não apenas aquele vinculado ao sexo.

Na música popular brasileira, onde o tema do amor é tratado exaustivamente, como já enfatizei antes, uma famosa canção diz¹²²: “*eu tenho tanto pra te falar, mas com palavras não sei dizer...*”, mais adiante continua o autor “*e não há nada pra comparar, para poder lhe explicar...*”, reforçando a tese de que falar de amor e explicá-lo ou defini-lo, não é tarefa fácil.

Diante destas falas, acho pertinente considerar que - se pensarmos bem - todo e qualquer sentimento pode ser definido da mesma forma que o amor o foi. Colocada nesses termos, a ênfase que foi dada a este aspecto - certamente resultado da construção em torno das idéias sobre o amor, com as quais comungamos e partilhamos, é bom não esquecer - o remete ao campo do abstrato, do inexplicável, enquanto que no amor, o elemento passível de explicação seria a vivência ou a prática amorosa¹²³. Se não é possível definir o amor, o caminho escolhido pelo pares entrevistados foi falar de amor, ou melhor, falar do amor vivido por eles ou das experiências amorosas que, de alguma forma, se cruzam com as suas próprias.

Daí porque se dermos ouvido aos corações apaixonados, a estas (in)definições somar-se-ão um conjunto de reações físicas que caracterizam o

¹²² Trecho da famosa canção “*Como é grande o meu amor por você*” de Roberto e Erasmo Carlos, do álbum “*Roberto Carlos em ritmo de aventura*” (1967) que pode ser considerada um hino ao amor em suas mais variadas formas, inclusive - e, talvez, principalmente - aquela de que estou tratando nesta tese, o amor dos amantes. Segue a canção na íntegra: “*Eu tenho tanto/Pra lhe falar/Mas com palavras/Não sei dizer/Como é grande/O meu amor/Por você.../E não há nada/Pra comparar/Para poder/Lhe explicar/Como é grande/O meu amor/Por você.../Nem mesmo o céu/Nem as estrelas/Nem mesmo o mar/E o infinito/Não é maior/Que o meu amor/Nem mais bonito.../Me desespero/A procurar/Alguma forma/De lhe falar/Como é grande/O meu amor/Por você.../Nunca se esqueça/Nem um segundo/Que eu tenho o amor/Maior do mundo/Como é grande/O meu amor/Por você.../Mas como é grande/O meu amor/Por você!*”.

¹²³ OLTRAMARI (2009) em sua revisão das leituras contemporâneas sobre o amor na literatura nas ciências humanas, considera o amor numa perspectiva de interação social vivenciada como sentimento amoroso. Sua análise centra-se principalmente na teoria dos *roteiros sexuais*, compreendendo o amor como uma prática social, mas vivenciada como sentimento. Esta forma híbrida constitui, segundo ele, uma das principais características do amor na contemporaneidade.

encontro de duas pessoas que se amam como as palpitações, os suores, a garganta seca, os rubores ou a palidez¹²⁴, enfim, todos estes sinais que são exaustivamente explorados em nossas canções românticas, na obra dos poetas apaixonados ou na vasta literatura que se dedica ao exame e à narrativa do amor dos amantes, seja ela clássica, ou aquela apresentada nos contos de fadas ou tantas outras histórias que se tornaram populares.

A obra de Gay (1986) é uma referência importante nesse campo. Ao analisar a literatura de ficção do século XIX ele identifica que o amor foi um tema privilegiado por ela, pois como ele mesmo afirmou, ainda quando o enredo versasse sobre temas mais amplos, *“era o amor que puxava os cordões nos bastidores”* (p.121). Isso se dava porque a história de amor, *“por ser a história de todos”*, possuía um caráter absorvente, independente do tipo de enredo de que tratava. Gay enfatiza que a obra de ficção *“não é simplesmente um texto autônomo ou uma ruminação inteiramente pessoal, mas, na verdade, um reflexo de sua sociedade”* (p.125) e isso pode ser visto com maior intensidade nos textos considerados de segunda e terceira categorias que, segundo ele, fornecem informações melhores acerca de seu tempo na medida em que *“estão mais próximos dos desejos em estado bruto do que a exploração criteriosa, rebuscada, imaginativa, que o escritor sério tende a empreender”* (p.405). O amor era, portanto, tratado como assunto sério, já que a ficção *“não se limitava a inventar ou registrar vidas e amores; ela os moldava”* (p. 145), como dizia Gay.

Nessa perspectiva, as idéias enunciadas pelas parcerias entrevistadas no que tange à definição de amor, estão presentes nas visões de senso

¹²⁴ BORGES (2004) refere o poema da poetisa grega Safo que descreve as sensações provocadas pelo objeto amado: *“Quando eu te vejo,/Minha voz engasga, /Minha língua fica paralisada,/Uma febre selvagem percorre todo o meu corpo/ E eu não vejo nada/Meus olhos se enchem de um ruído latejante/ E todo meu ser estremece”*. Outro poeta, Pinxinguinha, bem mais próximo de nós, afirma em sua famosa canção, Carinhoso, composta no início do século XX (1916-1917), *“meu coração,não sei por que, bate feliz quando te vê...”*

comum, pensado a partir de Geertz (1998) e, de certo modo, tornaram-se popularizadas, midiáticas, podendo ser encontradas nas falas de vários interlocutores o que, absolutamente, não lhes retira o valor; ao contrário, é justamente esta característica - a sua disseminação - que lhe dá estofamento e revela a sua importância como um elemento que existe enquanto tal porque foi construído intelectualmente dessa forma e ao mesmo tempo vai sendo reproduzido, verbalizado, reinventado, *ad infinitum*, como enfatizou Gay ao se referir à literatura como algo que inventa, registra e molda os amores.

No caso do estudo em questão, os depoimentos recolhidos através das entrevistas feitas, me permitem afirmar que, para o grupo com o qual trabalhei - e para, especificamente cinco parcerias - o amor é um sentimento que foi, inicialmente definido (por paradoxal que pareça) como “*algo que não se define*” para, em seguida, ser explicado a partir de sua associação com outros *sentimentos e virtudes*, que, juntos, formam um “*conjunto*”, em que diferentes “*facetetas*”/ “*aspectos*” e “*ingredientes*” variados - para usar os termos “nativos” - permitem que ele ganhe materialidade e possa assim ser demonstrado, tal como pode ser vislumbrado na última fala acima referida, tão recorrente em meu material de campo. Em outros casos, posso dizer que a maioria, ele imediatamente era pensado como sendo esses sentimentos, ou seja, privilegiou-se, como enfatizei antes, mais a vivência amorosa e menos o sentimento, o que resultou na definição do amor em outros termos mais palpáveis e concretos.

Neste sentido, os termos ou expressões, às vezes, desdobradas, através dos quais as parcerias definem o amor - e que totalizam trinta e oito - serão apresentados a seguir em sua totalidade, ordenados em um quadro a fim de que melhor se visualize sua organização para, em seguida, serem

desmembrados e analisados com mais detalhe a partir de outros parâmetros¹²⁵. Deste conjunto, adianto que o termo mais citado individualmente e por parceria foi **companheirismo**, o que será tratado mais a frente.

Quadro 1: Definições de amor

Termos	Ações		Comentários
<i>Amizade</i>	<i>Atenção</i>	<i>Dedicação</i>	<i>Estar junto</i>
<i>Atração</i>	<i>Carinho</i>	<i>Doação</i>	<i>Querer bem</i>
<i>Companheirismo</i>	<i>Ceder</i>	<i>Gentileza</i>	<i>Saber lidar com as diferenças</i>
<i>Compromisso</i>	<i>Compartilhar</i>	<i>Lealdade</i>	<i>Sentir falta da pessoa amada</i>
<i>Cumplicidade</i>	<i>Compreensão</i>	<i>Paciência</i>	<i>Sentir prazer com a companhia do outro</i>
<i>Fidelidade</i>	<i>Consideração</i>	<i>Reciprocidade</i>	<i>Sentir-se bem ao lado de quem se ama</i>
<i>Harmonia</i>	<i>Convivência</i>	<i>Renúncia</i>	<i>Ter orgulho do outro</i>
<i>Honestidade</i>	<i>Cuidado</i>	<i>Sinceridade</i>	<i>Troca de sentimentos e valores</i>
<i>Parceria</i>	<i>Diálogo</i>		<i>Tratar bem a pessoa amada</i>
<i>Respeito</i>			
<i>Simplicidade</i>			
<i>Tolerância</i>			

Fonte: Pesquisa de campo, 2007-2009.

Deste conjunto e estabelecendo uma comparação com os dados de campo coletados em 1995, já referidos no primeiro capítulo¹²⁶, identifico que, bem mais de uma década depois, alguns termos ou expressões se repetem, outros são suprimidos e um conjunto de termos novos foi proposto pelo grupo atual, como se pode ver no quadro abaixo.

¹²⁵ Voltando à questão metodológica que tenho destacado ao longo deste trabalho, devo dizer que organizar os quadros que serão apresentados a seguir, exigiu um esforço e uma atenção redobrada de minha parte, pois foi necessário, inicialmente, levantar todos os termos usados para definir o amor, para, em seguida, verificar quantas vezes eles haviam sido citados, individualmente e por parceria. Feito isso, procurei estabelecer um cruzamento dos dados da pesquisa atual com a pesquisa feita em 1995 verificando o que se repetia e o que havia sido suprimido ou acrescentado. A próxima etapa foi agrupar os termos, estabelecendo uma relação entre eles, o que em alguns casos era óbvio, em outros nem tanto e em algumas situações inexistente. Isso tudo associado com o número de vezes em que o termo era enunciado me permitiu avaliar o grau de importância que cada um deles e o conjunto deles tinha para as parcerias entrevistadas. Tal empreitada exigiu que eu construísse inúmeros outros quadros através dos quais cheguei aos que aqui apresento. Este material me possibilitou olhar, pensar, rever, comparar, contrapor, combinar, enfim, “ler” o que os números estavam ali a me dizer o que, admito, não foi uma tarefa fácil.

¹²⁶ Refiro-me aqui à minha Dissertação de Mestrado, já citada no capítulo Um.

Quadro 2: Comparativo entre pesquisa de 1995 e pesquisa de 2007

termos repetidos	<i>Amizade, carinho, ceder, companheirismo, compreensão, diálogo, doação, renúncia, respeito, tolerância.</i>
termos suprimidos	<i>Perdoar, confiar, aceitar o outro como ele é.</i>
termos e expressões propostos	<i>atenção, atração, compartilhar, compromisso, consideração, convivência, cuidado, cumplicidade, dedicação, estar junto, fidelidade, gentileza, harmonia, honestidade, lealdade, paciência, parceria, querer bem, reciprocidade, saber lidar com as diferenças, simplicidade, sinceridade, sentir-se bem ao lado de quem se ama, sentir falta da pessoa amada, sentir prazer com a companhia, ter orgulho do outro, tratar bem a pessoa amada e troca de sentimentos e valores.</i>

Fonte: Pesquisa de campo, 2005 e 2007-2009.

Deste quadro comparativo, gostaria de chamar a atenção, inicialmente, para os termos que foram suprimidos. Analisando o material de campo da pesquisa de 1995, identifiquei que estes termos não correspondiam aos considerados mais importantes e significativos. Na verdade, eles foram referidos no contexto específico da discussão acerca da ideia de fidelidade, discussão esta praticamente ausente no trabalho atual¹²⁷. Em contrapartida, dentre os termos que se repetem, quatro deles também aparecem como relevantes nos dados de 2007, como é o caso de companheirismo, respeito, carinho e compreensão. Nos dados de outrora, o amor e o respeito foram considerados a “*base da relação*”, o “*ponto de sustentação*” do casamento, ambos associados à compreensão e ao diálogo. Hoje, passados doze anos, eles aparecem como o núcleo central em torno do qual o sentimento e a relação amorosa se organizam.

Devo ressaltar que estou considerando aqui as respostas dadas à questão inicialmente proposta que, como já disse antes, dizia respeito ao que

¹²⁷ Somente uma pessoa, pertencente ao grupo homossexual feminino, referiu o termo fidelidade associado à ideia de amor. No mais, a questão da fidelidade foi muito pouco focada no contexto das discussões sobre o amor, seja porque não havia nenhuma questão específica por mim formulada acerca dela, seja porque ela pouco surgiu nas falas das parcerias entrevistadas.

os entrevistados pensavam acerca do amor. Isso implica em dizer que estávamos - eu e eles - no início do processo de interação, pois era nosso primeiro contato, o que gerava expectativas e ocasionava uma certa inibição que, ao longo do processo de entrevistas ia sendo superado pela familiaridade que íamos adquirindo. Ademais, há que se considerar também que o grupo entrevistado desconhecia a pergunta que eu iria fazer - ainda que soubesse do teor das entrevistas, pois isto havia sido explicitado no momento em que o convite para participar do trabalho foi feito - e, portanto, eram, digamos assim, “pegos de surpresa”¹²⁸ e não tinham oportunidade de dar uma resposta mais elaborada e fruto de uma reflexão acerca do tema. Se por um lado este elemento surpresa foi importante, pois trouxe à tona um registro recente, não posso deixar de considerar também que ao longo das entrevistas, aspectos que não tinham sido enfatizados na resposta à pergunta inicial, ganhavam destaque e eram considerados cruciais na constituição e manutenção do relacionamento amoroso como será visto mais adiante.

Um outro aspecto que gostaria de ressaltar é que, de modo geral, ao definirem o amor, as parcerias citavam um conjunto de termos que associados entre si davam a dimensão do que eles consideravam como sendo este sentimento. Isolados, estes termos perdiam (perdem) em densidade e apresentavam uma visão limitada do amor. A fala de Isolda me parece exemplar. Disse ela:

“(...) eu acho que amar uma pessoa é você poder estar com ela o tempo todo tranquila, sabe? Dar direito a ela de sair,

¹²⁸ Talvez nem tanto assim, pois uma entrevistada disse o seguinte: “Desde quando tu falaste por e-mail da temática eu me...foi a primeira pergunta que eu fiz: mas o que é que eu acho que seja o amor?”. Se ela se perguntou isso, é provável que os demais entrevistados também tenham feito o mesmo; ou, pelo menos algo semelhante.

de ir e vir (...) respeito (...). Amar é saber entender que nós somos pessoas únicas, diferentes uma da outra, nós temos os nossos pensamentos, discordamos e a gente chega a uma discussão de uma discórdia e não chegamos a um final comum, então você fica com a sua verdade e eu fico com a minha verdade e a gente respeita o ponto de vista de cada um sempre”.

Apesar disso, para alguns pares - um homo masculino e um feminino - o amor foi definido através de uma palavra mas, mesmo nestas situações ao tentar explicar o que significava o termo referido, novamente surgiam as associações. Armand, parceiro de Albert há quatro anos, foi um dos que agiu desta maneira, como se pode ver no seu depoimento, a seguir:

*“Então, o amor pra mim...eu acho que uma relação de amor é uma relação que tem que ter principalmente **cumplicidade**¹²⁹. Eu costumo dizer assim, eu só consigo acreditar que há um sentimento forte, além daquela euforia de paixão, aquela loucura, aquela ansiedade, aquela coisa do momento, é tá muito ligado à cumplicidade, entendeu? Quando você é cúmplice...a maior forma de demonstrar amor é na cumplicidade. Eu entendo o amor assim, pra mim o amor é cumplicidade só, porque da cumplicidade vem compreensão, porque quando você é cúmplice você é compreensivo, quando você é cúmplice você é carinhoso, quando você é cúmplice você é companheiro, quando você é cúmplice você é leal, porque só há cumplicidade se houver lealdade, se houver respeito, se houver...entendeu? Então você em geral, passa a entender a pessoa. Pra mim o amor é isso, eu resumo o amor na cumplicidade”.*

¹²⁹ A palavra cumplicidade remete à cúmplice, cujo sentido primeiro no Novo Dicionário Aurélio versão eletrônica diz respeito à *pessoa que tomou parte em um delito ou crime; co-autor*. Todavia, existe um outro significado que mais se aproxima daquele que este entrevistado está falando e que remete à *pessoa que colabora em, ou participa com outrem de algum fato; parceiro, sócio*. Vale ressaltar que este termo se tornou muito comum no contexto das relações amorosas.

Em outro caso exemplar, Elizabeth diz o seguinte: “*Se for definir o amor numa palavra, eu te diria que é **respeito** (...) Só que quando eu digo: amor é respeito, é porque eu acho que tem tudo isso que a Lota falou*”.

Lota que havia se pronunciado primeiro e que tem com Elizabeth uma parceria que já dura dezenove anos, havia dito o seguinte:

“Quando a gente fala em amor hoje, o que a gente tem construído, vem a questão da amizade, companheirismo, consideração, fidelidade. Realmente, o amor ele se resume num conjunto de várias virtudes, vários sentimentos. É assim, dessa maneira, como eu sinto, como eu vejo. Hoje o amor pra mim tá muito mais maduro do que antes no relacionamento, mas com relação a exatamente definir o que é o amor, eu posso te definir dentro destas palavras e definir o que sinto aqui dentro (apontando para o peito), porque eu sinto saudade todos os dias, eu quero sempre o melhor pra ela, eu deixo de comer alguma coisa pra que ela coma, e vice-versa, ela também faz o mesmo por mim. Então, eu acho que isso é amor. Eu conto a verdade pra ela, por mais que seja alguma coisa chata, também chamo a atenção (...), não vejo só as virtudes dela (...). Então, eu acho isso. O amor é essa união de vários sentimentos, de várias virtudes. Não é uma coisa muito fechada (...)

Desse modo, tendo por base a ideia de que o amor é um “conjunto de vários sentimentos e virtudes”, procurei identificar quais, dentre os inúmeros sentimentos e virtudes citados, aqueles que tinham maior expressão para o grupo em função da frequência com que foram mencionados no contexto das entrevistas. Assim, considerando um total de vinte entrevistados que compunham as dez parcerias amorosas com as quais trabalhei, os termos que

mais se destacaram individualmente¹³⁰ e por parceria e que formam o conjunto dos mais referidos, foram os seguintes:

Quadro 3: Termos que definem o amor referidos individualmente e por parceria

Termos referidos	Citações individuais	Citações por parceria
companheirismo	8	5
respeito	7	5
carinho	5	3
cumplicidade	5	4
cuidado	4	3
compreensão	4	3

Fonte: Pesquisa de campo, 2007-2009.

Como se pode ver, do conjunto de trinta e oito termos ou expressões levantadas (ver quadro 1), são estes seis que formam o núcleo mais significativo para o grupo entrevistado, ou pelo menos mais reiteradamente lembrado, verbalizado. Não observei expressivas diferenciações de gênero ou no que tange à orientação sexual, pois em todos os casos sempre se fazem representar os três grupos entrevistados, quais sejam, hetero e homo masculino e feminino.

Todavia, a fim de realizar uma análise mais cuidadosa e diante da leitura que fiz dos dados que se apresentavam, verifiquei que alguns destes “*sentimentos e virtudes*” possuíam similaridade, equivalência ou proximidade entre si, daí porque resolvi agrupá-los a fim de verificar se eles ganhavam maior expressividade, o que me conduziu ao seguinte resultado:

¹³⁰ Apesar das entrevistas terem sido feitas com ambos os membros da parceria, com exceção da última, ao fazer uma pergunta e obter uma resposta de um dos parceiros, eu solicitava que o outro também se manifestasse sobre aquele mesmo tema. Assim, pude contabilizar o que cada um disse. Também considerei que, em alguns casos, o segundo a falar iniciava afirmando que o amor era tudo isso que o outro havia dito e em seguida, ele acrescentava algo que considerava importante. Nesses casos, contabilizei a(s) palavra(s) duas vezes.

Quadro 4: Agrupamento dos termos que definem o amor

Termo principal	Termos associados	Número de citações individuais	Número de citações por pares
companheirismo	amizade, cumplicidade, compartilhar, conviver, estar junto, parceria, sentir falta do outro e sentir prazer na companhia da pessoa amada	29	11
carinho	atenção, cuidado, dedicação, gentileza, querer bem e tratar bem	21	10
respeito	compreensão, consideração, paciência, tolerância e saber lidar com as diferenças	16	08

Fonte: Pesquisa de campo, 2007-2009.

Como se pode constatar, dos seis termos iniciais - *companheirismo*, *respeito*, *carinho*, *cumplicidade*, *cuidado* e *compreensão* - após o agrupamento restaram somente três deles - *companheirismo*, *carinho* e *respeito*¹³¹. O termo *cuidado* foi associado ao conjunto de termos vinculados à palavra *carinho* e o termo *compreensão* foi incorporado à idéia de *respeito*. Considero importante destacar que, apesar das associações que fiz, os três termos a que estou me referindo, continuaram a ser os mais citados ainda que tenha ocorrido uma inversão na ordem de importância em que eles se encontravam dispostos inicialmente o que colocou carinho na segunda colocação e respeito na

¹³¹ Procurando estes termos no dicionário encontrei as seguintes definições: *companheirismo* é tido como procedimento ou convívio cordial, afetuoso; *carinho* significa afago, meiguice, carícia, bem como, cuidado e desvelo; e *respeito* equivale à consideração, importância (FERREIRA, 1986). Ainda sobre o respeito, o dicionário filosófico o define como reconhecimento da dignidade própria ou alheia e comportamento inspirado nesse reconhecimento. O respeito é um princípio da ética e ocupou filósofos como Demócrito, Platão, Protágoras, Aristóteles (que o incluiu entre as emoções, excluindo-o das virtudes) e Kant (ABBAGNANO, 2000).

terceira, como se pode verificar comparando os quadros três e quatro. Ao que parece, o que é tido como fundamental e que vai além da ideia de par ou da necessidade expressa de constituir uma parceria para assim viver uma experiência amorosa é que amar implica em uma relação pautada no companheirismo, na presença de uma outra pessoa, mas não só isso, pois o companheirismo não prescinde do carinho e do respeito, ou seja, de uma postura amorosa em relação ao seu par¹³². A fala de Paul, companheiro de Arthur há três anos, é expressiva:

“Eu acho que é por aí, não dá pra te dizer precisamente o que é que é o amor; o amor é um sentimento que nos mobiliza estar juntos, a cuidar um do outro, a zelar pelo bem-estar, que nos causa uma sensação boa de não estar só, de saber que existe alguém no mundo que me estende a mão, com quem eu posso chorar, que a gente vai discordar, que o outro vai discordar da gente, mas que isso é um processo e isso nos fortalece”.

Compus ainda mais dois grupos que comparados com os já citados são pouco expressivos individualmente, por terem sido referidos poucas vezes, o que não quer dizer que não sejam valores e atitudes relevantes no contexto de uma parceria amorosa, e sim que apenas não constituíram o foco principal de nossas conversas. Ainda assim, como se pode ver, quando associados aos pares, não ficam com uma pontuação tão distante dos demais.

¹³² GOLDENBERG (2004) ao discutir as representações de gênero em torno do modelo ideal de casal entre os segmentos médios urbanos cariocas, identifica também estes elementos nas falas de seus entrevistados que, segundo ela, referem o companheirismo no contexto dos valores e comportamentos associados ao modelo do ideal romântico e enfatizam o respeito como um item vigente no contexto dos valores igualitários.

Quadro 5: Agrupamento dos termos que definem o amor (menos referidos)

Termos agrupados	Número de citações individuais	Número de citações por pares
fidelidade, sinceridade, honestidade e lealdade	5	5
ceder, renunciar e doar	4	5

Fonte: Pesquisa de campo, 2007-2009.

Por fim, um último quadro reúne alguns termos que designei de “avulsos” seja porque não se enquadravam em nenhum dos demais grupos ou, ao contrário, se enquadravam em vários deles.

Quadro 6: Termos avulsos que definem o amor

Termos avulsos	Número de citações individuais	Número de citações por pares
atração	1	1
diálogo	3	3
harmonia	2	2
reciprocidade	2	1
simplicidade	1	1
ter orgulho de quem se ama	1	1

Fonte: Pesquisa de campo, 2007-2009.

Como se pode constatar diante da pontuação recebida, alguns destes termos foram citados apenas no bojo de uma conversa e por um dos membros da parceria e outros amplamente mencionados ao longo das entrevistas, como é o caso do termo diálogo do qual tratarei a seguir.

“Eu tenho tanto pra lhe falar...”¹³³

Como mencionei anteriormente, quando indagados acerca da definição de amor, os entrevistados priorizaram alguns aspectos deixando de lado outros

¹³³ Trecho da famosa canção de Roberto e Erasmo Carlos, já citada na pág. 149.

que ao longo do processo de entrevista foram ganhando ênfase por serem considerados cruciais para a manutenção do relacionamento amoroso. Para ser mais clara em torno deste ponto, dou como exemplo a questão do diálogo.

Somente uma parceria, Tristão e Isolda, juntos há quarenta anos, destacou explicitamente o diálogo na sua definição de amor. Este fato me chamou atenção porque imaginava (sociologicamente) que esta questão viria à tona através da fala das parcerias mais jovens, pois o estudo da conjugalidade entre os segmentos médios tem apontado para a existência de “*novas conjugalidades*” ou “*alternativas de conjugalidade*” (HEILBORN, 2004a; MATOS, 2000), como o casal igualitário (HEILBORN, 2004a; SALEM, 2007), contexto no qual a presença enfática do diálogo (GOLDENBERG, 2004), da negociação das diferenças, da ocorrência de “DRs” (discutir a relação) é posta como item fundamental da vida a dois. Ocorre que os pares que poderiam atender a estas características não destacaram o diálogo em suas definições de amor, mas deram ênfase nele como um importante elemento no fortalecimento dos laços que unem o par, seja como um mecanismo fundamental na resolução de conflitos ou ainda como uma das coisas boas que caracterizam a vida em comum. Assim, ao longo da pesquisa de campo, na medida em que as entrevistas iam sendo feitas, este tema foi sendo tratado em contextos variados de conversa.

Reproduzo, a seguir, alguns trechos, a fim de melhor elucidar aquilo de que estou falando. Primeiramente, Tristão e Isolda, juntos há quatro décadas. Ao serem indagados sobre o que era o amor, eles se referiram a existência de “*vários ingredientes*” que fazem com que o “*amor permaneça vivo*”. Isolda disse rindo: “*A gente discute a nossa relação*”. Tristão continua: “*(...) essa questão do diálogo, eu acho que as poucas vezes que a gente não partiu pro diálogo, complica*”. Isolda complementa: “*a gente conversa muito. (...) Nós somos um casal que conversamos muito*”.

A frase “a gente discute a nossa relação” dita por Isolda de forma jocosa, dá o tom do que afirmei anteriormente acerca da percepção que ela tem de que existe um ar de modernidade no ato de fazer uma “DR” ou de “discutir a relação” que eles, mesmo sendo um par com uma longa trajetória juntos, ainda assim possuem. Um exemplo disso é dado por Arthur, parceiro de Paul há três anos, que mencionou a DR como um instrumento de avaliação de caráter educativo utilizado pelo par. Disse ele:

“Eu valorizo muito o que a gente chama de DR como um instrumento de avaliação muito bacana. (...) Geralmente a gente faz isso quando a gente faz aniversário: como é que foi isso? como é que tá sendo pra você? você acha que falta o quê nessa relação? Um escuta o outro. Ela pode ser pontual lá naquele dia ou ela pode ser quando surge, quando emerge alguma situação, um fator surpresa”.

Apesar disso, não é sem conflito que este “processo educativo” se dá, pois Paul, muitas vezes, reage contra aquilo que ele considera ser uma ordenação exagerada do amor, uma tentativa de controlar o que em certas situações precisa se manifestar de forma descontrolada para se revestir de um caráter verdadeiro.

Como eu já disse pra ele uma vez, também me aborreci por causa disso, eu disse: porra! bora parar também, porque têm uns dias que eu acho também que não dá pra tu racionalizar a coisa entendeu? (...) Eu também acho que o amor não é assim muito, muito simétrico, sabe? Uma coisa bem bonitinha: olha se tu ligar esse ponto com esse vai dar certo, entendeu? Não dá pra ser assim! No mínimo a gente tem que sentir raiva quando sentir raiva. Não dá pra parar pra gente conversar, porque tem dia que não dá, não é porque toda vez que a gente vai brigar que a gente vai discordar de alguma coisa, que a gente vai ter que sentar. No dia que passar a raiva, a gente vai se chegar, vai se gostar, vai se amar e pronto. No outro dia a gente vai,

discute, a gente repensa, porque senão fica aquele negócio muito assim ...não dá pra ser assim, não dá pra ser assim sempre. É necessário a gente conversar as coisas, aliás, é muito necessário, muito mesmo, mas eu também acho que têm uns dias que tem que viver...viver a raiva também é parte do que nós somos, saber que o outro não é perfeito, é parte do que nós somos”.

Uma parceria heterossexual, Charles e Emma, junta há três anos, refere, num outro contexto, que o maior motivo de brigas e desentendimentos entre o par, resulta do processo de negociação necessário para que eles administrem as diferenças entre eles, diferenças que vão desde o cultivo de hábitos distintos que precisaram ser ajustados no início da vida a dois, até a administração do lar e a educação da filha de dois anos. Assim, desde o começo do relacionamento, como diz Charles:

“(...) tivemos alguns momentos difíceis, em função de uma... dificuldade...de personalidade mesmo, todos os dois gostam muito de mandar e querem muito fazer valer o seu ponto de vista. Então, a gente foi aprendendo com o tempo a cada um aceitar um pouco o ponto de vista do outro (...)”.

Como os “dois gostam muito de mandar”, eles resolveram dividir as tarefas. Como disse Emma: “Então ele vai mandar em algumas coisas e eu mando em outras coisas, tem que ser assim!”. Ainda assim, o aprendizado continua em curso, pois Emma sempre repete ao longo das entrevistas o quanto detesta as “negociações do casamento”, ter que “ceder”, “administrar as diferenças”, “não ter autonomia pra decidir tudo sozinha”, o que ela definiu como “o lado ruim”¹³⁴ do amor.

¹³⁴ Eu indagava de Charles e Emma o que era bom no amor e ela enfatizava que compartilhar era uma coisa boa, mas negociar era algo que ela não suportava. Foi aí que ela disse: “Pra mim é o lado ruim. Não sei se a tua próxima pergunta é essa, eu vou logo começar”.

Tal como destacou Paul acima, não basta dialogar para que haja a resolução de um conflito, é preciso estar atento ao momento adequado de utilizar este recurso. Charles, por exemplo, disse que já sabe que não adianta conversar logo após a briga, pois enquanto ele, meia hora após o conflito, já está disposto a pedir desculpas, com Emma não se dá da mesma forma. Ela pode passar horas ou até dias “emburrada” e não vai adiantar adotar qualquer atitude de aproximação. Ele percebeu que à medida que ela se torna menos monossilábica significa que a raiva está passando, o que nem sempre implica num pedido de desculpas formal, tal com ele desejaria .

O que é importante reter aqui é que o diálogo é utilizado como um mecanismo importante na resolução dos conflitos entre o par, ainda que cada díade dê a ele uma feição diferente. Enquanto Paul/Arthur e Charles/Emma acreditam que há o momento adequado para a conversa que pode ser logo ou se retardar por um tempo mais longo, Tristão e Isolda optam pela discussão imediata em busca de uma solução. Sobre esta questão, disse Tristão:

“Uma outra característica que eu acho que é importante no amor, no amor de verdade e que a gente tem essa bandeira e pouquíssimas vezes a gente não cumpriu essa meta, é não deixar o sol nascer sem resolver um problema. Nós amanhecemos o dia discutindo naquela cama, discutindo um problema X qualquer, alguma coisa de insatisfação pessoal ou de um ou de outro, ou um problema bem comum que os dois têm que se envolver e a gente fica mesmo, já amanhecemos o dia várias vezes, de ter que trabalhar no dia seguinte, fazer uma coisa importante, mas nós só vamos dormir depois que a gente fechar a questão (...) Às vezes dorme meia hora, pra partir pra luta de novo, pro trabalho. Então, isso é uma coisa que a gente vê que é um grave defeito, que pouquíssimas vezes que a gente furou isso, foi muito mal, foi muito ruim, a gente sentiu que não resolveu, que tá estressado. As pessoas ficam de mal, ficam indiferentes, saem de casa, passam três dias fora. Não, isso nunca aconteceu! A gente não deixa o sol nascer sem resolver um problema (...)”

Isolda complementa rindo: *“Às vezes o sol até nasce porque não se resolveu o problema e a gente continua discutindo”*.

Há que se considerar aqui que a “fórmula” utilizada por Tristão e Isolda (e não só por eles), encontra correspondência em várias outras equações utilizadas cotidianamente em situações as mais diversas, como por exemplo a ideia de *“não deixar para amanhã o que se pode fazer hoje”*, ou seja, não procrastinar; não deixar de lado a resolução de um problema do par, implica em ter que conversar sobre ele ou correr o risco de dormir zangado um com outro e apenas adiar a conversa que se faz necessária. Neste sentido, o diálogo constitui um recurso útil; é importante ouvir o outro, valorizar o que ele diz, ainda mesmo quando se discorda de sua fala, pois esse conjunto é uma forma de cuidar da relação, já que *“o amor é como uma planta que precisa ser regada todos os dias”*, metáfora muito utilizada no contexto das representações amorosas. Afonso, parceiro de Anah, tem uma fala aproximada: *“o amor como tudo o mais precisa de alimento, senão morre de fome”*.

O mecanismo do diálogo também foi mencionado por duas mulheres que compõem outra parceria, Marguerite Yourcenar e Grace Frick, juntas há sete anos, que mencionam, também, a cama como o espaço onde o par busca a resolução das dificuldades que surgem no cotidiano. Todavia, enfatizam elas, este recurso foi fruto de um aprendizado da vida em parceria e provocou uma mudança interior que Marguerite considera fundamental, como se pode ver na sua fala:

“(...) ela conversa muito, ela me ensinou a ser uma pessoa que eu realmente não era. Eu guardava mágoa, guardava tudo pra mim. Porque...eu não sei te explicar, mas ela me

ensinou a não ser assim, o que eu sinto eu chego e falo, então eu faço isso. Então, a gente fala muito.

Grace, por sua vez, numa fala que se assemelha a de Tristão e Isolda, refere sua experiência com Marguerite dizendo:

“E como eu tava falando pra ela na cama. Todas às vezes, aconteça o que acontecer, se acontecer alguma coisa, ou com ela ou comigo, eu digo: não vamos levar problema de hoje pra amanhã que vai acumulando, acumulando, acumulando. Uma coisinha que era tão boba, aí se torna uma coisa tão grande, tão grande que daqui a pouco a gente tá tendo brigas sérias... É bem melhor assim, não levar problema de hoje pra amanhã. Vamos resolver da melhor forma possível. A gente senta um pouquinho, vale a pena, hoje, pelo menos eu aprendi isso, sabe?”

Paul e Arthur, também utilizam mecanismo semelhante quando estão diante de um conflito. Disse Arthur:

“Olha a gente não dorme sem...não dá pra dormir puto um com outro. Ou a gente supera isso agora, entendeu? porque estender pra amanhã é piorar a situação, porque junta isso com o estresse do trabalho, da vida, não tem condições. Tanto que um ou outro à noite, antes de dormir vai ter que flexibilizar, repensar e dizer: olha, pois é a gente brigou por causa disso, mas vamos ver como a gente encaminha, vamos dormir bem porque não dá pra gente acordar no outro dia, aí a gente acorda e ‘bom dia!’, aí não rola, aí vai começar outro dia assim? Então, não dá.”

As falas destas parcerias apresentam pelo menos quatro maneiras de conduzir a vida a dois no que diz respeito ao diálogo: 1) não levar o problema de hoje para o dia seguinte, 2) não acumular problemas, 3) não dormir zangado um(a) com o(a) outro(a) e 4) conversar sempre. Ocorre que, como se pode ver, estes modos de fazer se adaptam a outras situações que não o relacionamento amoroso. Assim, sem querer decepcionar o meu leitor, eu diria que, não se

está neste caso inventando a pólvora, como se costuma dizer, muito menos eu ao falar de amor tenho esta pretensão. O fato é que todos nós agimos assim cotidianamente e estes elementos estão presentes e mais que isso são construções valorizadas, disseminadas em nossos discursos e se encontram presentes no relacionamento amoroso, exatamente porque estão presentes nos discursos já elaborados sobre outras coisas. Ou seja, as pessoas, eu, você, os entrevistados para este trabalho, todos nós já ouvimos, falamos ou refletimos sobre estes discursos.

Esta constatação nos leva a um outro aspecto presente nas falas referidas acima, qual seja o fato de que se fala disso sim, mas como se fosse algo inédito, algo que não está presente nas novelas, nos folhetins, nos romances, nas canções, na poesia, enfim, amplamente disseminado em nossa sociedade. Cada um, portanto, constrói sua história de amor como se ela fosse única e a constrói para si e para os outros como sendo dotada de singularidade, ainda que, de certo modo, a história de um seja a história de todos nós. Por isso, segundo Furtado (2008), no discurso amoroso prevalece o lugar-comum. *“Cada amante imagina viver a mais singular das paixões, a mais inigualável. Nenhum livro poderia lhe ensinar o que ele sente e, paradoxalmente, é como se todos os livros, todos os poemas e canções de amor falassem dele e do seu amor”* (p.11-12).

Por outro lado, o diálogo é utilizado, também, como um elemento de atualização do relacionamento, como uma forma de aprofundar a intimidade que caracteriza a vida a dois e de manter-se informado sobre o outro e sobre a vida em geral. Neste sentido ele pode ser o que alimenta o amor, como enfatiza Tristão, parceiro de Isolda:

“Mas a gente conversa, conversa, conversa. Eu saio daqui de carro sozinho, eu escuto música daqui até lá o Ver-o-

peso¹³⁵. Aí nós dois, a gente não liga o som, pra não atrapalhar a conversa e a gente fica conversando. A gente chega tarde, deita e aí a gente vai conversar. Antes de dormir, conversa, conversa, conversa (rindo); na hora do comida, às vezes a televisão tá ligada e a gente tá conversando, não tá nem ligando pro que tá passando (...) Então, eu acho que no nosso caso pessoal, o que mais alimenta é essa capacidade que os dois têm de conversar, de dialogar, de ouvir, de calar na hora certa, de responder de uma maneira que não agrida, nem machuque, mesmo quando discorda. Eu acho que o que mais alimenta a nossa relação é o diálogo”.

Vê-se, assim, a importância do diálogo na manutenção do relacionamento amoroso, como bem disse Jack, parceiro de Ennis, há vinte e dois anos: *“Olha, mas graças a Deus, eu e ele, a gente sempre conversou, né? Ennis responde: “É, com certeza. Se não tiver diálogo (...) a relação não anda mesmo, ela desanda”.*

Ademais, é importante destacar que o exercício de dialogar se reveste de um caráter que varia de acordo com o contexto, pois ao mesmo tempo em que pode ser uma prática cotidiana resultante do prazer de um convívio a dois, de estar junto e de dividir os fatos do cotidiano criando uma espécie de rotinização que funciona como um esteio e dá estabilidade tanto ao indivíduo quanto ao par (HEILBORN:2004a, p.150), ele pode vir a ser utilizado como um recurso educativo ou como uma forma de ajustar, modelar ou reformar o outro (idem:149) que nem sempre é bem acolhida por um dos membros do par.

¹³⁵ O Ver-o-Peso é um mercado situado na cidade brasileira de Belém, no estado do Pará, as margens da baía do Guarajá. Construído em 1625, seu nome faz jus às chamadas Casas do Ver-o-Peso, projetadas no Brasil, em 1614, para conferir o peso exato das mercadorias e cobrar os respectivos impostos para a coroa portuguesa. O mercado faz parte de um complexo arquitetônico e paisagístico que compreende uma área de 35 mil metros quadrados, com uma série de construções históricas, dentre elas o Mercado de Ferro, o Mercado da Carne, a Praça do Relógio, a Doca, a Feira do Açaí, a Ladeira do Castelo e o Solar da Beira. O conjunto foi tombado pelo IPHAN, em 1997. Hoje o Ver-o-Peso é um importante ponto turístico da cidade e nele se encontram a venda frutas verduras e legumes, bem como peixe e carne e também, artesanato, ervas e uma enorme variedade de produtos.

Assim, o que importa mesmo é o exercício do diálogo como destaca Paul, parceiro de Arthur, de forma bastante elucidativa:

“A gente joga muito limpo um com o outro, por isso que a gente tem conversas duríssimas, duríssimas, coisas muito ‘escrotas’ a gente diz um pro outro. Não é faltar com o respeito, mas são coisas difíceis de serem ouvidas. O exercício de desconstruir as coisas para reconstruir juntos nos exige isso. Em determinados momentos ‘tocar em feridas’ que pra nós são doidíssimas, mas que é necessário, porque senão tu vais empacar numa coisa que tu não vai nem conseguir identificar, aí é delicado. Se tu não te permites fazer isso ao longo da tua relação, ela vai esbarrar em coisas, vão acontecer situações que tu vais dizer: ‘é inconcebível isso!’. Não vai mais pra frente daqui, mas não vai e tu não vais nem conseguir dizer direito o porquê, não vais conseguir identificar onde é que tá o ‘nó da história’. (...) Isso é uma construção nossa desde o início, de dizer...tem uma característica que nos une: somos muito francos um com o outro, muito francos. Então, isso nos permite dizer e aprender a ouvir também. Porque, pra nós, era muito complicado no início? Ouvir era muito complicado, tanto que nós discutíamos muito mais do que a gente discute hoje. É isso que nos permite, eu acho ...eu acho que é isso que nos fortalece, é isso que dá solidez pra coisa. A gente fez uma base legal ou a gente estabeleceu normas que iam nortear a gente pro resto da nossa vida sem precisar faltar com o respeito com o outro, sem precisar ser agressivo com o outro ou às vezes até agressivos mesmo, somos seres humanos, temos raiva, enfim. Mas até pra exercer isso a gente saca a possibilidade mesmo de dizer, de admitir, ‘olha, desculpa, eu extrapolei’ e o outro saber acolher isso também, isso é bem legal”.

“Afinal, será que amar é mesmo tudo”?¹³⁶

¹³⁶ Trecho da canção “O que eu também não entendo”, de Roberta Mello e Rogério Flausino, incluída no álbum “Oxigênio” (2000) de Jota Quest. Esta música foi referida por uma das parcerias entrevistadas. Segue a letra: “Essa não é mais uma carta de amor/São pensamentos soltos/Traduzidos em palavras/Pra que você possa entender/O que eu também não entendo.../Amar não é ter que ter/Sempre certeza/É aceitar que ninguém/É perfeito pra

No contexto das conversas que tivemos, quis saber dos pares entrevistados em que grau de importância eles situavam o amor; seria ele, de fato, um requisito importante na manutenção da parceria amorosa. Não me referia necessariamente ao início de uma relação de namoro - em que a atração e o envolvimento amoroso do par é mais intenso - e sim ao desdobramento deste que implicava na continuidade da relação já existente, numa partilha do espaço e da vida do outro em seu sentido mais amplo. Para alguns - no caso dos pares heterossexuais - isso se dava a partir do casamento formal e da coabitação; para os demais - pares homossexuais - em que a formalização da união não constituía uma possibilidade viável, este momento seria marcado com o início da coabitação. É interessante observar como as falas, independente do tipo de parceria, se aproximam entre si. Emma que vive uma parceria heterossexual, fala a respeito:

“Talvez tenha sido o primeiro, não seria o único, mas seria o primeiro. (...) A impressão que eu tenho é que todo o resto pode falhar, todas as outras condições podem falhar. Você pode relativizar a fidelidade, você pode...sei lá...mudar de opinião a respeito de algumas coisas, mas o sentimento, essa certeza de amar o outro, essa não pode falhar. Então, na hora assim ... no final do ano passado que a gente pensou em se separar, se viu às voltas com a separação, foi o que segurou...foi o sentimento...Então o amor assim ele não é a única coisa que nos faz ficarmos juntos, mas é o principal, é a primeira condição”.

ninguém/É poder ser você mesmo/E não precisar fingir/É tentar esquecer/E não conseguir fugir, fugir.../Já pensei em te largar/Já olhei tantas vezes pro lado/Mas quando penso em alguém/É por você que fecho os olhos/Sei que nunca fui perfeito/Mas com você eu posso ser/Até eu mesmo/Que você vai entender.../Posso brincar de descobrir/Desenho em nuvens/Posso contar meus pesadelos/E até minhas coisas fúteis/Posso tirar a tua roupa/Posso fazer o que eu quiser/Posso perder o juízo/Mas com você/Eu tô tranquilo, tranquilo.../Agora o que vamos fazer/Eu também não sei/Afinal, será que amar/É mesmo tudo?/Se isso não é amor/O que mais pode ser?/Tô aprendendo também.../”.

Mais adiante ela retoma a questão e mostra que, se o amor é fundamental, outros aspectos não podem ser deixados de lado. Diz ela:

“No começo era só o amor, só o que importava era o amor. Aí depois com a proximidade do casamento eu fui dizendo pra ele: pera aí, não é bem assim, eu não vou morar em qualquer lugar. (...) Então, a questão de amor e uma cabana, não funciona. (...) Então, o amor é assim imprescindível, sem dúvida nenhuma, mas ele sozinho não sei se ele assim seguraria a relação. E no casamento, eu vejo assim, tem muita coisa que joga contra a gente permanecer junto, a gente tá dividindo casa, as nossa opiniões ... geralmente elas não coincidem eu penso de um jeito, ele pensa de outro ...”.

A fala de Emma remete a um dos pares que dá nome aos meus entrevistados - Anah Pereira de Melo Franco e Afonso Arinos de Melo Franco - que, em determinado momento de seu namoro, se viram às voltas com o desejo de casar e com a falta de estabilidade profissional da parte dele -estou falando aqui de um relacionamento dos idos de 1927 - cujo salário não permitia que eles tivessem um padrão de vida ao qual ambos estavam acostumados. Enquanto isso não ocorresse, eles ficariam aguardando o momento mais propício para concretizar o matrimônio. Cito um trecho da correspondência que eles trocaram¹³⁷ na qual abordam esta questão. Nele, Anah Pereira emite sua opinião sobre o assunto. Disse ela:

“Quanto ao nosso casamento, meu amor, não há remédio. Ele tem que esperar até você vir pra cá, porque eu acho como você: nós não podemos nos casar só com um conto de réis. Seria a maior das loucuras, loucura que eu nunca farei. Nenhum de nós está habituado a viver assim com tão pouco. Enfim, Afonso, resumindo o que eu penso: é melhor você ficar aí até setembro, depois, então, você combinaria

¹³⁷ Os anseios do casal ficaram registrados na correspondência trocada por eles entre junho de 1927 e junho de 1928, posteriormente publicadas por Afonso Arinos (1979), numa obra em que este consagrado escritor revela dados importantes acerca dos costumes e das regras de namoro e noivado nas décadas de vinte e trinta, entre a burguesia brasileira.

com seu pai para vir trabalhar com ele. Mas, meu amor, isto é só um conselho. Agora você pense bem, converse com seu pai e, depois, resolva por si. É o melhor que você tem a fazer”.¹³⁸

Vê-se, assim, nas falas de ambas - a Anah Pereira, rica nos anos vinte do século passado e a Emma da camada média já do vinte e um - que, a decisão de vivenciar uma parceria amorosa envolve uma série de aspectos que devem ser cuidadosamente pensados e pesados pelo par, pois sempre se há de fazer um levantamento dos benefícios advindos dessa disposição, assim como avaliar as possíveis desvantagens que ela possa vir a apresentar.

Macfarlane (1986), em seu estudo pontual sobre os temas (do amor e do casamento), em se referindo a esta questão, cita como exemplo Charles Darwin, que em 1838, aos vinte e nove anos, estava considerando a possibilidade de vir a se casar ou não com sua prima Emma Wedgwood¹³⁹ e, como se encontrasse indeciso, resolveu listar, em duas colunas, como bom cientista que era, as vantagens e desvantagens de um possível casamento. Os argumentos favoráveis ao casamento eram basicamente os filhos que permitiriam a propagação da espécie e a companhia da esposa que seria um meio de afastar a solidão. Charles Darwin mencionava também que o casamento lhe possibilitaria ter *“um objeto de amor e distração”, “um lar e alguém para cuidar dele”, “clássicos de música e tagarelice feminina” e “uma boa lareira”* (p. 18).

¹³⁸ A carta de Anah Pereira vem em resposta a de Afonso Arinos na qual ele diz: *“(…) tenho necessidade de me casar e o ordenado que ganho aqui não é suficiente para vivermos bem. (...) E se eu ficasse aqui, não nos poderemos casar: esta é a verdade. Não faremos a loucura de nos casarmos com um conto por mês, durante três anos, você não acha?*

¹³⁹ Retiro este exemplo de minha Dissertação de Mestrado (1999), por ser ele muito peculiar e traduzir bem a preocupação com o cálculo amoroso. No caso particular de Darwin, depois de somar os custos e os benefícios do casamento, ele opta, enfim, por casar-se com Emma, o que ocorreu em 29 de janeiro de 1839 e com a qual teve dez filhos, sendo seis mulheres e quatro homens.

Em contrapartida, os argumentos desfavoráveis ao casamento referiam-se à perda da liberdade em relação à vida social e aos amigos, ao convívio necessário com parentes, às despesas e preocupações com filhos, às brigas, às angústias e responsabilidades. Além destes, ele menciona também, “*não poder ler à noite*”, “*gordura e ociosidade*”, “*menos dinheiro para livros*” e “*maior esforço para ganhar a vida*” (p. 18-19). Assim, somente depois de avaliar os custos e os benefícios, Charles Darwin optou, enfim, por casar-se com Emma Wedgwood.

Como se pode ver, esta atitude, ainda que peculiar, não é exclusiva do célebre criador da teoria da evolução, nem de sua época, pois o casal mencionado acima - Anah Pereira e Afonso Arinos - que diferentemente de Charles Darwin se encontrava envolvido pelos ideais do amor romântico e, completamente apaixonado¹⁴⁰, desejava ardentemente casar-se, ainda que, tal como este, se encontrasse indeciso, por motivos diferentes. Vê-se, assim, que, apesar do amor ser considerado como o elemento de grande importância, ele não é o aspecto decisivo, à medida que outros elementos precisam ser avaliados pelo casal.

Passados oitenta e dois anos, Emma, que referi no início desta discussão, avaliava que ainda que o amor fosse imprescindível, não constituía

¹⁴⁰ Um trecho da correspondência trocada entre eles durante este período, ilustra a questão. É Anah Pereira quem diz: “*Eu sei que você gosta de mim. E você pode ter certeza de que, para mim, não existe outra pessoa no mundo, a não ser você. É uma loucura. É uma obsessão. Eu não sei o que é. Eu só sei que não penso em outra coisa, senão você, Afonso, meu amor. Eu quero você com toda a força da minha vontade, com todo o desejo do meu sentimento. Eu quero você para mim só, para eu poder ficar junto de você o tempo todo de minha vida, para poder gostar de você muito, para cuidar de você, para ser sua só*”. Afonso Arinos também fala de seu amor: “*(...) Não creio que pudesse passar muito tempo assim, longe de ti. Tu és realmente a grande razão, a grande luz de minha vida. Tu tinhas sido destinada a mim, desde que nasceste. Eu te amo por necessidade natural, porque tu és, como o ar que respiro, condição essencial à minha existência*”. O que pode ser aproximado, aliás, ao que, mais de setenta anos depois, diz outro escritor, José Saramago (2009), dedicando mais um livro a sua companheira – “*À Pilar como quem diz água*”.

o único requisito para que se tomasse a decisão de formar um par amoroso, pois para ela “o amor e uma cabana” não seriam uma combinação plausível. Um outro aspecto que considero relevante na fala de Emma e que parece vir em sentido contrário, o que mostra, justamente a complexidade, (quase diria a ambigüidade) da interpretação desse “sentimento”, diz respeito ao fato de que ela afirma que é o amor que “segura” a relação, pois sem ele, a crise pela qual eles passaram e os problemas que enfrentam devido às divergências de opinião entre eles, seriam motivos suficientes para uma separação. Argumento semelhante encontrei em outros pares.

Arthur, parceiro de Paul, por exemplo, também dá ênfase a esta questão. Segundo ele: “Se não existisse esse sentimento, o amor, entre eu e ele, a gente não sobreviveria a todas as coisas que a gente já viveu, a nossa relação não sobreviveria. Imagina, ele chegar e encontrar uma louça...uma pia cheia de louça?”¹⁴¹.

Paul, por sua vez, enfatiza a questão do sentimento de amor ser mais forte que os demais. Disse ele:

“Então é assim, ele diz: o dia de olhar...você tem que olhar pra pessoa e se perguntar se você quer passar o resto dos seus dias com ela. Se isso vai acontecer ou não, existe uma outra...uma infinidade de fatores que vai ter que tá presente. Mas você precisa ter essa sensação de olhar praquela pessoa e te sentir completado, dizer: nossa, como me faz bem, como é bom saber que tu existes e tal! E aí, eu acho, têm dessas coisas assim porque se eu não reconheço, se

¹⁴¹ Esta parceria reside num apartamento e Paul, mais especificamente, afirmou detestar uma pia cheia de louça suja, enquanto que Arthur não se incomoda muito com isto, o que é motivo de conflito entre eles. As falas de ambos retratam bem a situação. Disse Arthur: “Eu já fui muito incomodado com essas coisas domésticas, hoje não mais. Eu me permito depois de um dia escroto de trabalho, assim prazeroso, mas assim: eu me bati com um monte de coisa, eu não vou chegar em casa (...) varrer uma casa, embora pequena como tu tá vendo, lavar uma louça...”. Ao que Paul retruca: “Aí eu me estresso, porque isso me incomoda profundamente cara e ele sabe disso (...) Tem uma coisa que pra mim é imperdoável: não pode tá nunca suja, que é a pia. Nunca, nunca pode tá suja. Aí eu me estresso, estresso porque não tem jeito, se eu não lavar fica louça suja dois dias”.

eu não nutro por ele esse sentimento que eu chamo de amor, porque, enfim, outros sentimentos eles não são tão intensos, nem tão fortes ao ponto de justificar isso, que eu olhe pra ele e tenha essa sensação e essa necessidade de estar com ele pro resto da minha vida, é...se isso existisse eu não conseguiria justificar, eu não conseguiria nem ter essa dimensão, entendeu?”

Tristão corrobora a ideia de que o amor é a base de tudo e que é ele que “segura” a relação. Diz ele: “*é a base, é a base, tem que ter! Não pode ser situação financeira, paixão, sexo, opção profissional, política, nada disso segura ninguém, tem que ter o requisito sentimento, o amor puro, aquele amor que não desgasta.*”

Ennis, parceiro de Jack, por sua vez, introduz um outro elemento que vai aparecer nas falas de várias parcerias e que será tratado mais detidamente a seguir, que é o fato de que o amor vai sendo construído a partir de uma atração inicial que se estabelece entre os dois parceiros:

“Olha, ele tem muita importância, com certeza, né? A questão de...no...tipo assim: de não você querer encontrar a cara metade, que eu não acredito nisso, mas que pelo menos tenha o gosto. Ah! Eu gostei do fulano!. Eu acho que com esse gosto você começa a trabalhar a questão do seu sentimento. Por exemplo, no meu caso com ele, não foi aquela paixão à primeira vista, né? Eu achei ele bonito e tal, mas (...) a relação do amor e do sentimento, ela veio depois, né? Então eu vou dizer assim que foi mais a questão da atração física do que da própria questão do amor e com isso a gente foi construindo e a relação do sentimento e do amor ela veio depois e pronto, a gente deu certo. Agora que é importante é. É, porque uma relação pra que você se dê bem com ela, é necessário que você pelo menos ame aquela pessoa”.

Já o par, Oscar Wilde e Alfred Douglas, junto há apenas um ano, enfoca um outro ângulo da questão: o amor que não surge com o passar do tempo.

Alfred refere um relacionamento anterior ao atual em que ele permaneceu com seu parceiro sem amá-lo. Como ele mesmo diz:

“(...) há alguns anos atrás na minha vida, eu dizia: não, mas olha, talvez o amor venha com o tempo. Se tiver respeito, se tiver carinho, o amor pode surgir. Na verdade, eu tava tirando por menos, tava tentando compensar porque não tinha. Deixa eu ver como é que eu vou justificar pra, enfim, tolerar essa relação que não tá legal (...).”

“Vai crescendo sempre mais o meu amor por ti”¹⁴²

Nas falas das parcerias amorosas ganha destaque à idéia de “construção” já mencionada no primeiro capítulo. Segundo os entrevistados, para se estabelecer um par, o amor seria o requisito fundamental, e diria eu, fundante; todavia este amor que une a díade vai (ou pode ir) sendo construído paulatinamente, à medida que o relacionamento avança, ou seja, nem sempre (ou quase nunca, como se diz) se trata de algo pronto e acabado. Neste sentido, cabe aos amantes dar a ele uma feição própria, daí porque a “cara” do amor é resultado da vivência diária e de como os parceiros lidam com tudo aquilo que eles traduzem como sendo, afinal, esse amor.

A ideia de construção foi enunciada no contexto de várias conversas com meus entrevistados. Ao mesmo tempo em que o amor é pensado como ponto de partida, ele é tido como um sentimento que se constrói e reconstrói (por isso precisa de “alimento”, como disse Afonso) na relação de convivência que se estabelece cotidianamente, o que serve de justificativa para a transformação pela qual ele passa e lhe confere um perfil diferente daquele que marcou o início do relacionamento, o que será analisado com mais detalhe adiante. Importa reter aqui que para o grupo entrevistado, independente da orientação sexual, a idéia de construção está sempre presente, ainda que, em alguns casos, dos quais irei tratar a seguir, esta idéia seja matizada com uma outra, tão nossa conhecida - a do amor à primeira vista.

¹⁴² Trecho da canção “Bodas de Prata” (1945) de Roberto Martins e Mario Rossi, cuja letra é a seguinte: “Beijando teus lindos cabelos/Que a neve do tempo marcou,/Eu tenho nos olhos molhados/A imagem que nada mudou./Estavas vestida de noiva/Sorrindo e querendo chorar/Feliz...assim/Olhando para mim/Que nunca deixei de te amar./Vinte e cinco anos vamos festejar de união/E a felicidade continua em meu coração/Vai crescendo sempre mais o meu amor por ti./Eu também fiquei mais velho/E quase não senti/Vinte e cinco anos de veneração e prazer/Pois até nos momentos de dor/O meu coração me faz compreender/Que a vida é bem pequena/Para tanto amor.”

No bojo dessa discussão se coloca uma polêmica semelhante àquela que envolve a sexualidade. Segundo Heilborn e Brandão (1999), o debate teórico em torno da sexualidade tem sido marcado pelo enfrentamento entre o essencialismo, segundo o qual há algo inerente à natureza humana, inscrito nos corpos na forma de um instinto ou energia sexual, que conduz as ações e o construtivismo social que reúne abordagens que problematizam a universalidade do instinto sexual, dando ênfase à diversidade de formas culturalmente específicas, cujos significados são diversos e não passíveis de generalizações (p.9).

No caso específico de que estou tratando, o amor e sua importância no contexto de uma parceria amorosa, essas duas posições se apresentam sem serem, necessariamente, antagônicas ou excludentes. Numa visão que poderia corresponder à essencialista o amor é pensado como algo dado, que como que paira acima de todos nós e no momento preciso, de certa forma predestinado, nos atinge, de forma inexorável. Na visão construtivista o amor é tomado como uma construção fundamentada na convivência e fortalecida por um conjunto de atitudes (diálogo, respeito, compreensão, carinho) sem as quais a relação não se mantém, não se “segura”. Assim, da mesma forma que no campo da sexualidade, necessário se faz encontrar nexos e articulações entre essas duas visões, na medida em que o amor, assim como todos os demais domínios da vida, possui regras, convenções e inúmeras construções simbólicas que fazem com que ele seja o que ele é.

Anah, a Anah de minha pesquisa que, como sabemos, vive uma parceria heterossexual com Afonso, que já completou cinquenta e dois anos de relacionamento, em dois momentos diferentes reforça a ideia de que o amor amadurece e se fortalece nesse processo de construção. Disse ela:

“Se hoje eu te digo que eu gosto, se hoje eu aprendi a gostar do Afonso, foi uma construção de amor. Quando eu te disse que amor é construção, foi uma construção esse amor em relação a ele. Ele é o apaixonado, uma pessoa assim...ele sai pro supermercado, ele chega com uma coisa pra mim”.

Como se pode ver, ela estabelece uma diferença entre o amor que sente que, segundo ela, resultou de um aprendizado (“*amar se aprende amando*”, já nos dizia o poeta)¹⁴³, tendo sido, portanto, construído e o amor de Afonso que desde o início do relacionamento entre os dois sempre se mostrou extremamente apaixonado por ela. Apesar disso, ou em função desse processo de construção, ela pode afirmar hoje de forma contundente:

“Agora se tu quiseres minha avaliação hoje em relação a todo um processo de construção desse...desse...desse saber do amor, acho que hoje eu gosto mais do...eu amo mais o Afonso do que antes, que foi um processo (...)”.

É interessante observar que em sua fala, Anah ratifica a idéia de construção, sem contudo invalidar a ideia do amor à primeira vista, mas introduzindo um outro elemento: a possibilidade de isso acontecer somente de um lado. Neste caso, ela atribui a Afonso esse amor apaixonado, como ela mesma diz: “*Eu não vi mesmo essa relação de paixão nunca...dele eu vi, de mim não*”, “*ele era apaixonado, mesmo, mas era uma paixão assim, sabe? que era uma coisa assim incrível*”.

Neste momento, e diante de todas essas “teses” sobre o amor de que trato, por minha vez, em minha própria tese, quero, devo, chamar outros “parceiros” desse debate começando com Torres (2000, 2002)¹⁴⁴ que, por sua

¹⁴³ Título de uma coletânea de poesias de Carlos Drummond de Andrade (2001).

¹⁴⁴ Esta socióloga portuguesa é uma das autoras que tem se debruçado sobre o estudo do amor de forma bem específica, principalmente do amor no contexto das relações de conjugalidade, o que resultou numa produção bastante expressiva e referencial sobre este

vez, trás para nós a análise de outros autores que discutem sociologicamente o amor como Goode:1959, Luhmann:1982, Velho:1986, Giddens:1991[2002],1992, Beck e Beck-Gernsheim:1995 e Bourdieu:1998, e, a partir deles, como se diz, “arruma a casa” para nós.

Torres mostra que num primeiro momento e numa visão institucionalizada de casamento, o amor era secundarizado; em seguida, já no contexto do casamento romântico, o sentimento amoroso se torna central no relacionamento para, mais modernamente e na perspectiva proposta por Giddens (1992), transformar-se em um modelo de “amor-confluyente”, que seria a tendência para uma implicação afetiva e emocional partilhada igualmente entre homens e mulheres; ou, segundo sua própria concepção, a passagem para o que ela denomina de “*amor-construção*” (p.153).

Sua proposta de amor-construção surge com base nos discursos de casais casados mais jovens, por ela entrevistados, segundo os quais a paixão que motivou o casamento se transforma em um sentimento mais estável, mais “*construído*”, onde há a possibilidade de se descobrirem aspectos novos e outros sentimentos, se desidealiza o parceiro que se torna mais flexível, mais previsível e mais próximo, ocorrendo, assim, uma maior paridade entre os gêneros, o que não implica na eliminação das assimetrias. Pode ocorrer, também, um distanciamento entre o casal, devido a conflitos em torno de projetos individuais que se tornam incompatíveis; ou, ainda que em menor número nos casais entrevistados, podem ser observados sinais de “*desconstrução*” em relação ao sentimento amoroso inicial e conflitos de desfecho incerto (p.155).

A proposta de amor-construção apresentada por Torres encontra ressonância nas falas de meus entrevistados; a idéia de que o amor é algo que

tema. Ver 1987, 2000, 2002, 2004a, 2004b.

vai sendo alicerçado a partir de uma atração inicial que une o par, se faz mais presente do que, por exemplo, aquela de busca da “*cara metade*” encontrada por Malcher entre os jovens homens que entrevistou e acompanhou em seu estudo (2003). Neste sentido, Jack, um entrevistado homossexual, ao ser indagado se o amor era um requisito importante para o estabelecimento de uma parceria amorosa foi taxativo ao dizer: “*olha ele tem muita importância sim (...) não de você querer encontrar a cara-metade que eu não acredito nisso!*”.

A fala de Gertrude Stein, parceira de Alice Toklas há sete anos, dá ênfase ao que está sendo dito:

“(...) acho que ele (o amor) vai se construindo lentamente. Pra mim você vai conhecendo a pessoa. Pra mim nem existe isso de você amar uma pessoa sem conhecer. Pra mim não existe isso”.

Da mesma forma Paul, que faz par com Arthur, se manifesta:

“(...) eu chamo de amor, porque eu compreendo que o amor, que o conceito de amor é assim...é construção...É construção assim no dia a dia, é nas relações. Como tu vais estabelecendo o limite do teu cotidiano com teu parceiro ou com tua parceira (...).

“Meu amor, nosso amor estava escrito nas estrelas”¹⁴⁵

A ideia de construção, como já apontado, parece se opor à de “amor à primeira vista” tão comum em nosso imaginário acerca do amor, marcado pela ideia de destino, de “amor escrito nas estrelas”, de “eu nasci para você” ou “Deus criou você pra mim”; apesar disso, nas falas de “meus” entrevistados foi possível identificar, pelo menos de forma unilateral - quero dizer da parte de um dos membros do par - a presença desse amor que se estabelece num primeiro contato, olhar ou toque. A fala de Afonso é exemplar no sentido de revelar o ideário do amor romântico que, enquanto ideário, até hoje ainda se faz presente, se bem que coexistindo com outras formas de viver uma vida a dois. Diz ele:

“Na minha geração, a gente procurava...é como quem procura o Santo Graal, procura, assim, o amor eterno. Então, era muito bonito, a geração romântica, a gente procurava achar...aquela história da alma gêmea, a gente não chamava de alma gêmea, a gente procurava mais um sentido assim de amor, como um dos poemas da Elizabeth Barrett¹⁴⁶ que dizia assim: te amo, te amo e te amarei ainda mais depois da morte. A gente via “O morro dos ventos

¹⁴⁵ Trecho da música “Escrito nas Estrelas” de Carlos Renó e Arnaldo Black, vencedora do Festival dos Festivais, do ano de 1985, que comemorava os vinte anos da Rede Globo. A canção foi interpretada por Tetê Espíndola, que ganhou notoriedade nacional ao vencer o festival. Segue a letra: *Você pra mim foi o sol/De uma noite sem fim/Que acendeu o que sou/E renasceu tudo em mim/Agora eu sei muito bem/Que eu nasci só pra ser/Sua parceira, seu bem/E só morrer de prazer/Caso do acaso/Bem marcado em cartas de tarô/Meu amor, esse amor/De cartas claras sobre a mesa/É assim/Signo do destino/Que surpresa ele nos preparou/Meu amor, nosso amor/Estava escrito nas estrelas/Tava, sim/Você me deu atenção/E tomou conta de mim/Por isso minha intenção/É prosseguir sempre assim/Pois sem você, meu tesão/Não sei o que eu vou ser/Agora preste atenção/Quero casar com você”.*

¹⁴⁶ Elizabeth Barrett Browning (1806-1861) foi uma poetisa inglesa da época vitoriana. Autora de *Sonetos Traduzidos do Português* (1847), reunião de poemas românticos - sua própria história de amor com o marido, o também poeta Robert Browning. Um destes poemas (o de número 43) é considerado o mais belo escrito por uma mulher em língua inglesa: *“Como te amo? Deixa que te conte/Amo-te quanto em largo, alto e profundo/Minh’alma alcança, se fugindo ao mundo,/Busca a origem do Ser,da Graça a fonte./De dia, ou quando o sol cai no horizonte/Amo do mesmo amor a cada segundo:/o puro amor modesto em que me inundo/o amor liberto de quem ergue a fronte./Eu te amo com a paixão que conhecera/nas velhas dores, e com fé tão forte/como a da infância;o amor que se perdera/com minhas crenças; te amo no transporte/Do pranto ao riso, e apenas Deus quisera/Mais te amarei ainda após a morte”.* (DUARTE, 1999).

*uivantes*¹⁴⁷ e *aquelas histórias todas e ficava aquilo na cabeça da gente e a gente já queria viver aquilo*”.

Anah e Afonso narram em detalhes a trajetória amorosa dos dois e Afonso relembra as inúmeras dificuldades que enfrentou para que o namoro seguisse adiante pois, após o falecimento da mãe dela, Anah passou a residir em outro local, sua cidade natal, o que dificultou ainda mais o encontro dos dois. Como ele mesmo disse:

“Eu gostava tanto dela que eu que não andava nem em roda gigante, fui treze vezes lá de teco-teco. Aí eu fui procurar, eu com um colega meu, e achamos um piloto que nos levava. Aí fui no teco-teco com uma coragem fantástica, na frente com o piloto (...) Aí eu comecei a ir, fui várias vezes, eu fiquei até caroneiro, (...) eles ligavam lá pra casa “olha eu vou pro lugar X, tu queres ir? Te deixo lá, depois te pego. (...) Aí eu ia, eles me deixavam lá, só dava tempo de eu correr, que era longe, o campo até a casa dela, a pé correndo, chegava lá, só dar um abraço e correr de novo que o avião passava. Era assim. (...) Virei um aventureiro mesmo por causa dela, fiz... fiz, tudo isso, eu só pensava nela, isso tudo eu fiz só pensando nela. “Only you”¹⁴⁸, é aquilo mesmo, “only you, can make this change in me”, só você me fez essa mudança. (...) quando você toca minha mão eu compreendo a mágica que você tem, “when you hold my hand I understand the magic that you do”. É isso aí” (rindo).

¹⁴⁷ O Morro dos Ventos Uivantes (Wuthering Heights, 1847) que celebra o amor ao mesmo tempo, doce e tempestuoso – que a própria Emily nunca viveu - de Catherine Earshaw e Heathcliff, é a única obra em prosa da escritora e poetisa britânica Emily Jane Brontë (1818-1848) que escrevia sob o pseudônimo masculino Ellis Bell. Embora tenha recebido críticas na época em que foi lançado, posteriormente o livro foi incluído no cânone dos clássicos da literatura inglesa, tendo recebido quatro versões oficiais no cinema e inúmeras adaptações.

¹⁴⁸ “Only you” é uma famosa canção do também famoso conjunto americano The Platters, composta por Buck Ram e Ande Rand, em 1954, e que se tornou uma espécie de hino do romantismo nesse momento. O conjunto foi criado em Los Angeles em 1953, composto por cinco integrantes, quatro homens e uma mulher, e se tornou consagrado com inúmeras canções, dentre as quais Only You, cuja letra diz o seguinte: “Only you/can make this world seem right./Only you/ can make the darkness bright./Only you/ and you alone/ can thrill me like you do/ and fill my heart with love/ for only you./ Only you/ can make this change in me/ for it's true/ you are my destiny./When you hold my hand/ I understand/ the magic that you do./ You're my dream come true/ my one and only you”.

Anah, por sua vez, como enfatizei há pouco, percebe claramente a diferença entre os dois. Disse ela:

(...) ele era apaixonado mesmo, mas era uma paixão assim, sabe? que era uma coisa assim incrível. Eu acho que aquilo foi me dando assim outra visão do amor, tá entendendo? Eu era...sempre fui assim muito calma em relação ao sentimento, esse tipo de...eu sou apaixonada interna, eu não expresso...Ele expressa demais em todos os sentidos (...)”.

Tristão, também muito apaixonado, relembra o instante em que conheceu Isolda e como aquele momento foi marcante e decisivo para ele:

“...mas no exato instante que nós nos conhecemos, olhamos um no olho do outro, depois de algum tempo eu disse isso pra ela e ela também disse a mesma coisa, a gente sentiu assim: é esse. Ali, nem se conhecia, não sabia nem o nome, olhei pra ela (...) iniciou ali e não acabou mais e a gente ainda era quase menino, não era?” (pergunta ele à sua Isolda passados já mais de quarenta anos).

Por outro lado, Isolda dá uma visão menos romântica da situação. Disse ela:

“Eu acho...eu não acredito em amor a primeira vista não, eu acho que ele é construído com o tempo, com a convivência. Primeiro vem a paixão, a admiração...depende da situação, né? Primeiro você conhece a pessoa, vira amigo, admira, (...) pode até ser que dali começa realmente o amor. Se não, tem aquele primeiro impacto, aquela coisa, da empatia, vem paixão, aí essa paixão ou acaba numa boa, ou acaba em tragédia, ou vira amor”.

Tristão, que se define como “o último dos românticos”¹⁴⁹ e que já declamou em público para ela o “Soneto da Fidelidade” de Vinicius de Moraes (1946)¹⁵⁰, reconhece que o amor que ambos sentem um pelo outro é muito diverso na sua forma de concepção, pois enquanto ele diz “que amor que não é cego, não é amor!”, Isolda retruca: “o meu amor vê, ouve e informa”.

Disse Tristão:

¹⁴⁹ Tristão em vários momentos de sua fala enfatiza o fato de que é “o últimos dos românticos”. Sua frase remete à famosa música “O último romântico” do álbum “Tudo Azul” (1984), do cantor e compositor brasileiro Lulu Santos e, também, a uma outra canção: “Românticos” do álbum “Balanço do Balaio” (1999), de Vander Lee, cuja letra traduz bem esta atitude que é traço marcante neste entrevistado. Diz a canção: “Românticos são poucos/Românticos são loucos desvairados/Que querem ser o outro/Que pensam que o outro é o paraíso/Românticos são lindos/Românticos são limpos e pirados/Que choram com baladas/Que amam sem vergonha e sem juízo/São tipos populares que vivem pelos bares/E mesmo certos vão pedir perdão/E passam a noite em claro/Conhecem o gosto raro/De amar sem medo de outra desilusão/Romântico é uma espécie em extinção”.

¹⁵⁰ Também conhecido como “poetinha”, Vinicius de Moraes, tem uma vasta obra no campo da literatura, teatro, cinema e música. O livro “Poemas, Sonetos e Baladas”, publicado em 1946 contém entre outros poemas, o “Soneto da Fidelidade”, que é um dos mais conhecidos do poeta e, posteriormente, seria declamado junto com a música “Eu Sei que Vou Te Amar” feita em parceria com Tom Jobim do Álbum “Por toda a minha vida” (1959). O poema diz o seguinte: “De tudo ao meu amor serei atento/Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto/Que mesmo em face do maior encanto/Dele se encante mais meu pensamento./Quero vivê-lo em cada vão momento/E em seu louvor hei de espalhar meu canto/E rir meu riso e derramar meu pranto/Ao seu pesar ou seu contentamento/E assim, quando mais tarde me procure/Quem sabe a morte, angústia de quem vive/Quem sabe a solidão, fim de quem ama/Eu possa me dizer do amor (que tive):/Que não seja imortal, posto que é chama/Mas que seja infinito enquanto dure”. A música, feita em parceria com Tom Jobim é também um poema romântico, que diz: “Eu sei que vou te amar/Por toda a minha vida eu vou te amar/Em cada despedida eu vou te amar/Desesperadamente, eu sei que vou te amar/E cada verso meu será/Pra te dizer que eu sei que vou te amar/Por toda minha vida/Eu sei que vou chorar/A cada ausência tua eu vou chorar/Mas cada volta tua há de apagar/O que esta ausência tua me causou/Eu sei que vou sofrer a eterna desventura de viver/A espera de viver ao lado teu/Por toda a minha vida”. É interessante observar que apesar do romantismo da letra do poema e da canção, a expressão “mas que seja infinito enquanto dure” passou a ser uma espécie de lema que deu um novo estatuto ao casamento e as relações amorosas, retirando destas o peso do “até que a morte nos separe” que vigiu durante um longo período. Há ainda o filme “Eu sei que vou te amar”, de Arnaldo Jabor, do ano de 1986, interpretado por Fernanda Torres e Thales Pan Chacon e o livro de mesmo nome e autor lançado vinte e um anos após o filme, em 2007, ao contrário do que sempre acontece. A história do filme/livro é de um casal recémseparado que se reencontra após três meses. Cara a cara novamente, um turbilhão de sentimentos e ressentimentos vem à tona e os coloca diante de tudo aquilo que foi vivido durante os seis anos de casamento.

“Eu tenho uma sincera convicção, eu nunca coloquei isso até agora, que no caso do sentimento dela por mim, analisando assim bem imparcialmente, eu vejo muito isso, (...) o dela foi se construindo. Eu acho que no início houve, sei lá, empolgação, admiração, respeito, muito carinho e tal, alguma coisa assim, e que foi se construindo realmente. Eu não sei em que ponto, qual foi o insight assim que eu tive, qual foi o dia que eu pensei assim: ela gosta de mim de verdade!(...) Mas eu gostava tanto, vamos dizer assim, que isso aí...como eu disse no início: pode ser unilateral sim! Um pode gostar muito mais do que o outro e construir o amor do outro, assim como pode destruir, pode desconstruir”.

Cabe salientar aqui a singularidade que marca a trajetória destes dois pares heterossexuais, Tristão e Isolda e Anah e Afonso, pois em ambos os casos há uma espécie de inversão de papéis de gênero - pelo menos aquele que nosso modelo (que é) masculino nos ensina - cabendo ao homem o papel de romântico inveterado (Tristão afirma que “é o último dos românticos da terra”) que ama de forma incondicional e se mostra disposto a vencer todos os obstáculos que se interpõem entre ele e seu amor (Afonso que não andava de roda gigante e ia de teco-teco ao encontro (brevíssimo) de sua amada). São eles - os homens - que revelam o amor à primeira vista e fazem questão de declarar publicamente esse seu amor. No caso de Tristão e Isolda esta inversão se dá até mesmo na administração da vida doméstica, pois ainda que Isolda administre a casa no sentido mais amplo, é Tristão quem faz feira e supermercado, bem como cuida do pagamento das contas, enquanto ela faz as vezes de “arquiteta, engenheira e eletricista”, como ela mesma diz, realizando consertos e negociando com operários, por exemplo.

O filho mais velho deste par, em se referindo a história de amor dos dois, disse, segundo relato da própria Isolda:

“(...) a relação de vocês é perfeita porque a mamãe é aristotélica e o papai é platônico. (...) A mamãe é

pragmática, é prática, é objetiva; o papai é mais sonhador, mais idealista, é mais platônico e tal, então vocês se encaixam exatamente. Quando um perde o fio da meada, o outro contorna a situação, quando um tá muito rígido o outro vem e abrandando a situação”.

Neste contexto, as mulheres se comportam de forma mais comedida e racional. Todavia não pretendo com isso dizer - absolutamente - que elas não amem ou amem em menor medida, ainda que Anah tenha dito “*eu amo mais o Afonso do que antes*”, e que Tristão tenha admitido que “*se pode amar unilateralmente*”. A questão que se coloca aqui diz respeito ao contexto em que estes relacionamentos estão situados.

Há que se considerar, portanto, a trajetória de vida destas duas mulheres, Anah e Isolda, socializadas, respectivamente, nas décadas de quarenta e cinquenta, cujas histórias de amor iniciaram nos idos dos anos sessenta e setenta. Anah, que como muitas jovens de sua geração teve uma formação religiosa, atribui a esta a presença muito forte da idéia de pecado. Casar, neste contexto, não constituía uma escolha e sim o futuro a que toda moça como ela estava destinada. Como me disse Anah:

O imaginário todo era construído, hoje eu vejo, que a minha mãe...dizia as coisas pra mim, “olha tu tem que aprender isso pro teu casamento, pra quando tu casar tu saber mandar”. No final das contas, entendeu? Então, aquilo era repassado (...).”

Isolda, ainda que treze anos mais jovem que Anah, veio, assim como esta, de uma família numerosa e, segundo ela, recebeu uma criação, extremamente conservadora, onde o casamento também era pensado como o destino das mulheres, o sexo era encarado como um tabu muito grande e o

imaginário em torno da figura masculina era cercado pela ideia de perigo. Como ela mesma relembra:

“(...) eu via sempre a mamãe conversar com as meninas (as outras irmãs), falar da necessidade da moça ser direita, porque a gente não foi criada pra estudar, a gente foi criada pra ser dona de casa, ter filhos, tratar bem o marido, tanto que a mãe queria que a gente aprendesse arte culinária (rindo), o máximo era costureira, bordadeira, doceira. Não existia essa coisa de um pensamento de que um dia a gente atingiria um conhecimento, uma cultura mais elevada, não fazia parte do pensamento da nossa mãe. E assim, pra você casar com uma pessoa direita, primeiro que o rapaz não ia querer casar com uma moça que não fosse virgem. Hoje eu vejo que ela tentava nos preservar de uma vida mais solta, colocando realmente o homem como um bicho terrível: muito cuidado com o namoro! O homem é muito difamador, muito gabola e aí se vai namorar e você deixa ele dar um aperto a mais, (...) pegar no seu peito, ele vai dizer pra tudo quanto é rapaz que você é menina fácil e aí todo rapaz vai querer namorar com você só pra fazer tudo isso. Então, foi criado um negócio muito forte na minha cabeça, então não teve jeito de dar antes (rindo), nem a pau, não tinha jeito”.

Vê-se, em ambos os casos algumas aproximações, no sentido das representações em torno do casamento e do amor e mais, ainda, no desejo que ambas vão manifestar de ter, além da vida familiar, uma experiência profissional que desse a elas o sentido de completude que elas identificavam como ausente. Isolda, após três meses de casamento, começou a se questionar “O casamento é isso? Quer dizer que eu vou passar a minha vida inteira sendo empregada do cara (...)?”. Assim, apesar de gostar de Tristão, disse a ele: “olha, tá muito chato, não tô gostando do casamento! (...) eu quero ter um filho pra me distrair, pra fazer alguma coisa (...)”. Mais adiante, com os dois filhos já crescidos, ela resolve dar continuidade aos estudos e, depois, ingressa no serviço público, iniciando uma carreira profissional.

Da mesma forma, Anah, após o casamento, começa a manifestar sua insatisfação diante da dependência física e econômica em relação à família de Afonso, o que faz com que ela passe a questionar o seu amor por ele e o sentido de sua própria vida, pois além de achar “*que não gostava dele*”, sentia que estava “*faltando alguma coisa*”. Este quadro começa a mudar quando ela ingressa no mercado de trabalho e busca uma formação superior, como ela mesma diz: “*(...) tudo isso foi uma conquista minha, porque aí eu fui vendo que eu tinha necessidade, eu tinha uma vontade enorme de estudar e as crianças todas já tavam grandes, grandinhas(...)*”.

Ainda sobre esta questão, gostaria de destacar a história amorosa do outro par heterossexual entrevistado com sete anos de relacionamento. Charles e Emma iniciaram seu relacionamento no final da década de noventa, apesar disso a trajetória dos dois apresenta alguma similaridade - considerados os contextos diferenciados - com as vidas de Tristão e Isolda e Anah e Afonso, no que tange a posição que os gêneros ocupam na relação. Para começar, o desejo de casar partiu de Charles que encontrou grande resistência em Emma, a ponto de ele ter que elaborar uma espécie de plano estratégico para “*convencê-la*” a se casar com ele. Quando indaguei deles se ela não queria casar, Charles explicou:

“Não, ela queria, só que tinha dia que ela queria e tinha dia que ela não queria. (risos) Aí, a sacada da casa dos pais dela era uma sacada parecida com essa (estávamos no apartamento deles que tinha uma sacada) só que um pouco menor, aí conversamos (...) e nesse dia era um dia que ela queria. Aí, vamos casar? Vamos, vamos casar! Aí eu pensei comigo: bem, se hoje ela quer, vamos falar logo com os pais dela que depois ela não pode voltar atrás, né? Então eu disse: vamos falar com os teus pais. Aí quando eu falei: vamos falar com os teus pais eu segurei na mão dela assim, aí ela fez assim ó, ela se agarrou na sacada, (risos) aí eu fiquei puxando, ‘bora, bora amor, bora!’. Aí ela disse: não, vamos fazer o seguinte: eu converso com os meus pais

primeiro, pra ver a reação deles, porque se for uma reação boa ...e aí amanhã eu te digo”.

Definido o casamento, iniciaram-se as “negociações” que são a marca registrada deste par. Charles não queria festa, Emma sim; Charles fazia questão da aliança, Emma não, mas fez essa concessão em troca da permanência do nome de solteira, o que gerou protestos por parte de sua mãe (“tu não vai nem mudar o teu nome, nem parece que ama o teu marido!”) e por parte da sogra que colocava nela o sobrenome do filho (Emma Darwin e não Emma Wedgwood); depois do casamento vieram os ajustes do dia-a-dia: eu não faço isso, mas você também não faz aquilo; os dois se definiram como mandões, então o âmbito de gerência de cada um teve que ser definido: eu mando nisso, tu mandas naquilo, Charles queria ter conta bancária conjunta, mas ela preferia contas separadas ainda que tenha cedido neste ponto. Emma relembra que ao casarem ela ainda não exercia nenhuma atividade profissional e durante um período eles não tiveram filhos, mas no mesmo ano ela engravidou e durante a gravidez ingressou, via concurso, no serviço público. Aí, disse ela, “eu acho que a gente sentiu”. Charles começou a cobrar que ela havia mudado muito. Disse Emma:

“A frase, a frase era a seguinte: eu casei com uma mulher e estou vivendo com outra! Maior cobrança do que essa não tinha. E eu achava: como é que ele não enxerga que eu nunca tinha trabalhado, que eu nunca tinha tido filho, que eu nunca tinha amamentado, que eu nunca tinha...e ele quer que eu seja a mesma pessoa, colocando a janta pra ele (...)?”

Quando a filha do casal tinha um ano e meio, a “bomba estourou”. A separação parecia irremediável e já tinha data marcada, mas a interferência de familiares e amigos, bem como ajuda terapêutica fez com que eles

reconsiderassem a decisão tomada e buscassem a superação das dificuldades que estavam enfrentando.

As principais razões que motivaram a crise entre eles diziam respeito a duas questões principais: a dificuldade em administrar as diferenças que no dia-a-dia se tornavam cada vez mais visíveis e a má administração do tempo que impedia os dois de ter uma convivência mais estreita. Sobre o primeiro aspecto, Emma disse: *“eu gosto assim de ter...liberdade, sabe? De definir algumas coisas. Ah! eu vou fazer...não vou perguntar pro Charles”*. Ele, por sua vez, reflete:

“(...) se eu for deixar, é só o que ela quer, em relação a algumas coisas, se eu for deixar, é só o que ela quer. Eu é que não deixo, eu não acho justo. E aí, tem algumas situações aqui em casa que são épocas complicadas em relação a essa negociação. Como é que vai ser? Como é que vai ficar? Porque se eu não fizer questão, é sempre o que ela quer e acabou-se”.

No que se refere ao tempo ou a falta dele, ambos estão de pleno acordo acerca da necessidade de o par ter um tempo só para si, e que a falta de atenção e de convivência pode destruir uma relação de amor como quase aconteceu com eles. As atividades profissionais em que ambos se viam envolvidos, na maioria das vezes com horários diferenciados, aliada a necessidade de cuidado com a filha e às limitações que a própria existência de um filho impõe à vida a dois, tiveram um peso muito grande no sentido de enfraquecer o relacionamento, a ponto de Charles ter dito em tom de desabafo quando indaguei deles o que destruí o amor: *“o que destrói o amor é a mulher não vir almoçar em casa!”* se referindo ao auge da crise em que as atividades em que eles se viam envolvidos os impediam de reservar um tempo para partilhar uma refeição em comum.

Passada a crise, Emma diz que o amor deles “*está em alta*”, porque “*a gente se olha, porque a gente tem tempo, eu desacelerei do trabalho, assim, foram mudanças que a gente foi fazendo (...)*”. Nesse ponto ambos concordam, pois como enfatizou Charles:

“O que eu posso te dizer é que o tempo ele restaura, ele melhora...o relacionamento, a afetividade...Eu acho que a gente passa sim, por altos e baixos e o que vai fazer diferença lá no final é o nosso fôlego pra superar essas fases difíceis”.

Neste caso específico, Charles, assim como Tristão e Afonso, se revela um grande apaixonado preocupado em casar e constituir família. Enquanto Emma se mostra uma mulher determinada, preocupada em investir não só na família, mas em sua formação profissional tal como fizeram décadas antes Isolda e Anah. Evidentemente que aqui o contexto é completamente diferente, pois como sabemos, entre as décadas de 1960 e 1970 eclode a chamada “revolução sexual” (DEL PRIORE, 2005) que provoca uma reviravolta em grande parte dos padrões até então adotados no que tange à moral sexual que passa a ser flexibilizada dando espaço a novas configurações do relacionamento amoroso. Estas mudanças, aliadas àquelas já ocorridas nos idos dos anos de 1930 e 1940 com o processo de urbanização e industrialização (idem) que vai se aprofundando e redefinindo a posição das mulheres na sociedade, além de dar uma nova feição à família e ao casamento (VAITSMAN, 2004), fazem a diferença, pois Emma tendo sido socializada nos anos oitenta/noventa certamente é fruto de todas estas mudanças. Daí porque ela quer casar (mas nem tanto), mas o casamento não é a única meta que ela vislumbra, pois sendo jovem, tendo alcançado o nível de educação superior, ingressado no serviço público federal e cursado o Mestrado (citando o pai ela diz: “*minha filha que eu investi tanto!*”), ela pretende dar prosseguimento à sua qualificação acadêmica em nível de doutorado e assim, cada vez mais, investir

em sua carreira profissional, isso tudo conciliado com a vida pessoal e familiar. Portanto, Emma representa bem as demais mulheres que entrevistei no sentido de que todas estão inseridas no mercado de trabalho e têm, assim como os homens, metas profissionais bem definidas, ainda que muitas vezes não concretizadas.

Quando se trata do universo homossexual onde as diferenciações de gênero inexistem no âmbito de um mesmo par amoroso, pois se trata de pares formados por homem-homem e mulher-mulher, é possível, também, identificar aquele membro do par cujo comportamento se associa mais a um determinado papel de gênero, ainda que como assinalai, no caso dos pares heterossexuais tenha se dado uma inversão em torno dessa expectativa.

Com efeito, pude identificar no decorrer das entrevistas feitas, que os pares homossexuais se comportam de forma semelhante no sentido de que no contexto da relação amorosa um dos membros do par sempre manifesta maior cuidado com o outro e parece fazer maior investimento para que o relacionamento tenha durabilidade.

O par Ennis e Jack tem uma relação que dura vinte e dois anos. Ao se conhecerem, estabeleceu-se, entre eles, uma atração física imediata que resultou no início de um relacionamento de namoro. Depois de um ano de relacionamento, Jack, que se definiu como muito carinhoso e apaixonado, pensou em desistir do namoro, pois encontrava muita resistência da parte de Ennis em expressar seus sentimentos o que ocasionava uma sensação de insegurança, como dizia Jack: *“não tem mais condições da gente ficar junto sabe, porque o seguinte: eu não sei realmente se tu gostas de mim, tu não expressas nenhum sentimento teu, sabe?”*. Diante da pressão e da tensão que se estabeleceu entre os dois, Ennis se comprometeu a fazer um esforço no sentido de uma mudança, pois como ele mesmo diz: *“eu tinha uma dificuldade*

muito grande de exteriorizar esses meus sentimentos” (tal como Anah revelou), dificuldade que segundo ele advinha de uma formação familiar em que os sentimentos eram demonstrados através do fazer e também oriundos da dúvida em relação ao próprio sentimento amoroso que ele nutria por Jack. Como ele mesmo diz:

“(...) talvez no início da nossa relação eu tinha muito essa dúvida, tanto é que ele vivia dizendo: ‘ah! eu te amo, eu te amo!, mas tu nunca diz isso pra mim!’. Isso pra mim era uma coisa, sabe, muito...pra eu falar isso, eu tinha que ter certeza. De repente, eu posso tá só gostando, gostando, gostando, gostando, mas amar, amar, amar...com o tempo a gente vai vendo que realmente a gente ama.(...)Eu sempre tive muito cuidado com isso. Talvez essa questão do amor, de eu chegar a uma conclusão, de realmente ter certeza que eu amo o Jack, isso demorou pra caramba, demorou bastante”.

Apesar disso e também por conta do esforço de mudança que Ennis empreendeu e do amor que Jack alimentava, eles permaneceram juntos e em aproximadamente cinco anos de namoro, Jack propõe que eles passem a morar juntos, mas Ennis reluta, como ele mesmo disse:

“Mais ou menos uns cinco anos e aí ele: ‘a gente vai morar junto!’ E eu disse: no momento certo a gente vai, mas não agora. Eu tô terminando a faculdade, tô estudando e eu tava recentemente no meu emprego, na época e ainda nem sei como é que vai ficar o meu trabalho e tal...Deixa estabilizar mais e daí a gente vê como é que vai ficar e começa a construir. Daí foi quando eu me formei e aí eu disse: agora a gente vai começar, até porque eu já tô com um tempo no meu emprego e a gente já começa a construir e ele nessa época também tava saindo de um emprego, depois entrou em outro. E a gente começou a construir o nosso espaço e assim foi acontecendo...”

As percepções diferenciadas acerca do sentimento amoroso, principalmente no período inicial do relacionamento, são bastante expressivas entre os dois e, de certo modo lembram, como é de se esperar, já que são todas parcerias amorosas, os pares heterossexuais já citados. Quando ambos falam da paixão, mais uma vez as diferenças se revelam. Disse Ennis: *Olha, é...eu posso dizer assim mesmo que se eu passei pela fase da paixão, eu não me dei conta, eu acho que foi mais a questão de tesão, no início. Aí depois que veio essa questão do sentimento, né?*

Jack expressa de outra maneira. Diz ele:

“Pra mim passou pela paixão, passou de fazer loucura mesmo, sabe? É...muita ansiedade,(...) desejo, pra sonhar, fazer planos, fazer coisas assim que...é...tu não espera consequência nenhuma do teu ato, sabe? Uma fase legal pra mim, muito legal mesmo, sabe? (...) Então, eu vivi essa paixão por ele, até porque eu entreguei logo meus sentimentos.

Apesar das diferenças, que se manifestam na vida cotidiana, pois enquanto Ennis é tímido, Jack é extrovertido; Ennis é calmo, Jack explosivo; enquanto Ennis é “travado” em relação a seus sentimentos, Jack é expansivo, carinhoso e apaixonado, e por conta disso era muito ciumento e possessivo no início do relacionamento; Ennis, por sua vez, se preocupa com o que ele denomina do “amor dependente” de Jack; Ennis não se vê casado formalmente, mesmo que isso fosse possível; Jack se pudesse casaria com Ennis e até já propôs isto a ele. Em contrapartida, as afinidades entre os dois também são numerosas e o combustível para o amor recíproco que nutrem, como eles mesmos dizem, é: “a gente divide tudo” e “a gente tá sempre junto”. A divisão vai das tarefas domésticas aos bens materiais, que estão dispostos em testamento a fim de que nenhum dos dois seja surpreendido com a partida do outro, providência esta tomada por Jack que dos dois é aquele que se

mostra mais preocupado com estas questões “práticas”. Já a relação de companheirismo está presente em várias atividades que eles realizam juntos no dia-a-dia, como a frequência à academia, a adoção de uma religião comum, o lazer e as compras.

Em outra parceria homossexual, Armand e Albert, é possível encontrar, como tenho enfatizado, situação semelhante. Juntos há quatro anos, coabitando há dois, eles não conseguem chegar a um consenso acerca do tipo de relacionamento que tem, pois enquanto Albert considera que eles são “casados”, Armand acha mais conveniente dizer que eles são “namorados”. Albert argumenta que eles são casados porque “a gente tem uma vida a dois”, “eu ajudo ele, ele me ajuda”, “qualquer coisa eu corro pra ele e ele pra mim”, enfim porque

“A gente dorme junto, a gente acorda junto, às vezes ele vai me deixar no trabalho, às vezes eu preciso do carro, deixo ele onde ele tem que ficar, fico com o carro, vou buscar ele; então, acaba que a gente passa a...maioria do tempo, se a gente for ver, junto; e acho que cada vez mais a gente tá sendo automaticamente casado, mesmo que a gente não queira, a gente acaba sendo”.

Apesar disso, Armand não se convence e diz que “se casamento for isso”, “a gente leva uma vida de casados”, “que não seja casados, mas companheiros”. Ele diz claramente que tem “pavor de casamento” e explica:

“Casar com o Albert? Eu não tenho coragem de assumir essa responsabilidade. (...) É engraçado, eu me sinto mais seguro no relacionamento sem dizer assim: ah! eu casei! Eu tô morando junto! Eu casei! Eu tenho pavor disso. Cara, eu tenho pavor, pavor. Eu corro de casamento como quem corre da cruz. (...) E eu nunca vi, eu vou te dizer, eu tenho vinte e sete anos e até hoje eu não vi uma pessoa, no

mundo gay, que tenha colocado uma aliança e tenha sido feliz, tenha feito um casamento e tenha durado”.

Da mesma forma que Ennis/Jack, este par enfrenta algumas dificuldades no que tange a expressão do amor, em especial na verbalização da frase-símbolo de um casal apaixonado, “*eu te amo!*”. Enquanto Albert fala claramente de seu amor, Armand se mostra muito cauteloso, como ele mesmo disse:

“Eu acho que tem determinadas coisas, como por exemplo, ‘Ah! eu te amo!’. Eu te amo, eu acho que é um palavra assim que tu tens que pensar com muito cuidado, porque tu podes ferir alguém em função disso. Em quatro anos que a gente namora, o amor¹⁵¹ não ouviu isso da minha boca mais de três vezes. E três vezes em situações extremas quando a gente...(rindo) quando eu sentia que eu tava perdendo ele. ‘Mas eu te amo!’”.

Albert confirma essa postura quando relata que eles já se separaram umas “*quinhentas mil vezes*” e nessas situações quando eles faziam as pazes o argumento que Armand usava para convencê-lo a voltar atrás era dizer “*eu te amo!*”, como ele mesmo disse na frase anterior e como Albert ratifica: “*Ele terminava, ele me ligava e dizia: eu te amo! Ele nunca falava que me amava e quando ele terminava ele me dizia e eu me derretia e chorava, aí eu voltava. Então, ele sabia como me...me pegar de volta (...)*”.

Apesar das idas e vindas o relacionamento se manteve e à época da entrevista, como mencionei, já durava quatro anos, ainda que, como enfatizou Albert, não da mesma forma que antes em que ele sempre muito apaixonado fazia “*de tudo pra tentar conquistar ele, eu fiz o possível e o impossível*”. Entretanto, disse ele: “*(...) hoje eu acabo me ligando, mas também me*

¹⁵¹ Termo carinhoso que Armand usa para se referir a Albert. A forma como ele pronuncia a palavra seria melhor traduzida pela redação “*mô*”.

desligando. Eu tenho que ter a minha vida, independente da vida dele, porque se eu voltar a ser o que era com ele, eu vou me lascar (...)”.

O amor permanece vivo, pois como ele diz “*a gente nunca deixa de gostar quando tem sentimento de verdade*”, mas transformou-se e ganhou uma configuração diferente daquela do início do relacionamento:

“Eu hoje...eu digo assim: eu gosto, mas eu não morro de amores como antigamente. Eu gosto, acho uma pessoa maravilhosa. Ele tem suas qualidades perfeitas, mas acho que o que me fez assim deixar de...antigamente eu tinha que morar junto com ele, (...) eu insisti, eu tinha que casar, queria porque queria ter aliança. Hoje eu não faço mais questão, não por ele, mas por mim, porque assim eu já parei pra pensar (...) o que é que eu tô ganhando?”

Como se pode ver na fala de Albert, ele introduz um elemento que foi por mim explorado de forma deliberada nas entrevistas, mas que também aparece espontaneamente quando os amantes se referem aos seus pares e às suas histórias de amor. Refiro-me aqui às diversas mudanças que vão se dando com o passar do tempo e que permitem que se estabeleçam correlações entre o antes e o agora, como veremos no capítulo a seguir em que exploro com mais vagar este tema e trato mais detidamente dos pares formados por mulheres.

Ainda Bem

Ainda bem
Que você vive comigo
Porque senão como seria esta vida?
Sei lá, sei lá!

Nos dias frios em que nós estamos juntos,
Nos abraçamos sob o nosso conforto
De amor, de amor.
Se há dores tudo fica mais fácil,
Seu rosto silencia e faz parar,
As flores que me manda são feitas
Do nosso cuidado e entrega,
Meus beijos sem os seus não dariam,
Os dias chegariam sem paixão,
Meu corpo sem o seu uma parte
Seria o acaso e não sorte.

Entre tantos outros, entre tantos anos,
Que sorte a nossa heim?
Entre tantas pátrias, esse encontro nós dois, esse amor.

Composição: Liminha/Vanessa da Mata
Álbum "Essa boneca tem manual" - 2004

IV. A “cara” do amor ou o amor como ele é (para os que o vivem) - parte II

“Que acontecerá aos corações se o tempo não passar?”¹⁵²

À ideia de construção, ou talvez por conta dela, associa-se a noção de mudança. Eu indaguei do grupo: vocês acham que o amor muda com o passar do tempo? A resposta foi sem dúvida positiva. Mais adiante inquiri: o que alimenta o amor? E pude começar a perceber os diversos fios que formam a teia complexa, consistente e, paradoxalmente, ao mesmo tempo frágil, das relações amorosas. Se o amor é uma construção, ele certamente não é estático, ao contrário é extremamente dinâmico; as mudanças vão se dando, sem que muitas vezes o par se dê conta delas; outras vezes, há um esforço concentrado no sentido de fazer com que o sentimento de amor que uniu esse par se mantenha sempre vivo, o que implica em ter atitudes positivas que tenham em foco esta meta. As falas a seguir são boas para se pensar sobre estas questões.

Elizabeth e Lota têm dezenove anos de relacionamento e a diferença de idade entre elas é de sete anos. Quando elas se conheceram Lota tinha dezesseis anos e Elizabeth vinte e três. Os primeiros oito anos foram vividos sem coabitação, após o que elas se separaram, para em seguida, depois de um ano, retomarem a relação, desta feita partilhando o mesmo espaço¹⁵³. A separação se deu no momento em que Lota passou a nutrir, como ela mesma conta:

“...um sentimento muito forte por outra pessoa, de dizer: eu te amo! Eu até acho que provavelmente se a pessoa tivesse também disposta a ter um relacionamento legal a gente

¹⁵² Trecho da canção “Tempo e Destino” dos compositores paraenses Nilson Chaves e Vital Lima, incluída no álbum “Interior” (1984), cuja letra diz o seguinte: “Há entre o tempo e o destino/Um caso antigo, um elo, um par/Que pode acontecer menino/Se o tempo não passar?/Feito essas águas que subindo/Forçaram a gente a se mudar/Que pode acontecer, meu lindo,/Se o tempo não passar?/O tempo é que me deu amigos/E esse amor que não me sai/Que doura os campos de trigo/E os cabelos de meu pai/Faz rebentar paixões/Depois se nega às criações/E assim mantém a vida/Que acontecerá aos corações/Se o tempo não passar?/Não mato o meu amor, no fundo,/Porque tenho amizade nele/Que já faz parte do meu mundo/Do tempo entre eu e ele.”

¹⁵³ Apesar de terem se separado, elas continuaram mantendo contato uma com a outra. Neste período, ambas tiveram outro relacionamento.

tinha seguido...não sei, sabe, não sei (...) A gente separou (...) deve ter sido assim paixão, principalmente pra ela”.

Como o relacionamento não foi adiante e diante do sofrimento de ambas, Elizabeth que se mantinha muito apaixonada, propôs que elas retomassem a relação. De início, Lota relutou, mas Elizabeth insistiu e sugeriu que elas pelo menos tentassem. Disse ela:

“Eu poderia fazer tudo que estivesse ao meu alcance se ela também tivesse disposta a fazer pra que a gente voltasse. Então, no início foi realmente muito, muito difícil, mas aí nós conseguimos chegar até onde a gente está. E hoje eu vejo que essa fase foi realmente uma fase muito difícil do nosso relacionamento, mas fez com que a gente crescesse muito, principalmente eu. Eu cresci muito (...) e o relacionamento cresceu”.

Elas se referem a estes períodos como a primeira e a segunda fase do relacionamento. A primeira fase é marcada, diz Elizabeth,, pela “questão da paixão, esse calor, de se olhar e ficar com vontade de...de fazer amor e eu acho que pela própria...o próprio tempo e o espaço que a gente não tinha, principalmente o espaço(...)”. Já da segunda fase, ela faz a seguinte avaliação:

“(...) hoje a gente tá mais consciente....não sei te dizer exatamente porque, mas...Não! Na verdade, é o amadurecimento, sabe? Hoje a gente tá com essa idade¹⁵⁴, mas tá muito consciente (...) Eu tô consciente do que eu quero e do que ela quer. Ela também tem consciência disso e a gente tenta caminhar na nossa vida tentando conciliar os nossos objetivos”.

Lota tem uma percepção semelhante do momento atual. Disse ela:

“Eu acho assim, pra ser bem objetiva mesmo, o que mudou mesmo...acho que...amadurecimento. (...) E a percepção de que eu sou uma pessoa e que a outra é outra entendeu? No início, principalmente quando a gente é muito novo, acha que é uma pessoa só, não dá pra fazer nada só, não dá pra

¹⁵⁴ Elizabeth com quarenta e dois anos e Lota trinta e cinco anos (dados da época da pesquisa de campo).

decidir nada só.(...) Mas eu acho que o que mudou foi mais isso, essa percepção de que são duas pessoas que tão caminhando junto, mas são duas pessoas, sabe?”

Quando perguntei o que elas faziam para alimentar o amor recíproco, obtenho uma resposta de Lota que traduz bem a ideia de que, muitas vezes, as mudanças vão se dando no contexto das relações cotidianas sem que o par tenha plena consciência delas:

“Bom eu acho que eu nunca achei nenhuma pergunta difícil, mas essa eu achei, porque (...) eu nunca parei pra pensar. Eu só faço as coisas, tudo isso que ela falou a gente vai fazendo, mas eu nunca parei pra pensar que a gente tava alimentando, entendeu? (...) Mas a gente sempre faz tudo isso e às vezes manda mensagem, tele mensagem, às vezes só liga pra dizer ‘eu te amo!’. Eu nunca pensei assim que eu tava alimentando exatamente o nosso amor, o nosso relacionamento (...). Essa coisa de ir a motel, ir ao sex-shop comprar alguma peça íntima diferente, eu sempre pensei que eu devia fazer, fazer um momento diferente dos demais, mas nunca pensei que eu tava alimentando, entendeu? (...) Depois que eu fiquei aqui ouvindo ela falar e pensando, realmente alimenta, mas eu nunca fiz achando que tava fazendo isso”.

Os aspectos que Elizabeth levantou ao focar esta questão diziam respeito à necessidade de “viver em harmonia”, de “ajudar” a parceira, “fazer o que ela gosta”, evitar “brigas e aborrecimentos”, “cuidar” do outro, evitando “magoá-lo”.

Contrariamente, Oscar, que aos quarenta e cinco anos, vive uma parceria homossexual de um ano com Alfred, que tem trinta e seis anos, referindo-se a uma conversa que teve com seu parceiro, diz o seguinte:

“Eu te trato bem consciente de que eu estou te tratando bem e eu acho que eu tenho que te tratar como rei, porque você é uma pessoa importante pra mim e eu quero cultivar isso. Foi nesse termo que eu coloquei. Eu tenho consciência de que isso é...esse relacionamento é importante demais pra mim e eu não posso me distrair dele, não posso negligenciar, não posso...deixar de lado”.

Oscar considera que ele e Alfred ainda estão em “lua-de-mel”, pois, como diz ele, “*nós estamos encantados um com o outro*”. Um fato importante da história deste par é que após três meses de namoro, Alfred passa a partilhar o mesmo espaço com ele, atendendo ao convite de Oscar que se sentia muito seguro no relacionamento, ao contrário de três outras experiências que ele já havia tido cuja durabilidade foi de oito, sete e quatro anos nas quais ele nem sequer cogitou a possibilidade de coabitação. Assim, as mudanças que eles observaram, são mudanças para melhor no sentido do fortalecimento dos laços com as famílias de origem de ambos, do respeito e credibilidade que eles passam a adquirir neste meio e do “*ritmo de casal*” que eles passaram a ter, convivendo mais intensamente juntos, viajando e traçando projetos em comum.

O par, Gertrude e Alice, junto há sete anos, faz uma espécie de balanço do relacionamento durante a entrevista, avaliando seus “reais” sentimentos. Alice, quarenta e um anos, que expressa claramente seu amor e seu desejo de ficar com Gertrude, trinta e sete anos, manifesta sua dúvida acerca do amor de sua parceira. Diz ela:

“Às vezes eu penso: ela gosta de mim? será que ela ainda gosta? Onde tá o amor que ela diz que sente por mim? Eu fico me torturando, mas também ela tem reações que fazem eu pensar: não, realmente ela gosta de mim! São momentos que deixam eu me balançando, naquela dúvida e têm momentos que eu penso: não, ela gosta mesmo de mim! Existe muito essa ...essa balança”.

Por outro lado, Gertrude, identifica suas próprias falhas e o modo como elas afetam o relacionamento do par, mas não consegue empreender as mudanças necessárias; ao mesmo tempo ela questiona seus sentimentos, como se vê nas falas a seguir:

“(...) eu penso assim: será que cai na rotina? ou não gosta? como é que é esse gostar? Vai mudando, né? (...) Será que a pessoa vai mudando? Por que? Aí eu fico me perguntando.

(...) Aí, às vezes eu paro, vou pensando assim (...) aí, tu não faz nada pra mudar? Acabo não fazendo de fato”.

Em outro momento:

“Aí sinceramente eu fico me perguntando, como é que vai ser mais lá na frente, ou amanhã ou depois? Eu fico nessa inquietação. Às vezes, me dá vontade mesmo, ‘ah! não quero mais!’ Mas ao mesmo tempo não, até pelo fato de ...pela comodidade mesmo, saber que uma pessoa gosta de ti, que cuida de ti”.

Tristão abordou este aspecto da seguinte forma. Segundo ele:

“É possível amar unilateralmente. É possível sim. (...) E é possível também existir uma coisa assim, como eu diria?(...) Que a pessoa se sinta tão amada (...), tão paparicada (...) e que gosta muito e que fica aquela sensação assim: caramba, eu não vou encontrar um amor assim! Deixa eu segurar essa mulher aqui, porque eu não vou encontrar. Às vezes ela não gosta tanto dele assim, mas...ele tem aquela ilusão e vice-versa. Então, eu acho que existe níveis”.

Oscar, parceiro de Alfred, chamou atenção para o fato de que mais que a expressão verbal do amor, importa no contexto da vivência diária, a demonstração do amor, o que deve se dar de ambas as partes. Disse ele:

“(...) você não precisa necessariamente tá dizendo todo dia: olha, eu te amo, eu te amo! Não precisa dizer, mas você sente através das atitudes. (...) É muito de...eu sinto muito pela atitude, pelo que eu recebo, pelo que eu dou também (...)”.

“Investir é cultivar o amor...”¹⁵⁵

¹⁵⁵ Trecho da canção “Achou”, composição de Dante Ozzetti e Luiz Tatit do álbum “Achou” (2006) de Ceumar e Dante Ozzetti. A letra fala do amor e brinca com os seus contrastes: “Investir/É cultivar o amor/Se despir/É ativar/Resistir/É aturar o amor/Insistir/É saturar./Aderir/É

Diante da impossibilidade de conviver mais intensamente com os pares amorosos que selecionei - dada a característica deste tema em estudo - procurei, ao longo das entrevistas, investigar mais detalhadamente, através da indagação direta, como as parcerias expressavam o amor recíproco que sentiam, não só em datas festivas ou ocasiões especiais, mas acima de tudo quais eram as manifestações cotidianas desse amor. Além das declarações expressas pelas parcerias pude, no convívio com elas¹⁵⁶ (e com outras de meu convívio mais próximo e não participantes da pesquisa), observar, por minha própria conta, algumas destas manifestações como os olhares, os termos carinhosos, os apelidos, a deferência no tratamento, as atitudes de gentileza, o cuidado com o outro e todo um conjunto de elementos que compõem uma espécie de desenho conjugal ou um retrato amoroso dos pares que entrevistei e que configuram, por sua vez, se considerarmos a tradição antropológica, o ritual do amor.

Matos (2000) chama atenção para a existência de uma linguagem íntima¹⁵⁷ no contexto do que ela nomeou de “*design* conjugal”, linguagem esta marcada pela

“presença de apelidos, comunicações cifradas, acontecimentos e situações vistos como marcos na história amorosa que refletem a necessidade de manter, na memória compartilhada pela parceria (via relatos, lembranças, objetos, fotos, recordações, etc.), experiências em comum que resgatem o vínculo amoroso”.

Identifiquei, por minha vez que, no momento de estabelecimento da parceria amorosa, inicia-se, também a construção de um laço de intimidade cujo aprofundamento se dá com o passar do tempo, conferindo uma nova

estar com seu amor/Adorar/É superstar/Aplaudir/Até sentindo dor/É amar/Quem puder/Viver um grande amor/Verá./Consentir/É educar o amor/Seduzir/É cutucar/Amarei!/É conjugar o amor/Não amei!/É enxugar/Avançar/É conquistar o amor/Amansar/É como está/Como estou/Com muito amor pra dar/Eu dou!/Quem estiver/Atrás de um grande amor/Achou!”.

¹⁵⁶ Como já enfatizei no capítulo dois, meu convívio com o grupo entrevistado praticamente se restringiu ao momento das entrevistas, salvo o caso de quatro parcerias com as quais tinha uma convivência que extrapolava o espaço da pesquisa de campo.

¹⁵⁷ HEILBORN (2004a) também aponta para a existência de uma “linguagem íntima” caracterizada no casamento moderno pela produção intensa e variada de apelidos, tidos como ícones da idiosincrasia que simbolizariam, segundo a análise de Figueira a qual ela recorre, uma forma de possuir a alma do outro, ideia que se apóia na concepção de alma gêmea alimentada pelo mito do amor romântico.

feição ao vínculo amoroso inicial. Neste processo, alguns elementos se perpetuam e outros vão sendo substituídos ou simplesmente “esquecidos” ou deixados de lado, sendo ativados pela memória no momento em que, por exemplo, indaguei deles como se dava a expressão do amor que sentiam um pelo outro.

A referência unânime à circulação de cartas, bilhetes, poesias, declarações de amor, em geral, acompanhadas de um pequeno presente, lembrança ou mimo, foi frequente nos dois universos entrevistados. Em alguns casos, como o de Anah e Afonso e Tristão e Isolda, a correspondência amorosa foi farta e cobriu um longo período do relacionamento em que o par estava apartado um do outro, mas mesmo entre os demais, sem dúvida, ela fez/faz parte do acervo amoroso do par. De modo geral, sempre um dos membros da parceria¹⁵⁸ se incumbem da tarefa de zelar por essa memória, guardando o material que vai se tornando escasso à medida que, paradoxalmente, a relação/intimidade se torna mais profunda. Não raro, conforme me foi relatado, este material se perde em mudanças de residência ou em conflitos entre o par, quando parte dele pode ser rasgada, jogada fora ou queimada num momento de raiva.

Sobre este aspecto, é interessante observar que os pares demonstram certo saudosismo ao se referirem a este período e, de certa forma, lamentam que ele tenha se perdido ou perdido a intensidade, mas justificam tal perda em função da coabitação que torna desnecessária este tipo de comunicação, já que o par está convivendo mais intensamente, numa espécie de simbiose. Oscar, parceiro de Alfred, se remeteu a este fato dizendo:

*“(...) eu escrevia todas as vezes que ele viajava, depois que a gente passou a morar junto eu não escrevi mais (rindo).
Mas é porque a gente tá junto, a gente não se separa*¹⁵⁹

¹⁵⁸ Entre as parcerias heterossexuais esta tarefa foi referida como sendo realizada pelas mulheres; já entre os pares homossexuais um dos parceiros toma esta tarefa para si. Foi comum, também, a referência ao fato de que cada um dos membros preserva o material que recebeu (ou, pelo menos, parte dele).

¹⁵⁹ A fala de Afonso Arinos de Melo Franco se apóia na mesma justificativa. Disse ele: “*como nunca mais nos separamos, nossa correspondência posterior (ao período do noivado) é muito*

*como a gente se separava antes. Mas, assim, eu sempre tive esse cuidado e isso hoje em dia eu faço de outra forma (...)*¹⁶⁰

O par Ennis e Jack, há vinte e dois anos partilhando uma vida em comum, também faz referência às famosas “cartas de amor” que são um marco num determinado período do relacionamento. Reproduzo um trecho de nossa conversa em que os dois falam desta questão e interpretam a mudança que se deu. Disse primeiramente, Ennis: *“Eu lembro algumas coisas que eu até cheguei a falar da outra vez. No início, eu recebia cartinha, bilhete. Ele não escreveu nunca mais, né? Nem da minha parte pra ele, nem vice-versa. A gente tem guardado tudinho, numa caixa. Isso acabou!* Jack, por sua vez, complementa: *“Não, não é que tenha acabado. Eu acho que são fases que a gente vai passando na vida da gente. Como vai havendo transformações a gente vê que não tem necessidade de fazer isso. Pelo menos eu penso assim”*.

Neste sentido, a fala de Paul, parceiro de Arthur, reforça a ideia de transformação, apresenta por Ennis/Jack, em oposição à de mudança, ainda que, como se sabe, as palavras sejam sinônimas, e ao mesmo tempo, contradiz a noção de saudosismo a que me referi anteriormente, pois segundo ele:

escassa. Consta de meia dúzia de cartas”.

¹⁶⁰ A fala de Oscar me remete ao livro recém lido *“Para Francisco”* (2008), de Cristiana Guerra, que viveu com Guilherme Fraga uma história de amor de dois anos, interrompida devido a morte súbita dele, dois meses antes de ela dar à luz a Francisco, o filho que conceberam. O livro surge a partir dos registros quase diários que ela passa a postar no blog (parafrancisco.blogspot.com) que criou e que foi uma forma que ela encontrou de falar/lidar/superar a dor da perda e deixar para o filho, que não conheceu o pai, uma outra espécie de retrato dele. O par, muito apaixonado, era oriundo de casamentos anteriores e optou por viver em casas separadas. Entre eles surgiu espontaneamente a troca de correspondência através de e-mails que visavam dizer apenas coisas como *“te amo”, “estou com saudade”, “um bom dia pra você”, “um beijo bom”* e assim por diante. Após a morte de Guilherme, Cristiana, em seu livro, reflete sobre o fato deles não morarem juntos e expõe suas dúvidas sobre o que seria melhor – morar juntos ou separados? Cito um trecho em que ela fala sobre esta questão: *“E assim nos casamos. O nosso sim, filho, era a cada dia. A cada manhã acordávamos juntos, no e-mail carinhoso, no amor fresco e leve. Não precisávamos morar na mesma casa para sermos companheiros. Tínhamos sido casados antes. Tínhamos motivo para acreditar que era melhor assim. Um dia ele sugeriu que comprássemos uma casinha. Foi surpresa boa de ouvir. Mas confesso que eu tinha medo de estragar tudo. (...) Quando passássemos a morar na mesma casa, para que os e-mails de bom dia? Talvez se tornassem escassos os telefonemas ‘só para dar um beijo’. Pequenos gestos que fazem do amor uma alquimia sutil, temperando ao gosto dos chefs o prato de cada dia”*.

“Acho que não mudou, aliás, não mudou não, deixou de existir, elas se transformaram. Eu não sinto falta, não sinto falta porque aquele momento era aquele momento e aquelas coisas precisavam acontecer, estávamos apaixonados, depois a coisa se transformou numa outra forma”.

Como se pode ver nestes depoimentos, as palavras mudança e transformação ganham sentidos diferenciados no contexto das relações amorosas vivenciadas pelos pares em questão. A ideia de mudança implica na de deslocamento ou exclusão, enquanto que a ideia de transformação remete para a de reconfiguração, que implicaria em dar uma nova forma a algo que já existia.

Uma outra consideração importante presente nas falas é a de que alguns dos elementos do jogo amoroso são deixados de lado ou reduzidos em sua intensidade, mas muitas vezes são reativados, pelo simples fato do par estar ciente de que eles são importantes e não podem ser negligenciados, sob pena do relacionamento não resistir ao cotidiano atribulado característico dos tempos da modernidade em que vivemos. Assim, Emma e Charles que já vivenciaram uma crise que quase culminou num rompimento da relação, sabem, tal com o Oscar, que é preciso alimentar o amor. Disse Emma:

“(...) a gente tinha umas coisas que se perderam com o tempo e de vez em quando é que a gente recupera. Uma vez que eu viajei, passei quase um mês fora, aí eu deixei um e-mail pra cada dia, ele tinha que abrir um e-mail a cada dia. Aí tinha isso. De vez em quando a gente manda e-mail. ‘Ah! Quer namorar comigo? Vamos marcar encontro em tal lugar?’ E a gente vai e se encontra”.

Anah e Afonso, frequentemente, usam este recurso para declarar o amor que sentem. Apesar do tempo de relacionamento entre eles ser longo, cinquenta e dois anos, eles continuam alimentando a relação não somente nas datas festivas que são, de certa forma, quase que obrigatórias no calendário amoroso de todos os entrevistados – em especial, o aniversário de casamento

ou de união do par e o dia dos namorados¹⁶¹ – mas eles costumam lembrar também a data do primeiro encontro, do início do namoro, do primeiro presente dado, assim como costumam ser espontâneos na manifestação do seu amor. Como disse Anah:

“(...) hoje, por exemplo, hoje de manhã cedo, eu acordei, (...) me deu uma vontade de mandar uma mensagem pra ele. Mande! (...) dizendo pra ele que eu tava com saudade, com saudade que eu digo, eu nesse momento tava dizendo pra ele que eu amava ele, (...) que ele era uma pessoa especial pra mim, uma pessoa que eu amava muito. (...) Aí eu não disse nada. Quando ele abriu (o e-mail) de manhã: ‘Oh! Obrigado pela mensagem!’ ”.

Paul e Arthur, juntos há três anos, também, já identificam algumas mudanças, mas ao mesmo tempo, “*insistem*”, como eles mesmos dizem, em manter algumas práticas que marcaram o início do relacionamento e que são prazerosas para ambos. Disse Arthur:

*“A leitura que eu faço, também, é que hoje a gente não se manda mais tantas mensagens, ou é...talvez tenha perdido aquele ‘frio na barriga’, mas isso se transformou em outras coisas, que pra mim são muito mais interessantes até, muito mais sólidas, muito mais seguras, muito mais tranqüilas (...) que é planejar o dia de amanhã, aí já falo mesmo dessa relação estabelecida no casamento, sei lá, união, que se transformou em outras coisas. Mesmo assim **a gente ainda insiste** em mandar algumas coisas. Eu recebi um e-mail lindo, eu mandei pra ele um e-mail e ele me devolveu com uma mensagem assim muito bacana”.*

Marguerite e Grace, juntas há sete anos, ressaltam a importância de se ter estes elementos, ainda que esporádicos, pois eles alimentam o sentimento amoroso, mas enfatizam um outro aspecto tido como essencial que consiste no

¹⁶¹ Sobre o par Marguerite Yourcenaur e Grace Frick, SAVIGNEAU (1990) em sua biografia da escritora Yourcenaur afirma: (...) “A propósito, pode-se notar que Grace e Marguerite sempre permaneceram fiéis ao costume americano dos cartões que se enviam pelo São Valentim a quem se ama. Mesmo nos piores momentos de sua vida em comum, nos últimos anos. Como se o rito, testemunhando o que foi, continuasse a dar-lhes uma existência no presente” (p. 365).

cuidado com a outra, expresso pelo zelo, atenção, dedicação e carinho que uma dispensa à outra. Marguerite disse:

“(...) a gente tem um cuidado uma com a outra assim: não é aquele cuidado que enjoa, aquela coisa que muitas vezes até soa falso em alguns relacionamentos; a gente tem um cuidado assim uma com a outra que...que...isso é insubstituível. É claro que não substitui uma noite em que eu dê flores, ou uma surpresa que isso eu adoro, ela também gosta, mas assim o cuidado diário que...que...eu acho que isso pra mim assim é essencial”.

Este registro também foi feito por feito por Charles, parceiro de Emma há sete anos. Disse ele:

“(...) Quando eu gosto da pessoa, eu gosto de servir aquela pessoa. É uma maneira que eu tenho (...) Eu gosto de dar atenção assim em determinadas horas, uma vez eu quero fazer uma coisa pra ela, mas é ela que não quer (...) Às vezes ela tá agoniada com o trabalho dela, eu vejo aquilo ... ‘me dá...deixa eu te ajudar, deixa eu fazer alguma coisa, não quer que eu ...’ (...) Eu sinto prazer em fazer assim, esse tipo de coisa, sabe? em ajudar quando ela tá aperreada, em fazer alguma coisa por ela (...)”.

Oscar, parceiro de Alfred, referiu um ritual que eles cultivam:

“(...) a gente tem um ritual assim à noite. Todas as noites a gente janta junto. Quando a empregada tá aqui ela prepara o jantar pra gente, quando ela não vem a gente pega o que sobrou, incrementa, ou a gente vai pra cozinha. Eu cozinho alguma coisa, ele cozinha alguma coisa, então a gente termina de comer quem preparou o jantar não lava a louça (...) e depois a gente senta aqui pra assistir TV e aí ele levantou foi fazer alguma coisa lá pra dentro e não avisou (...) saiu assim. Em cinco minutos eu comecei a chamar por ele. (...) E a gente tem isso, sabe? (...) tem essa curtição de ficar junto”.

Os pares também mencionaram outras manifestações como: dar um presente fora de hora, ligar para dizer que está com saudades ou que ama, mandar uma mensagem via celular, cozinhar um prato especial, enfim, estas

atitudes não possuem a mesma frequência que apresentavam quando o relacionamento estava em sua fase inicial, mas são cultivados e foram incorporados de forma esporádica na vida do par.

Um outro componente bastante presente e que pude observar no contato com os entrevistados foi o beijo na boca como forma de cumprimento quando o par se encontra ou se separa. Como disse Ennis em relação à Jack: “(...) *toda manhã a gente se acorda, a gente se beija, se cumprimenta: bom dia! (...)*”. De fato, a prática do beijo faz parte do cotidiano a tal ponto que Isolda disse que se Tristão for sair e tiver esquecido algo, “*quantas vezes ele entrar no quarto ele me beija*”. Situação semelhante ocorre com Afonso e Anah, segundo a qual, em todos estes anos de vida em comum, Afonso nunca ficou um dia sequer sem dar o beijo de boa noite. Como ela mesma disse: “*ele sempre me beija, toda noite; ele nunca deixou de me beijar uma noite, só quando eu não estou*”. Apesar disso, ressalta, quando ela estava aborrecida com ele, ela não o beijava, apenas recebia o beijo dele; ele, por sua vez, independente da situação, sempre a beijava, o que ocorre até hoje.

Evidentemente que, no universo homossexual, dada a impossibilidade (ainda muito presente) de expressão pública do sentimento amoroso, esta manifestação se dá no âmbito do privado, longe dos olhares de terceiros. Assim, disse Alfred: “*quando eu chegava no trabalho mais tarde, o Alfred só saía depois que ele me abraçava e beijava (...)*e eu também”. Já Elizabeth e Lota referem os momentos de despedida em que uma ou outra fica em casa, como por exemplo, quando Lota sai e a outra fica dormindo, depois de tomar café: “*(...) e depois vou dar um beijo nela e vou embora feliz porque eu dei um beijo nela e eu gosto quando ela fica assim dormindo (...)*”. Elizabeth, por sua vez, diz:

“Ah! Sim, antes a gente...lá dentro do quarto, a gente tem o maior cuidado, aí vai fecha a porta do quarto, se beija, aí ela vem passa o batom, aí sim, aí que ela vem aqui pra porta (da frente) e aí a gente só dá tchau mesmo, né? que a gente já se beijou e aí ela vai embora”.

Vê-se, assim, que no caso específico destas parcerias, o ritual amoroso se dá em dois níveis, um deles público, em que eles se adequam ao comportamento aceito e esperado socialmente e o outro privado em que a real expressão dos sentimentos que unem o par podem ser manifestados, secretamente ou na presença de um seleto grupo que compartilha e/ou não realiza o estranhamento que caracteriza os outros espaços sociais¹⁶². O que provocou, por exemplo, a atitude “discreta” atribuída à parceria homossexual feminina que já completou bodas de prata a qual me referi no segundo capítulo desta tese (p. 100).

Uma outra manifestação de afeto bastante usual, utilizada por ambas as categorias entrevistadas é a presença de termos e apelidos carinhosos, grande parte deles variações da palavra amor (*mô, moção, moroca moroquinha, mouque*); outros remetem a um processo de “infantilização a dois” (Heilborn, 2004a) como *baby, bebê, bebezinho, filho e filha*; e outros têm um caráter mais contextual como, *bichau e cachorro*, ou mais genérico, à exemplo de *cheiro e nega*. Somente uma parceria, Tristão e Isolda, revelou não adotar nenhum tipo de apelido e desde o início do relacionamento sempre se utilizou dos próprios nomes um do outro; os demais, utilizam os termos acima no âmbito da intimidade, em especial as parcerias homo por conta do ocultamento de suas orientações sexuais. De fato, no contato com as parcerias, o máximo que ouvi deles no âmbito de nossas conversas, foram os termos “*amor*” e “*mô*”¹⁶³.

¹⁶² No caso das parcerias homossexuais masculinas e femininas que nomeiam os entrevistados pude observar em suas histórias que em todas as situações havia um núcleo em torno do qual elas circulavam que não desconhecia o vínculo amoroso existente entre o par, ainda que a discrição sempre fosse uma condição desejável e cultivada. Em todos os casos um dos membros do par (às vezes os dois como é o caso de Verlaine/Rimbaud e Bishop/Lota) era uma personagem famoso ou que se tornaria reconhecido por sua obra (Oscar Wilde, Paul Verlaine e Arthur Rimbaud, Marguerite Yourcenar, Gertrude Stein, Elizabeth Bishop e Lota Macedo) e os amigos, em geral, também eram artistas de áreas diversas e formavam quase que uma espécie de “gueto”. Todavia, isso não impediu que Oscar Wilde, por exemplo, fosse acusado de sodomia e condenado a dois anos de reclusão, o que representou para ele a destruição de sua vida e de sua promissora carreira literária.

¹⁶³ Alguns dos personagens famosos que dão nome aos meus entrevistados também utilizam apelidos para se referir aos seus amados/amantes. A consagrada escritora francesa Marguerite Yourcenar era chamada pelo diminutivo “Grete”, por sua parceira Grace Frick durante um determinado período que correspondeu aos anos de 1948-1950. Marguerite por sua vez ao redigir o nome de Grace, sempre escrevia “Grâce” que correspondia no francês à palavra graça; Elizabeth Bishop, a grande poetisa americana, numa das únicas cartas de que se tem registro (segundo Giroux (1995) a maioria foi queimada pelas suas rivais), se refere à Lota como “querida”; Alice B. Toklas chamava a famosa escritora Gertrude Stein de “baby”. O

Furtado (2008), chama atenção para o fato de que a utilização de apelidos, muito comum entre os pares enamorados, dá “*singularidade absoluta ao amado*”, estabelecendo uma distinção entre o significado que a pessoa tem para aquele que a ama e o que ela significa para o resto da humanidade, configurando, assim, um processo de transfiguração do objeto amoroso.

Todos estes elementos compõem uma espécie de performance amorosa que constituiu um traço comum entre todos os entrevistados, independentemente da orientação sexual. Certamente, ela se diferencia e assume um caráter muito particular e específico em cada um dos pares, mas de alguma forma existe uma preocupação comum de cuidar do outro e cuidar da relação, encarada como um item fundamental na vida a dois.

famoso naturalista Charles Darwin, em sua correspondência publicada, tratava sua esposa Emma por “amada”, “amadíssima”, “mamãezinha” e “Titty”; o ilustre político Afonso Arinos se dirigia à sua esposa Anah em sua correspondência chamando-a de “meu amor”, “adorada”, “Anahsinha”, “querida” e ela se referia a ele como “meu amor” e “querido”. Oscar Wilde utilizava os termos “garoto”, “garotinho”, “menino”, “criança” e “Bosie” ao se referir a Alfred Douglas; e, por fim, Verlaine chamava Rimbaud de “Rimbe”, “irmão”, “maninho” e “amigo” era um termo comum a ambos.

“O meu amor tem um jeito manso que é só seu...”¹⁶⁴

Minhas indagações acerca da sexualidade¹⁶⁵, e do sexo em particular, ocorreram no âmbito da pesquisa para este trabalho durante a última etapa das entrevistas com cada uma das parcerias. Reservei a entrevista final para trazer à tona essas questões, por considerar que o fato de já ter se estabelecido uma relação de maior proximidade entre nós – no caso, eu e “meus” entrevistados - seria um elemento facilitador, o que realmente aconteceu. Isso não significa dizer que o tema não tenha emergido ao longo das entrevistas, o que ocorreu recorrentemente no universo homossexual masculino em particular e ocasionalmente entre as demais parcerias. Apesar disso, foi na última entrevista com o par que ele foi realmente posto em pauta.

¹⁶⁴ Trecho da canção “O meu amor” de Chico Buarque, do álbum “A ópera do Malandro” (1979). Segue a letra: “O meu amor tem um jeito manso que é só seu/E que me deixa louca quando me beija a boca/A minha pele toda fica arrepiada/E me beija com calma e fundo/Até minh'alma se sentir beijada/O meu amor tem um jeito manso que é só seu/Que rouba os meus sentidos, viola os meus ouvidos/Com tantos segredos lindos e indecentes/Depois brinca comigo, ri do meu umbigo/E me crava os dentes/Eu sou sua menina, viu?/ E ele é o meu rapaz/Meu corpo é testemunha do bem que ele me faz/O meu amor tem um jeito manso que é só seu/Que me deixa maluca, quando me roça a nuca/E quase me machuca com a barba mal feita/E de pousar as coxas entre as minhas coxas/Quando ele se deita/O meu amor tem um jeito manso que é só seu/De me fazer rodeios, de me beijar os seios/Me beijar o ventre e me deixar em brasa/Desfruta do meu corpo como se o meu corpo fosse a sua casa/Eu sou sua menina, viu? /E ele é o meu rapaz/Meu corpo é testemunha do bem que ele me faz”.

¹⁶⁵ O campo da sexualidade constitui hoje uma área específica de investigação como apontam os trabalhos de VANCE (1995), DUARTE (2004), HEILBORN e BRANDÃO (1999, entre outros), marcado por uma imensa pluralidade de temas e abordagens o que pode ser visualizado nas coletâneas que tem se dedicado ao seu estudo (ver LOYOLA, 1998a e b; HEILBORN, 1999 e 2004b; PISCITELLI et al., 2004; HEILBORN et al., 2006). No campo específico das ciências sociais e da antropologia, a sexualidade tem sido estudada em articulação com outros temas como identidade, gênero corpo, sexo, reprodução, classe, raça, conjugalidade e articulada com as perspectivas heterossexual e/ou homossexual, como tem indicado os trabalhos de VANCE, 1999; BOZON, 2002, 2003, 2004; LOYOLA 1998a e b, 1999; HEILBORN, 1999; WEEKS, 2000 e DUARTE, 2004. Devo dizer que fiz uma incursão bibliográfica significativa em torno deste debate que foi retirado do trabalho final, por eu considerar que a discussão ficou deslocada do contexto geral da tese. Grande parte do que produzi foi com a intenção de apresentar trabalhos em eventos nacionais, pois me deparei com a ausência de grupos temáticos mais específicos sobre o meu tema principal, o amor, exceção feita aos Gts sobre a antropologia das emoções, nos quais não consegui situar meu estudo. Assim, tive que falar de amor a partir da abordagem da sexualidade o que me “obrigou” a analisar mais atentamente esta questão. Para ser mais explícita, participei de três eventos (Reunião Equatorial de Antropologia/2009; 27ª reunião brasileira de antropologia/2010 e 2º Encontro da Sociedade Brasileira de Sociologia/2010 e em todos eles me inscrevi em Gts que abordavam este campo de estudo (Sexualidades, culturas e identidades; Sexualidade e novas culturas corporais; Identidades, sexualidade e corporalidades, respectivamente). Giddens (1992) já apontava para essa dicotomia ao afirmar que “em alguns dos estudos mais notáveis sobre a sexualidade, escritos por homens, não há virtualmente nenhuma menção ao amor, e os gêneros aparecem como uma espécie de adendo” (p. 09)

De minha parte havia uma preocupação em como abordar o tema sem parecer invasiva, mas ao mesmo tempo, explorando os aspectos que eram de interesse do estudo que estava realizando. Esta preocupação era maior em relação aos parceiros heterossexuais cujo tempo de relacionamento era de quarenta e cinqüenta e dois anos e que, portanto, foram socializados em um período em que o sexo era considerado - muito mais do que ainda é hoje - um tabu. Apesar disso, devo admitir mesmo que não seja, talvez, próprio fazê-lo que fiquei surpresa (embora não se diga, antropólogo também fica!) com o nível de abertura de todos em falar do assunto e até mesmo em fazer revelações acerca de sua intimidade.

Meu interesse em tratar, neste trabalho, do exercício da sexualidade, ou em “*falar de sexo*” como diriam meus entrevistados, é fazer emergir através de suas falas, questões que dizem respeito ao significado e importância das práticas sexuais e o lugar que ela ocupa no contexto amoroso, o que implica em abordar aspectos como a intensidade com que o sexo é praticado e sua relação com o tempo de relacionamento, a relação sexo/prazer, as mudanças que se dão com o passar do tempo, as insatisfações e as queixas dos parceiros diante da redução da atividade sexual resultante da durabilidade do relacionamento e a resignificação que vai sendo conferida a este elemento que é tido pelas diferentes parcerias como fundamental na vida a dois.

Acho importante destacar aqui que a sexualidade adulta na esfera de uma relação amorosa, seja ela homo ou heterossexual, é um tema sociologicamente importante que tem sido pouco privilegiado ou brevemente tratado enquanto campo de estudo. Digo isso porque grande parte das publicações brasileiras que versam entre nós sobre tal tema - a sexualidade - tem se debruçado sobre o público juvenil seja discutindo a gravidez na adolescência, a iniciação sexual, as práticas sexuais, as trajetórias afetivo-sexuais, os valores sobre a sexualidade, enfim explorando a sexualidade em todas as suas nuances neste contexto mais específico¹⁶⁶. Daí a importância de

¹⁶⁶ Ver HEILBORN (1999, parte II), BOZON e HEILBORN (2001), RIETH (2002), LAGO (2002), QUINTELA (2002) HEILBORN et al. (2006), HEILBORN (2006), CABRAL e HEILBORN (2006), LEAL e KNAUTH (2006), BORGES e SCHOR (2007), PAIVA (2007), PANTOJA

se investigar a sexualidade mais particularmente no âmbito das relações de conjugalidade.

No âmbito da pesquisa que realizei para esta tese, dos dez pares entrevistados, duas parcerias heterossexuais apresentaram uma vivência bastante diferenciada das demais no campo da sexualidade: são Anah/Afonso e Tristão/Isolda que, como destaquei antes, possuem o tempo de relacionamento mais longo em relação a todos os demais pares. Nos dois casos o início da vivência sexual feminina se deu com o mesmo e único parceiro com o qual essas mulheres compartilham a vida até hoje; em relação aos homens Tristão teve suas primeiras experiências sexuais ainda muito jovem já que, segundo ele, seus pais eram muito liberais nesse sentido e até o incentivavam - como, aliás, sabemos que era comum ocorrer e Afonso iniciou sua vida sexual com Anah já que ambos foram o primeiro e a primeira namorada um do outro. Este fato constitui um dado a ser considerado, pois os demais entrevistados – todos eles mais jovens¹⁶⁷ - tiveram outras experiências no campo do namoro e da sexualidade antes de se estabelecerem na relação atual.

Vaistman (1994) destaca que as normas e os valores que organizavam e legitimavam o casamento e a família conjugal entre segmentos das camadas médias urbanas antes da década de cinquenta - e que se apoiavam no casamento heterossexual, legal, indissolúvel, monogâmico, com coabitação e filhos e na hierarquia expressa através da figura do homem como pai-provedor financeiro e da mulher como esposa-mãe-dona-de-casa - sofrem modificação a partir deste período dando origem à família conjugal moderna. Assim, o modelo que vigora até meados da década de 1960 - é bom lembrar: nas camadas médias urbanas - é caracterizado pelo homem como o provedor financeiro e pela mulher desempenhando o papel de dona-de-casa, a eles agregados os filhos, todos vivendo sob o mesmo teto. Neste modelo prevalece

(2007), dentre outros.

¹⁶⁷ Se considerarmos o ano de nascimento temos Tristão (1954) e Isolda (1947) e Anah (1941) e Afonso (1937) como as parcerias mais velhas. As demais se situam pelo nascimento entre as décadas de sessenta - 1962 é a data mais recuada e a década de oitenta – 1985 é a mais recente.

a dicotomia (pelo menos assim pensada socialmente) entre os papéis público e privado atribuídos a cada um dos gêneros e as relações são reguladas pela (entre aspas, diria) livre escolha do parceiro. Já a partir de meados da década de sessenta, a expansão das classes médias urbanas e o aumento da participação feminina em diversos setores da sociedade, começam a corroer as bases da família conjugal moderna e ela entra em crise. As relações de gênero também começam a se redefinir à medida em que mulheres que haviam sido socializadas para desempenhar seus papéis de esposa-mãe e dona-de-casa, ganham o espaço público e descobrem um novo universo repleto de oportunidades de realização pessoal. Com isso, o casamento deixa de ser um fim em si mesmo, abrindo espaço para as aspirações e realizações pessoais femininas.

No caso das duas parcerias de que estou tratando, é importante considerar este contexto, pois elas se estabeleceram nas décadas de sessenta e setenta do século XX respectivamente e sofreram todo o impacto dos modelos que vigoravam neste período e das mudanças que se deram posteriormente. Faço referência a estes dois casos porque eles se destacam dos demais em que os parceiros travam seus relacionamentos a partir da década de noventa e, na maioria dos casos, no início do século XXI. Ademais, neles é possível visualizar de forma clara o modelo de “casal” operando e sendo atualizado e adaptado às mudanças que vão se dando no campo das relações amorosas e na sociedade como um todo. Some-se a isso o fato da trajetória amorosa de ambos ter sido narrada por eles com riqueza de detalhes, o que me permitiu de certo modo reconstituí-las.

Anah e Afonso se conheceram nos idos de 1957, na casa de uma colega de ambos, quando ela tinha dezesseis anos e ele vinte. Depois de um primeiro contato, Afonso resolve escrever um bilhete para Anah (entregue pela colega) pedindo que ela telefonasse para que eles marcassem um encontro. Ela ligou (para surpresa dele) e o encontro foi marcado para o dia seguinte num cinema, mas Afonso não acreditava muito que ela fosse, como vemos em sua narrativa:

“Ela telefonou pra casa, marcando encontro num cinema¹⁶⁸, (...) numa matinal (...) E eu fui, era um filme longo, olhei prum lado, olhei pro outro, não a vi. Bom eu digo: era trote mesmo, já tinha quase certeza que era trote! E confirmei o trote. Acabou (o filme), já era depois do meio-dia. Quando eu saio encontro ela na porta com um garotinho, ela levou um garoto, e o garoto não entrou porque era um filme impróprio até catorze anos e ela ficou fazendo hora me esperando¹⁶⁹. Eu achei isso excepcional, uma coisa assim fantástica, ‘pôxa, mas será que eu mereço isso?’”.

Depois do desencontro inicial eles marcaram um novo encontro para o mesmo dia e iniciaram de fato o namoro, ainda sem o conhecimento e o consentimento das famílias. Na verdade, devido ao fato de ela estudar em um colégio interno eles raramente se encontravam. Isso só ocorria em situações especiais como festejos em espaços públicos ou festas de amigos ou parentes, muitas dessas situações premeditadas ou cuidadosamente planejadas por Afonso que contava com uma rede de apoio formada por amigos/colegas de ambos os sexos. Neste período – e ao longo de toda a vida em comum – o hábito de se corresponder tornou-se um canal eficiente de comunicação entre o par, do mesmo modo que o foi para Tristão e Isolda nos períodos em que ambos ficaram apartados um do outro.

Passado algum tempo, a família foi tomando conhecimento do namoro e após três anos veio o noivado, momento formal, marcado por um almoço que reunia o par enamorado e os pais/mães de ambos. Anah relembra:

“Aí nós fomos lá, almoçar (na casa dos pais dele) (...), aí ele falou aquela praxe que nós há três anos já távamos

¹⁶⁸ Na verdade foi ele que definiu o local como Anah relata: “(...) eu consegui um telefone, era mais ou menos umas nove horas da noite, pra marcar com ele pro outro dia que era um domingo (...).Eu disse: aqui é a Anah. Aí ele disse: ah! é, você recebeu o meu bilhete? Eu disse: recebi. Eu to respondendo. Aí ele disse: nós vamos nos encontrar amanhã? Eu disse: Vamos. E aonde? Aí ele que definiu no Cine X, às nove horas (...)”.

¹⁶⁹ Anah admite e confirma este fato. Segue seu relato: “Aí eu disse pro meu pai, peguei o meu primo (...) disse que nós íamos ao Museu. Aí eu saí de manhã, umas oito e trinta mais ou menos, saí. Fomos de ônibus, chegamos cedo lá; quando nós chegamos lá no cinema, ele não podia entrar e o Afonso já tinha entrado ou coisa que o valha. (...) O Afonso diz que eu esperei ele, é certamente eu esperei. (...) Na hora que eu passava defronte ao cinema, ia terminando o filme”. Eles se encontraram e ele a levou até a parada do ônibus, ocasião em que agendaram outro encontro para o mesmo dia, também no cinema, que estava lotado quando eles chegaram. Assim, eles acabaram indo para uma praça nas proximidades.

namorando e...e...que ele gostava muito de mim e que o Afonso queria casar comigo. Foi isso assim...foi um selo solene, uma comunicação solene. Aí o meu pai disse que se eu...que quem ia casar era eu, disse assim, que se eu gostava dele realmente (...) e aí...e aí ele dava o consentimento dele. E aí...as alianças o Afonso já tinha comprado, mandou colocar os emblemas (com as iniciais dos dois) e a data do noivado e aí lá a gente trocou as nossas alianças (a mesma usada no casamento) (...). E aí foi esse...foi essa...foi esse o consentimento”.

O noivado durou um ano, em parte porque este era o tempo necessário para que Afonso concluísse o seu curso de nível superior e arranjasse um emprego. Anah, por sua vez, já havia concluído o curso pedagógico (chamado “normal” naquela época), o que era considerado suficiente para uma mulher na década de cinqüenta, ainda que mais adiante ela também viesse a realizar um curso de nível superior e exercer uma atividade profissional.

Anah e Afonso iniciaram juntos sua vida sexual. O desconhecimento em torno da prática sexual fez com que, nas palavras de Anah, essa experiência fosse “*muito traumática*”. Ambos tiveram que aprender um com o outro, mas a educação religiosa rigorosa que Anah recebeu, foi decisiva na forma como ela encara o sexo até hoje. Em seu relato ela diz nunca ter conseguido se libertar da idéia de pecado associada ao sexo, fruto da educação recebida e que “*esse processo de relação sexual foi muito difícil e ainda é*”¹⁷⁰. Cito um trecho de seu depoimento:

“No meu ponto de vista, eu acho que é importante, a sexualidade é importante. Agora...algumas pessoas da minha geração foram tolhidas (...) de achar que tudo era pecado, tanto que isso de...se tocar assim...era chamado de indecência, era o termo, indecência. Então, a minha geração...isso aí me marcou muito. Então, se num primeiro momento...se eu...se eu...se eu não pensar...pra mim não é...não é importante. Isso não vai medir o meu amor em relação a ele. Agora eu não posso é...avaliar que isso...não

¹⁷⁰ Sobre as questões relativas ao sexo/corpo que permitem entender as idéias enunciadas por este par, assim como por Tristão e Isolda é importante conferir a obra de BROWN (1990) que discute as origens morais e teológicas acerca das concepções de corpo ainda hoje presentes; de LAQUEUR (2001) que analisa a construção histórica do sexo desde os gregos até os dias atuais; e de MARTIN (2006[1987]) sobre a relação corpo e reprodução feminina.

represente amor pra ele, eu deixando de...de manter uma relação com ele, a sexualidade com ele, a relação com ele, tás entendendo? Então pra mim é...não seria...eu poderia passar sem isso...entendeu? Eu não sei se tu entendes, mas por conta dessa situação, castradora de como eu fui muito marcada (...) Nos retiros espirituais (...) tinha uma frase lá ‘não pecar, por pensamentos, palavras e obras’. Então, vai pro inferno, então aquilo foi marcante na minha vida, entendeu? E eu acho que se não houvesse uma...ele ser uma pessoa como ele é, eu acho que outra pessoa não ia entender esse meu jeito, essa minha forma, eu acho que...considerando esse elemento, o sexo, como fazendo parte da relação afetiva, entendeu? Porque a outra pessoa...se fosse outra pessoa ia achar que eu não gostava (de Afonso) porque a rejeição era pelo sexo, tás entendendo?”.

A percepção de Anah é confirmada por Afonso que, da mesma forma que ela, atribui sua postura recatada à formação religiosa rígida que ela teve. De sua parte, como Anah enfatizou, ele procurou ser paciente e nunca forçou, como ele mesmo diz: “quando ela não queria, eu obedecia”. Apesar disso, ele refere que foi preciso ser muito paciente, o que ele avalia como “uma das provas de eu gostar dela”. Quando remeto a discussão para os dias atuais, passados mais de cinquenta anos de relacionamento, Anah avalia que “hoje eu já me sinto melhor”, mas tem clareza de que ainda tem uma postura “reativa”, “hiperpuritana” em relação ao sexo. Afonso, por seu lado, mantém o interesse sexual por ela e o par só não tem uma prática mais intensa porque Anah sempre foi e ainda continua sendo resistente ao sexo.

No caso de Tristão e Isolda, juntos há quarenta anos, é Tristão quem relata que eles se conheceram quando ele tinha quatorze anos e ela vinte. Todavia, apesar da diferença de idade, ele era muito mais experiente do que ela no campo da vivência amorosa e se considerava precoce com a idade equivalente a de um jovem de dezessete, dezoito anos. Isolda, oriunda de uma família numerosa, era a filha mais jovem e foi educada segundo critérios rígidos de moral, principalmente no que se refere à figura masculina que era vista como ameaçadora e como um perigo. Apesar disso, ela já havia tido vários

namorados, mas todos namoros rápidos e sem maiores conseqüências, no máximo ocorriam alguns beijos e nada mais, como ela mesma diz:

“Na minha época, década de setenta, setenta e três, justamente a época da revolução, do amor livre, as mulheres começaram a fumar escondido, pai e mãe começaram a ficar mais liberais, foi aquele estouro da guerra dos sexos, aquela coisa de direitos iguais, todo mundo começou a transar com todo mundo, sexo livre. Mas eu vinha de uma criação antiga, então continuou na cabeça o que a minha mãe passava para meus irmãos. Somos dez filhos e eu sou a caçula¹⁷¹, então eu ouvi de todo mundo, foi aquela criação conservadora, sexo era um tabu muito grande, a gente sempre tinha na cabeça aquela coisa: olha, homem não pensa, homem é bicho. (...)

Após se conhecerem eles iniciaram uma relação de amizade que durou três meses e que serviu para que eles conhecessem um ao outro. Disse Isolda: “quando dei por mim a gente já tava namorando”, como narra Tristão:

“E eu a conheci e comecei a me aproximar sem intenções realmente maiores (...) porque eu pensava assim: pô, ela tem um charme e tanto e é bem mais velha, já deve ter uma experiência bem maior, já deve ter feito mil coisas (...) Rolou isso na cabeça do menino que eu era. Mas ela era, romântica, quieta, extremamente ingênua (...) aquilo foi me encantando e de repente eu tava completamente apaixonado, completamente envolvido e aos quatorze anos falando: vou casar!(...)”

Quando o namoro começou a ficar sério a família de Tristão resolveu intervir e usou como estratégia apresentá-lo a outras moças, com o objetivo de desviar a atenção dele do namoro, o que acabou dando resultado, pois como ele mesmo diz, estava acostumado com “muita danação e pegação” com “prima, vizinha, colega, menina da turma, menina da rua”. Isolda então rompeu e eles passaram dois anos separados, mas após esse período, ele agora com dezesseis e ela com vinte e dois, reataram o namoro de forma séria e novamente houve reação das famílias. A de Tristão se colocou frontalmente

¹⁷¹ Na realidade, Isolda é a caçula, ou seja, a décima filha do primeiro casamento de sua mãe que ficou viúva e casou-se novamente. Desta nova relação sua mãe teve mais um filho e adotou outro.

contra e a de Isolda, no caso a mãe que era viúva, resolveu não fazer pressão por considerar que o relacionamento iria naturalmente se desfazer em função da diferença de idade. Foi então que Tristão resolveu que queria casar e como ainda nem havia concluído o segundo grau, resolveu ingressar na vida militar através de um curso de formação que tinha duração de dois anos e que seria realizado em outro estado. Eles ficaram noivos e acertaram que após o período de dois anos ele voltaria como sargento e eles então se casariam¹⁷². As famílias apostaram que em dois anos ele arranjaria outra jovem de sua idade e assim os planos não iriam adiante. Porém aconteceu exatamente como eles haviam planejado. Ele retorna já formado e eles casam imediatamente. Depois de um ano ele é escalado para trabalhar em outro estado e eles passam doze anos lá, retornando a Belém, após esse período, ele com o curso superior concluído e como um profissional experiente, ela também trabalhando, e dois filhos.

No caso desta parceria, o contexto é a década de setenta, período em que inúmeras mudanças estão se dando no bojo do movimento feminista. Da mesma forma que Anah, Isolda se reporta às dificuldades que teve no campo sexual o que neste caso específico ela atribui à sua formação familiar. Disse ela:

Não tive assim essa coisa de sentar, conversar, não! Tanto que eu casei, fiquei virgem mais de vinte dias com medo do ‘negócio’. Fiquei virgem e no final das contas eu disse: eu não quero mais esse negócio. Fiquei com medo do trem (rindo). (...) Agora, eu tinha vinte e quatro e ele dezoito. Ele não forçou a barra, não. Quando foi três dias, uma semana, eu falei pra ele: não dá, eu tenho medo, eu tenho pavor, não

¹⁷² Aqui há que se observar a diferença em relação ao par Anah e Afonso. No caso destes, o namoro começou às escondidas, mas depois de descoberto obteve o consentimento das famílias que os encaminharam para o noivado, seguido do casamento conforme o padrão da época. Quando se trata de Tristão e Isolda, surge um elemento que constitui um impedimento a que seja dado o consentimento necessário ao desdobramento da relação: Isolda é seis anos mais velha que Tristão o que supõe que possui um experiência de vida e amorosa (e presumidamente sexual) que não é vista com “bons olhos” pela família de Tristão. Por outro lado, a família de Isolda considera Tristão muito jovem, um “garoto”, um “menino” que ainda não está preparado para a vida de casado, enquanto que ela “já é uma moça”. Apesar da posição contrária das famílias, o par decide permanecer junto - estamos na década de setenta - noiva entre si e planeja, também entre si, o casamento, o que não seria possível - pelo menos não de forma pacífica - se se tratasse de Anah e Afonso.

vou conseguir relaxar! Vamos lá com o padre (ele disse que ninguém ia acreditar), não interessa, o importante é que eu sei que não..., porque eu queria descasar de qualquer maneira. Você tem que ter, né?(relação sexual) Casar, ter sua mulher. Não vai, não ia dar de jeito nenhum, não aceitava aquilo, era muito medo. Aí ele pegou e disse: não, eu casei pra toda minha vida, isso não é o mais importante (...).”

Tristão, seu parceiro, confirma este quadro e registra:

“No início mesmo de casamento, a gente é jovem quer sexo todo dia, às vezes duas vezes por dia ou mais, (...) eu percebia o seguinte: ela gostava, ela ficava muito mais relaxada e mais tranqüila com os entretantos, com o preparo, com o prelúdio, do que com o ato propriamente dito. Ela tinha muito medo, se contraía, era muito difícil de relaxar. Foi muito tempo pra ela relaxar realmente e ter o lado prazeroso da coisa. Foi muito difícil”.

Em ambos os casos, a postura dos parceiros foi semelhante, pois tanto Tristão quanto Afonso segundo relato deles próprios e de suas parceiras, ressaltaram que atitudes como “respeito”, “paciência”, “compreensão” e “diálogo” foram fundamentais para que o par chegasse a um entendimento e fosse ao longo do tempo superando as dificuldades iniciais. Ainda assim, para estas parcerias a sexualidade, em especial para as mulheres como referi anteriormente, é uma zona de desconforto com a qual ambos têm que lidar, pois contrariando o imaginário segundo o qual o exercício da sexualidade na velhice desaparece, o que equivale a fase do casal dessexualizado a que se refere Bozon (2003), os homens declararam que se mantêm ativos sexualmente e continuam requisitando suas parceiras para o intercuro sexual.

Nestes dois casos específicos, a demanda maior por parte dos homens se justifica em função do contexto que foi apresentado, todavia como veremos adiante, no âmbito das parcerias homossexuais, sejam elas masculinas ou femininas, pude observar que em geral um dos parceiros manifesta maior interesse que outro o que ocasiona, inclusive, tensões e conflitos entre o par.

Acho importante registrar que, no caso específico que estou tratando aqui, estas parcerias continuam ativas sexualmente e ainda que tenha havido, como relatei, uma redução da atividade sexual com o passar do tempo isso não implicou, absolutamente, num processo de dessexualização do par. Sobre esta questão, disse Tristão: “(...) *diminuiu muito a freqüência, demora a acontecer, mas quando acontece é maravilhoso, é completo, dá vontade de morrer, de chorar....*”. Afonso, por sua vez, brinca com a questão afirmando que existe muita lenda em torno da perda da atração sexual na velhice (“*não é lenda, são intrigas da oposição*”), mas que ele com mais de setenta anos nunca precisou de um estimulante, o que Anah confirma (“*o Afonso é incrível, continua a mesma coisa!*”) ainda que ambos reconheçam que existe uma perda da lubrificação tanto para os homens quanto para as mulheres – o que foi mencionado também por Tristão e Isolda¹⁷³.

“Amor sem sexo é amizade...”¹⁷⁴

¹⁷³ Como sabemos, se a discussão em torno da velhice tem sido muito pouco privilegiada, como assinalou Simone de Beauvoir (1970) em seu trabalho que pode ser considerado pioneiro sobre este tema, o debate em torno da sexualidade na velhice ainda é acanhado, mais ainda se a considerarmos como inserida dentro de uma relação de conjugalidade. Refiro alguns estudos que a despeito disso sinalizam a presença da sexualidade aliada a noção de obrigação conjugal, a de competência e talento e, também, à de prazer (MOTA, 1998), bem como analisam a relação sexo e envelhecimento (ATTIAS-DONFUT, 2004), o que não se sobrepõe a noção de senso comum de que o sexo praticado na velhice é tido como inexistente, inconveniente e, até mesmo, obsceno. No âmbito literário destaco algumas obras que abordam a questão da sexualidade na velhice ainda que fora do contexto de uma relação de conjugalidade. Gabriel Garcia Márquez, escritor colombiano em seu “O amor nos tempos do cólera”, de 1985, através de seu personagem Florentino Ariza trata de um reencontro tardio com sua amada Fermina Daza, por quem é apaixonado desde os tempos de juventude. Na impossibilidade de viver esse amor na juventude, enquanto espera por Fermina, Florentino vive outros amores com as mais variadas mulheres, inclusive na sua fase de velhice quando sua atividade sexual ainda é bastante intensa. Mais recentemente, o livro da escritora inglesa Doris Lessing, “As avós” de 2003, surpreende ao narrar a trajetória de duas amigas - Roz e Lil - desde a infância até o início da velhice, onde elas vivem amores que são considerados subversivos, por serem elas, uma viúva e a outra separada, por serem mulheres maduras já no início da velhice e por se permitirem amar e serem amadas pelos filhos de uma e de outra, no que reside o grande segredo de suas vidas. Ann Tyler, escritora americana no livro “Em busca da América”, de 2007, paralela à trama principal, narra a história de Maryam, uma iraniana viúva residente nos EUA há vários anos e Dave um norte-americano que perde a esposa vítima de um câncer. Os dois se tornam próximos e apaixonam-se, mas têm que lidar com os medos, os receios, os preconceitos e com as diferenças culturais profundas que os aproximam e ao mesmo tempo os afastam. No âmbito do cinema nacional um filme que se tornou uma referência por tratar da questão do amor e do sexo na chamada “terceira idade” é “Chuvas de Verão” (1977) de Cacá Diegues, com Jofre Soares e Miriam Pires. E, para referir uma produção internacional, destaco o filme hispano-argentino “Elsa & Fred - um amor de paixão” (2005) com Manuel Alexandre e China Zorrilla, cujo enredo é o amor entre Fred, um recém viúvo de setenta e sete anos, hipocondríaco e convencional e sua vizinha, Elsa, de oitenta e dois anos, uma mulher cheia de vida, de sonhos e do desejo de ser feliz.

¹⁷⁴ Trecho da canção “Amor e Sexo” de Rita Lee, Roberto Carvalho e Arnaldo Jabor, incluída no Álbum Balacobaco (2003) de Rita Lee. Segue a letra na íntegra: “Amor é um livro/Sexo é

Quando indagados sobre a importância da sexualidade no relacionamento amoroso, todas as parcerias foram unânimes em afirmar que ela é *“importante, muito importante”*, mas ao mesmo tempo *“é mais um elemento”, “um complemento”*, o que implica em considerar que é preciso mais que o sexo para que a parceria se mantenha enquanto tal, mas também que a inexistência dele põe em risco a existência desta, pois como foi dito *“amor sem sexo não existe”, “amor sem sexo é amizade”, “é difícil um relacionamento sobreviver sem isso”, “quando não existe um interesse nesse sentido, parece que a coisa (...) vai se desfazendo”*. Fundamental (fundante, até) ou complemento, o fato é que muito da vida do casal gira em torno desta questão.

Lota, vinte e dois anos de parceria com Elizabeth e muitos conflitos por conta da diminuição da prática sexual entre o par, se debate entre a idéia de que o sexo é importante e ao mesmo tempo um complemento. Disse ela:

“Então, é...tem importância? Tem, tem importância igual como ela ser fiel pra mim, como ela ser minha amiga, ela ser minha companheira. Então pra mim é complemento, é complemento, não é a coisa mais importante no relacionamento (...).Eu volto a dizer: tem importância pra mim? Tem, mas é nesse sentido da gente ficar bem e que é muito gostoso você tá com a pessoa que você gosta, que você ama, da maneira como a gente fica junto. Alimenta também, porque o amor...porque...às vezes ou eu ou ela sai...às vezes a gente faz amor e uma ou outra fica apaixonada, aí fica ligando, diz que tá com saudade ou então liga pra dizer que foi bom demais a noite e é assim (...).”

Esta idéia se repete na fala de uma outra parceria feminina, Gertrude e Alice. Gertrude disse o seguinte: *“É um complemento, né? É fundamental. A*

esporte/Sexo é escolha/Amor é sorte/Amor é pensamento, teorema/Amor é novela/Sexo é cinema/Sexo é imaginação,fantasia/Amor é prosa/Sexo é poesia/O amor nos torna patéticos/Sexo é uma selva de epiléticos/Amor é cristão/Sexo é pagão/Amor é latifúndio/Sexo é invasão/Amor é divino/Sexo é animal/Amor é bossa nova/Sexo é carnaval/Amor é para sempre/Sexo também/Sexo é do bom/Amor é do bem/Amor sem sexo é amizade/Sexo sem amor é vontade.../Amor é um/Sexo é dois/Sexo antes/Amor depois/Sexo vem dos outros/E vai embora/Amor vem de nós/E demora/Amor é isso/Sexo é aquilo/E coisa e tal!/E tal e coisa!/Ai o amor!/Hum! O sexo!”

sexualidade, a relação a dois, a troca de...de tudo, (...) mas acho que é um complemento fundamental”.

Bozon (2003), com quem passo agora a dialogar mais estreitamente, ao analisar as mudanças de comportamento na França contemporânea no que tange a relação entre sexualidade e vida conjugal nas últimas décadas do século XX¹⁷⁵, destaca que existem fases da vida sexual conjugal no contexto da heterossexualidade. Segundo ele, o *casal nascente* corresponde aos primeiros dois ou três anos de vida em comum, onde claramente há uma elevada frequência de atividade sexual. Nesta fase, entre outros aspectos, os cônjuges se declaram muito apaixonados, a iniciativa das relações sexuais é bastante compartilhada entre o par e o nível de satisfação sexual é alto. Passados alguns anos, surge o *casal estabilizado*, que se caracteriza por uma nova fase de atividade sexual, onde há uma diminuição do ritmo das relações e também de satisfação em relação à sua vida sexual o que não impede que o sentimento amoroso permaneça. Realmente, um aspecto sempre referido nas falas de todas as categorias entrevistadas - e não só do grupo heterossexual - diz respeito às mudanças que vão se dando ao longo do relacionamento e que resultam numa configuração diferenciada daquela que caracterizou a relação em sua fase inicial.

Este autor chama atenção para o fato de que na segunda fase da vida conjugal os investimentos de homens e mulheres na sexualidade tendem de forma crescente a divergir, ocorrendo um declínio do desejo feminino e do desejo compartilhado por ambos e um aumento das divergências entre os gêneros, o que se intensifica para as mulheres após o nascimento dos filhos. Daí porque ele considera que *“é ilusório acreditar que o fato de viver junto conduza os cônjuges a criar um universo comum de sexualidade”* (p.146).

Segundo Bozon,

¹⁷⁵ A pesquisa realizada por este autor abrangeu dois períodos distintos, o ano de 1970 e o ano de 1992, os quais ele compara com o intuito de compreender a transformação dos comportamentos sexuais na França.

“O desejo masculino e o desejo feminino não são simétricos num casal. Nas representações corriqueiras, uma mulher pode dizer que não tem desejo, sem que sua identidade social sofra por isso, especialmente depois que ela se tornou mãe. Mas a identidade do homem é potencialmente ameaçada em caso de ausência do desejo. Existe uma espécie de consenso em considerar que o desejo masculino tem mais direito a se expressar, ou mais legitimidade, do que o desejo feminino. Passada a iniciação do casal, a sexualidade tornar-se-ia um âmbito masculino, no qual o papel da mulher seria de responder à solicitação do homem, antes que de propô-la. (...) Esta atitude de espera não é necessariamente uma passividade: deixando-se desejar, elas podem adquirir uma influência indireta sobre aquele que deseja, e ter a impressão de controlar o jogo amoroso ou conjugal. Outro fator interfere nesse apagamento progressivo do desejo feminino: a rivalidade entre o papel conjugal e o papel parental, que é mais exacerbada para as mulheres e que faz declinar o lugar relativo da sexualidade na relação entre cônjuges e na representação que elas têm de sua identidade” (p. 146-147).

Analisando os depoimentos de meus entrevistados e contrapondo-os com as considerações feitas por Bozon em relação à realidade francesa, identifico inúmeras similaridades no que se refere ao universo heterossexual, onde as fases da vida conjugal, a questão do desejo e da iniciativa masculina, bem como a diminuição da atividade sexual podem ser facilmente visualizadas através, por exemplo, das falas de Tristão, como vimos, parceiro de Isolda. Disse ele:

*“Eu era muito danado quando a gente casou. **Eu cansei de acordar ela de madrugada pra fazer amor**¹⁷⁶. A gente tinha feito antes de dormir, dormia e de madrugada eu já tava (...) Graças a Deus a gente teve uma vida sexual bacana, porque a gente cansou de amanhecer, o sol entrar pela janela e a gente fazendo amor. Era muito bacana. **E foi arrefecendo**, não tem jeito, o ser humano é adaptável (...)”.*

Vê-se neste trecho que até mesmo a metáfora que Tristão usa para se referir à diminuição da atividade sexual tem relação com a idéia corrente,

¹⁷⁶ Pelo menos dois entrevistados se referem ao sexo como “fazer amor”, os demais utilizam os termos relação sexual, transar, relação, fazer sexo ou, simplesmente, sexo.

encontrada nos versos de Camões, de que o “amor é um fogo que arde sem se ver”, pois o termo arrefecer significa tornar-se frio, perder o calor, esfriar. Colocado nesses termos o amor, no caso aqui, mais particularmente, o sexo, é um fogo cuja chama se apaga, sendo o tempo um dos elementos que provoca esse arrefecimento.

O mesmo se dá com Anah e Afonso, conforme já enfatizei anteriormente, pois ainda que ativos sexualmente, é ele quem solicita, espera e diz: “olha, **eu tô lá** viste? Se tu quiseres alguma coisa **eu to lá**” (no quarto do casal ao lado ou no escritório dele), enquanto Anah afirma: “eu poderia passar sem isso...” se referindo à atividade sexual.

No entanto, ainda que estes pares refiram claramente os aspectos acima, o que significa que estão cientes deles, na tessitura de suas falas encontram-se sempre outros elementos que fazem uma espécie de contraponto no sentido de deixar evidente que o sentimento amoroso não encontra no sexo a sua forma única de expressão e ainda que este seja um ingrediente importante, existem outros que alimentam a vida a dois. Isolda é bastante clara em relação a esta questão o que, de certo modo, justifica sua postura em relação ao sexo. Disse ela:

*“(...) porque é o seguinte: eu não entendo o amor a partir da relação sexual, entendeste? Existe muito forte em mim isso. Então, a minha tendência sempre foi ser mística, no sentido assim de...de...a visão da mística no casamento, era uma visão do amor romântico. Eu com o Afonso, se eu deitar com ele na cama e a gente ficar sentado conversando coisas, aí eu digo: pai, vamos conversar? Vamos. A gente bate papo, conversa, entendeu, uma coisa assim que se for por mim, eu fico **ad eternum** nessa conversa, nesse bate-papo entendeu?”*

Ainda no campo da heterossexualidade, Charles, parceiro de Emma há sete anos, faz uma consideração em que remete à expectativa inicial que tinha em relação ao sexo no casamento, em como essa expectativa não se

concretizou e de que forma ele reelaborou a sua forma de pensar acerca desta questão. Disse ele:

“E antes eu achava assim: que o que fazia cinquenta por cento da relação amorosa era a relação sexual. Tinha de ter. E depois eu vi que não. Hoje em dia eu penso que não. Pra mim continua sendo muito importante mas não tem a mesma importância que tinha antes. E o amor pra mim você demonstra o amor em situações importantes mas é no dia a dia, é o carinho, muitas vezes é a atenção que a gente deixa de dar porque tá atarefado no trabalho, tá com problemas no dia a dia, tá com o filho doente e quando você tem oportunidade de virar pro outro e fazer um carinho, fazer um cafuné, ficar um tempo junto”.

Quando se trata do universo homossexual existem algumas especificidades que precisam ser levadas em conta. Estas parcerias vivem uma situação diversa daquela encontrada no universo heterossexual, em que deparei com uma família já ampliada pela presença dos filhos e no caso das parcerias mais longas, pela presença dos netos; já entre os pares homossexuais que entrevistei o núcleo familiar mais imediato é formado apenas pelos dois membros do par (em nenhum dos casos as parcerias tinham filhos, apesar da intenção de tê-los). Neste sentido, dialogando com a afirmativa de Bozon, acerca da “rivalidade entre o papel conjugal e o papel parental”, observo que de fato ela se faz ausente e os pares vivem mais centrados em si mesmos ou na relação a dois, o que poderia nos levar a concluir que o declínio da sexualidade não se justificaria, já que a concorrência com outras papéis não encontraria espaço para se manifestar.

Realmente, no contexto das parcerias masculinas, ainda que o estágio inicial do “casal nascente”, no que se refere ao exercício da sexualidade, possa ser facilmente identificado em seus depoimentos, há também uma certa ênfase na permanência do interesse sexual, independente do tempo de relacionamento. É bem verdade que os pares que entrevistei tinham um tempo reduzido de vida a dois, mais especificamente, quatro, três e um ano (o que caracterizaria a fase inicial citada por Bozon), com exceção de Ennis e Jack juntos há vinte e dois anos, o que poderia justificar tal afirmação.

Por outro lado, estabelecendo um contraponto com o universo heterossexual em que de acordo com o relato da entrevistas a demanda sexual masculina se faz mais frequente que a feminina, como foi visto anteriormente e, considerando-se que no universo em questão, ambos os parceiros pertencem ao gênero masculino e que , desta forma, apresentem uma demanda semelhante, as afirmativas - *“praticamente todos os dias a gente transa, aí todo dia é diferente, todo dia é muito bacana”* (Arthur) e *“Olha, a gente só não faz sexo quando eu viajo. É o maior espaço de tempo (...) e quando a gente tá no nosso dia-a-dia juntos a gente nunca ficou duas noites antes de dormir sem fazer sexo. É praticamente diário”* (Alfred), se justificariam. Neste sentido, Oscar afirmou: *“sempre nas minhas relações (anteriores à relação com Alfred) essa coisa do sexo sempre foi muito presente (...) em todas as minhas relações o sexo sempre foi muito presente”*.

Somente numa parceria, esta com vinte e dois anos de duração, apresenta um quadro diferenciado, o que se justifica, provavelmente, em função do tempo de relacionamento que permite divisar outros elementos. Disse Ennis, parceiro de Jack:

“(...) quando a gente se conheceu era um fogo, né? Meu Deus do céu! Era coisa assim de triscar (...) tem que ser agora, não quero nem saber, tava no carro e fazia. Então, a gente vê que a questão da sexualidade com o tempo ela vai mudando, tanto é que às vezes a gente fica...eu pelo menos me questionava, não sei ele, (...) eu digo: égua, tá ficando diferente, tá ficando mais...mais espaçado a questão da sexualidade, que antes era rápido, era um triscar, brum, era umas três, quatro, quantas desse pra fazer, a gente nem dormia, aí de manhã chega tava pregado de sono (rindo)”.

O relato de Ennis, guardadas as diferenças, pouco difere em essência do que disse Tristão sobre a frequência do ato sexual no início do relacionamento: *“a gente cansou de amanhecer, o sol entrar pela janela e a gente fazendo amor”* ou *“foi arrefecendo”*. As falas se distanciam quando eles, Ennis e Jack, relatam a forma que assumiu e o papel que o sexo passou a

desempenhar no relacionamento amoroso, como se pode ver no registro de Ennis que explicita com mais clareza a questão das mudanças que ocorreram no campo sexual, deixando entrever que, em alguns momentos, existiu uma divergência de desejo entre eles que, só o tempo e o amadurecimento individual e da relação, conseguiu solucionar. Disse ele:

“(...) porque a partir do momento em que você tá com uma relação e essa tua relação é duradoura, por exemplo no nosso caso, a gente passa a se educar mais, a gente passa a ter uma outra visão da relação, a...o sexo complementa? Complementa. Mas o sexo deixa de ser tão importante como ele era no início, é porque antes ele era muito importante, não que a relação afetiva não fosse, também, era (...) mas o sexo, pelo espaçamento que ele passa a ter, você passa a ter uma outra conduta, você passa a ter o respeito pelo outro, que antes ele não tinha esse respeito em relação a mim, se eu não queria, era um carão desse tamanho. “Ah! porque tu não gosta de mim, porque tu não me procura”, porque torna, porque deixa, e não sei o que e tal, ou seja, eu tinha que acompanhar a energia dele, então eu não concordava com isso. Eu digo: não, pera lá, dá um tempo, eu não tenho esse mesmo pique que tu tens! Então, hoje em dia, ele já passou a compreender isso, ele já passou a respeitar isso (...) Hoje em dia, eu digo: não, não dá (...) Na boa, sabe? Já passa a compreender.(...) então eu vejo que até mesmo no sexo você acaba tendo o amadurecimento dentro dessa tua relação e que algumas pessoas não conseguem ter esse acompanhamento, né?”.

Aqui dois elementos se destacam e permitem contrapor as falas dos dois universos pesquisados. Primeiramente, enquanto Ennis revela a ausência de uma postura de respeito em relação a existência de uma assimetria no campo do desejo, o que foi conquistado via amadurecimento da relação, Tristão e Afonso são enfáticos em afirmar que diante da recusa expressa pela dificuldade de suas parceiras em exercer a atividade sexual, pelos motivos já expostos, sempre adotaram uma atitude de respeito ilustrada por Afonso nesta fala “quando ela não queria eu obedecia. Forçar é estupro (...) e mesmo porque não tem valor” e, de certo modo, corroborada por Anah quando afirmou: “eu acho que outra pessoa não ia entender esse meu jeito”. Além do respeito, Tristão expressou que sempre manifestou uma preocupação com o outro, no

caso com Isolda, como se pode ver na afirmativa *“eu sempre me preocupei mais com ela, com o prazer dela do que com o meu”*. Ela, por seu turno, avalia a postura dele na época em que iniciaram a vida sexual: *“Agora assim, hoje eu analiso, nossa quanto o Tristão foi paciente, quanto ele foi compreensivo, quanto ele me entendia, quanto ele me conhecia pra deixar, pra ficar comigo, pra ir até que a coisa (o sexo) acontecesse”*.

Um outro aspecto que pode ser identificado na fala destas parcerias é a ideia de amadurecimento da relação e dos parceiros, o que implica numa postura de “compreensão” que faz com que o sexo perca em frequência mas ganhe em “qualidade” e “refinamento”, como veremos adiante.

No universo homossexual feminino, identifiquei da mesma forma, algumas diferenciações. As mulheres - no contexto das conversas que tivemos - ainda que referissem a paixão inicial como um traço marcante no início do relacionamento, deram maior ênfase às mudanças que foram se dando ao longo do tempo de convivência e que implicaram numa redução da atividade sexual, marcada pelo desinteresse de uma das partes envolvidas. Em duas, das três entrevistas realizadas, existe um ponto de tensão, expresso pela insatisfação de uma das parceiras quando o tema vem à baila.

Elizabeth e Lota, juntas há dezenove anos, enfrentam claramente um conflito em torno da questão da sexualidade. Passada o que elas chamam de “primeira fase” do relacionamento que durou oito anos e que culminou num rompimento por parte de Lota que se envolveu emocionalmente com outra mulher, elas retomam a relação depois de um ano iniciando a chamada “segunda fase”. Nesta etapa que se prolongava até o momento da pesquisa, Lota declara que ela própria mudou muito e que passou a encarar a relação sexual de forma diferenciada, pois se sentiu *“muito usada”* no relacionamento anterior. Em função disso, ela percebeu que o sexo

“(...) não podia ser tão importante da forma que era (na outra relação), porque se no outro dia eu não pudesse mais fazer amor ou a Elizabeth por algum problema (...) então, o

relacionamento ia acabar. E aí eu comecei a ver as outras coisas mais importantes sabe? Principalmente o respeito que a gente tem uma pela outra e o companheirismo (...)”

Elizabeth, por sua vez, assume uma posição dúbia, pois ao mesmo tempo em que concorda com Lota, se ressentida e se queixa da falta de atividade sexual, como ela mesma disse:

“Eu adoro, eu gosto muito de fazer amor com a Lota, mas não que isso seja a...que o relacionamento sobreviva a partir daí.(...) Até porque é isto sabe, também se eu tivesse que ficar sem eu ficaria, mas eu sei que eu...eu teria que fazer alguma outra coisa pra me distrair, porque eu sempre digo pra ela: eu gosto muito, sabe? E a gente se dá superbem na cama e pra mim é muito bom, mas...não que isso vá desestruturar o nosso relacionamento”.

Apesar de sua postura compreensiva, ela se queixa:

“Hoje a gente discute muito...é...um dos motivos básicos das nossas brigas e discussões é a questão (ela ri), é a questão relacionada a sexo, porque eu quero e ela não quer. Ela diz: não é que eu não queira. Ela sempre diz que é porque...é a disposição, o tempo. E aí eu fico sempre aguardando o tempo dela. Então, não existe o meu tempo, sabe? Eu não posso ter a minha vontade eu tenho que esperar sempre a vontade dela, o tempo dela, quando ela estiver disposta. E naquela brincadeira que a gente falou¹⁷⁷, que eu te digo: marca aí uma hora, um dia, pra que a gente possa resolver essa situação”.

¹⁷⁷ Quando conversávamos acerca das mudanças que elas identificavam no relacionamento diante da passagem do tempo, o tema da vida sexual foi trazido à baila por Elizabeth e num dado momento Lota disse “Uma coisa que mudou assim pra...ficou ruim mesmo, foi a questão sexual, que era muito melhor (...)”. E Elizabeth aproveitou para expressar seu descontentamento dizendo: “Que a gente...que a gente, conversa muito sobre isso, porque eu até disse pra ela: sim, dá pra marcar uma data assim, né? um horário (Lota ri). Aí a gente fica brincando, mas não é brincadeira! Tu escutando, às vezes a gente ri depois, mas na verdade é isso, sabe? Que, às vezes, eu digo pra ela: dá pra marcar uma data, um horário? (Lota continua rindo o tempo todo) Aí, às vezes ela diz: não, tá bom, a gente vai fazer, eu acho que quarta-feira dá, mas umas 10h30 a gente deita. - Tá, tá bom, pode deixar! Eu vou me preparar pra isso psicologicamente. E assim a gente faz, mas não é bem assim é...uma brincadeira, é hilário, mas é sério sabe?”.

Com Gertrude e Alice a situação é bastante semelhante, apesar do tempo de relacionamento ser bem menor que o de Elizabeth e Lota e dos motivos também serem diferentes. Juntas há sete anos, elas passavam, à época da entrevista, por um conflito acerca dos reais sentimentos que nutriam uma pela outra. Alice se declarava apaixonada e disposta a superar todas as dificuldades que surgiam no relacionamento, como vemos no seu depoimento: *“Pra mim continua sendo como era...eu sempre digo pra ela, pra mim tudo acontece exatamente como eu vi, tudo que eu faço é como se fosse o primeiro dia. Eu falo de mim, né?”*. Sua certeza é tão grande que ela chegou a afirmar para surpresa de Gertrude que *“(...) pra mim não muda nada. Eu gosto...como eu disse pra ela um dia desses: se eu morresse hoje e amanhã nascesse eu escolheria você de novo pra conviver junto (...)”*.

No que tange à questão sexual, Alice afirmou:

“- Pra mim...eu digo pra ela:ou eu devo ser muito diferente do ser humano, porque por mim seria todo dia, mas ela não...eu digo pra ela assim: ih! Tu lembrou, tem um mês e pouco e tal...

- Ela contabiliza!

*- É, eu contabilizo sim (...) Por mim seria todo dia, depois de almoçar seria, antes de dormir seria, ao amanhecer seria (risos gerais), **mas...ela era assim, mas aí passado o tempo...foi mudando**”.*

Gertrude confirma que *“não é como era no início, é muito diferente”* e que no momento atual da relação, é Alice quem se *“insinua mais, assim...que vai mais em busca através de...como se diz? De gesto, de insinuação, de carinho. Eu não, é...aquela coisa (...) do momento. (...) Ela vive me cobrando isso, vira e mexe”*.

Como se pode ver a partir das falas destas parcerias, no universo homossexual feminino encontro uma especificidade que não se manifestou entre o grupo homossexual masculino, que se expressa pela queixa e insatisfação de um dos membros do par em relação a uma redução não desejada da atividade sexual, o que configura uma assimetria entre os desejos

de uma e de outra das mulheres. Esta assimetria pode encontrar equivalência no discurso dos homens que compõem os pares heterossexuais entrevistados, como vimos antes.

Outro aspecto relevante que se aproxima, de uma certa maneira, da realidade francesa apresentada por Bozon (2003), diz respeito às mudanças que, inevitavelmente vão se dando com o passar do tempo, mudanças estas que são identificadas pelos pares e interpretadas - exceção feita as parcerias homossexuais femininas - de forma positiva, como veremos a seguir.

O par Alfred e Oscar analisa a questão da mudança dando ênfase à transformação e à idéia de “renovação”. É Alfred quem diz:

“(...) eu acho que ele muda (o sexo), porque ele se renova, na verdade. Ele não vai perdendo, tipo assim perde a intensidade, perde a frequência, mas ele vai se modificando, porque vai se renovando. Existem é ...é...coisas da nossa intimidade que a gente não fazia no primeiro mês de relação, no segundo, a gente aprendeu depois, mas também a gente não fez tudo, a gente deixa um pouquinho guardado, acho que isso até involuntariamente, que é um processo. E até hoje em dia a gente descobre algumas coisas legais, diferentes, novas(...)”.

À idéia de “renovação”, pode-se associar a de “refinamento” que faz com que o sexo - como tanto se vê proclamado - diminua em intensidade, mas ganhe em qualidade. Neste sentido, as parcerias com maior tempo de vida em comum são as que mais enfatizam este aspecto. Ennis, parceiro de Jack, há vinte e dois anos diz:

“(...) a gente vê que com o passar do tempo a sexualidade, ela passa a ter uma outra conotação. Ela complementa? Complementa muito a relação. Só que a sexualidade numa relação mais madura ela passa a ter uma conotação diferente de quando a gente era mais jovem, porque veja só, tinha a questão do prazer, da satisfação mútua, mas era aquela coisa assim de quantidade, não era a questão da qualidade. E hoje em dia não, já vê mais a questão da qualidade. O espaçamento se tornou mais longo, já não é

com tanta freqüência que tinha antes, mas o sexo ele se torna prazeroso,(...) é uma coisa gostosa mesmo, só que já não é mais com aquela freqüência que era antes, mas é um complemento. É importante numa relação? Com certeza é , (...) o sexo pra mim ele ainda é importante numa relação. Ele complementa essa relação afetiva, pelo menos pra mim”.

Jack, seu parceiro complementa:

*“Agora, só que no início (...) de uma relação a gente se preocupa com a gente (...) Então, a quantidade, lógico que lá no início, três, quatro, cinco durante a noite. Então, é o tipo da coisa, eu nem me preocupava com ele; eu me preocupava em me satisfazer. Hoje em dia não, já é o contrário, tá entendendo? Assim como eu penso em me satisfazer, eu penso nele, sabe? **Por mais que a frequência diminua, mas vamos supor (...) quando eu vou ter relação com ele, eu gosto de demorar, tá entendendo? Eu gosto de dar uma bem dada!** (risos) Aí vê que já é uma coisa diferente, e é o tempo da coisa também na relação. **Há aquela satisfação** em ter aquela relação (...)”.*

Tristão e Isolda, juntos há quarenta anos, também referem a questão.
Disse Tristão:

*“Muda, muita coisa muda, muita coisa é físico...Hoje a paixão não é a paixão de trinta e cinco anos atrás; o fogo físico, sexual, não é a mesma coisa, quem disser que é, é um mentiroso, papo furado, não existe isso. As coisas dão uma arrefecida, é mais equilibrado, têm momentos certos, tem clima, a cabeça não tem que tá preocupada com um monte de coisa, tem que tá tudo muito encaixado (...) então eu digo assim:**diminui muito a freqüência, aumenta a qualidade** (...)”.*

No par Anah e Afonso, é Anah quem diz:

*“**Eu avalio que hoje a gente está refinado, nós conseguimos aprender um com o outro.** A própria sexualidade, na medida em que eu fui me despojando de certas...de certos preconceitos (...) e certos pudores comigo mesma (...) e conversando com ele, foi assim criando um*

*refinamento nessa ...nessa minha relação com ele. Eu acho que hoje, **nós somos amigos, muito amigos, mas somos amantes também**”.*

Entre os pares homossexuais femininos a ideia de amadurecimento, refinamento, qualidade também se faz presente, mas não no âmbito da sexualidade, onde como foi visto o que se destaca é a insatisfação e o conflito motivado pela diminuição da frequência sexual.

Como se pode ver a partir destas falas, existe claramente uma idéia de que à medida que o relacionamento se prolonga e adquire durabilidade, ocorre uma redução da atividade sexual que apesar de “arrefecer” é encarada pelos entrevistados como de maior qualidade, o que se expressa pela preocupação com o prazer do outro, com o ato em si mesmo ou através da idéia de respeito pelo desejo ou não desejo do outro. Bozon (2004), cujos estudos têm servido de base para a discussão que aqui faço, considera que existe uma singularidade contemporânea resultado das mudanças da temporalidade biográfica da sexualidade, *“onde impera a obrigação difusa e implícita de nunca interromper e nem encerrar de vez a atividade sexual (uma obrigação de fazer sexo)”* (p.122), independente de quaisquer situações, sejam elas de saúde, idade ou status conjugal. Com isso passa a existir, também, uma exigência de continuidade da atividade sexual. Assim, *“quem não tem atividade sexual dissimula esse fato ou procura justificar-se”* (idem).

Este autor que é um dos que tem se debruçado especificamente, em alguns de seus trabalhos, sobre a relação sexualidade e conjugalidade, chama atenção para o fato de que as inúmeras mudanças conjugais ocorridas na atualidade podem ser traduzidas na passagem *“de uma definição institucional antiga do casamento para uma definição interna e amplamente subjetiva do casal”* (2003:133). Isso significa dizer que o ideal e a prática do casamento por amor – dominantes no século XX – vai progressivamente se dissolvendo no de *“casal por amor”*, caracterizando-se, assim, a união contemporânea pelo existência do sentimento amoroso, mas acima de tudo pela importância crescente no interesse individual que une o par e pelo papel crucial que a

sexualidade assume no contexto da vida conjugal, seja na sua constituição, como também na sua manutenção. Assim, *“a relação de dependência que ligava a sexualidade ao casamento foi completamente invertida: da instituição matrimonial que dava direito à atividade sexual passou-se ao intercâmbio sexual como motor interno da conjugalidade”* (2003:134).

Colocada nesses termos a sexualidade

“aparece como uma experiência pessoal, fundamental para a construção do sujeito, em um domínio que se desenvolveu e assumiu um peso considerável no decorrer dos séculos: a esfera da intimidade e da afetividade. O repertório sexual se ampliou, as normas e trajetórias da vida sexual se diversificaram, os saberes e as encenações da sexualidade se multiplicaram”.(2002:45)¹⁷⁸

Giddens (1992) foi quem acenou anteriormente para as transformações que estavam ocorrendo no campo da intimidade onde se podia observar uma “negociação transacional de vínculos pessoais” que implicava numa “democratização do domínio pessoal” (p.11). Trabalhando com a idéia de “sexualidade plástica”, cuja característica era ser “descentralizada e liberta das necessidades de reprodução”, ele a considera crucial para a reivindicação da mulher ao prazer sexual e para a noção de emancipação presente no “relacionamento puro”, termo cunhado por ele e que se refere

“a uma situação em que se entra em uma relação social apenas pela própria relação, pelo que pode ser derivado por cada pessoa da manutenção de uma associação com outra, e que só continua enquanto ambas as partes considerarem que extraem dela satisfações, para cada uma individualmente, para nela permanecerem” (p.68-69)

¹⁷⁸ Apesar de todas essas mudanças, Bozon, diferentemente de outros autores que analisam esta questão, como Giddens, por exemplo, considera inadequado o uso da expressão “revolução sexual” utilizada para dar conta da emergência de uma nova experiência pessoal de si mesmo e de novas relações interpessoais. Segundo ele, parte importante das transformações dos comportamentos sexuais ocorridas a partir dos anos 1960 resultou de mudanças de caráter mais amplo como a massificação da educação e o aumento da participação das mulheres no mercado de trabalho. Ademais, as transformações que ocorreram no campo da sexualidade são, segundo ele, menos radicais do que se tem dito e constituem antes uma interiorização do que um relaxamento dos controles sociais (2002:59).

Alguns marcos são importantes para que se possa pensar a questão das mudanças em torno da sexualidade, com destaque para a difusão dos métodos contraceptivos modernos que ocasionou uma reviravolta na forma de encarar a sexualidade, já que a fecundidade passou a ser pensada como um projeto pessoal, o que implicou em escolhas por parte do par – e aqui estamos falando do universo heterossexual, já que foram eles os beneficiados. O dado importante é que a sexualidade passa a ser infecunda (GIDDENS, 1992; BOZON, 2002), idéia esta que rompe com a visão de Schopenhauer (2001[1818] segundo o qual na base do amor havia sempre o instinto sexual, pois a finalidade deste e da escolha amorosa, seria a composição da geração futura.

Além disso, as mudanças conjugais no âmbito dos países ocidentais que inverteram historicamente o laço entre sexualidade e conjugalidade definiram como imprescindível a sexualidade na relação do casal. Como enfatiza Bozon, *“a ausência de relações sexuais entre os cônjuges é, portanto, indício de uma dificuldade ou de um problema conjugal que pode levar à separação. Quer existam filhos, quer não, a inatividade sexual põe em perigo a estabilidade da construção conjugal”* (2002:50). Isso vale, inclusive, para os casais mais idosos, os quais se supõe mantêm a atividade sexual a despeito da idade, pois da mesma forma que houve uma extensão da vida sexual às idades mais baixas, ocorreu o mesmo com as idades mais elevadas.

Um outro elemento que pode ser articulado às falas dos constitui um discurso que é quase uma fórmula utilizada para analisar o binômio frequência x qualidade, segundo a qual importa mais a qualidade com que você realiza determinado ato do que o número de vezes em que ele é executado, o que pode ser remetido para inúmeras esferas em que atuamos como, por exemplo, a relação pais e filhos onde é muito comum a expressão “eu passo pouco tempo com o meu filho, mas é um tempo que tem qualidade” .

Colocadas nesses termos as falas enunciadas representariam muito mais uma necessidade de justificar-se diante da inevitabilidade da redução da

freqüência sexual e da pressão social negativa que envolve este ato, do que uma ênfase na qualidade do relacionamento, como pode parecer à primeira vista. Não quero com isto dizer que a convivência não implique em intimidade e em conhecimento profundo, que pode conduzir a um maior respeito pelo outro. No entanto, a intimidade também tem sido apontada como um fator de insatisfação e conflito quando se trata do contexto amoroso, como vemos em Heilborn (2004a). Quero aqui chamar atenção para o fato de que parece haver, sim, um grande incômodo, uma espécie de mal estar dos parceiros - às vezes mais de um que do outro - em torno da relação freqüência x qualidade expresso na fala de grande parte dos entrevistados, e em particular nas falas das parcerias femininas. Sendo, entretanto, pouco visualizado nos relacionamentos que ainda se encontram nas fases do casal nascente e do casal estável, se quisermos usar aqui os termos de Bozon (2003).

O que se observa no contexto dos depoimentos que resgatei para tratar da questão da sexualidade é que as parcerias entrevistadas, independentemente da categoria a que pertençam - homo ou hetero - reservam um lugar privilegiado ao sexo no âmbito da vida conjugal, mas não sempre ou do mesmo modo ao longo do tempo. Assim, o sexo é vivido intensamente nos estágios iniciais da vida a dois, mas inevitavelmente reduzido em sua freqüência à medida que a relação ganha mais durabilidade temporal. Essa inevitabilidade, de forma alguma, não parece implicar na dissolução da idéia de casal e nem na extinção do sentimento amoroso que une o par, mas dá uma espécie de redimensionamento à relação amorosa estabelecida pela parceria. Desta forma, posso pensar que, ao destacarem em seus discursos o sexo como fundamental e, ao mesmo tempo, ao enfatizarem que ele é um complemento, mas um complemento de peso, estas parcerias estão procurando dar conta (às vezes até mesmo sem saber delas) das mudanças (inclusive as biológicas) que vão se dando e encontrando formas de lidar com isso. Uma destas formas seria associar à redução de freqüência com que o sexo é feito a ideia – não só a ideia, mas a vivência segundo sua própria interpretação verbalizada em nossos encontros – de uma maior qualidade e refinamento no relacionamento que só se torna possível com o

aprofundamento da intimidade que gera, por sua vez, uma maior sintonia entre o par e torna a relação mais madura no sentido também de maior densidade. Isso não implica absolutamente na eliminação das diferenças, das assimetrias entre os desejos, dos conflitos, insatisfações e frustrações, mas, pelo menos no universo destes pares amorosos com os quais me relacionei, mantém acesa a chama do sentimento de amor que os une. Termino assim estas considerações citando alguns trechos presentes nos discursos de todas as parcerias que muito me chamaram a atenção por revelarem o forte sentimento de amorosidade de, pelo menos, um dos membros da díade.

“Hoje o amor pra mim tá muito mais maduro do que antes no relacionamento, mas com relação a exatamente definir o que é o amor, eu posso te definir dentro destas palavras e definir o que sinto aqui dentro, porque eu sinto saudade todos os dias, eu quero sempre o melhor pra ela, eu deixo de comer alguma coisa pra que ela coma, e vice-versa, ela também faz o mesmo por mim. Então, eu acho que isso é amor”. (Lota, parceria homossexual feminina, dezenove anos de relacionamento)

“Hoje eu digo de coração aberto, sincero e sem medo de ser acusado lá em cima de tá mentindo. Só o Poderoso, do meu ponto de vista, só o Poderoso me faria deixá-la: Ele me levar. Nada, nenhum tipo de canto da sereia, nenhuma quimera, nenhuma ilusão, nenhum canto mundano qualquer me tiraria dessa rota. Ela é a minha vida, o meu centro, eu perco o rumo quando eu me imagino sem ela”. (Tristão, parceria heterossexual, quarenta anos de relacionamento)

“Então, eu vejo assim: que o amor você vai construindo. São vinte e dois anos, mas o amor nunca tá concluído, pra mim tá sempre faltando mais alguma coisa. É uma peça que entra, que você tipo: não, isso aqui já não tá mais certo! Vê uma coisa nova e que te acrescenta mais (...) nessa tua relação; que aquilo que você achava que era amor, deixa de ser amor; uma outra coisa é amor. Então pra mim o amor é assim: todo tempo ele tá se renovando. Cada dia mais ele aparece com uma novidade e se fortalece mais. E aí ele muda, tem uma conotação diferente, mais madura (...)”. (Ennis, parceria homossexual masculina, vinte e dois anos de relacionamento)

Estas falas me parecem revelar que o amor - em que pese tudo o mais que foi aqui apresentado, exposto, reproduzido, a partir das falas, das histórias, das expressões vocais e corporais das pessoas particularmente e do par durante os nossos demorados encontros – o amor se revelou onipresente e constitui o cerne, o eixo central em torno do qual o relacionamento se articula e através do qual pude construir esta tese.



Subilmente

E quando eu estiver triste
Simplesmente me abraça,
Quando eu estiver louco
Subitamente se afaste,
Quando eu estiver fogo
Suavemente se encaixe.

E quando eu estiver triste
Simplesmente me abraça,
E quando eu estiver louco
Subitamente se afaste,
E quando eu estiver bobo
Subilmente disfarce.

Mas quando eu estiver morto
Suplico que não me mate não,
Dentro de ti, dentro de ti.
Mesmo que o mundo acabe, enfim,
Dentro de tudo que cabe em ti.

Letra de Samuel Rosa e Nando Reis
Álbum "Multishow ao vivo Seara no Mineirão" (2010)

Para (ainda) falar de amor: à guisa de conclusão (possível)

Cabe-me nesta parte final da tese, de toda tese, e tal como tantas vezes se diz, tecer breves considerações sobre algumas questões que foram apresentadas ao longo do trabalho e que serão retomadas com o objetivo de dar a quem me lê uma visão ampliada e conclusiva (se é que isso é possível) acerca do tema que ao longo destas páginas foi objeto de meu melhor interesse, reflexão e análise - o Amor, com letra maiúscula, como dizemos ao querer marcar, assinalar firmemente alguma coisa, pensado no contexto de uma parceria amorosa.

Finalizei o capítulo anterior, apresentando algumas falas de pessoas entrevistadas em que o amor aparece revestido dos dois sentidos principais que pude identificar no decorrer de todo o processo instigante e prazeroso de investigação de campo. Em primeiro lugar, ele é pensado e sentido como um sentimento que envolve o par numa espécie de teia (amorosa), na qual as duas pessoas envolvidas se pensam como, quase se pode dizer assim, irremediavelmente unidas uma a outra, pelos laços que o “destino” teceu, como se estivessem desde o princípio dos tempos predestinadas a se encontrarem amorosamente (uma a outra). Aqui se pode identificar, tal como ocorre com o campo da sexualidade (Vance:1995; Loyola:1998b, 1999; Duarte:2004), uma visão naturalizada (ou quase que) do amor, pois ele é tomado como algo dado que preexiste e existe de forma independente, ainda que se torne perene através da figura dos amantes, ou seja, está-se aqui falando daquilo que Costa (1998) chama de “*crença na universalidade e na naturalidade do amor*”. Trata-se, neste caso, das concepções acerca do amor, do discurso elaborado sobre ele em que se mesclam concepções diversas, mas onde a ideologia do “amor romântico” predomina e os exemplos de amores históricos - conhecidos de todos nós - são tomados como o **verdadeiro amor**, pois se Abelardo e Heloísa, Tristão e Isolda, Romeu e Julieta assim amaram, assim também é o amor ou devem ser todos os amores. Furtado (2008), enfatiza que neste tipo de discurso amoroso prevalece o lugar comum, no qual “*cada amante imagina viver a mais singular das paixões, a mais*

*inigualável. Nenhum livro poderia lhe ensinar o que ele sente e, paradoxalmente, é como se todos os livros, todos os poemas e canções de amor falassem dele e de seu amor*¹⁷⁹ (p. 11-12).

Por outro lado - e aqui se coloca a outra visão do amor já anunciada - quando se trata da sua vivência ou da prática amorosa no cotidiano da relação, expressa, entre outras formas, (também) através do discurso sobre o amor (vivência também observada por mim no contato estabelecido com as parcerias entrevistadas) surge uma concepção diversa que se contrapõe (algumas vezes) ou se principalmente soma àquela que acabei de enunciar: a de que o amor vai sendo construído e transformado pelo par ao longo da vida em comum; ou não, nos casos em que o par (e *pour cause* o amor) não se mantém. Estamos neste caso diante, não mais de uma visão naturalizada do amor (ou pelo menos não tanto), pois o foco não incide agora propriamente sobre uma concepção do amor, observando-se um deslocamento de sua ênfase para a vida a dois, o que deixa entrever, então, as mudanças, conflitos e tensões que fazem parte das dinâmicas de um relacionamento amoroso. Ou seja, a prática amorosa desmente radicalmente a idealização, pois, como pude fartamente observar e ouvir das pessoas (dos pares de amantes) todos se amam com o sentimento, mas, também com razão e julgamento, o que impede (ou pode impedir) que o impulso amoroso se torne irrefreável (COSTA, 1998).

Assim, ao mesmo tempo em que existe um processo de idealização - algo a traduzir como que um “imaginário” do amor - em torno da atualização do

¹⁷⁹ No momento em que escrevo, uma conhecida canção popular toca em algum lugar: “a nossa história de amor **se parece com um milhão de outras mais** (...). Mas o amor que a gente faz é tão lindo que não **há outro igual** (...). **Ninguém ama como eu e você**”, enfatizando exatamente a idéia de lugar comum e singularidade a que se refere Furtado (2008). A canção chama-se “Nossa História de amor”, composição de Gilson e Joran, do álbum “Uma história de amor” (2006) da conhecida banda paraense de pagode romântico Nosso Tom. Segue a letra na íntegra: *Você comigo aqui nesse lugar/É um sonho, eu nem posso acreditar/É sempre tão difícil encontrar/Algum tempo só pra gente se amar/Esquecemos de nós dois/Com tanta coisa pra fazer/E quem sofre mais com isso é o coração/Quando a gente então se vê/É bem maior nosso prazer/Impossível é conter nossa paixão./A nossa história de amor/Se parece com um milhão de outras mais/Tanta gente que se ama demais/E dificilmente pode se ver./Mas o amor que a gente faz/É tão lindo que não há outro igual/O desejo em nós é mais que normal/Ninguém ama como eu e você./Você comigo aqui a meia luz/Tão misteriosamente sensual/Tão carinhosamente me conduz/Aos limites do prazer em alto astral/É tão grande a emoção/De estar contigo aqui a sós/E ter tempo pra fazer e acontecer/Ter você toda pra mim/E o mundo inteiro só pra nós/É tão bom que eu nem sei o que dizer.*

amor ou da idéia desse sentimento, expresso numa fala já citada que retomo aqui: “*eu não consigo viver muito de acordo com o que eu idealizo, de acordo com o que eu penso*”, há também o que referi como um elemento “*novo*”, marcadamente presente nos meus dados de campo atuais, expresso na idéia de que o amor motiva ou dito mais fortemente **causa** mesmo (tal qual as metades que uma a outra se procuram, a la Platão) a formação das parcerias, que se unem **a partir dele**. Mas, ao mesmo tempo e paradoxalmente se constrói, se transforma, se consolida, no exercício contínuo e cotidiano do relacionamento a dois, traduzido, vivido num intenso e eficiente processo de ritualização.

Na verdade, ainda que estas duas visões possam ser tratadas separadamente, nas falas dos entrevistados elas se sobrepõem e devo dizer, correndo o risco de decepcionar os leitores que pensavam encontrar nesta tese a confirmação ou a “descoberta” de um novo modelo de amor, que o nosso velho conhecido – o ideal do amor romântico – é o que se faz muito presente (em certos casos onipresente) ainda que revestido de alguns outros “invólucros”, estes sim condizentes com as mudanças que foram se dando ao longo das últimas décadas em vários campos, dentre estes o da afetividade e da conjugalidade.

Desta forma, se o amor for tomado como uma construção, como algo inventado, que sabemos que é, e como bem dizia La Rochefoucauld, desde o século XVII, “*há pessoas que nunca teriam se apaixonado se não tivessem ouvido falar de amor*”, temos que pensar, como enfatiza hoje Costa (1998), que todos os elementos que lhe são constituintes não são fixos por natureza, podendo dessa maneira ser alterados, mantidos, trocados, melhorados, piorados, o que se pode observar, diria eu, nos arranjos cotidianos da vida a dois que serviram de fio condutor para as análises que aqui tecei.

No terreno da vivência amorosa, é importante considerar que ainda que eu esteja falando/tratando de um par/parceria/díade - como me referi aos entrevistados no corpo do trabalho - estou falando/tratando, também, de um indivíduo ou de duas entidades separadas e ao mesmo tempo juntas (“... essa

percepção de que são duas pessoas que tão caminhando junto, mas são duas pessoas sabe?”). É desta forma que eles pensam a si mesmos, o que me parece ser um traço distintivo que dá um toque de modernidade a esse relacionamento que ao longo do tempo foi assumindo uma feição muito própria, particularmente, no Ocidente, presente na concepção Dumontiana (1985) do valor do indivíduo livre e igual, largamente explorada nos trabalhos de Giddens (1992, 2002[1991]), por exemplo, e tida por Torres (2000) como um dos temas que atravessam e aproximam a proposta da maioria dos estudiosos do amor. A ideia de uma individualização crescente implica numa maior margem de liberdade e escolha no plano das relações conjugais e familiares o que torna mais complexo o estudo e a compreensão da vida cotidiana fora dos seus contextos de ocorrência.

Sobre este aspecto, Heilborn (2004a) chama atenção para o conjunto de transformações que incidiram sobre a sociedade europeia a partir do século XVI, que ficaram como diz ela, grosso modo, definidas como modernidade e que vão dar singularidade a sociedade ocidental, na medida em que possibilitam mudanças de peso na vida contemporânea. Neste sentido, entre os segmentos médios mais especificamente, o domínio dos valores relativos à família alterou não só internamente, ou seja, na própria concepção de família (VAITSMAN, 1994), mas aí se identifica também a presença de uma ideologia igualitarista expressa pela proliferação de novos arranjos conjugais (MATOS, 2000), pela desnaturalização das percepções de gênero, por uma concepção de sexualidade mais aberta que desvincula o seu exercício do âmbito conjugal (GIDDENS, 1992; BOZON, 2002 e 2004), pela ampla aceitação do divórcio e da maternidade fora do casamento (Velho, 1986) e também, pela presença de novos modelos no campo da homossexualidade (DUARTE, 2004; GROSSI, 2003; WEEKS, 2000; WESTON, 1993).

Certamente, diria, até, obviamente, estas mudanças se refletem diretamente no campo da vivência amorosa, onde a escolha, como assinala Velho (1986) passa a ser recíproca sim, mas sem dúvida não descolada de um contexto de mudanças mais amplas como enfatizei antes. Parece-me que esse tem sido o caráter dos diversos trabalhos que têm estudado o âmbito da

conjugalidade, qual seja a ênfase na manutenção da parceria amorosa, reconfigurada ou reatualizada podemos assim dizer, por conta e a partir desse quadro de mudanças que mencionei. Estou me referindo aqui ao “relacionamento puro” de Giddens (1992), ao “casal igualitário” de Heilborn (2004a), às “flexíveis e plurais” de Vaitsman (1994), ao “amor construção” de Torres (2000), aos “vínculos amorosos reinventados” de Matos (2000), aos “casais” de Bozon (2003), aos “reservados e invisíveis” de Paiva (2007), ao “casal grávido” de Salem (2007), e, evidentemente, nos meus próprios termos, às “parcerias amorosas” de Amaral-Gonçalves (2011).

No caso específico de meu estudo, o amor, que se apóia nas duas concepções já apresentadas acima – o “amor romântico” e o “amor construção” - foi associado a um conjunto de sentimentos e atitudes que resumi num “trio” mais expressivo como sendo companheirismo, carinho e respeito. Não se trata apenas daquilo que Matos definiu como a “pista falsa” seguida por Giddens dada pela ênfase no ethos do amor romântico (2000:24), ainda que eu não possa deixar de enxergar como ele a presença desse ideal nas falas de meus interlocutores, tal como Torres (2000) o fez. Na verdade, este ideal está nas falas porque e tal como está também nos inúmeros filmes citados, nas diversas canções que rechearam as páginas desta tese, nas referências literárias, em quaisquer dos casos, sejam elas clássicas ou modernas. Neste sentido, Gay (1986) mostra claramente que as diferentes visões acerca do amor não foram construídas num período específico, mas foram sendo gestadas desde a antiguidade e influenciaram em maior ou menor medida as vidas de todos nós – homens e mulheres, heterossexuais e homossexuais – o que continuam fazendo até hoje. Ademais, este autor chama atenção para o fato de que a obra de ficção não se limita a ser apenas uma invenção, talvez como poderíamos supor, pois ela também é um registro (no caso que aqui trato, um registro de vida e de amores), sendo portanto, “real” e num movimento fortemente dinâmico, ela inventa, registra e molda, o que lhe dá densidade.

As associações que meus entrevistados fizeram (companheirismo, carinho, respeito) me permitem afirmar que o ideal romântico - tão citado aqui -

é tido como importante e pode ser mais estritamente relacionado com a idéia de **carinho** que se traduz por um conjunto de atitudes como atenção, cuidado, dedicação, gentileza, querer bem e tratar bem. Por outro lado, o termo mais citado e, destarte, colocado em primeiro plano foi **companheirismo** ao qual foram associadas as atitudes de amizade, cumplicidade, compartilhar, conviver, estar junto, parceria, sentir falta do outro e sentir prazer na companhia da pessoa amada e, em terceiro lugar, a ênfase foi para o respeito traduzido como compreensão, consideração, paciência, tolerância e saber lidar com as diferenças.

Numa tentativa de síntese e pensando em torno dos tantos e densos dados de campo desta tese, uma possível leitura que faço é que o amor ou o sentimento amoroso não pode ser pensado/sentido/vivido dissociado desses elementos e ainda que o carinho apareça no centro desta tríade como se fosse o cerne, o núcleo em torno do qual tudo o mais se aglutina, o companheirismo e o respeito figuram como as extremidades, melhor dizendo, o invólucro que reveste e protege esse centro. Não se trata, portanto, de pensar apenas em termos românticos, mas de compreender que as diversas visões do amor que foram apresentadas aqui possuem aproximações e de certo modo, atravessam umas às outras, o que resulta na complexidade e profundidade que esta temática apresenta.

Retomando alguns autores que se dedicaram ao estudo do amor, alguns dos quais considerados clássicos na discussão deste tema, pois suas visões se espalharam por diversos campos gerando interpretações as mais diversas, algumas delas díspares, temos em Platão uma espécie de ponto de partida, a grande fonte do mito amoroso no ocidente que consolidou uma expressão que se tornou mesmo popular, o “amor platônico”, representando um amor não concretizado e a busca de uma espécie de “metade” de nós que se perdeu e, deste modo, se acham, ela e nós, incompletas, necessitando de um encontro e uma união pra existirem plenamente. Em Platão e seu “Banquete”, temos um elemento que me parece crucial traduzido pela idéia de que não existe um discurso único sobre o amor, e sim discursos amorosos, marcados por

descontinuidades, lacunas, variações e disparidades tal qual o amor que foi encontrado por mim na vida real dos pares aqui apresentados.

Na chamada vida real, ainda que se busque idealmente o outro que nos falta, como encontrei nos meus dados na idéia de companheirismo, há sempre presente o desejo de autonomia, de liberdade que entra em conflito com o desejo de ser um par, gerando uma tensão que pode, neste sentido, ser vista como estruturante ou constitutiva dessa díade entre a tentativa de se preservar a individualidade e a presença de uma totalidade intrínseca à concepção de “casal”, ou parceria amorosa denominação que utilizei mais frequentemente. Nos “casais igualitários” de Heilborn (2004a) esta tensão constitui o cerne de sua discussão e de seu argumento, antes teoricamente apontado por Simmel (1993) com esta ideia de autonomia inclusive no que se refere ao prazer sexual.

Ainda que nas longas falas de meus interlocutores o termo igualdade não tenha sido mencionado de forma significativa, entendo que a idéia de respeito, também indicada como crucial, esteja em ressonância com a análise de Heilborn, porque diz respeito particularmente à necessidade de lidar com as diferenças e parte evidentemente da constatação de que essas diferenças existem e não se dissolvem na idéia do par, pelo contrário a convivência a dois deixa ainda mais visível as diferenças e as peculiaridades que constituem o caráter idiossincrático de cada um dos membros da díade. Assim, o desejo de manutenção da relação implica necessariamente no esforço cotidiano de compreender, ser paciente, ser tolerante, dialogar e não retardar para o dia seguinte a resolução dos problemas que surgem hoje, tal como apontaram os pares entrevistados.

Este me parecer ser o eixo central da relação, a partir de meus dados de campo: o desejo de ter um par, traduzido por **companheirismo**; a necessidade de expressão recíproca do afeto, expresso pelo termo **carinho**; e o **respeito** proclamado através da idéia de igualdade e de consideração das diferenças. Dito de outra forma, temos aqui a busca pelo outro a la Platão, o ideal do amor romântico, mas – e nessa imbricação o meu achado mais precioso tudo isso

regado pelas transformações pelas quais a sociedade tem passado e que refletiram/refletem profundamente no campo das relações afetivas.

Giddens (1992), ao analisar as “transformações da intimidade”, chamou atenção para estas mudanças erigindo uma espécie de modelo - o “amor confluyente” - que foi por ele traduzido como o amor que *“presume igualdade na doação e no recebimento emocionais”* (p. 73). O amor confluyente se contrapõe ao amor romântico onde as categorias “para sempre e único” são tidas como centrais, pois menos importa nesse contexto a pessoa especial que o relacionamento especial, o “relacionamento puro” baseado na satisfação mútua.

Torres (2000), articulando o debate em torno deste tema com os dados coletados em campo, afirma que *“por um lado o amor é menos um estado que suspende o tempo e o espaço e assume mais facilmente os contornos de um processo”*(p.154). Assim, ainda que a escolha amorosa seja uma condição necessária ao casamento, seu tema de estudo, ela não dá conta da durabilidade da relação, pois importante é que “o amor persista e a relação tenha qualidade” (idem). É assim que Torres chega ao modelo do “amor-construção”, que por minha vez, pude, também, identificar na fala das parcerias amorosas com as quais trabalhei como já enfatizei antes. Segundo ela, passada a fase inicial de estabelecimento da relação, o amor e a paixão se transformam num sentimento mais estável, mais “construído”, como ela mesma diz. Descobre-se aspectos novos e outros sentimentos, desidealiza-se o parceiro que se torna mais previsível e possivelmente mais próximo e também, surgem tensões e conflitos que podem ocasionar, inclusive, a desconstrução da relação. O fato é que independentemente dessas assimetrias, o amor-construção implicaria maior paridade entre homens e mulheres (p.155).

De minha parte identifiquei muito fortemente a ideia de construção nas falas dos três grupos entrevistados, o que não eliminou de forma alguma o ideal romântico de “amor à primeira vista” frequentemente referido. O amor foi indicado como algo que não se encontra “pronto e acabado”, pelo contrário, à medida que o relacionamento se consolida no tempo é fundamental que se

busque a permanência desse amor, através da manutenção da relação o que implica em disponibilidade para estar junto, em respeito pelos espaços individuais de cada um, em apoio mútuo, na permanência do interesse sexual, enfim, num conjunto de atitudes e disposições que cada um dos diferentes pares vai definindo como importante para si.

Indubitavelmente, os relacionamentos amorosos, como procurei mostrar nesta tese apresentam uma configuração bastante característica o que implica em pensar sempre em termos de diversidade, de dinâmica, pois os contextos de ocorrência dão um tom particular a cada uma das experiências.

Em função disso, não me arvorei em falar de um “novo” modelo ou de um amor ou discurso amoroso que sirva para todos, pois tudo que aqui disse e que me disseram aqueles com os quais conversei sobre o amor por longas horas, tem um caráter bastante específico e particular. Contudo, essas experiências particulares ganham um caráter mais geral quando articuladas com outros contextos também específicos, ou quando situadas em debates mais teóricos sobre o tema e passam a formar aquilo que já referi, com Platão, como sendo os multifacetados discursos sobre o amor.

Por fim, um último aspecto que gostaria de ressaltar, diz respeito ao exercício que fiz nesta tese de pensar o amor ouvindo as histórias de amor de três grupos que muito frequentemente têm sido estudados separadamente por força das especificidades que cada um deles apresenta. Estou me referindo às parcerias heterossexuais e aos pares homossexuais formados exclusivamente por mulheres ou por homens cujas falas serviram de base para as análises que aqui fiz.

Como afirmei anteriormente, desde o início do trabalho estava (como ainda estou) ciente das especificidades que cada um deste grupos apresenta e do debate político em torno da homossexualidade. Todavia, de forma deliberada optei por falar de amor, partindo da consideração destes três grupos, por avaliar que agindo assim teria não só uma visão ampliada do amor, pois compreender que não somente homens e mulheres amam, mas

mulheres e mulheres e homens e homens também se amam entre si significa, ou pode significar, a busca de um olhar indiferenciado para as díades, quaisquer que sejam elas, diante das teimosas hierarquias construídas para separá-las e mesmo da invisibilidade social/sociológica imposta a uma de suas atualizações. Ademais, ao me debruçar, antropologicamente falando sobre a expressão amorosa dos grupos homossexuais que como disse Paiva (2007) se relacionam de forma “reservada e invisível”, pois se encontram fora do modelo normativo que serve de referência neste campo, foi possível enxergar as similaridades e as discrepâncias que são intrínsecas a cada uma destas experiências. E deslocar deles a idéia de homogeneidade muitas vezes considerada.

Neste sentido, este estudo me possibilitou enxergar o quanto de exclusão e, portanto, de ausência existe em torno da temática do amor no que se refere ao universo homossexual. Como referi na introdução nosso imaginário amoroso e nossas referências em torno deste tema são quase que exclusivamente (se não totalmente) no campo da heterossexualidade, ou seja, referem-se às experiências que envolvem apenas parcerias de homens e mulheres, o que remete as demais vivências amorosas ao território do exílio para usar o termos de Costa (*apud* PAIVA: 2007,p.52). São amores que não podem se mostrar, que carecem de referências outras que não as da heterossexualidade, que se situam como diz Paiva (*idem*) “fora das instituições que organizam as experiências de vínculo amoroso”. No entanto, ao mesmo tempo em que se situam fora estão dentro porque não vivem num mundo à parte, contrariamente, partilham uma experiência que é peculiar, mas não é exclusiva: a de amar um outro, no caso um seu igual de gênero. Por conta disso penso que não nos é mais cabível ignorar esses outros amores que são, na verdade, os mesmos amores ou os amores de sempre se pensados a partir da vivência cotidiana que segundo pude aferir em meus dados, mais os aproxima que os separa.

Não estou com isto querendo negar as especificidades ou a necessidade de estudo do particular, abordagem que a antropologia tanto tem privilegiado. Apenas me permiti fazer o movimento inverso e correr os riscos inerentes a tal

escolha. Certamente este percurso foi marcado por acertos e erros, mas ao finalizar este trabalho (por força dos imperativos do tempo, pois o tema evidentemente não se esgota aqui) tenho a sensação da tarefa cumprida.

O amor com chamei atenção no início desta caminhada é sim um tema de estudo “excitante e revelador” (DA MATTA, 1986) e como tal possui grande importância sociológica, até porque o sentimento amoroso ocupa um lugar central em nossas vidas, pois dele nos cercamos o tempo todo e através dele estabelecemos relações profundas uns com os outros e construímos teias e mais teias de significados.

Encerro aqui, ciente de que há muito ainda que se dizer acerca do amor. Na verdade, falar de amor é bem aquilo que o poeta disse: *“O que é o amor? Onde vai dar? Parece não ter fim”*.

Referências

Bibliografia Referida

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ABRAMO & PELLEGRINI. *Almanaque do amor. No fluxo da utopia*. São Paulo: Editora Imaginário, 1994.

ABREU, Rachel. *Infidelidades: representações masculinas e femininas*. (Dissertação). Mestrado em Antropologia. Belém: UFPA/PPGCS, 2006.

ALBERONI, Francesco. *Enamoramento e Amor*. Portugal: Bertrand, 1979.

ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de. *Masculino/feminino: tensão insolúvel*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

AMARAL-GONÇALVES, Telma. *Homossexualidade: representações, preconceito e discriminação em Belém*. Trabalho de Conclusão de Curso, Belém: UFPA, 1989.

_____. *Antropologia, Mulher e Gênero – alguns olhares, um olhar*. Belém, Especialização em Teoria Antropológica. Belém: UFPA, 1992.

_____. *E o casamento, como vai? Um estudo sobre a conjugalidade em camadas médias urbanas*. Dissertação de Mestrado. Mestrado em Antropologia. Belém: UFPA, 1999.

_____. *“Ficar sim, mas namorar também” - Formas, regras e significado do namoro na atualidade*. Belém:UFPA, 2002.

ARIÈS, Philippe. *O Amor no Casamento*. IN Sexualidades Ocidentais. **ARIÈS**, Philippe e **BÉJIN**, André (orgs.) São Paulo: Editora Brasiliense, pp. 153-162, 1987.

ATTIAS-DONFUT, Claudine. *Sexo e envelhecimento*. In **PEIXOTO**, Clarice Ehlers (org.). *Família e Envelhecimento*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

AZEVEDO, Thales de. *As regras do namoro à antiga*. São Paulo: Editora Ática, 1986.

BARTHES, Roland. *Fragmentos de um discurso amoroso*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido – sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2003.

- BEAUVOIR**, Simone de. *A Velhice*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1970.
- BECK**, Ulrich e **BECK-GERNSHEIM**, Elizabeth. *The normal caos of love*. Cambridge: Polity Press. 1995[1990].
- BLONDEL**, Eric. *L'amour*. Paris: Flammarion, 1998.
- BORGES**, Maria de Lourdes. *Amor*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.
- BORGES**, Ana Luiza Vilela e **SCHOR**, Néia. Homens adolescentes e vida sexual: heterogeneidade nas motivações que cercam a iniciação sexual. In *Cadernos de Saúde pública*, Rio de Janeiro, 23(1): 225-234, jan, 2007.
- BONETTI**, Alinne de Lima. "Intrusas bem-vindas: um olhar sobre os cruzamentos entre gênero, relações de poder e sensibilidades na pesquisa etnográfica". In *Política e Cotidiano. Estudos antropológicos sobre gênero, família e sexualidade*. GROSSI, Miriam Pillar e SCHWADE, Elisete (orgs.). ABA. Associação Brasileira de Antropologia. Florianópolis, SC: Nova Letra, 2006.
- BOZON**, Michel. *Sexualidade e conjugalidade. A redefinição das relações de gênero na França contemporânea*. Cadernos Pagu (20), 2003:131-156.
- _____. Intimidade, sexualidade e individualização na época contemporânea. In *Sociologia da Sexualidade*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2002.
- _____. A nova normatividade das condutas sexuais ou a dificuldade de dar coerência às experiências íntimas. In **HEILBORN**, Maria Luiza (org.). *Família e Sexualidade*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2004.
- BOZON**, Michel e **HEILBORN**, Maria Luiza. As carícias e as palavras. Iniciação sexual no Rio de Janeiro e em Paris. In *Novos Estudos CEBRAP*, Nº 59, março de 2001.
- BOURDIEU**, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- _____. Gostos de classe e estilos de vida. IN Pierre Bourdieu. *Sociologia*. São Paulo: Editora Ática, 1994.
- BROWN**, Peter. *Corpo e Sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 1990.
- CABRAL**, Cristiane S. e **HEILBORN**, Maria Luiza. Sexual practices in youth: analysis of lifetime sexual trajectory and last sexual intercourse. In *Cadernos de Saúde pública*, Rio de Janeiro, 22(7): 1471-1481, jan, 2006.

CANCELA, Cristina. *Adoráveis e dissimuladas: as relações amorosas das mulheres camadas populares na Belém do final do século XIX e início do XX*. (Dissertação). Mestrado em Antropologia. Campinas: UNICAMP, 1997.

_____. *Casamento e relações familiares na economia da borracha (Belém- 1870-1920)*. (Tese). Doutorado em História Econômica. São Paulo: USP, 2006.

CHAVES, Jaqueline. *Ficar com – Um novo código amoroso entre os jovens*, Rio de Janeiro: Editora Revan, 1986.

COLEÇÃO “OS PENSADORES”. *Malinowski*. São Paulo: Editora Abril Cultural, 1978.

CORSO, Diana Lichtenstein e **CORSO**, Mario. *Fadas no Divã*. Porto Alegre: Artmed, 2005.

COSTA, Jurandir Freire. *Sem fraude, nem favor. Estudos sobre o amor romântico*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____. Homossexualismo/homoerotismo. In *Jornal do Comércio*, Pernambuco, 06 de outubro de 1992.

_____. As práticas amorosas na contemporaneidade. In *Psyque: Revista de Psicanálise*. São Paulo, ano 3, n. 3. 1999.

CSORDAS, Thomas. *Corpo/significado/cura*. Rio grande do Sul:UFRGS Editora, 2008.

DA MATTA, Roberto. “O ofício de etnólogo ou como ter ‘anthropological bues’”. In **NUNES**, Edson de Oliveira (org.). *A aventura sociológica. Objetividade, paixão e improviso e método na pesquisa social*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

DAUSTER, Tânia. *A invenção do amor: amor, sexo e família em camadas médias*. 1984, mimeo.

DEL PRIORE, Mary. *História do amor no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2005.

D’INCAO, Maria Ângela. O amor romântico e a família burguesa. In *Amor e Família no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1989.

DUARTE, Luis Fernando Dias. O império dos sentidos: sensibilidade, sensualidade e sexualidade na cultura ocidental moderna. In HEILBORN, Maria Luiza (org.). *Sexualidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

_____. A sexualidade nas ciências sociais: leitura crítica das convenções. In **PISCITELLI**, Adriana; **GREGORI**, Maria Filomena e **CARRARA**, Sérgio (orgs.). *Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2004.

DUMONT, Louis. *O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

ESTUMANO, Evanildo. *Uma vida, duas vidas, muitas vidas: diferenciações de gênero no cotidiano familiar e profissional de camadas médias urbanas*. (Dissertação). Mestrado em Antropologia. Belém: UFPA/PPGCS, 2004.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2 ed.1986.

FISCHER, Helen. *Por que amamos? A natureza e a química do amor romântico*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2006.

FURTADO, José Luiz. *Amor*. São Paulo: Editora Globo, 2008.

GAY, Peter. *A experiência burguesa. Da rainha Vitória a Freud: a educação dos sentidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999[1984].

_____. *A experiência burguesa. Da rainha Vitória a Freud: A paixão terna*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000[1986].

_____. *A experiência burguesa. Da rainha Vitória a Freud: O cultivo do ódio*. São Paulo: Companhia das Letras 1993.

_____. *A experiência burguesa. Da rainha Vitória a Freud: O coração desvelado*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999[1995].

_____. *A experiência burguesa. Da rainha Vitória a Freud: Guerras do prazer*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. *O século de Schnitzler. A formação da cultura da classe média. 1814 – 1914*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1989.

_____ O senso comum como um sistema cultural. In *O Saber Local*. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002[1991].

- _____. *A Transformação da Intimidade*. São Paulo: UNESP, 1992.
- GOFFMAN**, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1975[1959].
- GOLDENBERG**, Mirian. *A Outra: um estudo antropológico sobre a identidade da amante do homem casado*. Rio de Janeiro: Revan, 1990.
- _____. *Ser homem, Ser Mulher - dentro e fora do casamento*. Rio de Janeiro: Revan, 1991.
- _____. *De perto ninguém é normal. Estudos sobre corpo, sexualidade, gênero e desvio na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2004.
- GOODE**, William. *The theoretical importance of love*. American Sociological Review. Feb, 1959.
- GROSSI**, Miriam. “Gênero e parentesco: famílias gays e lésbicas no Brasil”. In *Cadernos Pagu*. São Paulo: Unicamp, (21)2003, pp. 261-280.
- HEILBORN, Maria Luiza**. *Dois é par – Gênero e identidade sexual em contexto igualitário*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004a[1992].
- _____ (org.) . *Família e Sexualidade*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2004b.
- _____ . Fazendo gênero? A Antropologia da mulher no Brasil in **COSTA**, Albertina e **BRUSCHINI**, Cristina (orgs.). *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, p. 93-126, 1992.
- _____ . Construção de si, gênero e sexualidade. In *Sexualidade. O Olhar das Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.
- _____ . *Conversa de portão: juventude e sociabilidade em um subúrbio carioca*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 1984.
- _____ . Família e sexualidade: novas configurações. In **HEILBORN**, Maria Luiza (org.). *Família e Sexualidade*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2004c.
- _____ . Entre as tramas da sexualidade brasileira. IN *Revista de Estudos Feministas*. Florianópolis: 14(1):336, janeiro-abril, 2006.
- HEILBORN**, Maria Luiza e **BRANDÃO**, Elaine Reis. Ciências Sociais e Sexualidade. In *Sexualidade. O Olhar das Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

- HEILBORN**, M. L., **AQUINO**, E.M.L., **BOZON**, M., **KNAUTH**, D.R. (orgs.). *O aprendizado da sexualidade. Reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros*. Rio de Janeiro: Editoras Fio Cruz e Garamond, 2006.
- HELIODORA**, Barbara. *Falando de Shakespeare*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1998.
- HENRIQUE**, Márcio Couto. *Um toque de voyeurismo: o diário íntimo de Couto Magalhães (1880-1887)*. (Tese). Doutorado em Antropologia. Belém: UFPA/PPGCS, 2008.
- KIMMEL**, Michael S. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. In **LEAL**, Ondina Fachel (org.). *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 4, n. 9, p.360, outubro de 1998.
- LA ROCHEFOUCAULD**. *Máximas e Reflexões*. São Paulo: Editora Escala, 2007.
- LAGO**, Syane de Paula. *Namoro pra casar; namoro pra escolher com quem casar*. Dissertação de Mestrado. Belém: DEAN/UFPa, 2002.
- LAQUEUR**, Thomas. *Inventando o Sexo - Corpo e Gênero dos Gregos a Freud*. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 2001.
- LARAIA**, Roque de Barros. *Amor romântico, uma análise antropológica*. In *Anuário Antropológico/97*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro [293-297], 1999.
- LASH, Cristopher**. A Comédia de amor e a *querelle des femmes*: uma sátira aristocrática do casamento. In *A mulher e a vida cotidiana. Amor, casamento e feminismo*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.
- LEAL**, Andréa Fachel e **KNAUTH**, Daniela Riva. A relação sexual como uma técnica corporal: representações masculinas dos relacionamentos afetivos sexuais. In *Cadernos de Saúde pública*, Rio de Janeiro, 22(7): 1375-1384, jul, 2006.
- LÉVI-STRAUSS**, Claude. *Tristes trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996 (1955).
- LHOMOND**, Brigitte. Sexualidade e juventude na França. In *Sexualidade. O Olhar das Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.
- LINS DE BARROS**, Myriam. *Autoridade e afeto. Avós, filhos e netos na família brasileira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.

LOBATO, Josefina Pimenta. *Amor, desejo e escolha*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.

LOYOLA, Maria Andréa. A Sexualidade como objeto de estudo das ciências humanas. In *Sexualidade. O Olhar das Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

_____. Apresentação. In *A sexualidade nas ciências Humanas* (org.). Rio de Janeiro: Editora UERJ, 1998a.

_____ (org.). *A sexualidade nas ciências Humanas* (org.). Rio de Janeiro: Editora UERJ, 1998b.

LUHMANN, Niklas. *O amor como paixão. Para a codificação da intimidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1982.

MACFARLANE, Allan. *História do casamento e do amor*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

MACHADO, Ana Maria. *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

MACHADO, Lia Zanotta. "Feminismo, academia e interdisciplinaridade" in COSTA, Albertina e BRUSCHINI, Cristina (orgs.). *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos [24-38], 1992.

MALCHER, Leonardo Fabiano de Souza. *Mulheres querem amor, homens querem sexo? Amor e masculinidades entre jovens de camadas médias urbanas de Belém*. (Dissertação) Mestrado em Antropologia. Belém: DEAN/UFPA, 2002.

_____. Mulheres querem amor, homens querem sexo? Amor e masculinidades entre jovens de camadas médias urbanas de Belém. IN *Gênero. Revista do Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero – NUTEG*. Niterói: EdUFF, 2003. v.3, n.1, 2.sem. 2002, p.1-149.

MALINOWSKI, Bronislaw. *A vida Sexual dos Selvagens*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982 (1929).

_____. *Os argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné – Melanésia*. São Paulo: Abril Cultural, 1978 (1922).

_____. *Um diário no sentido estrito do termo*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1997.

MARTIN, Emily. *A mulher no corpo: uma análise cultural da reprodução*. Rio de Janeiro, Editora Garamond, 2006[1987].

MATOS, Marlise. *Reinvenções do vínculo amoroso*. Cultura e identidade de gênero na modernidade tardia. Minas Gerais: UFMG, 2000.

MEAD, Margaret. *Coming age in Samoa*. Nova York: Morrow. 1923.

MILAN, Beth. *E o que é o amor?* Rio de Janeiro:Record, 1999.

MOTTA, Flávia de Matos. *Velha é a vovozinha. Identidade feminina na velhice*. Santa cruz do Sul: EDUNISC, 1998.

MOTTA-MAUÉS, Maria Angelica. *"Trabalhadeiras" e "Camarados". Relações de Gênero, simbolismo e ritualização numa Comunidade amazônica*. Belém: Editora Universitária, 1993[1977].

_____. Na "casa da mãe"/na "casa do pai": Anotações (de uma antropóloga e avó) em torno da "circulação" de crianças. In *Revista de Antropologia*. São Paulo. Vol. 47 n.2, jul./dez, 2004.

MOUTINHO, Laura. *Razão, "cor" e desejo. Uma análise comparativa sobre relacionamentos afetivo-sexuais "interraciais" no Brasil e na África do Sul*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

NEVES, Ana Sofia Antunes das. *As mulheres e os discursos genderizados sobre o amor: a caminho do "amor confluyente" ou o retorno do "amor romântico"?* In *Revista de Estudos Feministas*, vol.15, n.3. Florianópolis, 2007.

NOGUEIRA, Nádia. *Lota Macedo Soares e Elizabeth Bishop: amores e desencontros no Rio dos anos 1950-1960*. Tese de Doutorado. São Paulo: Campinas, 2005.

OLTRAMARI, Leandro Castro. *Amor e conjugalidade na contemporaneidade: uma revisão de literatura*. In *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 14, n. 4, p. 669-677, out./dez. 2009.

OVÍDIO. *A arte de amar*. São Paulo: Editora Martin Claret, 2007.

PAIVA, Antonio Cristian Saraiva. *Reservados e invisíveis O ethos íntimo das parcerias homoeróticas*. São Paulo: Pontes Editores, 2007.

PANTOJA, Ana Lídia Nauar. *Sendo mãe, sendo pai: sexualidade, reprodução e afetividade entre adolescentes de grupos populares em Belém*. (Tese) Doutorado em Antropologia, Belém: PPGCS/UFPa. mimeo, 2007.

PESSANHA, José Américo Motta. Platão: as várias faces do amor. IN **NOVAES**, A. (org.). *Os sentidos da paixão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p.77-103.

PISCITELLI, Adriana. *Jóias de Família. Gênero e parentesco em histórias sobre grupos empresariais brasileiros*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2006.

PISCITELLI, Adriana; **GREGORI**, Maria Filomena e **CARRARA**, Sérgio (orgs.). *Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2004.

PLATÃO. *O Banquete*. São Paulo: Martin Claret, Coleção obra-prima de cada autor 2002.

_____. *Fedro*. São Paulo: Martin Claret, Coleção obra-prima de cada autor, 2007.

QUINTELA, Rosângela. *Desabrochando no jardim secreto: um estudo sobre o imaginário do corpo, gênero e sexualidade entre adolescentes em Belém*. Dissertação de Mestrado. Mestrado em Antropologia. Belém: UFPA, 2002.

REITH, Flávia. A iniciação sexual na juventude de mulheres e homens. In *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 8, n. 17, p. 77-91, junho de 2002.

_____. Ficar e Namorar. IN: BRUSCHINI, C. e HOLANDA, H. B. (orgs.) *Horizontes plurais: novos estudos de gênero no Brasil*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, Ed. 34, 1998.

REZENDE, Cláudia B. A Amiga Brasileira: amizade e trabalho de campo em Londres. IN *Antropologia Social. Comunicação do PPGAS*. Museu Nacional, UFRJ, nº 06, Junho, pp.11- 41, 1995.

ROSE, Phyllis. *Vidas paralelas. Cinco Casamentos Vitorianos*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

ROUGEMONT, Denis de. *História do amor no ocidente*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003[1939].

ROUSSEAU, Jean Jacques. *Júlia ou A nova Heloísa*. São Paulo: Hucitec, 2006[1761].

SALEM, Tânia. *O casal grávido. Disposições e dilemas da parceria igualitária*. Rio de Janeiro: FVG Editora, 2007[1987].

SAHLINS, Marshall. *Cultura e razão prática*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1979.

SAMPAIO, Alice. *Amor na Internet. Quando o virtual cai na real*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2002.

SANTOS, Elayne Almeida dos. *O que ainda precisa ser dito: um “mergulho” nas histórias de vida de parceiros homossexuais de Belém do Pará*. Trabalho de Conclusão de Curso, Belém: UFPA, 2010.

SCHOPENHAUER, Arthur. *A vontade de amar*. Ediouro.2001[1818].

SCHOEPFLIN, Maurizio. *O amor segundo os filósofos*. São Paulo: EDUSC. 2004.

SCHWADE, Elisete e **LAGO**, Mara Coelho de Souza. Antropologia, gênero e subjetividade. In *Política e Cotidiano. Estudos antropológicos sobre gênero, família e sexualidade*. GROSSI, Miriam Pillar e SCHWADE, Elisete (orgs.). ABA. Associação Brasileira de Antropologia. Florianópolis, SC: Nova Letra, 2006.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. In *Cadernos Pagu* (28), janeiro-junho de 2007:19-54.

SIMMEL, Georg. *A filosofia do amor*. São Paulo. Martins Fontes, 1993.

TORRES, Anália Cardoso. “A individualização no feminino, o casamento e o amor” in PEIXOTO, C., SINGLY, F., CICCHELLI, V. *Família e Individualização*. Rio de Janeiro: FVG, 2000.

_____. Amores e desamores. Para uma análise sociológica das relações afectivas. In *Sociologia. Problemas e práticas*. (3), 1987.

_____. Casamento: conversa a duas vozes e três andamentos. In *Análise Social*. Revista do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais, 2002.

_____. Amor e Ciências Sociais. In *Revista Travessias*. Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais, 2004a.

_____. Casamento: tempos, centramento, gerações e gênero. In *Cadernos CRH*, Salvador, v. 17, n.42, dez. 2004b.

VAINFAS, Ronaldo. *Casamento, Amor e Desejo no Ocidente Cristão*. São Paulo: Editora Ática. Série Princípios, 1992.

VAITSMAN, Jeni. *Flexíveis e plurais. Identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

VANCE, C. *A antropologia redescobre a sexualidade: um comentário teórico*. In *Physis*, vol.1, n 5. Rio de Janeiro: 1995.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e cultura. Notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1987.

_____ *Subjetividade e sociedade: uma experiência de geração*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.

VINCENT-BUFFAULT Anne. *História das Lágrimas*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1986.

WEBER, Max. Classe, estamento e partido. IN *Ensaio de Sociologia*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1982[1946].

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In *O corpo educado*. **LOURO**, Guacira Lopes (org.). Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

WESTON, Kath. Lesbian/gay studies in the house of anthropology. In *Annual Review of Anthropology*. Vol. 22, 1993, pp. 339-367.

ZECHLINSKI, Beatriz Polidori. "A vida como ela é...". In *Cadernos Pagu* (29), julho-dezembro de 2007:399-428.

ROMANCES, CONTOS, CRÔNICAS E POEMAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Amar se aprende amando*. Rio de Janeiro: Record, 2001[1985].

AUSTEN, Jane. *Orgulho e preconceito*. São Paulo: Martin Claret, 2010[1813].

_____ *Razão e sensibilidade*. São Paulo: Martin Claret, 2009[1811].

BÉDIER, Joseph. *O romance de Tristão e Isolda*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2006.

BISHOP, Elizabeth. *Esforços do Afeto*. Companhia das Letras, 1996.

BRONTË, Emily Jane. *O Morro dos Ventos Uivantes*. São Paulo: Martin Claret, 2010[1847].

BURNARD, Bonnie. *Casa de Família*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

BYATT, Antonia Susan. *Possessão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CAMÕES, Luís de. *Lírica*. São Paulo: Edusp, 1982, soneto 3.

DUARTE, Sergio (seleção e tradução). *Três mulheres apaixonadas. Poemas de Gaspara Stampa, Louise Labé e Elizabeth Barrett Browning*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

GÓES, Marta. *Um porto para Elizabeth Bishop*. São Paulo: Terceiro Nome, 2001.

GOETHE, Johann Wolfgang. *Os sofrimentos do jovem Werther*. São Paulo: Martin Claret, Coleção obra-prima de cada autor, 2004[1774].

GUERRA, Cristiana. *Para Francisco*. São Paulo: Editora Saraiva, 2008.

HUSTVEDT, Siri. *O que eu amava*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

JABOR, Arnaldo. *Eu sei que vou te amar*. Rio de Janeiro: Record, 1986.

JONG, Érica. *Memória Inventada. Um romance de mães e filhas*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1999.

LESSING, Doris. *As avós*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

MARAI, Sándor. *Divórcio em Buda*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

MARQUEZ, Gabriel Garcia. *O Amor nos tempos do cólera*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

MORAIS, Vinicius de. *Poemas, sonetos e baladas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1946.

NIZAMI. *Laila & Majnun*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

SARAMAGO, José. *Caim*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SHAKESPEARE, William. *Romeu e Julieta*. São Paulo: Martin Claret. Coleção obra-prima de cada autor, 2002[1595].

_____ *O Mercador de Veneza*. São Paulo: Martin Claret. Coleção obra-prima de cada autor, 2010.

TYLER, Anne. *Em busca da América*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2007.

WHARTON, Edith. *A época da inocência*. São Paulo: Círculo do Livro, 1995.

BIOGRAFIAS, DIÁRIOS E CORRESPONDÊNCIAS

BURKHARDT, Frederick. *Origens. Cartas Seletas de Charles Darwin. 1822-1859*. São Paulo: Editora Unesp, 2009a.

_____ *A Evolução. Cartas Seletas de Charles Darwin. 1860-1870*. São Paulo: Editora Unesp, 2009b.

BARROSO, Ivo (org.). *Arthur Rimbaud. Correspondência*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2009.

CHADWICK, Whitney e **COURVITON**, Isabelle. *Amor & Arte. Duplas amorosas e criatividade artística*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1995

CHALITA, Gabriel. *O livro dos amores*. São Paulo: Atual Editora, 2003.

GIROUX, Robert. *Uma arte. As cartas de Elizabeth Bishop*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOLLAND, Vyvyan. *Wilde*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.

KONDER, Leandro. *Sobre o Amor*. São Paulo: Boitempo, 2007.

LEGRAND. *O retrato de Oscar Wilde. Fragmentos*. Belo Horizonte: Soler, 2006.

MALCOLM, Janet. *Duas Vidas. Gertrude e Alice*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2008.

MARTINS, Ana Luisa. *Aí vai meu coração. As cartas de Tarsila do Amaral e Anna Maria Martins para Luís Martins*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2003.

MELLO FRANCO, Afonso Arinos de. *Diário de Bolso seguido de Retrato de Noiva*. Ed. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1979.

OLIVEIRA, Carmem L. *Flores Raras e Banalíssimas. A história de Lota Macedo Soares e Elizabeth Bishop*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

ORSINI, Elisabeth. *Cartas do coração*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

RIMBAUD, Arthur. *Correspondência de Rimbaud*. São Paulo: L e PM editores. Col. Rebeldes & Malditos, vol.4, 1991.

ROLLEMBERG, Marcelo (org.). *Sempre seu Oscar*. São Paulo: Iluminuras, 2001.

SAVIGNEAU, Josyane. *Marguerite Yourcenar. A Invenção de uma Vida*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira. 1990.

STEIN, Gertude. *A Autobiografia de Alice B. Toklas*. Porto Alegre: L e PM editores 2006.

VERLAINE, Paul. *Confissões e Arthur Rimbaud*. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 1985.

YOURCENAR, Marguerite. *O Labirinto do Mundo I. Recordações de Família*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1974.

_____ *O Labirinto do Mundo II. Arquivos do Norte*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1977.

_____ *O Labirinto do Mundo III. A Eternidade, o que é?* Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1988.

ZUMTHOR, Paul. *Correspondência de Abelardo e Heloísa*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

APÊNDICE

“OUTRAS” HISTÓRIAS DE AMOR

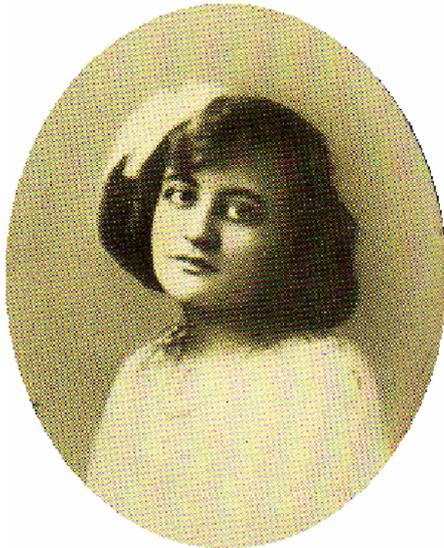


Foto 5: Anah Pereira



Foto 6: Afonso Arinos



Foto 7: Anah e Afonso Arinos
(Livro Diário de Bolso e Retrato de Noiva)

Afonso e Anah

Afonso Arinos de Melo Franco (1905-1990) e Anah Pereira de Melo Franco (1908-?)¹⁸⁰ foram casados por cinquenta e dois anos. O amor que se iniciou na primeira república e uniu dois jovens completamente apaixonados, se perpetuou, transformando-se naquilo que se costuma denominar “um amor para toda a vida”.

Escritor e professor, parlamentar e diplomata, jurisconsulto e cientista político, crítico e ensaísta literário, além de poeta e historiador, Afonso Arinos era natural de Belo Horizonte. Filho de pais ilustres, teve formação humanística e iniciou sua carreira pública em 1927, tendo atuado como professor e político ao longo de sua vida.

Anah, natural do Rio de Janeiro e também oriunda de uma família ilustre, é uma jovem simples, séria, dona de um prodigioso bom senso. Num período em que as moças estavam destinadas ao casamento, Anah também se preparava para contrair matrimônio dentro das condições pertinentes ao seu status social e familiar e desempenhar, assim o seu papel de esposa e mãe devotada.

Corria o ano de 1927 e o par já estava destinado um ao outro com a devida aprovação das famílias. Eram namorados firmes e ainda que não noivos oficiais, consideravam-se noivos entre si. Afonso estava em Belo Horizonte cuidando da saúde e iniciando a vida profissional como promotor de justiça, função que ele desempenhava em meio a um grande tédio e uma surda hostilidade resultante do contexto político da época. Apaixonado e desejoso de pedir Anah em casamento,

¹⁸⁰ Apesar de todo o meu empenho não consegui localizar a ano de falecimento de Anah. Nos mais diversos documentos que acessei via internet a referência prioritária é sempre em relação a, seu renomado parceiro Afonso Arinos.

ele tem ímpetos de largar tudo e voltar para os braços da amada, mas esta ciente de que Afonso precisa de estabilização profissional e financeira antes de assumir seus deveres como marido - ainda que ansiosa por sua presença e seu amor - o desestimula a voltar, incitando-o a permanecer em Minas o tempo que fosse necessário. Que ele não se preocupasse, ela esperaria.

Afonso obedeceu suas sensatas recomendações e fica até que as condições econômicas mais propícias o habilitem a constituir família. Enquanto isso ambos mantêm uma correspondência, uma espécie de romance epistolar, no qual dão conta do cotidiano que os conserva apartados mas cada vez mais próximos entre si. Vigiam-se amorosamente à distância, mas a atitude de ambos vem marcada por um sentimento de fidelidade que exclui o ciúme egoístico e acentua o amor que sentem um pelo outro.

Em fevereiro de 1928 eles ficam noivos mas ainda continuam afastados, pois somente em junho Afonso retorna de Belo Horizonte para trabalhar no Rio de Janeiro. Neste mesmo ano eles se casam e passam a residir numa casa oferecida a eles pelos pais de Anah. O casal teve dois filhos.

Afonso desenvolveu carreira no magistério e, também na política tendo exercido os cargos de deputado federal, senador, chanceler e embaixador e outros cargos expressivos em diversos governos. Anah foi sua parceira inseparável acompanhando-o inclusive em inúmeras viagens e estadias em países estrangeiros. Como ele mesmo disse, passado o período de quase um ano em que ainda namorados ele morou em Belo Horizonte, eles nunca mais se separaram. Ele sempre contou com o espírito lúcido de Anah ao seu lado, dela recebendo compreensão, dedicação total, o conselho, o estímulo, a crítica, o

aplauso, a presença e o amor que se tornou um símbolo que os manteve sempre unidos.



Foto 8: Isolda e Tristão (Google Imagens)



Foto 9: Isolda e Tristão (Google Imagens)

Tristão e Isolda

Tristão nasce no sofrimento, daí o seu nome. Seu pai acaba de morrer e sua mãe, Brancaflor, não suportando o sofrimento, não sobrevive ao seu nascimento. Foi acolhido por Rohalt, e acreditava que este era seu pai, mas um dia foi raptado por mercedeiros irlandeses indo parar na Cornualha, onde conheceu o rei Marcos, que mais tarde ele descobre ser seu tio, irmão de sua mãe e fica conhecendo a verdadeira história de seu nascimento.

A vida de Tristão é marcada por uma série de proezas. Para salvar o rei Marcos de uma dívida, ele luta com o gigante Morholt da Irlanda. Mata-o, mas é ferido mortalmente. Pedre a seu tio que o coloque sozinho em um barco com sua harpa, a fim de que ele possa morrer em mar aberto. Ele chega à costa irlandesa, terra de Morholt. Sem saber, sua sobrinha Isolda, a Louca, o trata e o cura. Ninguém o reconheceu, pois o ferimento deformou seu rosto, e antes que fosse reconhecido, ele parte, voltando para o reino de seu tio Marcos.

O rei não queria casar-se, pois pretendia que Tristão fosse seu herdeiro, mas quatro barões, que não gostavam de Tristão, exigiam o casamento do rei. Então, o rei decide desposar a mulher de cujos cabelos um pássaro lhe trouxe um fio de ouro. Tristão, lembrando-se de Isolda, assume a tarefa de ir buscá-la. Chegando lá, soube da existência de um dragão que ameaçava a cidade. O rei havia prometido a mão de sua filha, Isolda, a Louca, a quem matasse o dragão. Tristão o matou, mas ficou ferido pelo seu veneno, e novamente Isolda o curou. Só que desta vez ela soube quem ele era. O rei da Irlanda, com a palavra

empenhada, entregou sua filha a Tristão. Isolda fica perturbada e surpresa ao saber que seu futuro marido seria o rei Marcos, e não Tristão.

Tristão e a princesa navegam rumo às terras de Marcos. No caminho eles têm sede. A aia Briolanja lhes dá de beber, mas por engano, ela lhes oferece o vinho preparado pela mãe de Isolda destinado aos esposos na noite de núpcias, pois os que dele tomassem, amar-se-iam com todos os sentidos e pensamentos, para sempre, na vida e na morte. Eles se declaram apaixonados e se entregam ao amor.

Isolda casa-se com o rei Marcos, mas na noite de núpcias, Briolanja toma seu lugar, livrando sua senhora da desonra e, ao mesmo tempo, expiando o erro que cometera. No entanto, os quatro barões invejosos desconfiam dos amantes e denunciam Tristão ao rei. Este, mesmo sem nada flagrar, manda Tristão embora. Tristão não tem forças para partir e hospeda-se perto do castelo, definhando lentamente de amor. Isolda, da mesma forma sofre. E a serva novamente intervém, montando um belo ardil de amor que permitia que os amantes se encontrassem às escondidas. Os barões percebem o ardil e contam ao rei o lugar e a hora do encontro. Marcos vai até lá, mas os amantes percebendo sua presença mantêm um diálogo em que o tema da conversa é o desejo de Tristão de receber o perdão de seu tio Marcos. As palavras sábias de ambos convencem o rei que faz as pazes com Tristão e deixa que ele volte ao castelo.

Apesar disso, os barões insistem na traição do par e dizem ao rei que este não vê porque não quer. Com a ajuda do anão Frócinio, armam uma cilada para surpreender os amantes. Desta vez são bem sucedidos e o rei decide matá-los, sem julgamento. Tristão consegue fugir e Isolda é entregue aos leprosos. Mas, Tristão consegue salvá-la e a leva para morar na floresta de Mourrois.

Ficam na floresta durante três anos vivendo uma vida áspera e dura, até que um dia, um caçador os encontra e vai contar ao rei. Este vai até o local e os surpreende dormindo, com uma espada desembainhada separando seus corpos. Comovido com o que considera um sinal de castidade, o rei tem compaixão e não os mata. Sem os despertar, ele retira a espada de Tristão e deixa em seu lugar a espada real, a fim de que eles saibam que ele esteve ali e os viu. Ao acordarem, percebem que tinham sido descobertos, fogem, mas ficam intrigados com a atitude do rei, e chegam à conclusão que haviam sido perdoados. Resolvem então voltar e Tristão entrega Isolda ao rei. Este a aceita, mas manda Tristão embora, a conselho dos barões. Antes de ir, Isolda pede de lembrança a Tristão o seu cão Husdent e em troca dá a ele o anel de jaspé verde, presente de Marcos, o qual deveria ser mostrado a ela, caso Tristão quisesse dar-lhe algum recado. Nesse caso, diz ela, ao ver o anel de jaspé verde, nem torre, nem muralha, nem castelo fortificado a impediriam de fazer a vontade de Tristão. Eles se despedem com um beijo nos lábios.

Os barões traidores, não satisfeitos exigem que Isolda, para provar sua inocência, obtenha um julgamento de Deus. Graças a um subterfúgio, ela vence o desafio de segurar um ferro em brasa que deixa intacta a mão de quem não mentiu, jurando que jamais esteve nos braços de nenhum homem, exceto os do rei e os do aldeão que há pouco a ajudara a descer da barca. Ocorre que o aldeão era Tristão disfarçado.

Tristão tentava fugir de sua dor correndo o mundo. E sem receber notícias de Isolda achou que ela o tinha esquecido. Chegou à Bretanha. Recuperou as terras do duque Hoël, o qual tinha um filho, Kaherdin, e uma filha, Isolda, das Brancas Mãos, a qual o duque lhe deu a mão como recompensa. Num ímpeto,

Tristão aceita, mas na noite de núpcias, ao ver o anel de jaspê verde, lembra-se da outra Isolda e não consuma o casamento. Kaherdin fica sabendo do fato e toma satisfações com ela, que conta toda a sua história. Isolda, a Louira, fica sabendo do casamento e chora.

Na Bretanha, onde teve que guerrear, Tristão caiu numa emboscada, viu-se ferido por uma lança envenenada. Ninguém conseguiu curá-lo. E sentindo que iria morrer, quis ver Isolda mais uma vez. Pediu a Kaherdin que fosse buscá-la. Isolda, das Brancas Mãos rescou, enfureceu-se e pensou em vingança.

Kaherdin foi, levando o anel. Tristão pediu-lhe ainda que levasse duas bandeiras, uma preta e outra branca. Na volta que içasse a branca, se Isolda visse, e a preta caso contrário. Ao ver o anel, Isolda, a Louira, fugiu com Kaherdin. Tristão desenhava. Isolda demorou-se por causa de várias tempestades, mas finalmente estavam chegando com a vela branca içada. Isolda das Brancas Mãos disse a Tristão que Kaherdin estava chegando e este perguntou-lhe qual a cor da bandeira hasteada, e ela, maldosamente, respondeu que era preta. Depois de ouvir isto Tristão morreu.

Ao chegar, Isolda fica sabendo do ocorrido e vai até ele, abraça-o forte e morre. Quando o rei Marcos sabe da morte dos dois, vai até a Bretanha buscar seus corpos. Sepulta-os separados por uma capela. Mas durante a noite, da tumba de Tristão brota um espinheiro verde e frondoso, com flores perfumadas elevando-se por cima da capela até o túmulo de Isolda. Três vezes o cortaram e três vezes ele retornou. Sabendo do prodígio o rei proibiu que daí por diante ele fosse cortado novamente.



Foto 10 : Charles Darwin
(Google Imagens)



Foto 11 : Emma Wedgwood
(Google Imagens)



Foto 12 : Emma Darwin
(Google Imagens)

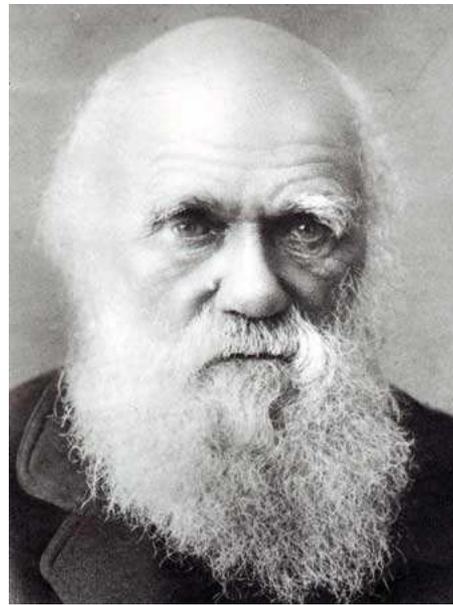


Foto 13: Charles Darwin
(Google Imagens)

Charles e Emma

Charles Darwin (1809-1882), o renomado naturalista inglês, foi casado com sua prima Emma Wedgwood (1808-1896), também ela inglesa, durante quarenta e três anos. Foi uma longa convivência que só cessou com a partida de Darwin. Nos primeiros dezessete anos de casados, eles tiveram dez filhos, três dos quais morreram ainda crianças.

Darwin provinha de uma família de alta classe da aristocracia rural, de posição social impecável. Tendo concluído seus estudos, ele frequentou por dois anos a Faculdade de Medicina de Edimburgo, mas decidido a não prosseguir o curso de Medicina, transferiu-se para Cambridge e lá desenvolveu seus estudos de história natural. Em 1831, surge a oferta que iria determinar o rumo de sua vida e ele embarca em dezembro a bordo do *Beagle* numa viagem de cinco anos ao redor do mundo na qual ele adquire experiência como naturalista e maturidade como homem. De volta à Inglaterra Darwin dá continuidade aos seus estudos e trabalha na publicação daquela que vem a ser a obra de sua vida “*A Origem das Espécies*”, datada de 1859.

Emma Wedgwood, da mesma forma que Darwin, provinha de uma família abastada. Como primos próximos, as relações entre as duas famílias eram muito estreitas e a convivência entre os dois era natural. Ela era a filha mais jovem de uma família de sete filhos e sua formação incluía o estudo de piano. Emma já havia declinado vários pedidos de casamento até aceitar o de seu primo Charles, em 1838.

O fato é que Darwin em 1838 estava considerando a possibilidade de casamento. Aos vinte e nove anos, ainda indeciso, ele avaliava as vantagens e

desvantagens da vida de casado. Sem emprego fixo, mas com uma pequena renda, o casamento era uma perspectiva atraente e, ao mesmo tempo, preocupante. Tendo decidido casar-se após longa ponderação solitária e depois de aceitar o pedido, ele se une à Emma em janeiro de 1839.

Depois de casados eles ficam um período de três anos residindo em Londres, após o que adquirem uma casa no interior, onde se estabelecem permanentemente. Darwin se dedica aos seus estudos e Emma assume a administração do lar e da vida dos numerosos filhos. Desde o início da vida de casado, Charles apresenta problemas de saúde e requer cuidados constantes o que faz com que Emma se dedobre ainda mais em atenção e cuidado com a saúde do marido. O par sempre se mostrou muito companheiro e afetuoso entre si. Todavia, existia um ponto de tensão entre eles, que residia no fato de Emma ser extremamente religiosa e crente o que conflitava com as descobertas de Darwin acerca da evolução das espécies. Este, apesar de agnóstico sempre foi muito cuidadoso em revelar suas descobertas, ciente de que elas feririam os princípios que Emma abraçava. Esta, por sua vez, apesar de suas crenças sempre apoiou o marido e, sem dúvida, sua presença amiga muito contribuiu para que ele tivesse alcançado a posição de um dos maiores cientistas de todos os tempos.



Foto 14: Alice B. Toklas e Gertrude Stein (Google Imagens)



Foto 15: Gertrude Stein e Alice B. Toklas (Google Imagens)

Gertrude e Alice

Gertrude Stein (1874-1946) e Alice Babbette Toklas (1877-1967), ambas nascidas e educadas nos Estados Unidos, se conheceram em Paris no ano de 1907 e passaram a viver juntas em 1909 somando trinta e sete anos de um relacionamento em que Alice sempre se mantinha na posição de retaguarda, deixando à Gertrude o palco principal.

Gertrude era filha caçula de empresários judeus e havia perdido a mãe para o câncer aos quatorze anos e o pai aos dezessete. Nascida no Pensilvânia, morou na Áustria e depois na França com o irmão mais velho, onde se estabeleceu definitivamente. Foi na França que começou a tentar seriamente a carreira literária e a se interessar e adquirir obras de arte moderna. E foi também nesse país que adquiriu notoriedade como escritora.

Alice B. Toklas nasceu em San Francisco, Califórnia, no seio de uma família judia de classe média. De modo semelhante à Stein, perdeu sua mãe para o câncer aos vinte anos. Em viagem por Paris conheceu Gertrude e se junta a ela e ao grupo de artistas expatriados com os quais ela mantinha estreita relação como Picasso, Matisse, Hemingway e tantos outros. Alice ficou fascinada com Gertrude, com sua aparência, com sua voz, com seu porte altivo.

Ela permaneceu na França e passa a morar com Gertrude assumindo a posição de amante, de administradora da casa e, de certo modo, da vida da escritora, pois é ela quem cuida de tudo que diz respeito não só ao cotidiano do par, mas também, gerencia a vida profissional de Gertrude. Cercada por um círculo invejável de amigos que se tornariam ilustres, elas desfrutavam constantemente da presença destas em casa, mas até disso Alice cuidava e

tratava de despachar aquelas que considerava indignos do salão de Stein. Esta, por seu turno, habituada a ser cuidada e a deixar que os outros realizassem por ela as mínimas tarefas, cuidava apenas de sua produção literária o que não lhe exigia muito esforço, pois seu ritmo de trabalho era lento - ela apenas escrevia e Alice datilografava; além disso, ela considerava-se um gênio e afirmava que “ser gênio leva muito tempo, você tem que ficar sentada por muito tempo, sem fazer nada, absolutamente nada”, preceito que ela seguia à risca.

Assim, mesmo se colocando fora dos refletores e à sombra de Stein, Alice desempenhava um papel central na vida de ambas e, em especial, na carreira literária de Gertrude que ela acompanhava com extremo zelo, mesmo depois que ela se foi. A consagração total de Stein se deu com a publicação em 1933 de uma obra em que, ainda que a autoria fosse daquela que se tornara uma celebridade em sua época, o tema versava sobre Alice, a outra que sempre se manteve obscurecida pelo brilho de Stein. Por outro lado, “A autobiografia de Alice B. Toklas” é uma obra que dá visibilidade à Alice, mas sempre sob a pena de escritora de Stein, reproduzindo, desse modo, literariamente o que foi a vida de ambas.

Foram quase quarenta anos de um convívio intenso, que atravessa inclusive a França ocupada pelos alemães, de um vida partilhada em que Alice e Gertrude estiveram sempre juntas. Vítima de um câncer, doença que mais uma vez interferiu na vida das duas, Gertrude sucumbiu aos sessenta e oito anos, deixando Alice desolada. Ainda assim, ela continua a exercer seu papel de administradora da obra de sua parceira. Sua velhice foi difícil e em meio à pobreza, pois ainda que em testamento Gertrude tenha deixado parte de sua coleção de arte moderna para ela, o usufruto destes bens só poderia ser em vida

e por ocasião de sua morte ficaria na posse do sobrinho de Gertrude, o que impossibilitava sua comercialização principalmente diante do olhar atento dos herdeiros. Assim, Alice sofreu inúmeras privações e teve que contar com a ajuda de alguns poucos amigos.

Para a posteridade permaneceu Gertrude e sua obra, para os conhecedores da vida destas duas mulheres, ficou registrada uma singular história de amor.



Foto 16: Marguerite Yourcenar
(Google Iamgens)



Foto 17: Marguerite Yourcenar
(Google Iamgens)



Foto 18: Grace Frick
(Google Imagens)



Foto 19: Grace Frick
(Google Imagens)

MARGUERITE E GRACE

Marguerite Yourcenaur (1903-1987) e Grace Frick (1903-1979) conheceram-se no ano de 1937 ocasião em que Grace, que era americana, estava em viagem pela França. Encantada por Marguerite, Grace se apaixonou e elas passaram quarenta anos de suas vidas juntas.

Marguerite era oriunda de uma família aristocrática e tendo perdido sua mãe onze dias após o parto, foi criada pelo pai de quem recebeu uma educação clássica, complementada por inúmeras viagens pelo mundo. Desde jovem passou a se dedicar à literatura, tornando-se uma escritora consagrada, a ponto de em 1981, ter sido a primeira mulher a ingressar na Academia Francesa.

Grace Frick também pertencia a uma família abastada do sul dos Estados Unidos e tendo ficado órfã cedo foi criada por um tio. Obteve seu diploma de Bacharel em Arte em 1925 e seu Mestrado em literatura inglesa, em 1927, após o que tornou-se professora universitária.

Depois do contato inicial, Marguerite e Grace iniciam uma relação de amizade que resultou em algumas viagens que realizaram juntas. Primeiramente, Grace viaja com Marguerite pela Itália e pela Grécia. Depois será a vez de Marguerite visitar os Estados Unidos. O registro das diversas etapas das viagens feitas era feito por Grace que até o final de sua vida cultivou o hábito de anotar em agendas fatos do cotidiano, eventos, viagens e tudo aquilo que ela considerava significativo. O fato é que Grace estava apaixonada o que ela registra num bilhete que envia a Marguerite no ano de 1938 onde afirma: “So I love you, believe it or not”. Esta, por sua vez, tinha estado recentemente apaixonada por seu editor que era homossexual e que não correspondeu ao seu

amor, o que constituía para ela uma situação não de todo resolvida; apesar disso e mesmo ciente do amor de Grace ela mantém uma relação amorosa na Europa, desta feita com outra mulher.

No entanto, em 1939, devido a guerra que se alastra na Europa e da qual ela queria fugir, Marguerite toma a decisão de embarcar para os Estados Unidos para uma estadia de seis meses a um ano. Chegando lá, ela se instala no apartamento de Grace e elas de fato iniciam uma vida em comum primeiramente em Manhattan, depois em Connecticut e finalmente, de forma definitiva no Maine, numa ilha chamada Montez deserts, onde adquiriram uma casa denominada por elas de *"petite plaisance"*. Marguerite passou os dez primeiros anos de sua vida conjugal com Grace sem sair dos Estados Unidos, país do qual ela ganhou nacionalidade, mas que nunca foi verdadeiramente seu, pois ela possuía um vínculo muito forte com a Europa, além de ter um "espírito nômade" que a impulsionava a mudar sempre. Apesar disso, ela ficou com Grace e disse *"eu não decidi nada, deixei-me levar"*. Deixou-se levar, pelo amor, pela vida tranquila, pela solicitude sempre presente de Grace, pela possibilidade de dedicar-se inteiramente ao seu trabalho de escritora, enfim por tudo aquilo de bom que a possibilidade de ficar oferecia.

Na fase inicial ela trabalhou como tradutora, fez alguns trabalhos jornalísticos, turnês de conferências até se estabelecer como professora universitária de literatura e retomar sua vida de escritora. Grace, por sua vez, que tinha todo interesse em reter Marguerite perto de si, cuidava de todos os detalhes da vida diária, assumindo os papéis não só de amante, mas de ajudante, secretária e tradutora de seus livros para o inglês, papéis que ela desempenha até o final de sua vida.

Após dez anos de exílio nos Estados Unidos, Marguerite retoma seus contatos na Europa e passa a viajar regularmente para lá, sempre acompanhada de Grace da qual ela raramente se separa. Foram quarenta anos de vida em comum, marcados pela paixão inicial como disse certa vez Marguerite e também por momentos de turbulência. Os anos mais difíceis foram especialmente os dez últimos em que Grace lutou bravamente contra um câncer o que obrigou Marguerite a permanecer isolada da Europa, no que ela definia como uma “*vida imóvel*”, anos que coincidiram com o seu apogeu como escritora e que geraram uma insatisfação contida como ela mesma diz: “*não sei quando acabará essa má sorte. Pois é sempre má sorte estar immobilizada contra a sua vontade*”. Nesse período ela se recusou a deixar Grace ainda que isso lhe fosse extremamente penoso e ficou com ela até os seus últimos momentos que foram marcados por uma certa animosidade entre ambas. Em parte devido ao estado crítico de saúde de Grace que sofria de dores atrozes e até mesmo pelo envelhecimento e temperamento das duas que se encontravam, nessa altura, na casa dos setenta anos. Sua “*má sorte*” só acabou quando Grace foi vencida finalmente, pela doença.

Foram quarenta anos de um amor que como todos (ou quase todos) os amores enfrentou alegrias e prazeres, tranquilidade e tormenta, realizações e perdas. “*É nessa frágil mistura de amor, de cálculo (de uma e de outra parte), de devoção (da parte de Grace), de uma certa submissão (da parte de Marguerite), que o casal tornou-se indestrutível. Não poderia mais ser desfeito senão pela morte*” (SAVIGNÉAU,1991:331)



Foto 20: Lota Macedo (Google Imagens)



Foto 21: Elizabeth Bishop (Google Imagens)

Elizabeth e Lota

Elizabeth Bishop (1911-1979), grande poetisa norte-americana, viveu durante quinze anos uma intensa história de amor com a brasileira Lota Macedo Soares (1910-1967). Foi um período marcado por muita alegria, mas também permeado por inúmeras dificuldades que acabaram por separar o casal.

Lota era oriunda de uma família aristocrática que veio para o Brasil no tempo da colonização. Nasceu em Paris, falava fluentemente francês e português e dominava menos o inglês. No âmbito familiar era vista como intelectual, anticonvencional e homossexual. Apesar de não ter cursado uma universidade, tinha conhecimentos profundos em vários campos, como arte, arquitetura e urbanismo e era considerada pelos amigos como uma mulher inteligente, espirituosa, sofisticada, generosa e determinada. Desgastada emocionalmente com a separação dos pais, resolveu morar sozinha aos vinte e cinco anos, o que já significou um pequeno escândalo na alta sociedade. Retornando de um período em Nova York, projetou e construiu com a ajuda de um arquiteto sua casa no bairro de Samambaia, em Petrópolis, construção que se tornou um marco da arquitetura brasileira moderna.

Elizabeth ficou órfã de pai quando tinha oito meses e a mãe, que entrou em surto psicótico a partir disso, passou o resto da vida em clínicas psiquiátricas, não tendo tido convivência com a filha que foi criada inicialmente com os avós maternos, em seguida com os avós paternos e depois por uma tia materna. Terminou seus estudos e iniciou sua carreira como poetisa e escritora. Tímida e insegura, sua trajetória foi marcada por estados depressivos, momentos nos

quais ela recorria ao álcool, chegando a se internar várias vezes para tratamento.

A escritora chegou ao Brasil em novembro de 1951, pretendendo passar aproximadamente quinze dias, mas conheceu Lota e com ela permaneceu no país por quinze anos. Pode-se dizer que o motivo inicial da permanência de Bishop no Brasil foi um caju, no qual ela deu duas mordidas, o que lhe provocou uma crise alérgica, cujo inchaço deformou suas mãos e rosto. Hospedada na cobertura de Lota na praia de Copacabana, a atenção dispensada pelos brasileiros a encantou; mais tarde, quando foi para a casa de Samambaia ainda em construção, Lota declarou-se apaixonada por ela e pediu-lhe que permanecesse ali, dizendo que tomaria conta dela e construiria um estúdio perto da casa no qual ela poderia se dedicar à sua poesia, o que de fato aconteceu. Elizabeth que se definia como *“a pessoa mais solitária que jamais viveu”* registrou em uma carta: *“foi a primeira vez que alguém me ofereceu um lar, tanta coisa”* e considerou que estava *“extremamente feliz pela primeira vez na vida”*. No lado de Lota, ela viveu um dos períodos mais harmoniosos e produtivos de sua vida – escreveu parte substancial de sua obra nessa época – mas também um dos mais turbulentos.

Em 1960, Carlos Lacerda, amigo de Lota, tornou-se governador da Guanabara e a convidou para realizar uma obra pública, o Aterro do Flamengo, o que fez com que as duas tivessem que se mudar para o apartamento no Rio de Janeiro. Lota dedicou-se de corpo e alma a essa obra que se transformou num processo turbulento, agravado pelo fato de estar sendo encabeçado por uma mulher sem diploma universitário, o que gerou inúmeros conflitos com outros profissionais que participavam do projeto. A situação foi se tornando cada vez

mais insustentável e o relacionamento das duas começou a sofrer um desgaste inevitável devido aos cinco anos de obras no Parque, com Lota trabalhando de doze a catorze horas por dia. Resgada, a poetisa voltara ao álcool e não mais produzia, acabando por aceitar um convite para dar um curso em Seattle, nos EUA.

Aliviada por afastar-se das turbulências políticas do Brasil, Elizabeth desejava que Lota pudesse estar com ela, mas Lota estava completamente envolvida com o projeto que estava desenvolvendo e não se prontificava a viajar. Apesar disso, Elizabeth pretendia voltar para o Brasil e viver com Lota *“para todo o sempre”*.

Com a derrota do candidato de Carlos Lacerda em 1965, Lota foi retirada do comando dos trabalhos, o que resultou em um colapso nervoso e ela teve que ser hospitalizada. O médico de Lota pediu que Elizabeth se mantivesse afastada a fim de que esta saísse da crise e ela que já havia retornado ao Brasil, viaja por Nova York.

Em setembro de 1967, Lota enviou um telegrama à Elizabeth Bishop dizendo que estava indo para Nova York e encontrá-la. Elizabeth a recebeu no aeroporto e a levou para o apartamento que estava ocupando. Lota não estava bem e mostrava-se muito deprimida e fragilizada, física e mentalmente. Na mesma noite da chegada, Lota tomou um vidro inteiro de antidepressivos. Depois de uma semana em coma, seu coração parou.

Elizabeth depois de quinze anos de um amor intenso, estava sozinha novamente.



Foto 22: Armand e Albert (Google Imagens)



Foto 23: Armand e Albert (Google Imagens)

Armand e Albert

Armand e Albert são personagens de um filme¹⁸¹ em que vivem um longo relacionamento amoroso, repleto de muito amor, companheirismo, ciúmes e diversão.

Armand é dono e gerente de uma boate drag queen em South Beach. Há vinte anos atrás ele teve um relacionamento sexual com uma mulher e ela ficou grávida de um menino. Quando a criança nasceu ele ficou com o filho e deu a ela um valor em dinheiro que, bem investido, fez com que se tornasse uma bem sucedida empresária. Armand criou seu filho que nunca teve contato com a mulher que o gerou.

Albert é a atração principal do estabelecimento de Armand. Como estrela do show ele interpreta vários personagens e tem um comportamento divertido e ao mesmo tempo muito afetado, o que exige de Albert muita paciência ao lidar com ele. Extremamente ciumento e carinhoso, ele ajudou Armand a criar seu filho desde criança e, de certo modo, se considera mãe dele.

Os dois vivem em um belo apartamento em cima da boate. Quando completa vinte anos, o filho Val, que já não mora mais com eles, decide casar-se e comunica ao pai sua decisão. Apesar de achá-lo muito jovem e não ser muito favorável, o pai não consegue fazê-lo mudar de ideia, pois o filho está determinado. O problema é que a noiva, Bárbara, é filha de um senador republicano ultraconservador e em função disso ela ocultou de seus pais a verdadeira identidade dos dois.

¹⁸¹ “A Gaiola das Loucas” (The Birdcage, Estados Unidos, 1996), dirigido por Mike Nichols e estrelado por Robin Williams (Armand) e Nathan Lane (Albert).

Com a ocorrência de um escândalo sexual no partido político do senador, os pais de Bárbara decidem que o momento é propício para deixar sua filha se casar com Val, pois isso faria com que a mídia se voltasse para o casamento e esquecesse o escândalo. Assim, eles resolvem ir para South Beach a fim de que as famílias se conheçam.

Val comunica o fato ao seu pai e pede que ele afaste Albert por um dia a fim de evitar constrangimentos. Ele, também, exige que toda a decoração da casa seja modificada para ficar com a aparência de uma casa “normal”. Armand a princípio se revolta com as exigências do filho pois, como ele mesmo diz, ele é o que é. Usa maquiagem, mora com um homem e é uma bicha de meia idade. Apesar disso, e em função do amor que sente pelo filho, ele resolve atender aos seus apelos.

Quando Albert toma conhecimento da situação fica extremamente magoado pois tem Val a conta de um filho. Faz inúmeras cenas e ensaia uma separação, mas Armand, ciente de que ele tem razão, afirma que o ama e que se ele tem um lar é porque Albert está junto dele. Como prova disso, redige um documento em que repassa integralmente todos os seus bens para Albert e sugere que ele lhe dê metade de tudo. Albert sensibilizado com sua atitude, assina o documento e eles passam a ser além de parceiros de vida, sócios nos negócios.

Apesar disso, os pais da noiva estão a caminho e Albert e o filho decidem chamar a mulher que gerou Val para fazer o papel de mãe durante o jantar, sem que Albert saiba desta decisão, pois ele tem ciúmes dela. Na hora aprazada, os convidados chegam. A tensão é evidente e quase insuportável, pois Armand tem que assumir uma postura contida e sente-se muito desconfortável. No meio do

jantar chega Albert que, não sabendo do acerto feito, travestido de mulher apresenta-se como a mãe de Val. Acostumado a interpretar papéis femininos ele se sai bem, mas em meio a conversa as contradições começam a surgir e a tensão aumenta a cada minuto. Para completar, a convidada a representar o papel de mãe chega também. Quando o senador exige que Val explique o que está acontecendo, ele surpreendentemente retira a peruca de Albert e apresenta os dois como seu pai e sua mãe, desfazendo a farsa. O senador fica em choque ao descobrir que os pais de seu futuro genro são um casal gay.

Enquanto isso, chega a imprensa que descobre que o senador se encontra ali. Eles querem ir embora mas não podem sair pois estão cercado por um batalhão de repórteres. É Albert quem encontra a solução. Todos saem pela boate que está tomada de repórteres, só que misturados com as drag queens do show e travestidos eles próprios de drag queens.

Depois de tantos mal entendidos e confusões, Val e Bárbara se casam. Do lado dos pais da noiva chora a mãe, do lado de Val é Albert que chora emocionado e na platéia as pessoas se perguntam: afinal quem é a mãe?

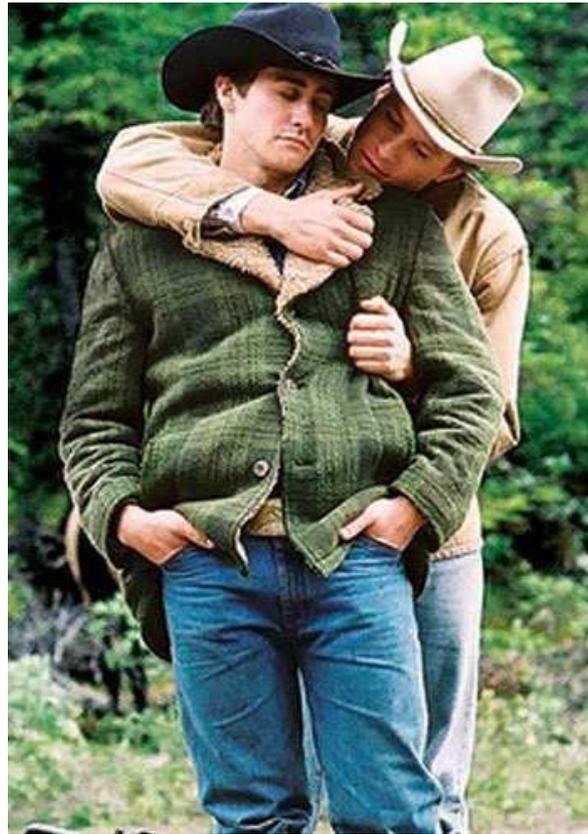


Foto 24: Jack Twist e Ennis Del Mar (Google Imagens)

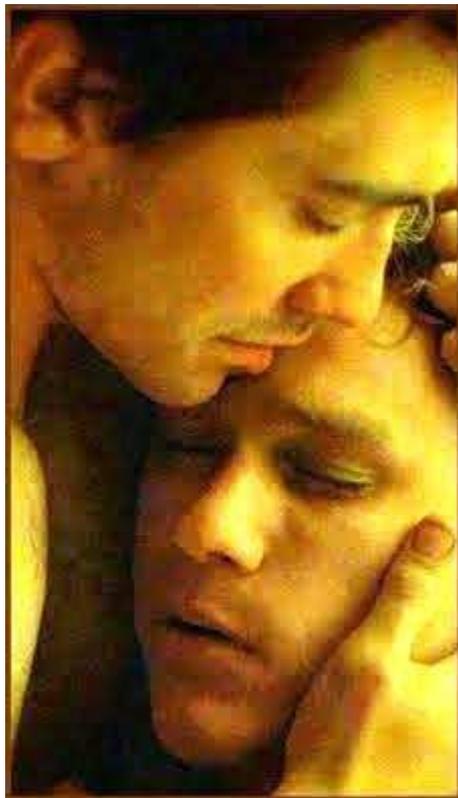


Foto 25: Jack Twist e Ennis Del Mar (Google Imagens)

Jack e Ennis

Na trama do filme¹⁸² em que são os personagens centrais, Jack Twist e Ennis Del Mar são dois jovens vaqueiros que se conhecem no verão de 1963, após serem contratados para cuidar de um rebanho de ovelhas em Brokeback Mountain. Jack deseja ser cowboy e está trabalhando no local pelo segundo ano seguido, enquanto Ennis pretende se casar com sua namorada Alma tão logo o verão acabe. Vivendo isolados por semanas, eles se tornam cada vez mais amigos, se apaixonam e iniciam um relacionamento amoroso que se prolonga pelo curso de dezoito anos.

Depois que a temporada como vaqueiros acaba, Ennis e Jack se separam e cada um segue sua vida. Ennis se casa com sua namorada com a qual tem duas filhas. Jack vai para o Texas, onde conhece e se casa com uma cowgirl, filha de um magnata de equipamentos agrícolas com o qual passa a trabalhar. O casal tem um filho.

Em 1967, quatro anos após a separação, Ennis recebe um cartão postal de Jack no qual ele diz que vai passar pela região onde Ennis mora e pergunta se ele quer revê-lo. Ao se reencontrarem, eles se beijam apaixonadamente em frente à casa de Ennis e, sem serem notarem, são acidentalmente testemunhados por Alma. Ao irrem acampar, no dia seguinte, Jack revela seu desejo de construir uma vida juntos num pequeno rancho, um local afastado onde eles pudessem viver em paz. Ennis, atormentado pela dolorosa memória de infância na qual um homem suspeito de ser homossexual é torturado e assassinado em sua cidade-

¹⁸² “O Segredo de Brokeback Mountain” (Estados Unidos, 2005) dirigido por Ang Lee e interpretado por Heath Ledger (Ennis del Mar) e Jake Gyllenhaal (Jack Twist).

natal, teme que isso venha a acontecer com algum deles também. Além disso, ele argumenta que não pode abandonar a esposa e as filhas. Não dispostos a expor seu relacionamento abertamente, Jack e Ennis marcam encontros esporádicos nos quais vão acampar em Brokeback Mountain.

Com o passar dos anos, o casamento de Ennis e Alma se deteriora e eles se divorciam. Jack, ao ficar sabendo da notícia do divórcio, nutre a esperança de que agora os dois possam, finalmente, viver juntos. No entanto, Ennis recusa a se afastar de suas filhas e ainda teme pelo que possa lhes ocorrer se viverem juntos.

Em 1983, de volta à Brokeback Mountain, Ennis e Jack revisam suas vidas naquele momento e Ennis comunica que devido ao seu trabalho não poderá ir no próximo encontro que planejaram. A frustração crescente de Jack acaba explodindo em uma discussão em que ele expressa que seus sentimentos por Ennis o aprisionaram e acabaram com sua vida. Jack chora. Os dois trocam um longo abraço e vão embora.

Alguns meses depois, um cartão postal que Ennis enviou a Jack marcando o futuro encontro deles em novembro, volta carimbado com a mensagem "falçado". Numa conversa telefônica, a esposa de Jack informa que ele morreu acidentalmente enquanto trocava um pneu do carro que explodiu em sua face. Enquanto ela explica as circunstâncias do acidente, são sobrepostas imagens de Jack sendo espancado brutalmente por três homens, o que coloca em dúvida o que de fato aconteceu.

A esposa de Jack informa que uma parte das cinzas foi enterrada no Texas e que o restante ela enviou para os pais dele ainda que soubesse que ele desejava que ficassem em Brokeback, lugar que ela desconhecia.

Ennis vai até a casa dos pais de Jack. Chegando lá, se oferece a levar as cinzas para a montanha Brokeback mas o pai deste se recusa a entregá-las. A mãe de Jack insiste com Ennis que vá ver o quarto onde Jack passou a infância antes de ir embora. No quarto, Ennis descobre duas camisetas, sujas de sangue nas mangas, escondidas no fundo do armário. As camisetas são as que os dois usaram quando brigaram em seu último dia na montanha. Ennis pede à mãe de Jack permissão para ficar com as camisetas para si. Elas se transformam numa espécie de relíquia que ele guarda carinhosamente, lembrança de um amor intenso, que ficou reduzido a pequenos encontros furtivos, diante da impossibilidade de poder ser vivido abertamente.



Foto 26: Alfred Douglas e Oscar Wilde
(Google Imagens)



Foto 27: Oscar Wilde e Alfred Douglas (Google Imagens)

Oscar e Alfred

Oscar Wilde (1854-1900) e Alfred Douglas (1870-1945) viveram uma turbulenta história de amor, marcada por desentendimentos, ciúmes e escândalos que redundaram na prisão de Wilde o que acabou por arruinar sua vida pessoal e sua trajetória como escritor, vítima que ele foi de uma época marcada pelo falso puritanismo e pelas aparências.

Esse irlandês, nascido em Dublin, era filho de um médico e de uma escritora. Foi um aluno brilhante, sobretudo nos estudos das grandes obras clássicas gregas e pelos seus altos conhecimentos dos idiomas. Desde cedo, sobressaía-se entre os demais estudantes, tanto pela sua inteligência quanto pelo temperamento forte e anticonvencional, levando-se em consideração a alta moralização dos costumes no século XIX. Mantinha sempre um ar de superioridade por onde ia mas, sua forte personalidade e seu brilho natural sobrepunham-se a isso, tornando-o figura indispensável nos salões da época. Em 1884, casa-se com Constance Lloyd, filha de um advogado de renome em Dublin, com a qual teve dois filhos. Muda-se para Chelsea, notoriamente um bairro de artistas, com grande influência cultural. Mesmo após o casamento, manteve-se muito conhecido e requisitado em todas as rodas literárias e tornou-se uma pessoa indispensável e comentada nos eventos sociais, espalhando glamour e comentários por onde passava. Possuía uma aparência elegante, que atraía os olhares: vestia-se elegante e extravagantemente bem, com roupas e adereços que, segundo suas próprias palavras, sempre refletiam o que de mais íntimo existia dentro de si.

Alfred Douglas, ou Bosie como era apelidado, era um belo jovem da aristocracia inglesa, de cabelos loiros, olhos claros e corpo franzino. Extremamente mimado pela mãe, era constante fonte de irritação para o pai que desejava ver o filho longe das letras e da poesia e envolvido com algum trabalho prático e rentável que mantivesse o status da família no futuro. Vivia como um boêmio, desperdiçando seu dinheiro com bebida e rapazes. Aspirante a poeta, aproximou-se de Wilde buscando apadrinhamento artístico e ambos acabaram envolvidos num relacionamento amoroso.

Eles se conheceram em 1891 e Wilde simpatizou imediatamente com o jovem, surgindo uma grande amizade entre os dois. Nos anos que se seguiram, por Bosie, Wilde negligenciaria tudo: a carreira que já consolidada estava atingindo o seu apogeu, a esposa e os dois filhos que ele muito amava e o seu próprio nome. Durante o período em que estiveram juntos, Wilde pagava todas as despesas de Bosie em viagens, passeios, almoços e jantares, presentes e doações em dinheiro. Bosie, por sua vez, gastava sem parcimônia e vivia uma vida de luxo e ociosidade sempre regada a bons vinhos e excelente comida.

O pai de Lord Douglas, Marquês de Queensberry, sabendo do envolvimento do filho com o escritor, envia um cartão ofensivo à Oscar Wilde, onde ao ofendê-lo recria também toda e qualquer relação que ele venha a ter com o jovem Lord, dizendo-o: "à Oscar Wilde, conhecido Sodomita". O escritor, instigado por Bosie, decide processar o marquês por difamação. Em seguida, tenta mudar de ideia e desistir do processo, mas, é tarde demais. Devido a influência de sua posição social, o Marquês não só consegue sair absolvido das acusações, mas inverte a situação e usa suas provas de defesa como provas de acusação contra Wilde, que de vítima passa a réu num processo de sodomia que

se tornou o mais famoso da história. Durante todo o processo, Bosie desaparece a fim de não se indispor ainda mais com o pai, deixando que Wilde sozinho assumisse toda a culpa.

Em 1885, a sentença é decretada: Oscar Wilde foi condenado por sua relação dúbia com Lord Douglas e por suas práticas homossexuais a dois anos de reclusão em regime fechado, com trabalhos forçados. A partir daí toda sua fama e sucesso financeiro começam a desmoronar. Suas obras e livros são recolhidos das livrarias, assim como suas comédias são tiradas de cartaz. O que lhe resta, acaba sendo leiloado para suas despesas do processo judicial. O veredito que recebeu destruiu para sempre sua carreira e o condenou a uma ignóbil obscuridade pelo resto de seus dias.

Durante o seu período de reclusão, Wilde jamais recebeu uma linha de Bosie o que o motivou a escrever "De Profundis", uma longa carta endereçada à Lord Alfred Douglas em que ele expõe toda a sua mágoa e arrependimento por ter se deixado levar por uma afecção que o conduziu à ruína.

Libertado em 19 de maio de 1897, transferiu-se para a França, onde adotou o pseudônimo de Sebastian Melmouth e permaneceu exilado até o fim de sua vida. Mesmo após sua libertação, continuou a manter contato com Lord Douglas e eles chegaram. Inclusive, a fazer um viagem juntos; mas os familiares de Bosie ameaçaram deixar de pagar suas despesas se ele voltasse a se corresponder com Oscar Wilde. Diante disso, os dois se afastam definitivamente. Em 1900, vitimado por uma meningite fulminante, Oscar Wilde falece. Em seu enterro, estiveram presentes alguns poucos amigos e Lord Alfred Douglas encerrando-se, assim uma história de amor e tragédia.

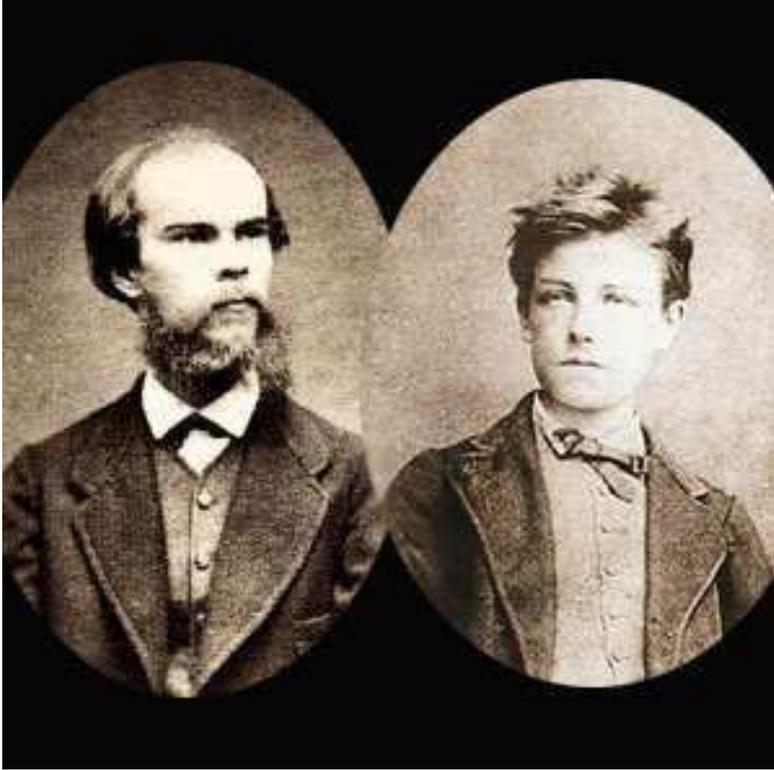


Foto28: Paul Verlaine e Arthur Rimbaud (Google Imagens)



Foto 29: Paul Verlaine e Arthur Rimbaud (Google Imagens)

Arthur e Paul

Arthur Rimbaud (1854-1891) e Paul Verlaine (1844-1896), ambos poetas franceses, conheceram-se em 1871 quando o primeiro enviou alguns versos que havia produzido para apreciação de Verlaine que, entusiasmado com os versos que recebera, convida Rimbaud para vir morar em Paris, enviando, inclusive a passagem que foi adquirida por cotização de amigos. Chegando a Paris, Rimbaud é instalado na casa dos sogros de Verlaine onde o próprio residia com a esposa. Eles iniciam um relacionamento amoroso que se prolonga por três anos de muitas atribulações e turbulências.

Rimbaud era oriundo do campo, filho de um militar e de uma proprietária rural. Desde criança desperta a atenção de colegas e professores pela sua precocidade e facilidade em compor versos latinos. Aos quinze anos conquista um prêmio, tem seu poema publicado e até os dezoito anos escreve vários outros poemas que o consagraram, no século XIX, como um grande expoente da poesia francesa. Após o término do relacionamento com Verlaine, abandona completamente a poesia e faz inúmeras viagens buscando estabelecer-se como comerciante.

Verlaine era filho de pai militar e sua mãe que administrava a vida familiar era muito condescendente e sempre esteve ao seu lado. Desde a infância manifestou seu talento literário que fortificou-se durante a adolescência quando sua produção poética começou a ser notada e publicada. Mais tarde, sua obra poética e em prosa deu-lhe notoriedade e o transformou em referência na literatura francesa. Foi alternadamente funcionário público, professor, agricultor e por alguns períodos viajava pelo interior e pelo estrangeiro fazendo

conferências literárias ou não fazendo nada a não ser embriagar-se, vício que ele adquiriu muito cedo. Em 1870, casou, completamente apaixonado, com Mathilde Mauté com quem viveu uma relação conturbada marcada pela violência até a separação.

Após se conhecerem, Rimbaud é introduzido por Verlaine no círculo literário parisiense e desperta a admiração de todos com seu talento. Logo, tornam-se companheiros inseparáveis e passam a frequentar os cafés, utilizando-se do álcool, do haxixe e do absinto tanto de modo privativo, quanto nos ambientes públicos, o que desperta comentários maldosos e insinuações de homossexualidade. A amizade com Rimbaud gera inúmeras crises entre Verlaine e sua esposa que já viviam antes dele uma relação conturbada. O estado de embriaguez constante provoca cenas de violência com a esposa e o filho recém nascido, o que os conduz a tentativa de uma separação. Para acalmar os ânimos, Rimbaud retorna a sua cidade natal onde permanece por três meses. Em seguida, retorna a Paris atendendo a um pedido de Verlaine, mas as cenas de violência com a esposa se repetem e Rimbaud decide viajar para a Bélgica.

Verlaine abandona a esposa e segue atrás de Rimbaud. Esta, por sua vez, vai com a mãe em busca do marido e no dia seguinte os três embarcam num trem de retorno a Paris. Na fronteira, Verlaine desce para comparecer à fiscalização aduaneira e quando o trem segue viagem ele abandona a esposa e a sogra e decide ficar, escrevendo em seguida uma carta terrível à esposa destratando-a e comunicando-lhe que prefere Rimbaud a ela.

Juntos novamente, embarcam para Londres e ali permanecem. Dão aulas de francês para conseguirem sobreviver, iniciando o mesmo ciclo de bebedeiras, até que Rimbaud decide retornar para sua cidade natal.

Abandonado e doente Verlaine convoca a esposa e a mãe. Chega a mãe que não dando conta da situação solicita a presença Rimbaud, enviando-lhe o dinheiro da passagem. Este, ao perceber que Verlaine dissimula, não permanece em Londres e parte mais uma vez. Verlaine vai de Londres para a Bélgica e de lá escreve para Rimbaud implorando sua presença. Mais uma vez Rimbaud cede e eles retornam a Londres numa situação pior que da primeira vez, pois sem dinheiro a vida vai ficando insustentável e os conflitos chegam ao limite. Desta vez, é Verlaine que não suporta e parte deixando Rimbaud praticamente na miséria. Surpreendentemente, Rimbaud assume uma postura de “menor abandonado” pelo sedutor e implora choroso a presença de Verlaine. Este se instala na Bélgica e chama a esposa e a mãe. Novamente somente sua mãe aparece seguida de Rimbaud. Os três se instalam num hotel, a mãe num quarto e os dois em outro.

Depois de alguns dias, Rimbaud decide partir para Paris. Verlaine que havia comprado um revólver na véspera, dispara contra ele dois tiros, um dos quais atinge o punho. A mãe de Verlaine o socorre e o encaminha ao hospital. Todavia, Rimbaud está decidido a partir enquanto Verlaine implora que ele não vá. Por fim, seguem os três para a estação. A mãe e Verlaine seguem a frente, este com o revólver no bolso e Rimbaud os acompanha atrás. Súbito, Verlaine se volta e Rimbaud temendo um novo disparo corre até o guarda e pede que ele prenda o amigo. Verlaine é preso, processado, condenado a dois anos de detenção e na prisão se converte ao catolicismo. Depois de cumprir um ano e

meio de pena é libertado, vai em busca de Rimbaud e tenta convertê-lo sem sucesso. Dá-se a separação e não há mais retorno. Cada um segue o seu próprio caminho.